OBRAS INEDITAS

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

CENSURAS — COMPOSIÇÕES POETICAS

TRABALHOS ACADEMICOS

DE

THEOPHILO BRAGA

Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrucção publica portugueza:
Tomo I (1289 a 1555.) XVI–600 pag. Lisboa, 1892. In-8.° gr. .... 1 vol.
Tomo II (1555 a 1700.) 846 pag. Lisboa, 1894. In-8.° gr. .... 1 »
Tomo III (1700 a 1800.) 772 pag. Lisboa, 1898. In-8.° gr. .... 1 »
Tomo IV (1800 a 1872.) *No prelo* .... 1 »

Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra. In-4.° XLII–168 pag. Lisboa, 1894 .... 1 »
(Vem publicado nas *Memorias da Academia*, tomo VII, parte I, da 2.ª Classe, servindo de introducção á *Relação do estado da Universidade de Coimbra de 1772 a 1776*, apresentada ao governo por Dom Francisco de Lemos.)

Centenario do Descobrimento da America. Lisboa, 1892. In-4.° 20 pag. (Serviu de introducção ao volume das *Memorias da Academia*: Commemoração da descoberta da America) .... Folh.

Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo, por Innocencio Francisco da Silva. Obra posthuma: organisada sobre tres redacções de 1848, 1854 e 1863, e ampliada em quanto a *Documentos* e *Bibliographia* por Theophilo Braga. Lisboa, 1898. In-8.° gr. XX–440 pag... 1 vol.

Obras ineditas de José Agostinho de Macedo — *Cartas e Opusculos*, documentando as Memorias para a sua Vida intima, e successos da Historia litteraria e politica do seu tempo. Com uma prefação por Theophilo Braga. Lisboa, Typ. da Academia, 1900. In-8.° gr. XLVIII–230 pag.... 1 vol.

—— *Censuras a diversas Obras* (1824 a 1829), com varias *Composições lyricas, didacticas e dramaticas.*— Com um Estudo sobre a Censura litteraria por Theophilo Braga. Lisboa. Typ. da Academia. In-8.° gr. XXIV–336 pag... 1 vol.

O Oriente. Edição definitiva sobre as Variantes ineditas e fundamentaes autographas de 1830. Com um estudo sobre — A idealisação epica das Navegações portuguezas, por Theophilo Braga. *(No prélo.)*

Proposta para a impressão dos Cancioneiros trobadorescos portuguezes, apresentada na sessão da 2.ª Classe da Academia em 24 de fevereiro de 1898. Typ. da Academia .... Folh.
(Liga-se-lhe o PARECER da Secção de Historia, *em contrario*, assignado pelos academicos Gama Barros, *relator*, Silveira da Motta e Teixeira de Aragão.)

A Congregação do Oratorio em Portugal. Preambulo ás Cartas autographas ineditas do P.ª Bartholomeu de Quental. *(Em preparação.)*

OBRAS INEDITAS

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

CENSURAS A DIVERSAS OBRAS

(1824—1829)

COMPOSIÇÕES LYRICAS, DIDACTICAS E DRAMATICAS

COM UM BREVE ESTUDO

SOBRE A

HISTORIA DA CENSURA OFFICIAL

POR

THEOPHILO BRAGA

Socio effectivo da Academia

LISBOA

Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias

1901

BREVE ESTUDO

SOBRE A

HISTORIA DA CENSURA LITTERARIA EM PORTUGAL

Desde que se estabeleceu a antinomia entre a Egreja catholica e a Antiguidade classica condemnada nos productos da sua civilisação polytheica, começou logo o esforço dos santos padres combatendo o perstigio das obras primas dos poetas e moralistas greco-romanos. A prohibição da leitura de livros profanos tornou-se uma exigencia e imposição severa da direcção espiritual; e depois da descoberta da Imprensa a censura, exercida pela intervenção episcopal, a quem competia a manutenção dos dogmas, não podendo embaraçar a admiração pelas obras classicas directamente, amputava-as, riscando e tornando illegiveis certas passagens, menos concordes com as doutrinas do catholicismo. É esta a origem da Censura litteraria, que se tornou um tribunal, desde que, fundada a Inquisição contra as heresias, ella não só queimava os pensadores como tambem os livros. É no seculo XVI que as duas Censuras, a do Ordinario, ou episcopal, e a do Santo Officio, ou inquisitorial, se fortificaram contra a corrente da Renascença classica, contra as fortes questões theologicas sobre a disciplina e hierarchia pelo Protestantismo, e contra as manifestações do genio moderno nas litteraturas quando as suas creações estheticas pareciam heterodoxas.

Mas, assim como o Poder espiritual se fortificava contra a liberdade de pensamento, organisando os tribunaes da Censura e os seus Indices Expurgatorios das obras que deviam ser prohibidas ou emendadas, tambem o Poder temporal, concretisado na pessoa dos monarchas, recorreu á Censura para impedir a circulação de ideias politicas dos monarchomacos, sobre a origem dos governos e do mandato condicional da soberania. A Censura régia, delegada a uma instancia superior da judicatura, constituiu um terceiro tribunal coexistindo com os outros dois, e por ultimo subordinando-os e absorvendo-os, como vêmos hoje pelas leis de liberdade de imprensa, e pela censura dramatica e jornalistica.

No fim do seculo xv, quando os Judeus introduziram em Portugal a Typographia hebraica, e imprimiram os seus numerosos livros biblicos, religiosos e moraes, o fanatismo de D. Manuel, depois de os ter expulso em 1496, levou a intolerancia boçal ao ponto de por decreto de 1497 prohibir aos que ficaram no paiz o possuirem livros hebraicos. O desenvolvimento da Imprensa soffreu profundamente com esta disposição, que atacava o conhecimento da Litteratura sagrada dos Judeus.[1] A Imprensa, como um novo instrumento da civilisação, alargava-se pela Europa, e D. Manuel viu-se forçado a conceder um alvará de privilegios aos impressores, em data de 20 de fevereiro de 1508; porém n'esse diploma, em que lhes concedé honras de cavalleiros eguaes aos da sua casa, exigia «que sejam christãos velhos, sem parte de mouro ou de *judeu*, nem *suspeita de alguma heregia*, nem tenham encorrido em infamia, nem em crime de lesa-magestade, e doutra maneira nom porque asy o ei por mais serviço de noso senhor e noso e bem destes nosos Regnos *pelo perigo* que pode aver de nelles semearem algumas heregias *por meo dos liuros que asy emprimirem*.»[2] Vê-se que a auctoridade temporal cooperava na intervenção doutrinaria dos bispos.

Fundada a Inquisição em Portugal em 1536, não teve logo ensejo

---

[1] Ribeiro dos Santos, *Memoria sobre as Origens da Typographia*, p. 18.

[2] Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 5, fl. 6 y.

de exercer a Censura; no alvará de privilegio concedido ao poeta cego Balthazar Dias para imprimir as suas obras—asy em metro como em prosa,—em data de 20 de fevereiro de 1537, vem a clausula: «E porém, se elle fezer algumas obras, que toquem em cousa de nosa santa fee, nam se ymprimiràm sem primeiro serem vistas e enjaminadas por Mestre Pedro Margualho, e sendo por elle vistas e achando que não falla em cousa que se nam deva fallar, lhe pase diso sua certidam, com a qual certidam ey por bem que se ymprimam as taes obras e doutra maneira nam.»[1] Por isto se vê que o Santo Officio não tinha este serviço ainda organisado. Não se demorou pois muito, porque em 1539 o livro intitulado o *Ensino christão,* impresso pelo typographo Luiz Rodrigues, traz a Censura ou licença do Santo Officio, que apparece tambem na *Cartinha* de João de Barros, d'esse mesmo anno.[2] Sendo Inquisidor geral o Cardeal Infante D. Henrique, a Censura do Santo Officio tornou-se implacavel, não escapando a ella os livros impressos em Portugal e os que vinham do estrangeiro. A *Historia de la Iglesia que llaman Ecclesiastica y tripartita,* impressa em Lisboa em 1541, traz no fim a resalva:

«La qual fué vista y examinada por los reverendos padres: el Prior d'sant Domingos d'la ciudad y fray Alexo de Sancta Maria subprior y fray Christobal de Balbuena. Que por el senor Infante dõ Anrique inquisidor general en estos Reynos de Portugal tienen cargo de examinar los libros que se hande empremir y leer. Y dizen que la traduzion esta fiel y provechosa para que el pueblo la lea. Y por tanto dieron licēcia a Luys Rodriguez librero del Rei que la emprima y firmaronla de sus nombres.»

O mesmo Cardeal-Infante-Inquisidor prohibiu que se vendesse em Portugal o 2.° volume da obra de Damião de Goes, publicada em Paris em 1541 com o titulo *Fides, Religio, Moresque Aetiopum,* a qual era dedicada a Paulo III. O insigne humanista resentiu-se, explicando a

---

[1] Chancellaria de D. João III, liv. 23, fl. 17.

[2] Dr. Sousa Viterbo, *Fr. Bartholomeu Ferreira,* o primeiro Censor dos *Lusiadas,* p. 2.

doutrina do livro ao Cardeal; este, unctuoso e hypocrita, escreveu-lhe a seguinte Carta, que se appensou ao processo mais tarde promovido contra Damião de Goes. A carta, datada de 28 de julho de 1541, interessa bastante para a historia da Censura:

«Damião de Goes. Por ser qua ordenado que os livros novos que vierem de fóra primeiro que se vendam sejam vistos por hum official da santa inquisiçan, como a vossa obra que veyo foy ter á sua mão, o qual achou n'ella muitas cousas muito boas, sómente alguma cousa o offendeo as rasões que o embaxador de preste nella daa sobre as cousas da fé contra o bispo adaayam e mestre Margalho hirem mui fortes (e as que elles dam contra o embaixador serem mais fracas) e dando-me elle conta disto sem embargo de eu saber vós serdes tal pessoa e de tão boa consciencia, comtudo assi pollo cargo que tenho como pella obrigação em que vos som por nam se dar occasiam a ninguem dizer mal, asentey que se sobreestivesse na venda dos ditos livros por me parecer que vós assi o averieis por bem pello que dito tenho.»

O Cardeal-Inquisidor ainda lhe escreveu outra carta datada de 13 de dezembro de 1541, explicando porque mandou «que se nom vendesse nem deixasse de leer somente na segunda (sc. parte) em que se trata das cousas da fee e superstição que tem os Etiopios...»[1]

Uma terrivel sombra caíu sobre Portugal, e uma das consequencias foi o ficarem ineditas em grande numero as obras dos nossos poetas quinhentistas, que só se imprimiram posthumas, no fim do seculo XVI, e quando já a nacionalidade estava incorporada na unidade castelhana. O fervor hespanhol antecipou-se na publicação de um Indice dos Livros prohibidos ou que careciam de ser expurgados; em 1549 publicou-se um Index em Valhadolid, e já ahi figuram sob os anathemas do Santo Officio algumas composições dramaticas de Gil Vicente, taes como as tragicomedias de *Amadis de Gaula* e de *Dom Duardos*, e o *Auto dos Fysicos*. A Censura exercia-se sobre as peças avulsas do genial poeta, porque as obras completas estavam ainda ineditas; quando ellas fos-

[1] Publicadas nos *Annaes das Sciencias e Lettras*, p. 330 e 331.

sem apresentadadas á estampa havia ahi que fartes para as suspeições e córtes do Santo Officio. O Cardeal D. Henrique, que vira representar quasi todos os Autos de Gil Vicente, devia ter ainda os ouvidos offendidos. Em 1551 publicou tambem em Portugal o seu primeiro Index Expurgatorio, e ahi inclue o «*Dom Duardos*—que nom tiver cẽsura como foy emendado.» Referia-se aos córtes do Index de Valhadolid. O theatro portuguez nascente foi o mais victimado na censura ordenada pelo refalsado Cardeal, tão nefasto litteraria e politicamente á sua patria. Eis a descripção do rarissimo Index de 1551, até ha pouco totalmente desconhecido:

«Este he o *rol dos Livros / defesos por o Cardeal Iffante, Inquisidor / geral n'estes Reynos de Portugal.* / Anno de 1551. (Em caracteres goticos debaixo da Corôa e Escudo das quinas sob o barrete cardinalicio, tudo incluso em uma portada de gosto jesuitico.) Foi rubricada por *M. Frey hieronymo dazambuja.*» In-4.° de 11 fl. não numeradas.

Eis a provisão impressa no verso d'este frontispicio:

«Nós o Cardeal Ifãte Inquisidor geral em estes Reynos e senhorios de Portugal, etc. Fazemos saber a hos que esta nossa prouisam virẽ. Como sendo nos enformado que algũas pessoas nam deixavam de teer e leer por livros que sam defesos e prohibidos: por nã saberẽ quaes erã hos taes livros defesos e prohibidos, mãdamos ora emprimir ho Rol deles abaixo cõtheudos pera poderẽ viir a noticia (pello que mãdamos a todas has pessoas de qualq̃r estado e condiçã que sejã: em virtude de obediẽcia, e sob pena de excomunhão) que daqui em diãte nã tenhão em seu poder: nem leã pellos livros abaixo decrarados sem nossa especial licença. E tanto que vierem a seu poder hos apresentẽ aos inq̃sidores. Sendo certos que fazẽdo ho contrario e lendo hos ditos livros ou outros q̃asq̃r suspeitosos na fee sem nossa licẽça: nã hos apresentando logo que se procederá cõtra elles: como ha desobediẽcia do caso merecer. E assi mandamos sob a dita pena de excomunhão a todas as pessoas q̃ souberẽ dos taes livros que ho venhã denũciar aos inquisidores pera proverẽ no caso como parecer serviço do nosso señor. E a este Rol se dará autoridade sendo assignado por mestre frey Jeronimo a que temos cometido ho ẽxame e prover sobre

os livros da cidade de Lisbôa. Dada en Evora a.iiij dias de Julho.— João de Sande a fez de.1551.

O Cardeal Iffante.»

Das 11 folhas não numeradas d'este Rol, das 2 até á ametade da 11 são apontadas sob o titulo de *Cathalogo librorum prohibitorũ* varias obras com titulos latinos: no resto da folha 11 vem:

1. O *auto de Dom Duardos* que nom tiver cẽsura como foy emendado.
2. O *auto de Lusitania* com os diabos, sem elles poder-se-ha emprimir.
3. O *auto de Pedreanes* por causa das matinas.
4. O *auto do Jubileu damores.*
5. O *auto da aderencia do paço.*
6. O *auto da vida do paço.*
7. O *auto dos phisicos.*
8. *Gamaliel.*
9. *A revelação de Sam Paulo.*
10. *As novellas de Joan Bocatio.*
11. *O testamento de Christo* em linguagem.
12. *Coplas da burra.*

No verso da folha: «Foy impresso o presente rol dos livros defesos por mandado do senhor Cardeal Iffante, Inquisidor geral nestes Reynos de Portugal em a muy nobre e sempre leal cidade de Lisboa per Germam Galharde, a viij de Julho. M. D. L.j.» [1]

Á actividade mental da Renascença correspondia a reacção clerical; assim em 1561 o Cardeal Infante publicava um novo Indice de livros prohibidos, que deve ser considerado o segundo:

«*Rol dos liuros defesos nestes Reinos & Senhorios de Portugal q̃ ho Senhor Cardeal Iffante Inquisidor geral mandou fazer no* Anno de 1561. (Escudo das armas do Cardeal.) Por baixo: *Impresso em Lisboa em Casa*

[1] Vid. *Dicc. bibl.*, t. x, p. 387.

de Joannes Blauio de Colonia. In-8.° de 47 fl. s. n. Na segunda folha: Provisão sobre a execução do Rol, datada de março de 1561.—Avisos para os que este Rol leerem. Da folha 5 em diante os Auctores cujas obras se prohibem, em ordem alphabetica.—No verso da ultima folha a chancella de «Fr. Francisco Foreiro, deputado da Mesa Sensoria—encarregado de ordenar o livro.»[1]

Em 1562 sendo publicadas pela primeira vez a *Compilaçam de todalas Obras* de Gil Vicente, trazem a declaração cathegorica: «*Foi visto pelos deputados da sancta Inquisiçam.*» A Censura não descansava, sobretudo no que tocava directamente nos interesses ou prestigio da classe clerical; recrudesceu mais intolerantemente desde que o Concilio Tridentino se impoz ao poder temporal de todos os estados catholicos. É de 1564 o *Index Librorum prohibitorum cum regulis confectis per Patres a Tridentino Synodo delectos,* In-4.° pequeno de 44 fl. Anda junto o *Rol dos Liuros* que n'este reyno se prohibem por o Serenissimo Cardeal Iffante, Inquisidor geral nestes Reynos & Senhorios de Portugal. Com as regras de outro Rol geral que veo do sancto Concilio, trasladadas em linguagem vulgar por mandado do dito Senhor, para proveito d'aquellles que carecem da lingua Latina *(Escudo das armas do Cardeal Infante).* Impresso em Lisboa por Francisco Corrêa, Impressor do Cardeal Infante Nosso Senhor. Anno de 1564 no mez de outubro. Com privilegio real. In-4.° de 12 fl. molduradas. Na fl. 12 traz a chancella de Frey Manuel da Veiga. Nas Constituições do Bispado de Miranda este frade é designado *Inquisidor de Livros;* e no folheto de Diogo de Teive á morte do Duque de Bragança D. Theodosio, impresso por João de Barreira em 1563, vem a approvação: «*Perlectum est hoc opusculum a Reverendo patre frat. Emanuele da Veiga eruditissimo, et approbatum...*»

A par da censura ecclesiastica não deixava de exercer-se a temporal, como se vê pelo *Tratado da arte de arismetica,* de Bento Fernandes, mercador natural e visinho do Porto, impresso em 1555; no

---

[1] *Catalogo da Livraria* Nepomuceno, n.° 882.—Era ignorada a sua existencia pelos bibliophilos.

privilegio da venda exclusiva por dez annos, de 15 de março d'esse anno, allude-se a uma provisão para o Corregedor da Camara do Porto «vêr o dito livro com pessoas experimentadas na dita arte, e o que achasse com seu parecer me escrevesse...» Era a censura technica, como condição prévia para a concessão do privilegio ao auctor do *Tratado da arte de arismetica*. A Censura doutrinaria acha-se estabelecida nas *Ordenações do Reino*, e applicada pelo Desembargo do Paço, vindo com o tempo a prevalecer sobre a Censura ecclesiastica. Pelo alvará de 4 de dezembro de 1576 prohibiu-se a impressão de livros sem licença régia precedida pela revisão do Desembargo do Paço, embora tivessem a approvação do Santo Officio e do Ordinario. Esta doutrina dava á auctoridade civil o principal logar na censura. Tambem pelo alvará de 6 de julho de 1586, prohibindo a impressão do livro de Fr. Antonio de Sena *Dos Varões illustres da Ordem de San Domingos*, tambem prohibe a sua entrada n'estes reinos; tornou-se esta doutrina mais restrictiva ainda no alvará de 31 de agosto de 1588, com graves penalidades.

Na Ordenação Philippina, livro v, tit. 102, é estabelecida a doutrina civil da censura:

«Por se evitarem os inconvenientes que se podem seguir de se imprimirem n'estes reinos e senhorios, ou de se mandarem imprimir fóra d'elles, livros e obras feitas por nossos vassallos, sem primeiro serem vistas e examinadas, mandamos que nenhum morador n'estes reinos imprima, nem mande imprimir n'elles, nem fóra d'elles obra alguma, de qualquer materia que seja, sem *primeiro ser vista e examinada pelos Desembargadores do Paço,* depois de ser vista e approvada pelos Officiaes do Santo Officio da Inquisição. E achando os ditos desembargadores que a obra é util para se dever imprimir, darão por seu despacho licença que se imprima, e não sendo, a negarão. E qualquer impressor, livreiro ou pessoa que sem a dita licença imprimir, ou mandar imprimir algum livro, ou obra, perderá todos os volumes que se acharem impressos, e pagará cincoenta cruzados, etc.»

N'este texto não se falla na Censura do Ordinario ou episcopal, porque por este tempo os Inquisidores geraes eram bispos ou arce-

bispos, reunindo assim as duas jurisdicções prohibitivas. Desde que entre a Inquisição e a Companhia de Jesus se levantaram conflictos, a Censura por parte do Ordinario tornou-se tão essencial como a do Santo Officio.

Depois do Concilio de Trento, os Jesuitas exerceram um grande poder de intriga, apresentando-se diante dos Dominicanos como sustentaculos da integridade dos dogmas catholicos. Á Censura exercida pela Inquisição contrapozeram a censura episcopal ou do Ordinario, cujo poder de inspecção foram usurpando. O *Index Librorum prohibitorum* de 1581 foi publicado por ordem do arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida, que tambem era Inquisidor geral, reunindo em si essas duas auctoridades. Eis o titulo da parte portugueza d'esse Index:

«*Catalogo dos Livros que se prohibem n'estes Regnos & Senhorios de Portugal*, por mandado do illustrissimo & Reverendissimo Senhor Dom Jorge Dalmeida Metropolitano Arcebispo de Lisboa, Inquisidor geral, etc. *(Armas do Arcebispo)*. Com outras cousas necessarias á materia da prohibição dos Livros. Impresso em Lisboa por Antonio Rodrigues, impressor de sua illustrissima e reverendissima Senhoria, 1581. In-8.° pequeno, de 44 fl. n. Traz na fl. 3 ✝: *Regras do Catalogo Tridentino em linguagem, sem as faltas que as outras trazem na trasladação.*» Na ultima folha vem a assignatura de Fr. Bartholomeu Ferreira, considerado como coordenador do Catalogo.

Sobre este censor dominicano escreveu o dr. Sousa Viterbo uma excellente monographia com a noticia de todos os livros portuguezes, castelhanos e latinos, que desde 1571 até 1603 foram revistos pelo P.° Bartholomeu Ferreira, em numero de 140 obras pacientemente apuradas através de um laborioso exame bibliographico. Sob o cutello censorio do P.° Bartholomeu Ferreira passou o texto original dos *Lusiadas* para a edição de 1572, quasi incolume; mas tambem reviu e consentiu as deturpações monstruosas feitas pela Censura aos *Lusiadas* da edição de 1584. Segundo Faria e Sousa, esses córtes e deturpações foram attribuidos aos Jesuitas, que então, congrassados com Philippe II, dominavam em Portugal. Já no Catalogo de 1581 se declarava que as Obras de Gil Vicente «*tem necessidade de muita censura e re-*

formação». Escrevia isto o Fr. Bartholomeu Ferreira, o que levou á pratica na edição de 1586, affrontosamente truncada, como declara no seu termo de approvação de 4 de fevereiro de 1585: «com o mais que se tirou e censurou: não tem nada contra a Fee e bõs costumes, nem cousa escandalosa, nem temeraria e malsoante.» A que pragas estava exposta a litteratura de um povo, e a sua existencia mental!

Em 1597 publicou-se um novo *Index Librorum prohibitorum*, por mandado do Bispo de Elvas e Inquisidor geral, D. Antonio de Mattos de Noronha; foi Qualificador e Revedor do Conselho geral da Inquisição o P.ᵉ Francisco Pereira. Imprimiu-o á sua custa o livreiro Christovam Ortega, na officina de Pedro Craesbeck. Anno M.D.XCVII. In-4.º pequeno, de XXVII–73 fl.

Vê-se pelo nome do qualificador, que os Jesuitas se tinham encarregado do trabalho da organisação dos Indices Expurgatorios dos Livros; o P.ᵉ Balthazar Alves, da Companhia, é que formou esse volume in-folio de 1624, «*Index Auctorum damnatae memoriae tum etiam Librorum qui vel simpliciter*, vel ad expurgatione prohibentur, vel denique jam expurgati permittuntur.» Fôra mandado publicar pelo bispo D. Fernando Martins Mascarenhas, e impresso na officina de Pedro Craesbeck, em 1624, in-folio com XXVI–1048 paginas. O exame dos livros e a deturpação que soffreram revelam-nos a meticulosidade e estupidez da Censura, e ao mesmo tempo a compressão que a intelligencia portugueza estava soffrendo, reflectindo-se immediatamente na sua profunda decadencia.

Nos documentos legislativos a auctoridade civil apparece como reforçando o intolerantismo clerical; assim, pelo alvará de 16 de dezembro de 1623, para que os livros que vêm do estrangeiro possam ser lidos têm de ser revistos pelo Desembargo do Paço, que passará a licença para se venderem; e pelo Assento de 19 de janeiro de 1634 se observa: «porquanto nos livros que vem de fóra, e se mettem n'este reino, vem algumas cousas mal soantes, e contra a auctoridade e respeito que se lhe deve» ordena que não saiam da alfandega sem serem revistos como se fossem de novo impressos. Já se não tratava só de materia religiosa; o poder temporal tambem não permittia discussões

sobre a sua origem e actos, prohibindo por carta régia de 31 de maio de 1632 que se imprimissem livros que tocassem em materias de governo ou cousas do tempo presente! Para que nos admirarmos, se em épocas de livre discussão politica, e de governos fundados sobre o suffragio ou consulta da opinião, todas as leis de liberdade de imprensa exercem a mesma affrontosa repressão com mais perfidia e desegualdade. Não admira que o decreto de 14 de agosto de 1663 prohibisse a impressão de livros que versassem sobre cousas do estado ou de interesse publico sem consulta prévia;[1] a Sciencia social estava muito longe de ser constituida, e a magistratura politica era um privilegio pessoal exclusivo, sendo tal discussão um crime de lesa-magestade ou primeira cabeça. Pelo exame dos documentos legaes vê-se que a Censura ia-se tornando principalmente exclusiva da auctoridade temporal; emquanto o Santo Officio e o Ordinario nas suas licenças se derramavam em pomposos panegyricos aos auctores predilectos, como os prologos de Elogio mutuo, o Desembargo do Paço era secco e peremptorio.

É sobretudo na época pombalina, em que o *regalismo* foi levado á preponderancia absoluta, que a Censura tirada aos Jesuitas se acha organisada como um tribunal do Estado, pela creação da *Real Mesa Censoria*, por carta de lei de 5 de abril de 1768; competia-lhe o exame, approvação e separação dos livros e papeis já introduzidos em Portugal e seus dominios, e todos os que se houvessem de imprimir ou introduzir; foi dado a esse tribunal da *Mesa Censoria* um Regimento por alvará de 18 de maio de 1768, em que se estabeleciam as regras a seguir na censura, emquanto se não formasse um Index Expurgatorio. O trabalho da *Mesa Censoria* foi complicado com a direcção e administração das Escholas menores ou da instrucção primaria, por alvará de 4 de junho de 1771. Tambem lhe competia o «exame de todas as Conclusões que se houvessem de defender publicamente em qualquer logar d'estes reinos»; e veiu-lhe conferir o antigo poder da Mesa da Consciencia e Ordens emquanto á «inspecção dos Estudos das Sciencias maiores cultivadas na Universidade de Coimbra». Comprehende-se

[1] Silvestre Ribeiro, *Historia dos Estabelecimentos litterarios*, t. VIII, p. 238 a 239.

que depois da quêda do Marquez de Pombal a *Mesa Censoria* fosse transformada no intuito de servir a reacção do governo intolerantista do reinado de D. Maria I; tal foi a transformação que soffreu por carta de lei de 21 de junho de 1787, denominando-se *Real Mesa da Commissão geral sobre o exame e censura dos Livros*, a qual, por se ter n'ella introduzido alguma luz do espirito moderno, foi extincta por carta de lei de 17 de dezembro de 1794 «como inutil e inefficaz para os fins da sua creação, e mais improprio para os objectos que novamente accrescem». Entravam em Portugal as doutrinas philosophicas dos escriptores do fim do seculo XVII e do seculo XVIII, e, para embaraçar esses fermentos revolucionarios, a Intendencia geral de Policia da côrte e reino tinha poder de revistar os caixões de livros na alfandega, e de mandal-os queimar na praça publica por mão do carrasco. O alvará de 30 de julho de 1795 fixou a regra da prohibição e da Censura dos Livros: «O direito privativo e exclusivo de conceder ou negar licença aos livros e papeis, que assim forem revistos e censurados para se poderem estampar e correr meus reinos e dominios, será exercitado em meu real nome pela Mesa do Desembargo do Paço, em quem delego toda a alta jurisdicção e auctoridade, que n'esta parte me compete, constituindo-a, como de direito deve ser, o tribunal supremo e immediato á minha real pessoa em tudo o que pertence á permissão ou publicação externa dos livros. Para este fim ordeno que as Censuras do Ordinario e do Santo Officio sejam presentes na Mesa, e achando-se d'ellas, que *as tres auctoridades são conformes* em approvar a doutrina de qualquer livro ou papel, que se lhes tenha apresentado, se passe immediatamente a conceder-lhe licença para a sua impressão; e de contrario se lhe negue inteiramente, se todas ou uma só das sobreditas auctoridades o houver censurado ou reprovado na doutrina da sua competencia; e o original da obra que assim fôr reprovada ficará supprimido, e guardado na secretaria da revisão da Mesa.» Sob este regimen esteve a Censura, até que por portaria de 18 de agosto de 1826 foi regulamentada emquanto as Côrtes não legislassem sobre a sua applicação. É a este periodo tormentoso da quêda da Constituição de 1822 até 1829 que pertencem as *Censuras litterarias* de José

Agostinho de Macedo, que formam a parte principal d'este volume e documentam o estado mental d'essa época.

Por provisão do Patriarchado de Lisboa, de 26 de março de 1824, foi o P.e José Agostinho de Macedo nomeado Censor do Ordinario, para julgar da orthodoxia das obras que a auctoridade ecclesiastica poderia permittir aos livreiros pôrem á venda, e das que obteriam licença para correrem impressas. Em um artigo necrologico publicado doze dias depois da sua morte, na *Gazeta de Lisboa*, lia-se: «Desempenhou este cargo com todo o magisterio proprio do seu profundo saber, e seriam digno monumento sem egual, n'este genero de critica, as *Censuras* que escreveu sobre muitas das obras que lhe foram submettidas para dar o seu parecer.» A primeira Censura é datada de 10 de abril de 1824, e a ultima de 16 de outubro de 1829; são analyses criticas em fórma de cartas humoristicas de caracter reservado dirigidas ao Arcebispo Vigario geral do Patriarchado, D. Antonio José Ferreira de Sousa, por quem corriam as licenças depois da informação consultada. O Vigario geral admirava José Agostinho, e guardou com esmero todas as Censuras autographas, consentindo que os curiosos extrahissem copia de algumas. Por generosa contribuição do continuador do *Diccionario bibliographico portuguez* e academico Brito Aranha tivemos a faculdade de reproduzir esse texto authentico; além da exactidão, é muito mais completo do que a copia laboriosamente escripta e retocada por Innocencio. Ao illustre bibliographo a homenagem de todos os que prezam os monumentos da Historia litteraria de Portugal.

No periodo em que José Agostinho exerceu a Censura era este encargo summamente penoso, porque as ideias politicas do liberalismo eram systematicamente confundidas com o racionalismo philosophico, e o partido apostolico, impondo o absolutismo monarchico para prevenir-se contra o pensamento moderno, submettia todos os livros a duas alçadas, por vezes antagonicas, os Censores régios e os Censores do Ordinario ou da auctoridade ecclesiastica. Para se vêr a importancia que se ligava á Censura official basta transcrever os nomes e profissões dos individuos que a exerciam n'essa época em que Macedo foi um argus mais penetrante e activo:

CENSORES RÉGIOS

O Marquez de Castello Melhor.

José Telles da Silva, D. Prior da Real Collegiada de N. S. da Oliveira, da Villa de Guimarães, *a Santa Apolonia, n.º 47.*

D. Miguel Antonio de Mello, Conselheiro de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda.

Monsenhor Serafim Manuel de Figueiredo e Campos, *rua de S. João da Matta, n.º 54.*

O P. M. Fr. João Baptista Figueiredo, Carmelita calçado.

O P. M. Dr. Fr. Fortunato de S. Boaventura, Monge de S. Bernardo, *em Coimbra.*

O P. M. Fr. Antonio de Santa Rita Figueiras, Religioso Observante da Provincia dos Algarves, *Convento de Xabregas.*

O Des. José Vaz Corrêa de Seabra, *em Coimbra.*

O Des. Francisco Ribeiro Dosguimarães.

O P. M. Fernando Garcia, da Congregação do Oratorio, *Real Casa de N. S. das Necessidades.*

O P. M. Fr. Manuel da Epifania, da Provincia de Santa Maria da Arrabida.

O Dr. Henrique José de Castro, Prior da Freguezia de S. Lourenço.

João Martiniano Pereira da Silva.

O P. M. Fr. José de S. Narciso e Oliveira, da Provincia dos Algarves.

O P. M. Dr. Fr. Matheus de Assumpção Brandão, *no Collegio da Estrella.*

O P. M. Fr. José Machado, *no Convento de S. Domingos.*

O Des. José de Mello Freire.

O Des. José Ribeiro Saraiva.

O Dr. Francisco José de Almeida, Medico da Real Camara.

O Dr. Joaquim Xavier da Silva, Medico da Real Camara.

O Dr. José Marianno Leal da Camara Rangel de Gusmão, Medico da Real Camara.

Fr. José Joaquim da Immaculada Conceição, Arcebispo eleito de Cranganor, *no seu Hospicio de S. Francisco da Cidade.*

Monsenhor Joaquim José Ferreira Gordo.

Fr. Joaquim Pereira Annes de Carvalho.

O Des. João Pedro Ribeiro.

O Des. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral.

O Bacharel José Antonio de Miranda, *rua de S. Bento, n.º 105.*

O P. Luiz Sabino, ausente da côrte em Parocho de uma egreja.

O Conselheiro de Estado José Antonio de Oliveira Leite de Barros, *á Penha de França n.º 7-A.*

O Conde de Barbacena.

O Conselheiro de Estado Ricardo Raymundo Nogueira, Reitor do Collegio dos Nobres.

O P. Antonio de Castro, *rua Augusta, n.° 178.*

O P. M. Fr. Henrique de Jesus Maria, *no Convento de Santo Antonio dos Capuchos.*

CENSORES DO ORDINARIO

Monsenhor Almeida.

O P. M. Fr. João da Espectação, Carmelita descalço.

O Dr. José Corrêa, Conego de S. João Evangelista.

O P. M. Conselheiro Esmoler Mór e Commissario da Bulla, Dr. Fr. José Doutel.

O P. M. Fr. Feliciano de S. Rosa, *em Santo Antonio dos Capuchos.*

O P. M. Fr. Bernardo de N. Senhora, Monge de S. Jeronymo, *em Belem.*

O P. Luiz Gaspar Alves Martins, Abbade de Villar.

O M. R. Prior de S. Lourenço, Dr. Henrique José de Castro.

O M. R. José Agostinho de Macedo, Prégador régio.

O P. M. Dr. Fr. Matheus da Assumpção, Benedictino.

O P. M. Fr. João de S. Basilio, *Arrabida.*

O P. M. Dr. Fr. João Crespo, de S. Jeronymo, *em Belem.*

CENSORES RÉGIOS
ENCARREGADOS DE REVER OS ANNUNCIOS, PEÇAS DE THEATRO E FOLHETOS ATÉ TRES FOLHAS DE IMPRESSÃO

O D. Prior de Guimarães.

O Des. Francisco Ribeiro Dosguimarães.

O Dr. Henrique José de Castro, Prior de S. Lourenço.

O P. M. Fernando Garcia, da Congregação do Oratorio, *Real Casa de N. S. das Necessidades.*[1]

[1] *Almanach portuguez*, anno de 1826, p. 157. (Transcripto do anno de 1825.)

Em carta de dezembro de 1828 escrevia José Agostinho a Fr. Joaquim da Cruz, contando-lhe o terrivel estado em que se achava: «não estou um quarto de hora sem ourinar, com dôres que me deitam no chão; de noite é preciso tomar tinturas de laudano para fechar por minutos os olhos. Levanto-me forcejando sobre as minhas forças, aqui estou assim mesmo escrevendo... revista e Censura de papeis, e relações de livros;...»[1] E referindo-se á censura da *Besta esfolada*, pelo P.e Mestre Frei Henrique de Jesus Maria, da ordem dos Capuchos, Censor régio, escrevia: «mande-me V. S.a dizer se a *Besta* passou da estrebaria de Frei Henrique...» E em carta de 18 de dezembro: «Desejo que o senhor Frei Henrique não demore o insignificante papel na sua mão, nem venha com escrupulos sem entidade: eu sei o que escrevo, já que em logar do freio ser para a *Besta* é para mim; não me tem faltado insinuações que marcam os limites, parece que se não quer nem a defeza da justa causa!»[2] Vê-se por aqui que as fórmas virulentas de linguagem empregadas pelo P.e José Agostinho forçaram os Censores régios a impôrem reservas ao Censor ecclesiastico. Em carta de 5 de fevereiro de 1829, contando a sua terrivel doença: «Agora mesmo, nem de pé, nem sentado posso escrever sem me sentir atravessado de ferros em braza; este é um dos martyrios em que estou, o outro é grande, mas é evitavel, que vem a ser as importunações de toda a casta com escriptos incessantes, porque quando julgo que o que tenho n'esta banca é a ultima, no mesmo instante apparece um feixe d'ellas, e isto além das Censuras, que são umas atraz das outras.» E remettendo as provas typographicas do n.º 8 da *Besta esfolada* diz: «O *post-scriptum* do fim é para tirar as têas de aranha dos olhos do Santo Antonio de coquilho, o Rev.mo Fr. Henrique.» *(Ib.,* p. 13.)

O conflicto de José Agostinho com os Censores régios aggravava-se, como conta na carta de maio de 1829: «Aqui veiu outro dia Fr. Henrique em grande luxo, habito, corda e sege, lavado em lagrimas, e protestando-me e jurando que elle não era culpado na capação da

---

[1] *Cartas e Opusculos*, p. 11.

[2] *Ib.*, p. 13.

Besta, mas sim Joaquim Antonio, e só Joaquim Antonio. Aqui esteve lendo grande parte da *Besta 15.ª* que julgo fingiu admirar, pedindo-me mil perdões. Nada me importa, façam o que quizerem, eu pouco posso durar já.—O Provincial do Carmo aqui esteve tambem, e me disse que não era Censor do Ordinario, mas sim do Desembargo.» *(Ib.*, p. 27.)

E referindo-se ao folheto intitulado *Pharol da liberdade lusitana*, com a marca de licença da Commissão de Censura, escreve: «O P.e M.e Dr. Fr. Fortunato que se persuada que os que cá estão em Lisboa não têm quatro mãos, ainda que haja muitos que tenham quatro pés.» *(Ib.)*

E cansado dos córtes ou emendas de Fr. Henrique, escreve em 29 de maio de 1829: «E tanto me hão de apurar, que este tinteiro irá por aquella janella; para o rol da roupa, que não é muita, basta giz...» *(Ib.*, p. 29.)

Por fim, em carta de setembro a Fr. Joaquim, deblatera contra a Censura do Desembargo do Paço: «O censor nomeado pelo Desembargo é um Mr. Martin, engenheiro e empregado na bibliotheca, malhado furioso, ignorantissimo e verdadeiro patife, e assim conhecido, e segundo se disse do mesmo Desembargo para fóra, escolhido para isto...»

José Agostinho observa que competindo responder á censura era pela seguinte fórma: «isto vae ao Desembargo, que remette ao Censor, para sustentar a sua decisão; eis aqui obra ao menos de um mez, porque se concede o espaço que pedem, e desde este momento começa um processo infinito, porque o Desembargo nunca decide sem satisfazer o censor; á vista d'isto, o recurso é um aviso para o censor privativo; peior e muito peior!»—«É preciso, pois, que me seja remettido o extracto da Censura, eu responderei, e se farão duas copias, uma para o Desembargo, outra eu a darei a quem em audiencia a apresente e saiba gritar a El-rei. Para defender El-rei me fiz eu victima do odio publico, e por fim o premio que recebo é uma desfeita... D'esta sorte que posso eu agora escrever, que não seja a medo? Riscarão todos, virá tudo cheio de pontinhos, e isso é para mim um grande vilipendio. É mais conveniente e decoroso não escrever mais nada; e

venha para cá o Intendente com a hypocrisia de dizer que El-rei quer que escreva, e que malhe nos malhados!» *(Ib.*, p. 39.)

A publicação do jornal *O Portuguez*, por Garrett e Paulo Midosi, com o espirito doutrinario do constitucionalismo, em folio grande, a tres columnas, veiu suscitar a bilis do P.e José Agostinho de Macedo, que lhe chamou o *lençol de tres ramos*. *O Portuguez* soffreu terriveis perseguições da Censura official; em uma carta a Fr. Joaquim da Cruz, datada de 23 de maio de 1827, escrevia-lhe: «Oh periodico *O Portuguez*, quando poderei eu lançar-te a unha e ferrar-te o dente? E quando se tirará aos homens de bem aquelle retorcido corno, que na bocca lhe tem mettido o *Divinal systema?* Ora pois, se elle me cahir da bocca, eu o converterei em penna, e com esta penna-corno eu zurzirei os erros de um cornudo... Sem mais, até á primeira.» *(Ib.*, p. 83.)

Ha aqui uma malvada allusão a um dos redactores do *Portuguez;* o jornal era denunciado á Infanta-Regente como implacavel para o «governo byzantino e sybarita», e em breve correu o boato que ía ser supprimido. Em requerimento dirigido á Infanta, declaram os redactores do *Portuguez* que «repentinamente se viram privados do censor privativo que V. A. lhes havia concedido, e sem o qual é impossivel que possa continuar a publicação do jornal, porquanto a *Commissão geral de Censura* rara vez se reune, e quando poracaso o faz é a horas incompativeis com a expedição que demanda uma folha de tanta materia, que deve sahir cedo, e que se distribue para mais de duas mil pessoas, tanto na capital como nas provincias.»[1]

«A Carta estabelece *a liberdade de imprensa:* este é um direito dos portuguezes, e emquanto se não pratica este direito, e elle está suspenso, mas não perdido, a censura prévia deve ser prompta...» Depois da demissão de Saldanha de ministro da guerra, e apoz o movimento da *archotada*, foram supprimidos varios jornaes; José Agostinho, nas suas Cartas a Lopes, deblaterava contra o *Portuguez* e em especial contra Garrett. No seu jornal *O Chronista*, Garrett referia-se a essas Cartas, para as quaes a censura era de blandicias: «não basta

---

[1] Ap. Amorim, *Memorias de Garrett*, t. I, p. 421.

cortar, é necessario substituir ainda as palavras e ideias que manda o censor; não ha homem de bem que queira escrever assim, e todavia imprimem-se e correm livremente *Cartas* indecentes...» *(Chronista*, n.° 26.)

Escreve Gomes de Amorim sobre este momento da vida de Garrett: «José Agostinho vomitava sem cessar contra os redactores do *Portuguez* sarcasmos, injurias e calumnias atrocissimas. A insolencia do padre chegou a ponto que os diffamados julgaram dever dirigir um requerimento á Regente, para que o ex-frade fosse obrigado a provar as accusações que lhes fazia. Esse documento, publicado em o n.° 244, de 17 de agosto, sob o titulo—*O Portuguez e o padre José Agostinho de Macedo*—, traz formuladas em 12 artigos as accusações do padre, com a demonstração ao pé de cada uma d'ellas de sua falsidade, baseando-se a justificação nos proprios artigos do *Portuguez*.» *(Ib.*, I, 434.)

José Agostinho continuou accusando os seus redactores de republicanos, e que republica traz comsigo Limoeiro; em 17 de setembro os redactores foram presos por uma portaria que se intromettia no poder judicial, e José Agostinho tripudiava triumphante nas Cartas a Lopes, n.° 13, 14, 23 e 25. Em uma nota do *Romanceiro* escreveu Garrett que: «esteve por espaço de tres mezes preso, sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias.» Os elogios de José Agostinho de Macedo, na censura das *Cartas de Echo e Narciso*, chamando a Castilho um prodigio, visavam a amesquinhar Garrett, que a este tempo já tinha publicado os bellos poemas *Camões* e *D. Branca*.

Na sua carta ao Vigario geral, em 10 de janeiro de 1828, dando o parecer sobre a *Historia da Inquisição* de Llorente, escreve José Agostinho: «o mais infame livro que tem apparecido n'estes nossos ultimos tempos de illuminação liberal. Acabar-se-ha tambem o trabalho da Censura. Ahi me mostram a *Gazeta* de hoje, 10, com o codigo penal dos abusos da liberdade da imprensa, em que até é condemnado o litographador de alguma estampinha da Senhora da Rocha que appareça no adro da sé. Duas cousas se acabam com o tal projecto de lei; a primeira é a censura, a segunda é a imprensa. Quem hade im-

primir? Quem escreve não tem dinheiro, o impressor ainda tem menos, e se o tem não o arrisca em multas, pois até lhe levarão a camisa do corpo, se a tiver, por lhe esquecer pôr no titulo o numero da sua porta. Tanta questão sobre a liberdade da imprensa. Nada ha tão facil de saber. *O escriptor bom não teme a Censura; se o escriptor é máo, melhor é obviar o crime que punir o crime depois de commettido.* Ficará melhor o escriptor a quem a Censura diga — não se imprime este papel — do que pedir de dentro do Limoeiro que o deixem sair para a rua, ainda que tenha gosado da gloria de se vêr impresso, e encadernado ou brochado.»

José Agostinho no seu bom senso brutal poz o problema nos aspectos em que o regimen absoluto e o liberal o collocaram: ambos se equivalem na violencia prévia ou responsabilidade ulterior.[1] E revoltado contra o doutrinarismo liberal, accrescenta na carta ao Vigario geral do Patriarchado: «V. Ex.ª ficará livre de importunações, e os livreiros francezes (sc. Roland, Bertrand, Orcel, Borel) deixar-me-hão por uma vez a porta, e Benjamin Constant e Jeremias Bentham podem fazer quantas remessas quizerem para os nossos legisladores.» E assim se realisou, promulgando-se todas essas leis de liberdade de imprensa que o doutrinarismo constitucional tem fabricado segundo as necessidades do momento.

THEOPHILO BRAGA.

[1] A situação de Portugal não melhorou com a entrada do seculo XIX; em 1828 Frei Fortunato de S. Boaventura ainda citava como execrando o nome de José Anastacio da Cunha, como tendo introduzido na Universidade de Coimbra o Philosophismo! E em 1839 Innocencio era criminalmente processado por ter impresso a *Voz da Rasão*, que tinha já tres edições clandestinas. É em tal meio social que esta planta delicadissima, a Litteratura portugueza, tem apesar de tudo affirmado ao mundo o nosso genio esthetico.

CENSURAS

FEITAS A DIVERSAS OBRAS

DIRIGIDAS AO

ARCEBISPO VIGARIO GERAL

DE 1824 A 1829

Dissertação apologetica sobre as Indulgencias

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Li, e examinei com toda a attenção que me foi possivel, a *Dissertação apologetica sobre as Indulgencias*. Depois da Prefação em que o Auctor[1] expõe os motivos que o determinaram a escrever, dando desde logo a conhecer um religioso espirito de moderação em rebater as calumnias com que fôra atacado pela Censura que fizera da intempestiva questão das Indulgencias, que tanto escandalisara as pessoas timoratas e fieis; divide a mesma Dissertação em cinco artigos:

1.° Thesouro da Egreja, e verdadeira intelligencia d'esta palavra: Remove todas as amphibologias e ambiguidades, e faz vêr que esta fôra sempre a doctrina da Egreja catholica (universal) e anterior ao seculo de Tertuliano, e de Origenes Adamancio, e convence o Auctor censurado com as mesmas auctoridades de que este se serve para sustentar sua opinião, que respira lutheranismo, e é tão offensiva de ouvidos pios. Dá a verdadeira intelligencia aos textos allegados de Bossuet, Veron, e Pouget.

2.° Natureza das indulgencias: Rebate com muito calor e com muita erudição o sophisma do Auctor censurado sobre a remissão das penas canonicas, isto é, canones penitenciaes dos Concilios que se celebraram depois do segundo seculo; e por uma exacta observação da

---

[1] Fr. Manuel de Sant'Anna e Seiça.

disciplina da Egreja em diversas épocas, como estes canones penitenciaes foram abolidos ou modificados; e serve-se mais a proposito da auctoridade de Benedicto XIV, tanto na sua *Encyclica sobre a preparação para o anno do Jubileo*, como em seu gravissimo *Tractado do Synodo diocesano.*

3.º Indulgencias dos Defuntos: Este artigo é o mais interessante da erudita Dissertação. O Auctor censurado nega as Indulgencias applicadas aos defuntos, ou como remissão da pena temporal ou como suffragio. Mostra que esta proposição é heretica, e se encaminha a esfriar a caridade dos fieis, e a abalar os fundamentos da sua fé, e com uma recondita erudição da historia da Egreja prova a sua condemnação pelos pontifices Sixto IV e Leão X; e finalmente pela Bulla de Pio VI, *Auctorem Fidei*, que condemna o conciliabulo da Pistoia. Auctorisa-se com a pratica e crença commum das Egrejas de Portugal, Hespanha e França; e n'esta, citando uma passagem de Baronio, mostra a declaração do Papa João VIII consultado pelos bispos de França sobre este gravissimo objecto. Allega doctamente os Documentos achados em Italia e França, (citando Mabillon) um de Gellasio II, outro de Urbano III, que comprovam a opinião orthodoxa tão escandalosamente attacada pelo auctor censurado. Responde finalmente aos argumentos do mesmo auctor, e ás suas falsas interpretações na exposição da doctrina de Pedro de Osma, e de Henrique Holden, e lembra-lhe mui a ponto a retratação do bispo Scipião Ricci, que presidiu ao referido conciliabulo de Pistoia.

4.º Altares privilegiados: N'este artigo com rasão nota a insolente proposição do auctor censurado, que diz:—Altares privilegiados, e indulgencias de defuntos, não são mais que *palavras.*—Com a auctoridade de Pio VI, com a praxe commum de todos os bispos da Egreja Lusitana, que mandaram e mandam executar os Breves obtidos para altares privilegiados; com os Decretos dos soberanos; e com a Lei de 30 de Junho de 1795.

5.º Auctoridade dos Pontifices romanos: Esta importante questão, tantas vezes debatida e tantas decidida, é posta pelo auctor da Dissertação em toda a sua evidencia, mostrando que ao Pontifice romano, como Vigario de Jesus Christo, pastor universal de todos os fieis, se deve prestar toda a obediencia, e toda a sujeição ás suas bullas dogmaticas e decretos disciplinares, servindo-se das auctoridades de Veron, Holden, e Gmeiner contra as audazes expressões do auctor censurado.

Esta é a substancia dos cinco artigos de que se compõe a Disser-

tação, cuja publicação pela imprensa julgo muito necessaria e conveniente, para rectificar as idéas dos fieis escandalisados com a avêssa producção das *Cartas a um amigo sobre as Indulgencias.*[1] O auctor da Dissertação sustenta vigorosamente a doutrina orthodoxa, e é mui edificante a moderação com que rebate as calumnias e improperios do auctor censurado. Em nada offende os bons costumes, e menos as leis d'este reino. Este é o meu parecer, salvo um melhor juizo, e o que V. Ex.ª fôr servido determinar.

Lisboa, 10 de Abril de 1824.

J. A. de M.

Collecção de Synonimos da Lingua portugueza por J. B. Bettamio

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Por mandado de V. Ex.ª vi e examinei com todo o cuidado o manuscripto intitulado — *Collecção de Synonimos da Lingua portugueza, por J. B. Bettamio, Lente da Aula do Commercio da Bahia, emigrado em Lisboa.* — Não é da competencia da censura decidir do merecimento de qualquer obra como producção litteraria, mas do que diz respeito á religião, bons costumes ou moral publica, ou leis d'este reino, segundo o espirito e lettra da Lei da Censura, e ulteriores Instrucções; n'estes termos me parece que na impressão d'este escripto se deve omittir, como mal soante, a proposição que vem a paginas 27 do segundo caderno, concebida n'estes termos:

> «Não ha resoluções mais *fracas* do que as que tomam no *confessionario* e na cama o *peccador* e o doente; a occasião e a saude restabelecem em pouco tempo a primeira maneira de viver.»

E se o auctor a não quizer omittir, dando-se-lhe vista por traslado

[1] A respeito d'estas Cartas impressas em 1822 veja-se tambem o *Parecer* que vem nas Obras do Bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, tomo I, pag. 391 e 403.

d'esta parte da censura, mandar-se-lhe que explique em sentido mais restricto a proposição, porque não se pode dizer em termos tão latos que as resoluções tomadas pelo peccador no tribunal da penitencia sejam sempre fracas, quando o proposito firme é uma parte integrante do sacramento da penitencia.

Como a obra na sua totalidade é uma traducção do francez, sem ordem, sem preparação de principio, e sem conclusão, nas emendas que o auctor põe a pag. 13 do primeiro caderno se descobre um desconnexo, que escandalisa, e é irrisorio; porque no titulo 13—*concordar*—diz assim:

> «Parece-me impossivel *concordar* as liberdades da Egreja Lusitana (Galicana no original) com as pretenções da côrte dos filhos de Mahomet (os filhos de Mahomet são tantos, e têm tantas côrtes na Asia e na Africa, que se não sabe qual seja a côrte) porque será sempre muito difficil conciliar as maximas dos Tribunaes portuguezes com os prejuizos do Imperio Othomano.»

Esta mistura de relações da Egreja Lusitana com a côrte dos filhos de Mahomet é um absurdo, uma atrevida ignorancia, um transtorno de idéas, e uma manifesta irrisão, e deve riscar-se este § uma vez que V. Ex.ª seja servido conceder-lhe licença para imprimir o resto do incoherente escripto. Este é o meu parecer, e V. Ex.ª determinará o que fôr justo.

Lisboa, 12 de Abril de 1824.

J. A. de M.

O 3.º numero da obra intitulada «O Mastigoforo», periodico mensal, impresso no anno de 1824

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Li, e examinei com a possivel attenção, o manuscripto intitulado — *O Magistiforo* — n.º 3: contém vinte e dois artigos, notas, e alguns fragmentos da Pastoral do Bispo de Tregnier. A erudição, as rectas intenções, o conhecido e fervoroso zelo de seu auctor[1] pelo bem da religião, n'outras e n'esta producção, os assignalados e conspicuos serviços que faz ao throno e ao altar, trazem em si a mais bem merecida approvação. Continúa n'este numero a dar a genuina e verdadeira intelligencia a tantas palavras ou termos emphaticos de que se compõe a nova sciencia que atormenta o seculo em que existimos, e desterra as funestas illusões que de tantos males tem inundado o mundo: Sciencia tenebrosa, que tanto tem abusado da ignorancia, irreflexão, ou malicia dos homens, illudindo incautos, e multiplicando perversos. O amor da verdade o arrebata, e uma solida piedade faz seu estylo impetuoso, e as suas mesmas incorrecções em algumas partes são como exhalações de um coração inflammado no amor da virtude e no odio do vicio. Os seus argumentos são vigorosos e caminham sempre com passo seguro á demonstração. Julgo pois o presente escripto muito capaz de destruir o indifferentismo litterario, que é dos males da época actual o mais funesto; e já que estamos livres do diluvio de inepcias e impiedades, que nos inundaram por tres annos, justo é que se substitua ao jargão revolucionario uma leitura religiosa, sensata e verdadeiramente philosophica, porque verdadeiramente christã, cuja publicação pela imprensa é do maior interesse. Este é o meu parecer; mas V Ex.ª mandará o que quizer e fôr servido.

Lisboa, 17 de Abril de 1824.

J. A. de M.

---

[1] Fr. Fortunato de S. Boaventura.

Catalogos de livros de Borel, Bertrand e Rolland

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Cumprindo com o que V. Ex.ª foi servido determinar-me, li com o mais escrupluoso cuidado os Catalogos dos livros apresentados pelos livreiros Borel, Bertrand, Rolland, e Coelho; não deixa de ser melindrosa esta materia, porque tem mostrado uma funesta experiencia que os livros introduzidos modernamente em Portugal têm sido os canaes ou vehiculos de nossas desventuras, pelo subtil veneno de immoralidade e irreligião que têm espalhado; e seu exame deve ser o objecto mais sério, e o emprego mais ponderoso da Censura, pelas suas mui attendiveis consequencias. Todos estes livros annunciados se dividem, para mim, em tres classes.—1.ª Os que já correm n'este reino, e se têm vendido publicamente com a devida faculdade, ou universal tolerancia.—2.ª Os que me são conhecidos pela leitura, e pelos extractos e analyses dos jornaes litterarios extrangeiros.—3.ª Os que se não devem publicar a correr, porque contêm, mais ou menos embuçados, principios e doctrinas contrarias ao Dogma, á Moral e á Politica, cuja base seja a Religião. Antes que classifique os annunciados nos catalogos por uns signaes, que servirão de guia a V. Ex.ª para lhes dar ou negar a licença que pedem os livreiros, cumpre fazer uma reflexão sobre os livros de Medicina em geral. Quando estes infinitos e incessantes Tratados se empregam em Pathologia, Pharmacia, Methodos curativos, Systemas, ora seguidos e logo sepultados, maior mal fazem ao corpo que ao espirito: enterram mas não pervertem; quando a sua materia é a decantada Physiologia (ainda que seja a de Haller) e *Anatomia comparada*, temos logo um seguro *Vade mecum* ao Materialismo e Atheismo; e é desgraça que este Naturalismo tenha invadido tanto os modernos Italianos! E correm pelas mãos dos portuguezes Spalanzani, Scarpa, Volta, Morgagni, e Muscati!

Para não estender muito a censura, e cançar a attenção de V. Ex.ª na leitura de tantos titulos de livros e nomes de seus auctores, e analyse de suas materias, nos mesmos catalogos porei os signaes que indiquem cada uma das classes annunciadas.

Signal dos que correm n'este reino, e se vendem publicamente: ✠

Signal dos que eu tenho lido: ✠ ✠

Signal dos que se devem supprimir: $

Esta prohibição não deve causar prejuizo aos livreiros; não se lhes usurpem os exemplares, mas fiquem em deposito na Alfandega e sejam obrigados a remetter os mesmos livros para França como não admissiveis n'este reino, assignando um termo de os não venderem, ou com outra qualquer formalidade que se julgar conveniente e necessaria; melhor é que padeçam alguma cousa os interesses commerciaes dos extranhos que em Portugal se enriquecem, que se corrompam os costumes dos nacionaes, e se fomentem e disponham *Regenerações;* e na inutil instrucção de poucos se encerra a ruina de muitos. O Presidente Felix dizia a S. Paulo, — «que as muitas lettras o tinham feito louco» — *Multæ te litteræ ad insaniam convertunt.* — Muitos e inuteis conhecimentos têm feito entre nós andar á roda muitas cabeças! Nós precisamos mais de bons costumes que de muitos livros, e a especulação commercial de um livreiro não deve ser um fermento de corrupção publica. Se V. Ex.ª se dignar fazer uso d'este meu motivado parecer, pode restringir em seu despacho de licença os que vão notados com o signal $ de não admissiveis, ou sujeital-os ao exame de outro melhor juizo.

Lisboa, 26 de Abril de 1824.

P. S. Puz o signal $ de inadmissivel na *Theologia de Leão*, porque se prohibiu agora em Roma.

J. A. de M.

Catalogo dos Livros contidos nas relações apresentadas, que se não devem admittir n'este reino

---

Na relação de Coelho

Tragedias de Alfieri, *italiano*.—Estão cheias de insultos aos Monarchas e invectivas indirectas á religião catholica.

Ensaios de Bacon (de Verulamo).—Mal vertidas do latim, e cheias de maximas anti-politicas e anti-religiosas, pelos addicionamentos e notas do traductor.

Historia dos Papas.—Satira continuada de Gregorio VII, Alexandre VI, Clemente VIII, Innocencio XII, Eugenio III.

O Tratado dos Delictos e Penas, do Marquez de Beccaria, *milanez*.—É tolerado n'este reino, mas prohibido agora nos dominios Veneto-Lombardos pelo Conselho aulico de Vienna.

Na relação de Rolland

Relações do physico e do moral no Homem—Por *Berard;* não se reconhece mais que o puro machinismo material até nas operações intellectuaes.

Na relação de Bertrand

Compendio de Theologia de Leão.—Prohibida em Roma agora, e vi um extracto de muitos logares anti-orthodoxos.

Physiologia de Richerand.—Notaveis principios de materialismo.

Na relação de Borel

Delolme (Constituições da Inglaterra).—O texto é sabido e vulgar, as notas e considerações estão cheias do principio do radicalismo, que coincidem na mania das Regenerações.

Virey (Chimica organica).—Não ha mais que principios chimicos no mechanismo animal, e com as experiencias do galvanismo tudo é materia.

La Fontaine—*Amores de Psyche e Cupido.* Torpezas, indecencias e ataques á moral publica.

Pode muito bem passar a litteratura portuguesa sem estes sustentaculos, e n'esta repartição temos de sobejo.

Catalogo de livros de Jacques Antonio Orcel

Ex.^mo^ e R.^mo^ Sr.

Li e examinei com o maior cuidado e attenção o Catalogo dos livros que apresenta Jacques Antonio Orcel, e nada podia resolver sem examinar ao menos as facturas dos mesmos livros conservados na Alfandega, onde podesse encontrar mais clareza sobre as materias que tratassem; porque o catalogo offerecido é de muito estudada simplicidade. Vi pois as mesmas facturas, ou conhecimentos mercantis, como lhes chamam, pedindo-os ao livreiro que m'os apresentou, e por isto vão alguns reprovados com o signal que lembrei a V. Ex.ª; por exemplo:—*Contos e Romances*—com este innocente titulo se introduzia n'este reino a preciosidade de uma collecção completa de todas as Novellas e Contos de Voltaire! *Candido*, *Micromegas*, *Templo de Jatab*, *Chinellas de Mahamud* &c. &c. Ainda temos outra malicia a que a censura não pode dar remedio e escapa a toda a sciencia bibliographica;

convém a saber: Vêm livros de França em papel, emmaçados e encostalados; nos catalogos annuncia-se um titulo de livro que se pode deixar correr, e este titulo e algumas folhas a que chamam capilhas vêm em cima; mas no centro são os prohibidos da primeira classe! Por isso livro prohibido nunca apparece com brochura, ou encadernação franceza, mas sempre portugueza. Esta introducção não se pode attribuir nem a descuido, nem a impericia dos Censores; por isso seria necessario que o Governo determinasse pessoa intelligente que na mesma Alfandega fizesse abrir os costaes de livros em papel, e alli os examinasse, não só nas superficies, mas no miolo; e esta medida podia ser proposta pela Auctoridade ecclesiastica a Sua Mag.[de] para determinar o que fosse servido. Emquanto porém ao presente catalogo vão assignalados alguns que não devem passar com o signal $. Outros porém que levam este signal ✠ podem ser despachados com uma restricção: que elle livreiro, antes de os pôr á venda, seja obrigado a apresentar a V Ex.[a] um exemplar, não para ficar, mas para se vêr; porque se não pode decidir a absoluta licença só com o simples titulo que os designa; por exemplo: —*Historia da Egreja:*—Eu lhe perguntei que *Historia* era esta em oito volumes, e quem era o seu auctor? Respondeu-me que era um resumo de Fleury, de Racini e de Natal Alexandre; mas não basta que elle o diga; tambem póde ser um resumo de Mosshemio, e de outro qualquer heterodoxo allemão, em que a Egreja romana seja tratada como elles costumam.

De mais alguma demora dos livros na Alfandega não ha para os livreiros nem lucros cessantes, nem damnos emergentes; e para economisar o tempo a V. Ex.[a], gravado com o pezo de tal expediente como é o da sua jurisdicção, e poupar-lhe o trabalho do exame, parecia-me que o despacho do presente catalogo deveria ser este:

> «Apresente o Catalogo feito com mais individuação, declarando os nomes dos auctores dos livros annunciados, e que os não trazem no catalogo offerecido.»

Assim poderia eu decidir com consciencia mais segura e sem o perigo de responsabilidade em materias tão melindrosas. Poucos livros ha antigos e modernos que me sejam desconhecidos; porém com titulos tão simples não posso dizer que são os que eu conheço:—eis aqui por que fico indeterminado. No presente catalogo vem um livro inglez com este titulo—*Historia do Imperio romano.*—Se isto é a Historia do Baixo-Imperio, pelo inglez Gibbon, não deve correr pelas mãos de

todos; a esta duvida me respondeu o livreiro que pouco se entende inglez e inglezes, mas ha ainda alguem que o entenda e os entenda; e o Censor deve proceder fóra de duvida. Sem embargo d'estas minhas reflexões, eu ponho no catalogo os signaes já estabelecidos para que V. Ex.ª, annuindo ou ás reflexões, ou simplesmente aos signaes, determine o que fôr servido, ou seja mais de seu agrado.

Lisboa, 1 de Maio de 1824.

J. A. de M.

Catalogo de livros de Bertrand

Ex.mo e R.mo Sr.

No pequeno Catalogo apresentado pelo livreiro Bertrand não ha um só dos livros alli annunciados que pela sua materia deva ser prohibido. Quasi todos são da universal Sciencia medica, como se não bastassem os que cá temos! Algumas Novellas, ainda que excusadas, já vistas e publicadas; e um do jogo do Xadrez para nos divertirmos; e por isto me parece que podem ter a licença que supplicam a V. Ex.ª Este é o meu parecer, e V. Ex.ª determinará o que fôr servido.

Lisboa, 22 de Maio de 1824.

J. A. de M.

O que é um Realista, &c., &c.

Ex.mo e R.mo Sr.

Não só os escriptos que contêm cousas que se opponham á pureza da nossa fé e bons costumes, ou sejam contrarias ás leis d'estes reinos, merecem a reprovação da censura; tambem o siso commum e o crédito nacional reclamam seus direitos; e eu sinto um pezo, ou um remorso na consciencia, quando vejo que nos tornamos o ludibrio das

outras nações com a grossa enchente de inepcias litterarias que todos os dias apparecem, para não haver flagello que nos não atormente e persiga: tal é o escripto sobre o qual V. Ex.ª é servido mandar-me interpôr o meu parecer. Lido o titulo de alto abaixo com alguma attenção, sem ulterior exame merece logo um muito claro e muito intelligivel—*Excusado.*—Isto não só por um principio de justiça, mas até de caridade, para poupar o escriptor á publica zombaria. Lido o titulo e lida a obra, são duas cousas disparatadissimas; eis aqui o titulo:

> «O que é um *Realista* se não um contraposto a um *Liberal*, assim como um homem honrado a um que nunca o foi, nem é, nem pode ser emquanto não mudar de conducta ou de vida; por Joaquim Antonio de Lemos Seixas Castel-Branco, com a explicação dos *trez* principios geraes, que muito importa agora fazer conhecer de todos, e que são que—1.º Portugal é uma Monarchia pura.—2.º Sua corôa hereditaria.—3.º Seu Rei absoluto e soberano Senhor.—4.º Sua Religião a catholica Apostolica Romana.—Dando-se uma perfeita ideia tambem do que são as Côrtes de Lamego, suas attribuições e caracter.»

Este homem é professor de primeiras e segundas Lettras, teve algum dia um Collegio de educação civil, religiosa e litteraria, que era uma Universidade em miniatura; tomou para si o pomposo e arrogante titulo de *Principal* do mesmo collegio; foi instituidor e principal comedor do Monte-pio litterario, que santa gloria haja, tirando para si *in limine* seis centos mil réis de ordenado, com mais cincoenta moedas para aluguer de casas. Tudo isto se lhe poderia relevar e dissimular se por este titulo do seu escripto se não declarasse inventor de uma nova Arithmetica, que fará endoidecer os nossos Vietes e La Granges; porque diz que vae explicar *tres* principios geraes, e contando-os escrupulosamente achamos *quatro*, como vemos numerados no titulo que traslado: agora se tres são quatro, e quatro são tres, augmentará isto a somma dos milagres incomprehensiveis que vemos n'estes nossos tempos! Sobre esta conta que o homem faz V. Ex.ª determinará o que fôr servido.

Além do titulo, porque não merece a licença, porque a obra é muito grande, o nosso Puffendorfio pequeno lhe faz preceder um apparato, ou introducção, como elle lhe chama, e que começa assim:

> «A situação presente do reino não pode deixar de tocar

mui vivamente, ou ser indifferente áquelle que se preza de ter nascido portuguez.»

Ora no senso moral d'este homem pela disjunctiva particula *ou*, o mesmo é tocar vivamente que ser indifferente! Se isto passa na impressão ficamos afogados em parvoices; e para isto, diz elle no segundo paragrapho:

«Consultámos os auctores de todas as ordens, historiadores, philosophos, jurisconsultos, theologos, e politicos!»

Sendo estes os estudos de toda sua vida, e necessitando-se para elles de uma larga vida, o fructo de tão longos e porfiados estudos é a presente obra! A introducção merece tanta licença como o titulo.

Começa agora a obra, e ainda é preciso mais um anteloquio, ou introducção; e quer o homem seus postulados, e certos theoremas incontestaveis e já demonstrados e conhecidos por todo mundo; taes são:

1.° Que o reino de Portugal é uma Monarchia pura.

2.° Que sua corôa é hereditaria.

3.° Seu rei absoluto e soberano senhor.

4.° Sua Religião Catholica, Apostolica Romana.

Estes são os presuppostos demonstrados, e com elles vae o escriptor dar principio á sua obra por capitulos (a tanto não chegou ainda o entendimento creado!!!)

CAPITULO 1.°

O reino de Portugal é uma Monarchia pura

Pois se isto é concedido no primeiro theorema, e já demonstrado por si mesmo, deixasse-se alli ficar, e nada mais era preciso; mas o homem continúa na demonstração, e uma das provas que allega da evidencia da proposição, que ninguem contesta, é este triste epigramma:

«O povo é uma besta.»

Se o povo é elle só, a proposição é de eterna evidencia!!

Á vista de tudo isto, Ex.^{mo} Senhor, como o homem foi *Principal* de um collegio, deu cabo do Monte-pio litterario, e anda falto de re-

cursos ou meios de existir, se não com a magnificencia antiga ao menos com o simples necessario, e a obra não contém senão parvoices, e não erros palmares contra a religião, moral publica e leis d'este reino, e é capaz de desafiar alguma risada no meio de tantas melancholias, a titulo de caridade para com o auctor, e de beneficio ao publico, V. Ex.ª se dignará conceder-lhe a licença, que a meu vêr mais é um castigo que uma graça. Revêr papeis do tempo, e examinar clerigos para curas e confessores, são actualmente apuros do soffrimento humano; mas remetta-m'os V. Ex.ª para cá, que algum remedio se lhe dará, para ficarmos todos bem.

Lisboa, 12 de junho de 1824.

J. A. de M.

Relação de livros

Ex.mo e R.mo Sr.

Vi, e examinei a relação de livros inclusa, para se lhe dar licença para o despacho da Alfandega: podem dividir-se em duas classes — primeiro Jurisprudencia, — segunda Medicina. Todos são conhecidos, e já incluidos em outros catalogos licenceados. Por falta de livros não deixaremos de ser governados e curados; ainda que para uma e outra cousa bastavam só os de Medicina, porque os medicos tomam mais á sua conta curarem os achaques politicos e governativos, que os physicos ou naturaes; pois ha muito tempo que vemos que a politica, a jurisprudencia e a diplomacia são partes da Medicina, e até da pharmacia. N'esta mesma relação vem um *Compendio de Theologia*, de Leão, agora severamente prohibido no Index Romano; mas como a theologia é cousa que já esqueceu, e não ha quem a estude, é indifferente esta publicação; por isto, e porque todos os livros mencionados são aqui conhecidos e publicados, me parece que se lhe pode dar licença. V. Ex.ª mandará o que quizer e fôr servido.

Lisboa, 12 de Junho de 1824.

J. A. de M.

Ineditos, por Antonio Lourenço Caminha

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Com paciencia christã e heroico soffrimento li os — *Ineditos* — (espero em Deus que sempre o sejam!) de Antonio Lourenço, ou que Antonio Lourenço diz que quer dar á luz. A biographia d'este homem, tão conhecida por mim, desde o momento em que n'este valle de lagrimas começou a ser editor de — *Ineditos* — apparecendo tambem com cousas da propria lavra, como é a *Historia* (impressa) *da invenção da cabeça do Senhor dos Passos da Graça* em um montão de caliças do terremoto de 1755, obra que lhe mereceu o Limoeiro por ordem immediata do Marquez de Ponte de Lima, o velho e primeiro ministro, que elle tambem metteu na salsada da caliça, juntamente com o Duque de Lafões, que se não deu nem por enfarruscado, nem por offendido, me devia obrigar a dar-me por suspeito na censura d'esta obra, que anda no chôco ha muitos annos, tendo-se ja comido os fructos da deitadura; mas V. Ex.ª manda, e eu sei depôr o odio e o amor em taes casos, escutando unicamente os dictames da rasão e da justiça.

Toda a obra, em consciencia, merece *in limine* um — *Excusado* — só pelo titulo; porque todo elle é da propria Minerva do editor: — «*Obras ineditas do grande exemplar da sciencia de Estado D. Luis da Cunha, a quem o Marquez de Pombal Sebastião José de Carvalho chamava seu mestre* — etc.» Tomo 2.º *commentadas, e consagradas* ao muito alto e muito poderoso Senhor D. João 6.º, rei do reino unido Portugal, Brasil, Algarve, etc. — O padrinho era bem alto de corpo, mas nem tudo o que elle fez e o que elle disse nos põe no caso de obediencia céga ás suas decisões; e porque o Marquez de Pombal chamava seu mestre a D. Luis da Cunha, não se segue que nos devamos nós chamar seus discipulos, e muito menos em politica, sciencia em que no dia de hoje não ha ninguem que não seja grande, até as cinco classes pelos seus arruamentos. Se o titulo é um destempero, a dedicatoria a El-rei, ainda que vae adiante, não lhe fica atraz. Sem dizer uma palavra a Sua Mag.ᵉ, chamando-lhe apenas — *Real Senhor* — diz 1.º que Alexandre dormia com a *Iliada* de Homero; — 2.º que D. Luis da Cunha fôra louvado pelos ministros estrangeiros; — 3.º que elle Caminha, por fugir da ocio-

sidade, que é mãe de todos os vicios, dedica aquella obra a Sua Magestade. Nas obras de Caminha, sempre a que se segue é a mais desconnexa. Depois da dedicatoria segue-se—*Discurso preliminar, que serve de prologo*—e servindo estes para se dar idéa das obras, nem palavra nos diz Caminha sobre o merito ou materia do seu—*Inedito.*—Diz que a alma de Alexandre se inflammou no desejo da conquista do mundo:—que Camões é o maior dos Poetas havidos e por haver:—que no prologo da *Diana* de Jorge de Montemór se falla n'uma merenda que deram os fidalgos portuguezes (creio que não ha memoria d'outra, e muito menos agora!)—e que finalmente o silencio é mais eloquente que o discurso, como diz Vieira nos seus discursos.—E nada mais diz o *Discurso preliminar que serve de prologo!*

Isto, Ex.^{mo} Sr., nada tem contra a nossa santa fé, ou bons costumes; mas eu escrupuliso em approvar despropositos; bastam os enxovalhos que tem cahido sobre nós: esquivemo-nos á irrisão dos estrangeiros; não nos chamem por todos os lados, e por todos os motivos, mentecaptos. Entremos na consideração do—*Inedito.*

No tempo de D. Luis da Cunha era D. Luis da Cunha um grande politico, maior era José da Cunha Brochado; assim como grandes homens de gabinete Diogo de Mendonça Corte Real e Marco Antonio de Azevedo Coutinho. O estylo de D. Luis da Cunha é puro, vernaculo, e castigado; as suas idéas ou pensamentos sobre a economia politica d'este reino eram muito conformes á razão e aos nossos verdadeiros interesses; e uma edição completa de tudo quanto d'elle gira manuscripto pelas mãos dos que ainda présam as cousas de Portugal, com algumas restricções e observações criticas, seria muito util, e nos daria crédito, apesar da sua insupportavel diffusão,—pois podemos dizer no fim de cada discurso—*Sicasti fluvios Etham*—; mas isto truncado, alterado, mutilado, e emporquecido nas mãos do Caminha, é a cousa mais inutil e ociosa; e muito mais n'este tempo, em que a Politica é outra, e a face do mundo tanto tem mudado, pois cada dia se nos offerecem espectaculos em que Tacito e Comines ficariam engasgados. No labyrintho em que tudo anda, não nos offerece um fio toda a Politica de D. Luis da Cunha, nem mais proximo a nós tudo quanto escreveu Joaquim José de Miranda Rebello, que ainda existe esquecido (como tudo o que é grande) em Allemanha. Agora ha no mundo uma Politica de circunstancias, cujo resultado é—não se saber fazer o que se quer fazer!

Offerece-nos pois o nosso Antonio Lourenço tres pedaços de Tratados de D. Luis da Cunha—o 1.º a Carta escripta de Paris a um

amigo n'esse reino sobre os interesses e situação de Portugal, segundo o Quadro politico da Europa em 1736, com as considerações sobre as principaes potencias européas com relação a este reino, Hollanda, França, Inglaterra e Hespanha, rematando com a guerra entre a França e Allemanha, com os artigos da paz, com observações a cada um dos artigos; — 2.º pedaço: vistas economicas e politicas sobre Portugal e advertencias ao Governo. Aqui se desmanda o senhor D. Luis da Cunha, ou desencabresta singularmente; e podemos dizer que n'este Tratado estão os verdadeiros elementos da nossa mui celebre e celebrada *regeneração politica;* e por isto entendo que Antonio Lourenço deve ficar sem licença para imprimir o seu precioso *inedito.* Conheço que oppõe aqui algum obstaculo a consciencia, porque Antonio Lourenço já comeu e consumiu todos os quartinhos apanhados na assignatura, e é preciso satisfazer com o impresso; não importa, uma grande parte dos assignantes já morreu; Joaquim Gomes de Oliveira, Luiz Paulino, etc., etc., já lá vão, e os que cá ficam darão de boa vontade outro quartinho só para não vêrem mais diante de si Antonio Lourenço. *Sibi imputent,* e lá se avenham com elle, que isso não é da Censura. N'este segundo Tratado, no artigo — Luxo — tudo vae em polvorosa: culto divino, prata das egrejas, irmandades, confrarias, devoções, imagens, e até *Lausperenne* mais pobre e miseravel que o de Medrões, frades, freiras, clerigos, sem piedade, descompostos por pobres, porcos e mal vestidos, enterros, baptisados, casamentos, e até um jantar mais asseadinho em casa dos festeiros no dia do orago da freguezia, tudo é reprovado e até mettido a ridiculo por este grande politico. Eu posso parecer parte interessada nas festas de Egreja, mas não posso approvar para a impressão o que elle diz a pag. 181 verso — Que falta a prata no reino, *porque se extingue com superfluidade nas Egrejas.* — Nas Egrejas é que ella falta, porque de lá a tiraram, e algum rabisco que esqueceu aos extranhos foi vindimado pelos nacionaes. Insiste depois d'isto na admissão dos Judeus, no seu estabelecimento n'este reino, na tolerancia e na liberdade do seu culto, uma vez que fossem Judeus estremes, puros e não baptisados. Se os que não são judeus têm judiado tanto com os portuguezes, que fariam os mesmos Judeus em pessoa! Omitto as invectivas contra a Inquisição (que ora não existe); mas isto mesmo é escandaloso, subversivo e indigno, e por isto julgo que se não deve dar a licença para a impressão. O 3.º Tratado, ou pedaço de tratado, é a seccantissima e abafante narração da guerra intentada e declarada entre Filippe V, ou sua mulher, e el-rei D. João, tambem V; aqui se esgota a paciencia do leitor para chegar á conclusão da paz,

pela mediação das potencias européas, porque começa *ab ovo* desde que o creado do embaixador de Portugal em Madrid tirou das mãos de um sargento um preso, que para não faltar ao rigor historico, diz o mestre do Marquez de Pombal, o nosso Cunha, que vinha a cavallo n'um jumento; para este tambem ser o motivo da guerra (e quasi todas têm o mesmo!)

Acabaram-se os — *Ineditos*, — mas começa o peor, que é Antonio Lourenço: 1.° Um discurso, que elle embute ao Marquez de Pombal, em que prova — que as molestias dilatadas e chronicas são muito prejudiciaes para os monarchas (e para todos!) 2.° Os nomes dos ministros que foram ouvidos no caso dos tiros disparados contra el-rei D. José, *obra muito curiosa e divertida*. Depois d'estes dois interessantes monumentos da litteratura patria vêm as Antiguidades de Antonio Lourenço, e com ellas um trophéo levantado á parvoice, porque o homem guardou para o fim o melhor e o mais precioso.

1.ª e paginas 7: «A Biblia porque estudava el-rei D. Affonso Henriques em campo d'Ourique antes de dar batalha aos Mouros, e que conservam os PP.es de Alcobaça (será mais um testemunho que lhes levantem).»

2.ª «Depois da Biblia — *Henriques* — vem o chafariz do Rocio, que tinha quatro anneis de agua, e era tão pouca que custava a trinta réis a carga; e allega um auctor que escrevia em Lamego chamado Balthazar Soeiro.»

3.ª «Uma medalha de ouro que tinha um rebatedor seu amigo, chamado o senhor Antonio dos Santos, onde estava a effigie do infante D. Pedro»; e diz Antonio Lourenço que era o tio de El-Rei D. Affonso V, porém mente, porque é do infante D. Pedro, depois rei II do nome.

4.ª «Que o palacio dos Duques de Bragança era ao pé de S. Francisco da cidade»; porém mente, que as casas eram de Martim Affonso de Sousa, Governador da India, e natural de Villa Viçosa, e n'elles se hospedavam os Duques quando vinham a Lisboa.

5.ª «Que a basilica de S.ta Maria (a Sé) não fôra mesquita de Mouros, porque não tem buraco no tecto por onde os Mouros viam o céo e entoavam o seu *Salamá* (diz elle).»

6.ª «Que na capella de S. Bartholomeu do mesmo templo está enterrado um compadre de el-rei D. Diniz e seu filho Affonso IV, chamado Bartholomeu Joannes, que deixou muitas missas em seu testamento!» Cousa bem digna de se saber!!!

7.ª «Que o que hoje se chamam Basilicas eram casas de audiencia dos gentios», e para este grande achado cita um livro chamado — *Respublicas christãas*.

8.ª «(e esta é estrondosa!) Chama-se *Ordenação antiga do nosso reino*—e diz: Ordena a Ordenação antiga do nosso reino que nos dias de festa os cortadores não matem, nem esfolem, e que tenham pena os clerigos que forem palrando na procissão, ou levarem a fralda levantada.» E nada mais se contém na ordenação de Antonio Lourenço.

9.ª «Que o nome de sitio ao pé de Belem chamado Alcolêna vem corrompido de *Arco de lenha*, porque alli mandava pôr el-rei D. Manuel os andaimes da obra da egreja chamados *arcos de lenha.*»

10.ª «Que o primeiro uso da polvora em Portugal fôra na tomada de Silves aos Mouros, por D. Sancho I.» Muito mente o nosso antiquario Antonio Lourenço! Os primeiros tiros de polvora que se ouviram em Portugal foram na batalha de Aljubarrota, a que chamavam *trons.*

11.ª *Modo de enterrar os reis de Portugal.* «A rainha santa D. Isabel veiu a Estremoz; adoeceu em 4 de julho de 1336, e foi logo seu real corpo envolto n'um coiro de boi.» (Por isto não sei que merecia o docto antiquario!)

12.ª *Antiguidade d'agua das Caldas.* «A rainha D. Leonor, prima e mulher de el-rei D. João II, foi quem edificou o magnifico e sumptuoso hospital, onde de verão se recolhem mais de tres mil enfermos.» Oh pasmoso antiquario! O hospital tem esta data, mas a agua creio que é mais velha alguns dias, e que vae datar com aquelle primeiro dia do mundo em que o Espirito do Senhor — *Ferebatur super aquas!*

13.ª *Antigo uso de Portugal.* «Nos primeiros seculos as sagradas fórmas eram de pão, como se prova pelo milagre de Santarem.» (Eu não sabia que as sagradas fórmas tenham agora outros accidentes que não sejam os de pão!)

Muitas se seguem, que se não podem lêr pela má letra e pessimo papel; com muito trabalho apurei a seguinte:

> «*Antigualha do Grão Priorado de Guimarães.* Tem expressa obrigação o D. Prior todos os annos, dia de S. João, ir a Guimarães cantar uma missa; outros dizem que na noite do Natal; e faltando, pagar um frango.»

Só para José Telles comer o frango é capaz de lá não ir, e talvez não ponha lá os pés para os comer cá mais á sua vontade!!

Outra peor: *Antiguidade da real Capella dos nossos reis portuguezes.* «No anno de Christo 567, sendo rei de Portugal Theodemiro, teve a sua capella em Braga: e el-rei D. Affonso Henriques em Guimarães, onde então residia a côrte.»

Não posso lêr na penultima pagina o que elle diz achara em um *Flos Sanctorum gotico*. Quantos guineos daria por elle a sociedade dos Bibliomanicos de Inglaterra! Mas na ultima pagina vem cousa melhor, e é do theor e fórma seguinte:

> «O papa João, numero dos papas d'este nome XXII, foi tirar dos livros dos Summos Pontifices os Sanctos canonisados da Ordem e Regra do S. S.^mo P.^e S. Bento, e achou que do tempo do dicto P.^e S. Bento té seu tempo, convêm a saber, do papa João, foram os que abaixo estão escriptos, convêm a saber: Abbades, cuja confirmação pertence ao Papa 15:640. Bispos 15:000 (se quizesse mais um nós lh'o dariamos, pois cá o temos). Arcebispos 7:000. Cardeaes 2:000. Papas 24. E de Sanctos da dicta Ordem e Regra, que não foram Abbades, nem Bispos, nem Arcebispos, nem Papas, foram canonisados 3:400 Monges; de maneira que sommam os dictos sanctos Monges canonisados 4,210,002.»[1]

E sem nos dizer mais uma só palavra, acaba Antonio Lourenço o seu precioso livro dos *Ineditos e antiguidades;* com todo este peso de inepcias pretende aggravar mais os nossos males. V. Ex.^a pode mandar o que fôr servido; mas se attender aos rogos e aos brados da razão, do decoro e da dignidade portugueza, mande a Antonio Lourenço que guarde o excommungado livro; que nos deixe pelo amor de Deus; que bem basta o que basta; e que quem perdeu o quartinho da assignatura que tenha paciencia; melhor é que se percam quartinhos, que de todo se aniquile ou evapore a nossa reputação litteraria.

Lisboa, 25 de Junho de 1824.

J. A. de M.

[1] A somma das parcellas dadas devia ser 43:064. Entretanto assim se lê no autographo.

Catalogo de Livros

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Vi o Catalogo incluso: contém os ordinarios generos de importação litteraria — Medicina — Novellas — e Artes de governar o mundo. Vem Bentham, e vem tambem Constant: do primeiro vem — *As Provas judiciarias*, — do segundo um *Commentario sobre Filangieri*. Como são cousas conhecidas, e já publicadas, faria grande espanto (agora) se fossem supprimidas; e é tal o indifferentismo litterario que, ou se publiquem ou não, ninguem lê. Vem uma collecção de *Constituições;* bom é ter por onde escolher; e como tudo isto tem sido licenceado nos outros Catalogos, V. Ex.ª sobre este fará o que fôr do seu agrado, e emquanto ao meu parecer pode-se conceder a licença.

Lisboa, 2 de Julho de 1824

J. A. de M.

Relação de Livros de Antonio Lourenço Coelho

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Medicina e Jurisprudencia (nova) enchem todas as Relações dos livreiros, e não traz outra cousa a d'este Antonio Lourenço Coelho, que me diz quer remetter esta carregação para a Universidade. Todos são conhecidos já pela venda publica; mas para não deixar de vir entre os fardos de lei alguma cousa de contrabando, metteram como escondido no penultimo logar nada menos que — *O Principe* de Machiavello. — Este livro é prohibido no Index romano; é prohibido e anathematisado em toda a parte, e nunca em Portugal se permittiu livremente a sua leitura, nem com a impugnação de Frederico II, rei da Prussia, no Tratado que intitulou — *Anti-Machiavello*. Ha cousa bem digna de notar-se sobre esta politica composição do Secretario de Florença, que

elle publicou para servir de breviario a Cezar Borgia, filho do Papa Alexandre VI, que tanto comeu a el-rei D. Manuel, por elle depois reprehendido, e vem a ser: que todo o livro do—*Principe*—não é mais que um amplo commentario do Commentario de S.[to] Thomaz d'Aquino ao quinto livro da *Politica* de Aristoteles, que vem a ser —*instrucções, que o Sancto Doctor dá a um tyranno para se conservar no throno e no imperio.* Esta anecdota litteraria, que eu tive o trabalho de verificar correndo os immensos volumes do Doctor Angelico, foi apontada por João Hoffman no livro que intitulou *De formis rerum, publicarum,*— entre os nove das suas *Observações politicas.* Os da Congregação do Index nunca leram S.[to] Thomaz, e os que agora nem podem ouvir fallar em S.[to] Thomaz nunca se lembraram que um homem tal como Nicoláo Machiavello, auctor da *Historia de Florença* e dos *Discursos sobre as Decadas de Tito Livio,* poderia ser um plagiario do general em chefe dos Escholasticos, que escreveu trezentos annos antes de Machiavello. Não deve pois correr este livro, e V. Ex.[a] mandará o que quizer e fôr servido.

Lisboa, 9 de Julho de 1824.

J. A. de M.

Relação de Livros

Ex.[mo] e R.[mo] Sr.

As Relações de livros, que estes vendilhões e introductores da peste n'este reino apresentam, são concebidas em termos taes que parece que estes senhores, certos da nossa ignorancia e miseria, querem de volta com tudo mais fazer zombaria de nós em litteratura. Eu vejo tudo inçado de livros impios, licenciosos e subversivos; e como passam com facilidade, vendem-se e espalham-se com impudencia. Por esta Relação junta não se sabe que livros sejam, occultando-se em todos, ou quasi todos, os nomes de seus auctores; e se não querem ter o trabalho de o escrever, não o deve ter o Censor de o ir indagar e conhecer; apezar d'isto, como é materia de consciencia e de consequencia esta da introducção dos livros, eu me sujeito a elle até ao ponto de

ir correr a suffocante livraria do Gazeteiro, para ter conhecimento exacto d'estas cargas de inepcias ou patifarias. Com o presente Catalogo nem isto mesmo me aproveitou, porque não ha diligencia que possa remover tanto equivoco, v. g. — *Systemas de Philosophia, 4 volumes em 8.º* Se é de Degerando podem passar; se forem de outro não poderão. — *O Censor em 8.º* — Se é o *Censor Francez*, foi prohibido no governo de Bonaparte, e o é agora em todos os limites da França, e o deve ser. Se fôr outro Censor poderá passar. — *Vida de Voltaire* — se fôr a que compoz Condorcet (sem ser um que nós cá temos!) [1] e vem no principio da edição em cem volumes das Obras de Voltaire, poderá passar; se fôr outra não poderá. — *Secretario dos amantes* — sem mais nada. Os recados de viva voz dados por tantas conciliadoras de vontades seriam de sobejo, e estes casos não são tão difficultosos que necessitem de um formulario, e em francez pediriam um interprete, e ficariam assim os segredos do coração mais arriscados. — *Raynal da mocidade* — Não nos diz por quem esta idéa da Historia Philosophica seja preparada; e que necessidade temos nós de vêrmos a mocidade logo embuida de idéas d'este Abbade revolucionario, ainda que depois arrependido, na Carta que dirigiu á Assembléa constituinte, e que foi apupada por aquelles legisladores sem calções! — *Quadro de Paris* — Se é de Mercier pode passar, e se o Painel fôr outro que ha, como passará? — *Contos Moraes:* — se estes contos são de Marmontel poderão passar, porque os deixaram; mas se forem de outro? — *Obras de Madame de Sousa.* — Porque esta creadora de Novellas casou com o sr. Morgado de Matheus, não é este um titulo porque aqui se devam admittir todas as suas, porque o não devem ser — *Educação da Boneca:* — Tanto admira que as *Bonecas* tenham educação, como tantos *Bonecos* a não tenham! Isto é um escripto ridiculo e perigoso. — *Galeria religiosa:* — Não se sabe que livro seja, nem por quem feito, assim como — *Os sete peccados mortaes.* — *Chefes d'Obra de Mirabeau* — Que Mirabeau seja, não nos diz; ha pae, ha filho, ha sobrinho; e se os taes chefes são do sobrinho, fartos estamos de discursos democraticos, e de torpezas, na traducção das Elegias de Tibullo. — *Vida do Cavalheiro Faublas:* — só por este merecia o catalogo inteiro ser reprovado! Poucos escriptos ha que offendam tanto a religião, a moral, a decencia e a honestidade; e é dos prohibidos da primeira classe.

---

[1] *Condorcet* era o nome maçonico de D. Francisco de S. Luis, segundo o *Almanach Maçonico* publicado em Paris 1821. (Nota por letra de Innocencio.)

N'estes termos, para não sermos tachados de fanaticos intolerantes e semi-barbaros, e para nos não virem á cara com as fogueiras do Santo Officio, me parecia que V. Ex.ª em seu despacho mandasse ao manhoso francez do Catalogo que o apresentasse mais circumstanciado, declarando e especificando o nome dos auctores de cada um dos livros que aponta, para serem examinados conforme as leis da Censura.

Quasi todo o Catalogo é composto de uma carregação de livros para a mocidade; e n'estes livros para a mocidade vêm depositados todos os elementos de corrupção e immoralidade; e sobre isto deve haver o mais escrupuloso exame, que se não pode fazer sem a leitura ao menos do primeiro volume, ou ao menos conhecer-se o nome de seus auctores, para que a instrucção dada nas Bibliographias e Biographias dos auctores mortos e vivos ajudasse a formar um juizo seguro sobre o conteúdo nas obras annunciadas. Este é o meu parecer, e V. Ex.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 4 de Agosto de 1824.

J. A. de M.

Cartas de Echo a Narciso[1]

Ex.mo e R.mo Sr.

Li o volume da collecção de Poesias, que se intitula *Cartas d'Echo a Narciso*, por Antonio Feliciano de Castilho. Nada contém contra a fé, ou contra a moral publica, e são aliás um testemunho do bom engenho e saber do seu auctor, que, tendo a infelicidade de ser cego, se torna um prodigio, quando vêmos que dictando a um amanuense não perde o fio, nem a concatenação de idéas e raciocinios em tão dilatadas composições. Sendo a materia erotica, guarda escrupulosamente as regras da decencia, não tendo uma só expressão que offenda a honestidade e

---

[1] Conferimos com autographo que possue o sr. Brito Aranha no seu riquissimo *Album de assignaturas e documentos de homens celebres*.

o pudor. Por isto me parecem mui dignas da licença que pede para a impressão. V. Ex.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 12 de Agosto de 1824.

J. A. de M.

Drama traduzido de Kotzebue

Ex.mo e R.mo Sr.

Li o drama incluso, que se diz traduzido do allemão de Kotzebue: este poeta e gazeteiro foi morto ha poucos annos por um estudante, e pouco chorado pelos liberaes de Allemanha; e é tal o fado avêsso do poeta, que veiu a ser segunda vez morto, e mais cruelmente esquartejado em Portugal por um traductor, e d'elle se pode dizer o que em França se disse de outro que tal: — Tenha a gloria que matou um poeta! — Será muito espirituoso o vinho do Rheno, e muito mais o de Tokay na Hungria; mas a veia poetica allemã é mais fria e mais gelada que a Siberia e Groelandia. O traductor portuguez ainda nos deu este sorvete mais gelado. O publico lhe fará a justiça que merece, e eu tambem lh'a fizera; se este não fosse o tempo de que nos falla a Escriptura, *Tempus tacendi*, eu o mudaria em *Tempus espargendi lapides*. Não é isto objecto da censura, porque nas instrucções esqueceu o artigo — que se não licenceassem escriptos que comprometessem o tal ou qual credito da litteratura nacional. — Pelo que pertence a materias contrarias á nossa santa fé, bons costumes, ou leis d'este reino, nada tem porque se lhe possa ou deva negar a licença, sendo até obra de misericordia acudir aos impressores, que vão morrendo com fome, e aos livreiros, que nada mais fazem que enxotar moscas das lojas. Por este lado, querendo V. Ex.ª, lhe poderá dar licença, ou mandar o que fôr servido.

Lisboa, 30 de Agosto de 1824.

J. A. de M.

Relação de Livros

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Vi a relação inclusa, que annuncia quarenta e seis obras, apresentada pelo incansavel Orcel. Á vista dos Catalogos de livros importados n'este reino, e que nos salões da alfandega occupam presentemente o logar que n'outro tempo occupavam as cousas de comer e de vestir, podemos dizer que a Nação portugueza é a mais doente, enferma, chagada e phtysica que ha entre todas as que vivem n'este nosso planeta chamado Terra; porque todos os livros são de Medicina. Sendo os livros muitos, e os Medicos mais, a saude cada vez é menos. Medicina, exterminação, e morte, cada dia se conhecem mais estreitos e aparentados synonymos, e é pena que escapassem ao Tratado d'elles, com que um dos mais illustres filhos do Monte-Cassino enriqueceu a nossa patria litteratura! Isto parece cousa conhecida até pelo instincto dos livreiros; porque n'esta mesma relação, que contém tantos instrumentos da morte, como são os livros de Medicina, vêm inseridos seus irmãos, um *Diccionario d'Artilharia!* Eu sabia que as balas tinham calibre, mas não sabia que as balas tinham alphabeto!! Vem mais um *Tratado da Arte militar* e a sua *Historia*. A Medicina mata com armas tiradas da botica, a Guerra com armas tiradas dos arsenaes. Para tudo ir coherente n'estas duas irmãs gemeas, a *Historia de Napoleão em Santa Helena* vem aqui annunciada por Omeàra, que era um cirurgião que acompanhou sempre aquelle grande quebrador de pernas e de cabeças. O auctor da *Arte e Historia da Guerra* é um Carrion de Nizas, que aqui conheci, companheiro e amigo do nosso bom Duque Junot; este Carrion parece que nasceu para atormentar os portuguezes! Quando aqui esteve com o duque compunha comedias para o theatro, que nos moeram; agora Artes da guerra, depois que se foi para a sua terra: d'aqui foi bem instruido na Arte de furtar, que vem a ser o mesmo. Muito devemos aos medicos e aos soldados! Vem mais n'este catalogo um Chateaubriand, que tambem fez adoecer bem os miolos aos rapazes da Universidade, ensinando-os a fallar o que ninguem lhes entendia, e agora faz adoecer os politicos depois que o retiraram do ministerio.

Esta funcção de censor de livros vindos de França, que vem a ser

livros de Medicina, devia passar para os malsins do escaler da saude; que, quando fossem de visita a bordo, achando caixote de livros de França emborcassem tudo para o mar como verdadeira peste; ou fazerem n'elles aquella justiça que fez o velho Intendente Manique, que, visitando as fazendas depositadas no extincto Porto-franco, viu lá doze livros muito grandes, que eram os doze tomos do *Talmud*, comprados em Hollanda por altissimo preço, e iam para Gibraltar,

«Que livros são estes? (perguntou elle.) — São livros dos Judeus, (disseram os guardas). — «Livros dos Judeus!... Livros dos Judeus!!... Já, muito depressa, um barril de alcatrão acceso.» E no meio d'aquella praia os reduziu a cinzas. — «Veja V. S.ª que o Judeu que aqui os poz vem ás vezes lêr e lê do fim para o principio...» — «Peor, que isso é feiticeria!» Eis aqui um bom desembargador do Paço e um um optimo censor de livros!

Para vêrmos que cousa sejam as incongruencias dos livreiros e as suas innocentes distracções: entre a metralha da Artilheria e o récipe da Medicina quiz o livreiro metter em linha o botafogo Condillac, annunciando-o assim — *Condillac, tomo I* — Este Condillac, alambicador de Locke, aqui se lia e aqui se vende, é um philosopho demasiadamente sensual; tudo são sentimentos, sensações, e nada de intellecções; assim mesmo corre, mas embora ande, porque não ha quem o explique, nem quem o ouça explicar. A traducção da *Logica* pelo senhor ex-deputado, o Sr. Annes de Carvalho, passou da prensa para a eternidade do esquecimento, porque é uma traducção que necessita de traducção; não sei que têm os Grillos com a obscuridade! A noite e a sombra é o seu elemento: nunca se acha o Grillo, nunca se entende o Grillo traductor! Até o livreiro é obscuro, e se lhe devia mandar que explicasse mais que *tomo I* era este, e se é o I das Obras feitas para instrucção do Duque de Parma. É o que no despacho dos outros V. Ex.ª devia ordenar que se acclarasse; e quando V. Ex.ª me permittir a honra de lhe ir beijar a mão, então mais claramente me explicarei sobre este importante objecto dos livros aqui introduzidos, porque quando vou a casa do Gazeteiro, Babylonia de livros, pasmo do que aqui se vende publicamente! Aqui tenho, trazido de lá, a *Viagem á Hespanha*, por Langle, que já tem quinta edição, e foi queimado em Paris por mão do algoz. Tal tem sido a incuria ou a ignorancia da Censura!! V. Ex.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 15 de Setembro de 1824.

J. A. de M.

Chave do Ceo, ou Manual do christão

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Li e examinei com muita attenção, e com muita paciencia, a obra intitulada *Chave do Céo, ou Manual do christão*, que pretende imprimir Luis Maigre, impressor, e tambem director de um dos nossos infinitos Collegios de educação, onde, diz este, e dizem elles, se ensina o que ninguem viu, a *Grammatica philosophica*. Esta *Chave do Céo* é um aggregado de cousas disparatadas, que se não unem aqui entre si, me que abundam os innumeraveis manuaes devotos que ha de sobejo, e em que os fieis acham com boa ordem e clareza o que é mais necessario para a perfeição da vida christã. A censura de livros é ao presente um apuro e collisão: ou se hãode deixar correr parvoices, ou se hade offender ou o amor proprio, ou a vaidade de tantos homens que da parte de el-rei querem ser auctores seja de que fôr. Eu desejo conciliar objectos ou termos tão oppostos: Acudir pela honra das letras (se acaso ainda ha quem as honre!) e não desgostar os alinhavadores de papeis impressos. Se este director de collegio quizer omittir tudo quanto do principio até ao fim vae assignalado com um lapis encarnado, o resto pode-se imprimir, apesar do descosido e desconnexo de alguns retalhos bons, que são pela maior parte extractos das obras espirituaes do mystico, mas eloquentissimo P.^e Manuel Bernardes, que pelo lado de classico da lingua portugueza, superior a Antonio Vieira, é o primeiro mestre que temos, o que por proprio estudo tenho conhecido depois de uma escrupulosa confrontação com os outros e os melhores.

A censura deve ser motivada, e eu não embico em pequenas cousas. O primeiro titulo — *Chave do Céo* — é uma parvoice: nós não conhecemos outras chaves do céo senão as que Jesus Christo deu a S. Pedro; e pelo que V. Ex.^a irá vendo, isto não é chave, isto é gazua. S. Pedro não larga as chaves ainda que dê o seu poder aos successores da sua cadeira em Roma, e por certo não entregou nenhuma d'ellas ao Maigre, director de collegios; basta *Manual christão*, ou *Collecção de exercicios e meditações de devoção christã*. Contentando-se com este titulo pode esperar a licença. Depois de algumas superfluidades começa o Manual por um exercicio de orações, que deve fazer o christão desde que acorda na cama até que vae para a missa. A maior ma-

nhã de maio, levantando-se o christão ás tres e meia da madrugada até dar meio dia, não chega para recitar metade das orações, que levam treze grandes paginas de duas columnas cada uma, e orações de tal natureza, sobre taes objectos, com tal indecencia, que o beato mais casmurro não é capaz de as recitar, nem deve. Exemplos: — *Ao calçar as meias e sapatos* — (quem calçar botas fica sem oração!) — *Ao abotoar os calções* — (quem usar de calças fica sem oração!) — *Ao afiar a navalha para fazer a barba* — (quem a fizer duas vezes na semana tambem não tem que rezar!) — *Ao fazer a barba* — (se o barbeiro não fôr habil muitos golpes levará o freguez se quando aquelle rapar este rezar!) — *Ao lavar as mãos* — outra — *Ao lavar o rosto* — (eu cuidava que de caminho se faziam ambas as cousas!) — *Ao alimpar-se* — (isto é tão depressa que só poderá dizer — *(ora pro nobis!)* — *Ao enxaguar a bocca e esfregar os dentes* — (esta é a mais difficultosa e até impossivel de todas, porque qualquer fiel christão, com a bocca cheia d'agua e com os dentes occupados, como hade dizer palavra? E logo esta é a maior de todas!) — *Ao despir a camisa de dormir e ao vestir outra* — (e quem não tiver senão uma?) — *Ao pôr os suspensorios* — (eu que nunca usei d'elles estou dispensado d'esta oração, e era inutil antes de se usarem.) — *Ao pôr o lenço branco no pescoço* — (se o lenço for preto já o christão não reza!) — *Ao alizar o cabello* — (e quem fôr calvo?) *Ao calçar os sapatos e vestir o collete e casaca* — (já vêmos que os primeiros eram chinellas!) Esta oração de collete e casaca leva tres columnas, ou pagina e meia! — *Ao sair para a rua e dirigir-se para o templo do Senhor...*

Ora é bem notavel uma cousa, e convém a saber: que entre tantos actos que faz o christão desde que acorda até que vae para a rua, sapatos, calções, suspensorios, escova de dentes, fio das navalhas, lenço branco, alisamento de cabello, rosto e mãos limpas, não se trata de uma cousa essencial, que era o artigo *almoço!* De sorte que a chave do céo não dá volta sem o fiel christão sair secco de rezar e vazio de estomago. Quando Jesus Christo diz que não só de pão vive o homem, sempre presuppõe pão, com a dejunctiva *não só:* — palavra de Deus, mas pão tambem: aqui temos só orações e nada de pão.

Vae pois á missa o nosso fiel christão: ainda que elle vá a Rilhafolles e ouça tres seguidas; ainda que assista ao maior pontifical na Patriarchal, tudo se acabará primeiro que o fiel chegue a metade das orações que lhe ensina em jejum o Director de Collegios.

Todas as orações que não são feitas pela Egreja, ou por ella auctorisadas, não se devem permittir; e a censura n'isto deve proceder

com verdadeiro escrupulo; e toda esta *Chave do Céo* abre a porta a mil e mil orações impertinentes, creadas no seio da mysticidade exaltada e mal entendida, como uma nova — *Magnificat* — feita a Nosso Senhor, e uma ladainha ao Nome de Jesus, extrahida de um livrinho francez, cujo nome de auctor o Director de Collegios ignora.

Tem um longo capitulo sobre a Religião como virtude, e transcreve, sem vir para alli um longo discurso que o conde de Marselly (diz elle) recitou na Camara dos Pares de França este anno de 1824 contra *Bemjamin Constant*. (Ja não tem logar, porque se acabaram as nossas segundas côrtes, que o agradeceriam muito bem ao Director do Collegio.) Fecha a *Chave* com extensas notas historicas e theologicas sobre o que tem dito nas orações e devoções, cousa mui propria de um Manual devoto! Fertilissimo anno é este de 24 em producções raras e estrondosas! A safra de orates é abundantissima e nos promette uma grande reserva para os annos futuros; não fallando nos productos coloniaes, que ainda que cá não cheguem a sua existencia é official.

Se V. Exª por compaixão fôr servido dar licença para se imprimir, e não desconsolar o Director, pode ser com esta restricção — «Omittido tudo o que vae notado com um lapis pode imprimir-se, tornando de novo ao censor.»

Se o orgulho não fôr orgulho de beato, que são soberbos, cabeçudos e teimosos, e com docilidade quizer fazer as mudanças que se lhe indicam por caridade, poderá inchar-se mais este orgulho com as honras da impressão e a fiança da immortalidade. V. Exª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 29 de Setembro de 1824.

J. A. de M.

Refutação politica do decreto com que as Côrtes, &c. &c. e Maximas politicas de um Governo sabio, &c. &c.

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Ha o maior escrupulo na licença que se dá a qualquer official mecanico para poder trabalhar publicamente pelo seu officio. Um pleno tribunal de sapateiros examina ponto por ponto um sapato apresentado por um official que pretende abrir loja, e pela unanimidade dos suffragios se lhe concede esta faculdade. Só no mister das Lettras cada um atira comsigo ao mundo e abre loja de escriptor, sem se provar primeiro se sabe escrever! Se a Censura é este tribunal, ainda em cima gritam os escriptores que lhes não deixam publicar tudo quanto elles querem escrever; quando o sapateiro não faz sapatos para o publico sem que a Junta dos Radamantos de sovella seus collegas o não approve primeiro.

O auctor dos dois escriptos inclusos é Desembargador e tem immensos logares de magistratura; mas o habito não faz o monge: quiz entrar na irmandade d'aquelles de quem se disse:

Tenet insanabile multos screbendi cachoethes...

O primeiro escripto que examinei é que se intitula —*Refutação politica do Decreto com que as Côrtes pretenderam legitimar o procedimento de 24 de Agosto, 15 de Setembro, e 1.º de Outubro de 1824.* Isto é o mesmo que fazem os prégadores, que se matam em provar o mysterio da Conceição áquelles mesmos devotos festeiros, que não só o acreditam, mas o louvam e o festejam! E depois de quatro annos vem o Desembargador com esta velha novidade obliterada e enjoativa; e isto com uns argumentos taes que deixam a questão em pé. Para provar aquella basbalhada, bastam as memorias de José Ferreira Borges, onde se conserva o nome dos *treze benemeritos*, e ainda sem o Decreto que declara tudo nullo, todo o mundo sabe e conhece a legitimidade dos nossos benignos *Regeneradores*, que sem ninguem lhe encommendar, nem poder encommendar o sermão, só por caridade nos acudiram. A Magdalena chorou (dizia um prégador) porque tinha vontade de chorar; o Desembargador escreveu porque tinha vontade de escrever; e quer imprimir, porque tem vontade de moer a paciencia aos censores, e depois aos leitores.

Escreva pois e imprima; mas tenha a bondade de emendar, ou omittir o que se não deve imprimir, nem lêr. A paginas cinco, linha oitava, apresenta este grande achado a que se dá agora grande valor, e o homem por elle vae de Estravagante ao Desembargo! § «Porque não se tinham verificado os casos em que a Nação pode reassumir a soberania» — §. Isto escreve um homem de lei, e um homem de beca!! Isto quer dizer que a soberania reside em a Nação; que esta lhe foi tirada, ou d'ella passou para outras mãos; e que se dão casos em que a pode *reassumir;* e reassumir quer dizer tornar a tomar o que tinha e que por algum tempo deixou de ter, ou lhe tiraram. Os nossos Puffendorfios, ou Puffendorfiosinhos, que disseram que a soberania reside em a Nação essencialmente, são os mesmos que dizem agora que não reside; e desgraçado d'aquelle que disser agora o mesmo que elles disseram então!! É preciso mandar-se-lhe riscar, ou emendar, ou explicar a tão absoluta proposição, que vae assignalada com lapis, e que volte.

Muitas e mui dignas são as attribuições da Realeza; muitos os titulos do nosso soberano: porque com justa razão, depois de Senhor de Guiné, com que se contentou el-rei D. João II, D. Manuel lhe accrescentou — da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India; mas chamar-lhe *Superintendente Geral do Commercio* — como faz o nosso Desembargador a paginas vinte, isto é querer que d'aqui a nada seja superintendente do sal de Setubal! Esta proposição, que tambem vae notada com lapis, deve ser riscada, porque é um titulo ridiculo na soberania. A paginas vinte e oito ha um contra-sentido horrivel; talvez nasça da omissão de alguma palavra: eis aqui a passagem:

«Alguns abusos, erros de administração, defeitos de legislação, era o que a Nação desejava e que devia esperar da legitima auctoridade do Rei e das Côrtes convocadas pelos Regentes em nome do Rei.»

Emquanto o nosso ocioso Desembargador não explicar isto melhor, eu não o entendo; e vae notado tambem, para se mencionar no despacho.

Na mesma pagina falla no — *Divino Codigo do homem e do cidadão:* — Não sei se isto é d'elle, se é d'elles; e precisa de explicação, porque o senhor Desembargador é de uma tenebrosa confusão.

O segundo escripto chama-se: — *Maximas Politicas de um Governo sabio para a prosperidade da Agricultura.*

Seja por santa caridade o cançasso que me deu aos olhos a letrinha e o tamanho d'esta inutil composição!

Nulla in tam magno est corpore mica salis!

Isto não tem graça nenhuma e é uma tediosa compilação dos moedores Economistas francezes e do repizado e rebatido dos novos Triptolemos da lavoura! Melhor sabe V. Ex.ª do que eu, triste clerigo de *Requiem*, que as nossas leis agrarias, antigas e modernas, são um apuro da prudencia e da sabedoria, e que a vegetação em Portugal é tão abundante que parece uma pertinacia da Natureza! Eu tenho visto todas as provincias do reino, e não ha um terreno cultivavel que se não cultive, e se mais se não cultiva é porque é preciso que os gados comam, ou porque não ha braços para tanto; e em apparecendo Economistas a semear por philosophia temos fome certa; o que succedeu no ministerio do Pombal, empregando um italiano, que eu conheci, chamado Luis Ferrari, que semeou todo campo d'Azambuja de grão fermentado com salitre; em todo o anno não appareceu nem um bago de trigo, e veiu a cheia levou-lhe as comportas que elle tinha feito para as regas artificiaes; ficou com dois contos de réis de ordenado, e nós semeando como costumavamos semear. Ora pois os campinos do Ribatejo, á vista das maximas do nosso Desembargador, farão o papel de Annibal quando ouviu o philosopho Formião discorrer da arte da guerra; darão a sua risada, e bem merecida; e como o longo escripto das *Maximas* nada contêm contra a fé, bons costumes e leis d'este reino, ou principios de sã politica, e só contêm parvoices, pode V. Ex.ª dar-lhe a licença que pede para a impressão e fazer o que fôr servido.

Lisboa, 2 de Outubro de 1824

J. A. de M.

Refutação politica, &c. &c.

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Tornei a vêr e examinar em consciencia a *Refutação Politica*, feita pelo Desembargador Joaquim Raphael do Valle, e vejo que é mais teimoso que jurisprudente: riscou algumas cousas apontadas, mas não riscou as duas mais essenciaes. Eu não me posso accommodar com esta

proposição, nem me parece justo que se deixe imprimir, porque as favas ninguem as paga senão o censor:

«Porque se não tinham verificado os casos em que a Nação *pode reassumir* a soberania.»

«Parece-me que não entendo mal, entendendo assim: Ha casos em que a Nação pode reassumir a soberania. Elle quer dizer que não existiam estes casos quando os do Porto nos fizeram favor. Conforme o actual Direito estabelecido da legitimidade hereditaria, ainda extinctas todas as dynastias directas e transversaes, seria preciso demonstrar a quem se devolvia, ou quem devia reassumir a soberania. Os embargos das Santas Allianças futuras lá iriam desencantar algum Juiz dos orphãos e dementes para não deixarem que a Nação orphã e pupilla exercitasse algum acto de Soberania, visto ser a Monarchia hereditaria e não electiva. Por mais que me lembre da historia d'este reino não encontro um só caso em que veja que a Nação reassume, ou exercita um acto de Soberania. Quando D. Affonso Henriques foi saudado rei pelos soldados vencedores em Campo de Ourique, em que Deus Nosso Senhor ficou com um nome novo, como ha annos lhe chamam as gazetas e os discursos d'ellas — O Deus de Affonso — já vinha com alguns laivos de soberania; era conde, e conde soberano, pela herança do conde seu pae, e tambem de seu padrasto o conde de Trastamara. Em Lamego (se as actas das suas Côrtes não são feitas por Fr. Bernardo de Brito) não exercitou a Nação soberania alguma; — acclamar não é fazer soberanos: elle presidiu, e Mestre Alberto e o procurador do Sr. rei Lourenço Viegas disseram tudo quanto lhes lembrou, e fizeram leis em Côrtes presididas pelo rei. Se el-rei D. Sancho II não se fosse, ou não fugisse para Toledo, era rei; e o acto de chamarem o conde de Bolonha, herdeiro immediato, não é um acto de soberania. Nas côrtes de Coimbra legitimou-se a bastardia do Mestre de Aviz, filho de el-rei D. Pedro; e como este estava cá, justo era que prevalecesse o filho de Thereza Lourenço aos de D. Ignez de Castro, que andavam em Castella, e dos quaes agora quer ser descendente o nosso duque de Villa-hermosa, e conde da Moita, para ser conde Parente. Em 1640 não houve acto de Soberania; acclamou-se o herdeiro pelos direitos de successão havidos da duqueza D. Catharina. Nação reassumindo os direitos de soberania sómente a vimos quando estes lhe foram dados pela suprema, absoluta e independente Vereação da Camara do Porto, e quando Gil, Sepulveda e Cabreira com as suas espadas tiraram esta Nação do abysmo. Portentoso triumvirato, e mais alguma cousa que o romano! Deus nos livre de triumviratos! Octaviano, Marco Antonio,

e Lepido não fizeram tanto (tratando-se de proscripções) como Manuel Fernandes, José Ferreira Borges e José da Silva Carvalho, que por certo era bem lépido!

Se V. Ex.ª fôr servido dar licença ao Desembargador para imprimir a sua *Refutação*, que morre tysica, apenas nascer, pela letra redonda, seja com a clausula de fazer uma nota explicativa á passagem notada, e não emendada, sobre a reassumissão da Soberania, de sorte que se salve a revisão do censor; e a passagem não é tão essencial que se não possa omitir, ficando muito completo e inteiro o sublime discurso. O mesmo se deve praticar com a ultima, que tambem não quiz emendar. O despacho mais justo e mais laconico era este: «Omittidas as duas passagens notadas imprima-se.» Isto é o que me parece, e parecerá sempre, quando vierem outras que taes.

Lisboa, 9 de Outubro de 1824.

J. A. de M.

Relação de Livros

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Li a relação que apresenta Daniel Ebingre, que se compõe de cento e setenta e tres Obras vindas de França em dois caixotes, e que elle diz (porém mente) que são livros de educação e de Jurisprudencia. A maior parte d'elles são Novellas para divertimento da mocidade e sua instrucção; de Jurisprudencia, como Jurisprudencia, não ha uma só, á excepção de *cinco Codigos* feitos no decurso da Revolução e extrahidos do Boletim das Leis:—Os *Discursos* tempestuosos e fulminantes de Mirabeau, trombeta-mór da Democracia. Como cinco Codigos juntos nos vinham envergonhar, porque não fizemos nenhum, além do *sagrado e fundamental*, julgo que são escusados como anteriores ao restabelecimento da legitimidade e promulgação da grande Carta. Estes dois livros vão notados para se excluirem. Madame Sousa, Morgada Matheus, tambem nos enriquece com os seus seis volumes de *Novellas*, que lhe abriram o passo para o consorcio do editor do Camões rico. Em attenção ao augmentar o catalogo das nossas heroinas em litteratura, cujo

titulo lhe dá o sobre-nome portuguez, fiquem; ainda que venham acirrar a rivalidade da nossa douta Condessa Oeynhausen, lembrada de Sião depois de a não quererem em Babylonia. Vem aqui um livro, que belisca exclusivamente a minha curiosidade, e que se chama *Educação das Bonecas*. Se este nome se dá ás nossas donzellas do tempo, ninguem lhe acertou tanto com elle como o discreto auctor do livro. Se as Bonecas são as bonecas com que brincam as creanças e feitas de trapos, *as luzes da civilisação e o espirito do seculo* têm chegado a tanto que até as bonecas sáem bem educadas da escola franceza! Por este rol de livros vêmos que a actual litteratura em França consiste em fazer de livros grandes livros pequenos para as creanças, e formar d'elles numerosas bibliothecas para as creanças: deu esta mania pelas mulheres, todas escrevem e todas são auctoras de livros, até do *Secretario dos Amantes*, que tambem vae excluido com o signal do lapis. No quadro da mulher forte pintado pelo Espirito Santo falla-se em róca, e mais em fuso, e em preparar bem uma candeia para se não apagar de noite; em materia de livros nem palavra. Livrarias e Livrarias para educação dos rapazes, e em seculo algum sahiram e appareceram tão malcreados! Com estes livros lhes abrem a cabeça e pelas fendas lhes foge o juizo, e no vacuo que lá deixa se vae alojar a maldade.

Não ha catalogo em que não venha engrazado livro prohibido, até em paizes nada escrupulosos: n'este vem a *Vida do cavalheiro de Faublas*, o livro mais indecente, mais torpe, mais corruptor que tem apparecido da forja franceza ha muitos annos: vae notado para ser excluido, assim como vae o anonymo intitulado *O Contador*. Podem ter licença os outros, excepto os notados com lapis. São inuteis, são ociosos, são reimpressos em differentes formatos; nada adiantam a somma dos bons conhecimentos; são compostos para negociação e não para instrucção; são effeitos da industria e especulações de commercio, como chapéos de palha, chales de cachemira e tintas para as caras das mulheres; e como não se oppõem, directa ou indirectamente, taes frioleiras aos dogmas da fé, aos bons costumes e ás leis d'este reino, V. Ex.ª os poderá, sendo servido, mandar tirar do pó da deserta Alfandega para o pó das lojas do Chiado, d'onde passados seculos talvez algum sáia para enjoar os leitores, que levam geito de se ir acabando.

Lisboa, 9 de Outubro de 1824.

J. A. de M.

Relação de Livros

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Vi a relação inclusa, que consta de trinta e sete producções francezas—*Medicina*, *Publicismo* e *Militarismo*. Um poeta dramatico, e inglez, vem amenisar todas estas tres imagens da morte, tantas vezes repetidas nas relações precedentes que eu já as repito de cór. D'estas drogas se vão atulhando os nossos armazens nacionaes, e como continúa a importação creio que o consumo é proporcionado. Não sei por que motivo querem diminuir a attenuada população d'este reino! D'aqui á manhã matar-se-hão os medicos a si mesmos porque lhes faltará quem enterrem. Os publicistas se governarão a si, e muito bem; parece que de mãos dadas com os medicos, estes matam o corpo, aquelles a paciencia; e o rabisco que n'esta vinha social deixarem, os militares darão cabo d'elle. Os Tratados de educação são como os do medico *Almeidinha*, ou *Almeidasinha*, que ainda é cousa mais pequena; todos são para filhos pequeninos e todos se limitam á educação physica; porque educação moral para meninos grandes é cousa que já não ha.

Como estes Tratados têm sido licenciados nas outras relações, V. Ex.ª, se fôr servido, e para se vêr livre dos livreiros, poderá dar a mesma licença a esta relação, onde me persuado não introduzirão outros, porque lhes puz uma rubrica.

Lisboa, 17 de Novembro de 1824.

J. A. de M.

A Chave do Céo

Ex.^mo e R.^mo Sr.

O devoto que fez a *Chave do Céo* (que por despacho de V. Ex.ª me é remettido segunda vez) me procurou e me pediu quizesse eu emendar e corrigir a obra, de maneira que se pudesse publicar sem

assuada e zombaria. Eu, por caridade, lhe mudei o mesmo titulo; risquei tudo que era indecencia e desconnexo; mudei palavras, phrases e periodos inteiros, e isto sem dó nem piedade do auctor, a quem tudo parece bem, antiga mazella dos que escrevem, pois até os que fazem Reportorios se affligem quando a Natureza os desmente. O homem, quando viu o rigoroso desbaste e severo destroço, lá se torcia, como de fundas mataduras, mas emfim mostrou uma docilidade que os beatos não costumam ter, e ficará muito contente com o despacho de V. Ex.ª: «Imprima-se, menos o riscado.» — Se o não fizerem, perdem depois a obra e o feitio, quando o impresso vier a conferir com o original.

Eu estou attonito com o que vae pelo mundo! O verdadeiro urdidor d'esta salgalhada chama-se Jacintho José Dias de Carvalho, foi da Camara Constitucional, e um dos mais solemnes velhacos que teve o nosso Governo municipal n'aquelles dourados dias; era um Edil por quem as galés choraram muitas vezes; e agora é um Fr. Luiz de Granada; ou talvez que Nosso Senhor o queira castigar, entregando-o como auctor de livros nas mãos do publico! Bom é concorrer para esta obra de justiça, e V. Ex.ª, sendo servido, lhe poderá conceder a licença que pede, com a restricção de omittir o que vae riscado.

Lisboa, 21 de Novembro de 1824

J. A. de M.

Relação de Livros

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Ao vêrmos estas relações de Livros vindos de fóra podemos dizer que as nações extranhas julgam o reino de Portugal agonisante e com Padres Camillos á cabeceira! Todos os Livros são de medicina! N'este rol de sessenta e seis obras apparece um *Tratado de S. Francisco de Salles sobre o Amor de Deus*, que é o que se deve lembrar aos moribundos! Vem o *Genio* de Chateaubriand, e Deus lh'o dê agora bom e melhor! *Os Officios* de Cicero, que tambem aqui apparecem, podem passar, porque de nada servem: como tratado de boa moral civil são es-

cusados; as crias novas já não torcem caminho; como latim, d'aqui á manhã os clerigos de hoje não entendem o canon da missa. E visto os medicos não necessitarem de tantos livros para nos matar, pode V. Ex.ª, sendo servido, dar licença para sahirem da Alfandega, porque vão descançar á sepultura das lojas dos livreiros.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1825

J. A. de M.

Contestação entre um Cura e seus Freguezes

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Visto estar n'este reino esquecida, e quasi extincta, a arte typographica, que tanto subiu e se aperfeiçoou ainda não ha tres annos, pois não havia mãos a medir, bom é que dos escriptorios dos escrivães venham os autos ou os feitos para gosarem das honras da estampa, e não se perder de todo esta embruxada arte, que de poucos bens e de tantos males e parvoices tem enchido o mundo. O presente Opusculo é uma contestação, ou juridica descompostura entre um cura amovivel e freguezes emperrados. Estas altercações tenho eu visto, e por mais de uma vez, nas freguezias d'esta capital acabar por via de facto, sendo tanta a pancadaria entre o pastor e os lobos das ovelhas que haverá cousa de vinte e seis annos, na egreja da Pena, fui eu mesmo fechar a porta da sacristia que vae á capella-mór, para que o sangue que já esmexava da cabeça de ambos os combatentes, Prior e Procurador, não corresse para lá; e só depois d'elles cançarem é que eu lhes pedi que se acommodassem! Quasi no mesmo tempo, o Prior de Santa Justa, e toda a respeitavel cabeceira da mesa, foram parar ao Limoeiro por ordem do inexoravel Manique, bruto, mas amigo da justiça. Na batalha de Marengo não appareceram mais cabeças quebradas. Era uma tarde de quaresma; eu a pedir *Misericordia* no pulpito e elles tambem a pediam pela sacristia.

O cura de Santo Ildefonso no Porto, de quem rezam estes autos a que me reporto, foi franciscano e julgo que da companhia de granadeiros; é um robusto gladiador, insigne na sciencia do pugilato, e não

contente do murro, talvez por levar mais, porque os antagonistas eram muitos, e todos ahi vêem assignados, recorreu ao bem parado, fazendo uma queixa á Secretaria, e por aviso do cardeal ministro são mandados ouvir os freguezes; já que o cura tinha fallado tanto, os freguezes se desforraram, mostrando sem réplica que o cura é um dos mais solemnes mentirosos que têm apparecido da Regeneração para cá. O cardeal não mandou mais nada, o cura não tornou a abrir bico, os freguezes acommodaram-se. Quem lê a accusação do cura deseja enforcar os freguezes; quem lê a recriminação dos freguezes deseja esquartejar o cura. Como esta grande escarapella marchou conforme as disposições de Direito, e com mais moderação que era de esperar de freguezes do Porto, em nada se offendem as leis d'este reino; como se não desbocam não padece a moral; e como se trata de rebater calumnias não se escandalisa a religião. Só a caridade evangelica podia sentir alguma cousa, mas se elles as dizem é com tal reciprocidade que ficam pagos.

Eu lembro a V. Ex.ª um motivo porque se lhe não deve negar a licença para a impressão, e vem a ser: a lição que se dá aos curas para serem justos e comedidos, e mais claramente para serem menos esfoladores. Por mansas que sejam as ovelhas, em vendo que se lhes leva, não o cabello, mas o coiro, gritam e escoucêam, e têm razão. O culto soffre, as egrejas desamparam-se, os sacramentos não se frequentam, e a gritaria contra os ecclesiasticos não acaba. Um franciscano costumado a pedir pediu até á hora da morte, seja cura, como o do Porto, ou cardeal como Ximenes; pediu sempre. S. Francisco foi o maior politico que houve no mundo; para ser senhor de tudo não fez revoluções, pegou em vara e meia de panno de linho e disse a seus filhos: —«Fazei d'este panno um alforge, ponde-o ás costas, ide pedir por esse mundo, e sustentando um corpo de noventa mil homens sereis senhores d'elle.»—Assim se fez, e assim se faz, e tanto pedem que o franciscano, cura no Porto, até pede aos freguezes que lhe dêem as esmolas das missas que queiram mandar dizer por seus defunctos, para elle as mandar dizer aos seus conhecidos. É justo pois que isto se imprima, para que aprendam os curas que foram frades, e os frades que querem ser curas; mas V. Ex.ª mandará o que quizer e fôr servido.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1825.

J. A. de M.

Segredo das abelhas descoberto

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Li, e examinei até perder o folego, o grosso livro composto por um homem raro, até no sobrenome, porque são tres arvores juntas: *Pereira — Pinheiro — Nogueira;* poucas mais tem qualquer quinta! Chama-se o livro — *Segredo das abelhas descoberto e vedoria das aguas.* Veiu o livro a esta casa no mesmo dia em que por ahi se descobriu outro segredo mais intrincado que o das abelhas e se viram aguas mais envoltas!!! É dedicado o livro ao Barão de Villa-Pouca, com uma dedicatoria que equivale a uma descompostura, e a tudo excede em parvoice. É o ultimo ápice, o ultimo apuro da demencia humana! Alli vem uma tal Maria Antonia, natural de Guimarães, pessoa que não falla; e não se sabe para que alli está a sobredita Maria Antonia. A familia Alcaforado é (diz o homem) anterior ao estabelecimento e principio de ambas as Monarchias hespanhola e portugueza; de maneira que antes de apparecer na Hespanha, no principio do quarto seculo, o visigodo Athaulfo já havia Alcaforados, e creio que tambem a tal Maria Antonia já existia em Guimarães; se esta Maria Antonia é uma cunhada de Martinho Corrêa, que eu conheço, pela cara gothica parece ser d'esse tempo. Acaba a dedicatoria, antes de se despedir com um *muito attento e respeitoso C.*, com uma cousa, que elle chama Episodio (porque nada diz que assim seja) em versos latino-macarronicos; d'este gósto eu excessivamente; eil-o:

> Voce, lyraque Baronem dicite æthera vectum
> De Villa-pouca...

Para honra de Rodrigo de Sousa, e para nos poupar, a todos os portuguezes, a vergonha e o opprobrio de que tantas mentecaptices nos cobrem, deve V. Ex.ª na licença para a impressão mandar que se omitta a dedicatoria e tudo o que adiante no corpo da obra vae riscado. Nada tem contra a fé e leis d'este reino; é um seccantissimo aranzel da cultura do mel e tratamemto das abelhas, trasladado de um livro castelhano e antigo que se chama *Agricultura Hespanhola*, por Alonso de Herrera, de que a Academia de Madrid fez agora uma pomposa edição, com grandes additamentos, em quatro volumes de 4.º O nosso homem

das tres arvores, e por desgraça nossa professor de philosophia e artes na Villa de Guimarães, é tão parvo que affirma que a cidade de Penafiel é sua *coetanea;* é pois tão velho como Penafiel! Imprima d'estas e de outras que taes; mas quando a paginas 33 trata do remedio para a mordedura das abelhas, diz cousas tão porcas, tão torpes e tão obscuras que é preciso omitil-as, e para isto vão riscadas. A paginas 36 e 40 mette-se a anatomico, e faz com effeito a anatomia da abelha mestra, e era justo que o Tratadista das abelhas aqui se não mettesse a tão abelhudo para não tratar tão torpe e claramente das partes genitaes da mestra e do zangão. Tambem vão riscadas estas decentes descripções. Lamba o mel das suas colmêas e não nos instrua tanto sobre a estructura do corpo da mestra.

É sina das abelhas serem maltratadas em Portugal! Aqui appareceu ha annos um frade capucho brasileiro chamado Fr. José Marianno Velloso, grande hervanario, e que se chamava a si mesmo o Linêo Fluminense, com uma *Flora* tambem *fluminense*, com a qual enganou D. Rodrigo de Sousa Coutinho, fazendo-lhe gastar mais de duzentos mil cruzados na Officina typographica, calcographica, typoplastica, litteraria do Arco do Cego; tambem compoz um *Tratado de abelhas*, que imprimiu, obra tão boa como o seu principio, que era e é este—«A abelha, senhores, este animalejo...» — Este animalão me pregou uma ferroada mestra; apanhou-me o manuscripto da traducção em verso de todas as *Obras* de Horacio, imprimindo aqui o primeiro volume; com a impressão e com o manuscripto do segundo abalou para o Rio de Janeiro, lá morreu e lá se perdeu tudo. Fóra com os Tratadistas das abelhas!

Tenha V. Ex.ª compaixão de Rodrigo de Sousa, não permittindo que se imprima a Dedicatoria; basta que deixe o que simplesmente vae no titulo, que é o nome do Mecenas; tenha dó da Maria Antonia; bem lhe bastam seus annos, achaques e rugas; podendo, se assim fôr servido, dar licença para se imprimir o resto do livro. Este é o meu parecer.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1825.

J. A. de M.

Memoria do R.do Francisco Agostinho Gomes, apresentada com requerimento de Francisco Mendes

Ex.mo e R.mo Sr.

Só pelo reconhecimento que apresenta Francisco Mendes, *Procurador da Provincia da Bahia*, merecia Francisco Mendes ser mettido no fundo do Limoeiro, mesmo á Rendufe, já que apresenta um corpo de delicto tão bem feito. A memoria do Sr. R.do Francisco Agostinho Gomes, deputado, como elle diz, ás finadas Côrtes, é o maior e mais descarado insulto que se pode fazer a este reino (ainda lhe faltava este!!) e com a soberba democratica de um brasileiro. Se tivessemos só que notar o estylo mascavado, e o nojento *jargão* revolucionario e constitucional de que por cá em todos os papeis estamos fartos, corresse embora; vinha atrelar-se com seus irmãos e augmentar a somma das parvoices do tempo; mas todo o escripto do R.do Gomes é um ataque á nossa miseria: por pouco nos não chama pobres colonos de uma provincia europêa que aqui possue o vasto e deserto imperio do Brasil! Diz aos seus amelaçados concidadãos que não matem todos os portuguezes porque lhes podem servir para tropa de linha; aconselha os valentes bahianos que se façam todos a eito *guardas civicas*, com suas competentes fardas ricas, para resistirem ao ataque da expedição que de cá possa ir, que limita a outo mil cabeças, que serão logo cortadas com a navalha civica e republicana; alenta seus collegas, farinhas de páo, que resistam a todas as chimericas forças da Santa Alliança, que a America do Norte resistiu dez annos ás forças inglezas; que o imperio do Brasil resistirá á coalisão de todas as potencias de ambos os hemispherios se não deixar apagar o sagrado fogo da independencia contra o despotismo e arbitrariedade lusitana; que o sagrado solo brasileiro não será mais pisado pelos profanos pés dos que bebem no Tejo. Isto não tem mais que censurar; seja V. Ex.a servido mandar que o impresso fique n'essa secretaria e que o requerimento leve em cima este despacho: «Supprimido.»—¡Assim lhe fará V. Ex.a favor, porque vae sem Limoeiro.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1825.

J. A. de M.

Dança que se representou no theatro de S. Carlos uma só noite, na quaresma de 1825, levando uma pateada redonda, a qual tinha por titulo «O Juizo final», &c.[1]

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

O abuso de fazer materia de dramas alguns factos das santas Escripturas, introduzido pelos italianos e auctorisados em Roma com o titulo de *Oratorias* para o tempo da quaresma, tambem entre nós está introduzido, e aqui temos visto, no theatro chamado de S. Carlos, Saul, David, Jonathas, Sansão e Judith cantadas e representadas com decencia, porque a lettra e a musica eram de boas mãos. Por esses jornaes estrangeiros tambem consta que na passada quaresma se representara em Roma um d'estes dramas sacros, e composto por um jesuita chamado Granelli, cujo titulo era *Sedicias, ultimo rei de Judá*. Estas Oratorias estão impressas e entre nós correm; mas o abuso italiano, chegando a isto, não tem chegado ao excesso a que o tem levado os nossos empresarios de theatro, que, não satisfeitos de representar factos em que ha circumstancias para um drama, querem metter, não em scena, mas em dança, o mais horrivel e espantoso artigo da nossa fé.

Não foi pequeno o escandalo que se deu a toda esta capital, e de que eu fui testemunha, mettendo em dança, como agora querem metter, o *Juizo final*, o *Diluvio universal;* mas este é um facto que se pode arremedar, e aquelle um dogma que se deve respeitar. O motivo de piedade allegado é a maior irrisão que se pode fazer dos dogmas catholicos; as suas palavras o dizem melhor: «Os desejos dos supplicantes são fazer recordar n'aquelles dias de penitencia o santó temor que se deve a uma tão terrivel como verdadeira prophecia.» Isto é um verdadeiro insulto á auctoridade ordinaria. Os missionarios dos novissimos do homem são os dançarinos do theatro de S. Carlos! Podem dizer o que quizerem, mas não devem fazer o que pretendem, e para o que nem a auctoridade ecclesiastica nem a civil devem dar licença. Pela analyse do programma poderá V. Ex.ª conhecer melhor esta verdade, e saiba V. Ex.ª desde já que os dois empresarios Hibrat e madame Bruni, aqui chamada a socia, hão de volver e revolver tudo (porque madame socia tem altas protecções) para extorquirem a licença;

---

[1] Impressa no *Museu Litterario* a pag. 27 .

e já que a calamidade dos nossos tempos assim quer, bom seria que V. Ex.ª, ou por um extracto d'esta censura, ou por qualquer outra forma, mandasse officiar com força á Intendencia para não consentir na publicidade theatral de um semelhante velipendio da Religião.

No Programma = *O Juizo final* = temos duas cousas unidas pela malicia e pela ignorancia: a primeira é a derrota do Anti-Christo, inventada pelo mestre da dança a que elle chama Mimico-sacra, como se podessem unir-se caretas, visagens, gestos e gambadas com o que a religião chama sagrado! A segunda é o acto do Juizo. Na primeira vista, ou no primeiro rompimento da dança, temos o espectaculo dos prazeres que alli se indicam, e dançarinas quasi nuas dão principio ao Juizo final. Sae dançando (porque tudo é dança) um sacerdote exhortando os christãos que conservem a fé catholica, e em uma nuvem apparecem Enoch, e Elias com uma cruz na mão, com a qual, dançando, vem enxotar o Anti-Christo, que foge para uma gruta, onde tem o seu idolo; lá o vão espancar os dois prophetas até que em um terremoto cae a gruta e a cidade é abrazada com uma chuva de fogo e ahi morre o Anti-Christo.

Na acção quarta, segundo diz o mestre da dança, se ha de abrir o setimo sello, ouvindo-se quatro trombetas; e cita o mesmo mestre da dança o capitulo 8.º do Apocalypse. Tudo isto são acções precedentes ao acto do Juizo, e fingidas a sabor dos dançarinos, e não vêmos aqui excitado aquelle santo temor que nos promette o professor mimico. Todas estas visagens não excitam mais que risotas, ou applausos e pateadas, conforme o bom ou máo andamento da dança sagrada.

Nós não temos outro quadro que nos represente o Juizo final senão aquelle que no capitulo 24 de S. Matheus nos representa Jesus Christo; e fóra isto nada mais se pode accrescentar ou diminuir. A conservação de Enoch e Elias no Paraiso terreal, a sua vinda antes do Juizo final, as suas prégações e combates com o Anti-Christo, porque são mortos, não passam de simplices opiniões de alguns interpretes e expositores do Apocalypse, e por isto não formam artigo de crença; e se o fosse, que maior indecencia se pode conceber que representar os dois prophetas á pancada ao Anti-Christo, e dada com uma cruz, e isto dançando tanto os que a dão como o que a leva! Isto é o ultimo apuro da insolencia maçonica! Depois de tantos enxovalhos á Religião e insultos aos homens de bem ainda faltava mais esta, e que o terrivel artigo = que ha de vir a julgar os vivos e os mortos = fosse mettido em dança! S. Cypriano não queria que fossem admittidos á communhão, nem na hora da morte, os que tivessem assistido aos espectaculos pa-

gãos, tanto no theatro como em circo; e ha de permittir-se em Lisboa que se dance por histriões indecentemente vestidos ou despidos o *Juizo final!* Se n'isto afrouxa ou cede a auctoridade ecclesiastica, podemos dizer que a crença catholica dá entre nós os ultimos arrancos, e que cessam já, como quer um inglez calculista n'este anno, todos os motivos de credulidade nos ministros do Christianismo.

A acção 5.ª annunciada no Programma.

Temos o Valle de Josaphat, e temos um grupo de nuvens de papellão, e um dançarino grutesco, que deve descer ás gambadas, representando Jesus Christo *cum potestate magna, et magéstate*. N'esta descida de nuvens no theatro, como muitas vezes observei, sempre ha desmancho nas machinas, e sempre que se quebram as cordas, ou se embaraçam as roldanas, sempre ha risadas e gritarias, e entre estas venha abaixo Jesus Christo julgar os vivos e os mortos no theatro de S. Carlos! No Evangelho se nos diz = *Exibunt Angeli, et supurabunt males de medio Justorum* =. O mestre da dança quer mais alguma cousa: quer anjos e quer demonios, para que fazendo dançar o diabo, e como tal vestido, no acto de levar os reprobos tambem dançando, seja a risada universal! Tambem quer de motu proprio e sciencia certa que os primeiros que subam ao ceo sejam Adão e Eva, e que os mais fiquem esperando esta subida antecipada de um dançarino e uma dançarina nús, e só com as tunicas pellicias; isto é outro motivo de irrisão. Promette mais o mestre da dança duas vistas, uma da Gloria e outra do Inferno; e tanto dançam os justos na Gloria, como os condemnados no Inferno, porque a musica tanto toca para uns como para outros.

A differença entre o annunciado no programma e o executado depois é infinita; eu o sei por experiencia propria; quando para fazer a vontade a um dos antigos Governadores do reino aturei e dirigi aquella canalha; e quando se representava objecto sagrado na Quaresma sem dança, como Santa Roza de Lima, Santo Antonio, Santo Hermenigildo, etc. etc. sempre as maldições do povo eram contra a auctoridade ecclesiastica que dava tal licença; e que será quando virem em dança o tremendo artigo do symbolo! Mais ainda que foi na dança do *Diluvio universal* que eu vi, e mais não era um dogma de fé, mas sim um facto historico.

É pois o meu parecer, querendo V. Ex.ª condescender com o espirito do tempo e estado de encolhimento em que se acha a auctoridade da Egreja, e para salvar a religião de opprobrios, que se diga: Damos licença para se representar qualquer facto historico das Santas Escripturas, mas que não entre na classe dos artigos da nossa fé. A

isto hão de vir com réplicas e a Quaresma passa; e como tem muitos programmas de danças, que se têm posto n'aquelle theatro no tempo da Quaresma, de alguma se hão de aproveitar para não perderem seus interesses e a socia Bruni agradar aos Protectores.

V. Ex.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 3 de Fevereiro de 1825.

J. A. de M.

Relação de Livros

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Entre a multidão innumeravel de livros de medicina, cirurgia, diplomatica e politica, vem de espaço a espaço n'este rol seu livrinho em lettra miuda e que mal se pode lêr, que se não devia publicar, se publicamente se não vendessem, pelo pouco cuidado da antiga Censura ou muita Constituição. Taes são as *Satiras de Petronio Arbitro*, em francez; *O Quadro do amor no estado do matrimonio*, com duas estampas indecentes e torpes; os *Animaes que fallam*, satira politico-religiosa do abbade Casti, italiano. Estes livros, em que a moral padece, giram e estão expostos á venda nas lojas dos outros livreiros; não é muito que o estejam na do senhor Rey e companhia, quartel general dos altos maçons, e d'onde atraz de mim vem sempre um borborinho todas as vezes que passo. Tenham pois licença, porque ninguem os compra, nem os philosophos caixeiros da rua Augusta. Mas entre os mais vem um livro annunciado, que se intitula *Evangelhos*, em francez. Parece-me que V. Ex.ª deve declarar no despacho: «Não se exponha este á venda sem nos ser apresentado um exemplar.» Pode não ser uma versão da Vulgata; pode ser uma traducção latina de Balthazar Castiglione, onde tudo se altera; pode ser, em logar de versão, a *Analyse dos Evangelhos*, livro impio e o mais prejudicial da eschola philosophante; e para que o senhor Jorge Rey não diga que por amor de um lhe prohibem todos, appareça só este; em materia tão grave não pode nem deve ser precipitado o exame. Sabendo que eu sou o censor, que tumulto, que reflexões, que altisonantes phrases se não ou-

virão contra mim n'aquella loja de livros e de trolhas, pela excepção de um livro só, e logo os *Evangelhos!* Eu adormeço com essas musicas; elles bem sabem o que têm em mim e o medo que lhes tenho. Eu parando defronte da loja, e olhando para lá, de repente se calam. A época é triste, não se pode dizer muito, e talvez que nem pouco; mas uma traducção dos *Evangelhos* não se deve deixar correr á tôa. V. Ex.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1825.

J. A. de M.

Reflexões sobre o estabelecimento de um Porto franco em Lisboa

Ex.mo e R.mo Sr.

Vi e examinei todo este escripto, que se chama *Reflexões sobre o estabelecimento de um Porto franco em Lisboa*. «Façam quantos quizerem» devia ser o despacho da censura, e por amizade aos especuladores se lhe devia accrescentar: «Estimaremos que tenham muita cousa que lhe metter dentro.» O despacho mais curial que se lhe devia pôr era este: «Com vista ao Doutor Promotor do Ministerio Inglez.» Se isto fizer conta aos nossos tutores elle se estabelecerá; e emquanto ao escripto nada contém que se opponha á lei expressa do reino e moral publica, e aos dogmas da fé, porque tudo são projectos e calculos mercantis de manteigas e bacalhãos, com que lá se avenham. A censura com que já vem licenciado merece um reparo e mais alguma cousa. O escripto é volumoso e deita a mais de outo folhas de impressão; e diz José Telles, Fr. Matheus, ou alguem por elles: «Imprima-se, não excedendo a tres folhas!» Quando vê até pelo numero das paginas que tem vinte folhas manuscriptas e de lettra nada graúda! Que é o mesmo que dizer «Imprima-se um bocadinho!» Que boas cabeças ha entre nós e em que boas mãos está o pandeiro! V. Ex.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1825.

J. A. de M.

Segredo das abelhas

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Visto que o abelhudo riscara o que se lhe apontou, ainda que se afflija a consciencia com a perda que a Viuva impressora Neves vae sentir com a publicação dos taes cortiços, pode V. Ex.^{a} dar-lhe a licença que pede. O Mecenas Alcaforado que o demande em juizo pelas injurias que lhe pode levar pela Dedicatoria; lá se avenha elle e mais a Maria Antonia.

Com effeito, por um motu proprio, sciencia certa e poder absoluto do Ex.^{mo} Barão de Renduffe, vae mettido em dança o *Juizo final* sem a minima alteração no programma! Era melhor não vir bigodear a auctoridade ecclesiastica!

Isto é pouco; José de Sá, ou o Grillo Fr. José da Piedade, pois não nos consta do breve de sua secularisação, e instituidor da *Venda carbonaria* em Santarem, sem corôa aberta, apolvilhado e indecente nos préga o Evangelho em varias egrejas de Lisboa e os parochos tremem de lhe pedir a licença. Isto não é objecto de censura, mas é motivo de dôr e desesperação!

Deus guarde a V. Ex.^{a} muitos annos.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1825.

J. A. de M.

Oração traduzida do italiano.

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Vi, meditei e rezei tambem a pia e devota *Oração* de que se trata, e considerada na parte theologica nada tem que possa impedir a impressão e publicação, e me parece que será muito util a muitas clas-

ses de pessoas em quem ainda se não extinguiram os puros sentimentos da religião, e aonde não tem chegado as conquistas do imperio da Luz dominante e predominante. Para fazermos um mais completo serviço ao devoto editor me parece que terá logar a seguinte advertencia: por fatalidade, ou para em tudo sermos miseraveis, nenhum estrangeiro conhece, falla, escreve e até pronuncia com perfeição e cabal conhecimento a lingua portugueza (e poucos portuguezes fazem isto tambem). Na presente Oração se conhece, porque a traducção é tão servil que vem a ser italiano com palavras portuguezas; eu a converto em portuguez claro e limpo; se assim convier ao pio editor bem, e se não vá como se apresenta, porque não é da repartição da Censura a mais ou menos apurada linguagem.

Lisboa, 26 de Abril de 1825.

J. A. de M.

Os Oculos

Ex.mo e R.mo Sr.

Os *Oculos*, que João Antonio da Costa pretende imprimir, me fizeram tal confusão na vista, que o mesmo miolo me andou á roda com o sarapatel de parvoices taes, que o mesmo seculo d'ellas em que existimos ainda não apresentou outras d'esta magnitude. Elle diz na pagina primeira «que da Lagôa Meótida sahiam tres grandes bestas»; julgo que se enganou; eram quatro; a quarta é elle, o proprio João Antonio. Diz mais «que o *Imperador* Mahometano, com medo das bestas, *abandonou o seu palacio e retirou-se para o paiz de Magog.*» Depois diz «que as duas bestas foram vencidas em segunda batalha e que se retiraram para duas montanhas; mas que ficou cá a besta terceira com estas duas lettras na testa—R. C—.» Isto deixado á interpretação do publico integerrimo, que ajuntarão á inicial R e á inicial C? E quem serão as duas bestas que nos deixaram, e que se não foram em osso, mas bem carregadas?... Não se pode ser censor com estes livros, nem juiz com estes almotacés! Pede a justiça que se reprove tudo isto a eito; mas João Antonio morre de

pena, vendo frustradas tão profundas e tão altas concepções; e se V. Ex.ª quizer ter commiseração com este homem, que tanto nos dá que rir, ou que chorar, poderá mandar conceder o despacho n'esta fórma, segundo o meu parecer:

> «Dando nova fórma á introducção da obra, e emendando tudo o que vae escripto até paginas duas verso, e até ao paragrapho que começa — Magoado pois — volte ao censor.»

Assim se dará remedio a esta solemne inepcia. Se para cá me tivessem enviado o opusculo, que corre impresso, *Os Povos e os Reis*, ter-se-hia evitado a bulha ou balburdia que vae com o aggregado de sophismas firmados no continuado equivoco de tomar o nome pela cousa, e com uma pueril abstracção fazer de um ente physico um ente moral, sem intelligencia e sem acção, para nos dar por fim em resultado evidentissimo que o rei, que juntou, presidiu e deliberou nas Côrtes de Lamego, não era rei, nem o foi senão depois de feito por Lourenço Viegas, seu procurador, e pelos outros Lourenços que lá estavam; e teimando que nós existimos em uma absoluta e invencivel ignorancia sobre a origem dos Governos, sabir-se que o principio, a fonte e a séde da soberania legislativa e origem dos governos esteve, está e estará nos procuradores das nações, e tudo isto afogado em um diluvio de palavras.

Deos nos acuda, e guarde a V. Ex.ª muitos annos.

Lisboa, 3 de Maio de 1825.

J. A. de M.

Tratado ou Methodo de aprender a lingua franceza

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Li com heroica paciencia todo o *Tratado* ou *Methodo* infinito de aprender a lingua franceza, com a qual têm vindo e continuarão a vir, tantas e tão solidas e tão permanentes venturas a este reino. Menos

enjôo causaria a leitura de todos os vinte grandes volumes dos *Annaes dos Franciscanos e Capuchos*, escriptos por Lucas Wandingo, e impressos á custa de el-rei D. João V. Se os rapazes da escola d'este professor tivessem a duplicada pachorra dos discipulos de grammatica dos Padres da Companhia, no fim do septimo anno lectivo ficariam sabendo metade da conjugação dos verbos francezes d'esta arte nova. Eu não encontro alli mais que a confusão de Babel e labyrintho de Creta, que não contém cousa alguma contra a fé, bons costumes e leis d'este reino; é só uma guerra declarada e eterna á humana paciencia. Porém, senhor, ha mais alguma cousa que seja objecto da censura: o nosso crédito, a nossa reputação, o nosso apoquentado nome entre extranhos; tudo isto perdemos na maior parte dos escriptos que apparecem e querem apparecer. Ha no presente uma Dedicatoria ao Crasso e Lucullo dos nossos dias, o Sñr. de Quintella, que não é da mão do auctor da obra grande, mas é o ultimo apuro da demencia humana, e que por certo affligirá mais o dignissimo Mecenas, do que o despojo dos seus milhões para as urgencias do estado; e é tão miseravel o mestre da Grammatica que logo de primeira intrancia na dedicatoria préga um solecismo com o nominativo no plural e o verbo no singular. Para desterro de cuidados deveria V. Ex.ª mandar tirar uma copia da Dedicatoria e conserval-a n'uma moldura rica, no seu gabinete, para vêr onde tem chegado e vão andando os miolos das crias actuaes. O que tem feito de progresso as luzes do seculo e o imperio da civilisação!...

Para satisfazer a altas personagens, protectoras do homem dedicador, julgo que se deverá lançar o despacho d'esta maneira: «Concebida n'outros termos a Dedicatoria, volte ao censor para se proceder á licença da impressão.» Talvez venham pedir-lhe faça a Dedicatoria, e veremos então o que a Graça nos inspira.

Lisboa, 28 de Maio de 1825.

P. S.—O cura de Bobadella de Barroso remette os papeis inclusos para V. Ex.ª vêr.

J. A. de M.

Um livro de versos composto por um official de marinha e o poema intitulado «O Vimeiro»

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Desde o mez de abril até agora existe em meu poder esse medonho livro de duzentas e noventa paginas *in folio*, de lettra miuda e má, e em cima de tudo isto (como se isto fôra pouco) é um livro de versos! Um grande livro sempre foi um grande mal, e um grande livro de versos é um mal ainda maior; paciencia; o livro veiu, a leitura attentissima está feita e eu moido. O auctor é um official de marinha,[1] e de patente grande, para termos grandeza no livro (pelo volume) e grandeza no auctor, como se não nos bastassem ainda tantos titulos! Depois de impresso o auctor verá o que fez, porque se o imprime á sua custa rebaterá o soldo de alguns annos, e o Banco faz isso com consciencia; se o impressor se faz editor ficará sem officina; só n'isto ganhará um terrivel bichinho para os escriptores, a traça, que terá na obra eterno alimento!! Para se satisfazer a grandes empenhos (salva sempre a lei da censura, que se não torce, nem a lei de Deus, que não transige) V. Ex.ª, para se vêr livre d'isto, poderá mandar conceber o despacho n'estes termos: «Omittido, ou emendado tudo que se aponta com um lapis vermelho, volte ao censor.»

Ainda cá fica cousa peor e em versos! Grandes castigos têm vindo sobre este reino! A peste, a fome, a guerra, ja nada são! Deus nos açoita com o flagello da parvoice. Todos os escriptores do tempo podem dizer o que de si disse Atila: «Eu sou o flagello de Deus, eu sou o açoite da terra.» Tudo isto temos no poema remettido ha dias e que se intitula *O Vimeiro*. O seu auctor é um deputado—assistente do commissariado. Que o commissariado roubasse vá; mas que o commissariado fosse ladrão e matador isto só o podia conseguir com o livro de versos, que nos empurra, que será um côrte ou um desbaste espantoso na população do reino. Eu ja estou tomando as dôres e ainda não cheguei ao meio d'esta producção!!! V. Ex.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 12 de Junho de 1825.

J. A. de M.

---

[1] Em cota: *Andréa*, ou *Paulino*. (Nota de Innocencio.)

Relação de Livros

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

O dono da Relação junta é um francez, que depois que o duque de Abrantes deixou de nos *proteger* foi preso para a fortaleza de Cascaes, onde se demorou por quatro annos, e para fazer menos penosa a sua *injusta* detenção deu-se á cultura das lettras, escrevendo em portuguez gravissimos Tratados contra bruxas e lobishomens, com tanta gloria da nossa patria litteratura, que o mesmo que fazia o Santo Officio n'outro tempo ás bruxas e lobishomens deviam fazer ao escriptor, e ás suas impressas lucubrações! A officina Rollandiana se distinguiu muito no tempo do systema que *felizmente* nos regia; alli se imprimiam as proclamações de Rastcliffe, hoje felizmente enforcado, e que elle pela sua mão pegava pelas esquinas de dia, como eu vi com os meus olhos. Este Rolland, pois, é o que introduz mais livros n'este reino; rara é a semana em que não tenha caixa na Alfandega; é o maior commissario que aqui têm os francezes. Vêm livros que se adiantam aos extractos dos jornaes, que eu sempro vejo e consulto para formar idéa dos novos, que eu não vi, porque com os velhos não me enganam os francezes, nem com os de medicina.

N'esta maldita e excommungada repartição não ha mais que traficancias litterarias e especulações de commercio; traduzem separadamente Tratados de livros velhos em latim, que ninguem lê ou entende. Riverio, Falopio, Hoffman, Paracelso, Aquapendente e outros que taes bacamartes, parem estas composições novas com titulos da moda e com termos chimicos, etc. N'isto façam elles o que quizerem e morra o genero humano ás suas mãos; não são elles os que me hão de matar com estocadas de botica. Passe e publique-se tudo quanto n'este arsenal da morte, a Medicina, se fabrica para diminuição ou total extincção da nossa especie; porém não se devem deixar correr outras pestes, egualmente exterminadoras, sem maduro exame e claro conhecimento. N'esta relação, n.º 29, vem este livro destacadamente annunciado *Cathecismo Philosophico da Religião*, e al não disse; sem nome de auctor e sem mais declaração. Nós estamos fartos de Cathecismos e de boa doutrina; o reverendo P.^{e} Portelli e companhia nos enriqueceu com o de Volney e com os da propaganda maçonica. E que Ca-

thecismo será este que Rolland nos quer embutir? Eis aqui o que eu não sei, porque o não vi, nem d'elle tenho noticia, nem o ha na livraria do Gazeteiro, que já dorme na cosinha, porque os livros não lhe dão logar em outra qualquer casa (e tantos livros ainda são poucos para pôr a nossa *Gazeta* no estado de perfeição a que ella chegou!!) e por não desconsolar o gazeteiro, que é amigo do Rolland, parece-me que V. Ex.ª deve mandar lançar o despacho n'estes termos: «Podem-se publicar os livros da presente Relação, apresentando primeiro ao censor o que se declara em o n.º 29, voltando com a sua informação.»

Deus nos dê a graça da paciencia para tudo o que vae, e guarde a V. Ex.ª muitos annos.

Lisboa, 27 de Junho de 1825.

J. A. de M.

Relação de Livros

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Estas relações de livros, que os livreiros dizem que têm na Alfandega, que leva geito de não ter mais do que livros, parece que são o crédo, porque no meio sempre hão de metter um Pilatos. Entre quatro frioleiras de Botanica, de Pharmacia, e da horrivel e espantosa Medicina, com os illustrados cinco Codigos francezes (porque ninguem se contenta agora com um só, e foi pena que as Côrtes não achassem quem lhe fizesse os seus), apparecem *Obras diversas de Hobbes*, em francez. Aqui está o Pilatos. Se isto não fosse mais que o Tratado *De Cive*, onde se estabelece por principio que o estado natural do homem é o estado da guerra, fundando toda a legislação e todo o direito na força, vindo em latim em que primeiro de inglez foi traduzido, podia correr, porque em latim ninguem lhe pega; mas nas diversas obras annunciadas vem o Tratado que se chama *Leviathan*, que é um complexo de impiedades e de erros em metaphysica, e muito mais em moral e

em politica. É a matriz d'onde sahiu em methodo mathematico o livro de Spinosa, que se intitula *Tractatus Theologico-Politicus, sive de Jure Ecclesiasticorum*. A doutrina do primeiro é a mesma do segundo. É verdade que tudo são idéas abstractas, e tão abstractas que se perdem no paiz das chimeras, e não são para a intelligencia d'esta nova camada de leitores, paes da patria e sustentaculos dos estados, que andam de sobrecasacas de vapôr e cabello *á Titus*, e que com verdadeiro ár de Mondego se riem da nossa ingnorancia e miseria; mas a fatuidade d'estes senhores e de outros mais alentados, e até dos que fazem ou compõem diplomas por curiosidade, não faz que os livros de Hobbes não sejam livros máos; e por isto não se devem publicar e vulgarisar; basta que se tenha deixado lêr *O Cidadão* de Mably, e que com elle se vulcanisasse a cabeça de um Castello Branco, de um Annes de Carvalho; e para cumulo de desgraça nossa a pequenina e ôca de um Pretextato e companhia da segunda; não é preciso que se exaltem mais com o *Cidadão* de Hobbes e com o *Leviathan*.

Tenho deixado passar alguns d'este jaez, porque seus nomes ainda não são classicos no desaforo constitucional. Lá foram outro dia as *Viagens*, de Milady Morghan, que é a verdadeira *Fernanda Thomasia* de todas as revoluções da Italia; para ella, desde o Papa até ao mais pingado sacristão, todos são uns ladrões; porque chamar-lhes fanaticos ainda é pouco; não viu em Roma e em toda a Italia estatua ou pintura de S. José que não tivesse a physionomia estupida! Passaram egualmente as obras de Lord Byron, que chama a todos os clerigos e a todos os frades besoiros ou zangões da colmêa social; isto não fazia espanto, nem novidade, porque ainda peores nomes lhes davam entre nós no tempo do saque ecclesiastico, não os inglezes, que são bebedos, mas os padres Marcos, Loureiros, e Rodrigues, que o pareciam e parecem, quando foram metter os Bentos na Cartuxa, e em todo o seu philosophico rol da reducção de conventos e freguezias. Livros inglezes são aqui pouco lidos, e jazem pasto de traça nas lojas dos livreiros, que os introduzem n'este reino; deixar correr as diversas obras de Hobbes, e em francez, não me parece justo; vamos ao menos coherentes com esses principios que ainda se dizem seguidos entre nós; deixemos que o franciscano Braga seja suspenso pela Intendencia do exercicio das suas ordens no bispado da Guarda, onde foi vegetar, mas não se diga que a auctoridade ordinaria do Patriarchado deixa correr as obras de Hobbes; e por isto me parece que o despacho de V. Ex.ª deveria ser lançado d'esta maneira: «Podem publicar-se os livros de que consta a relação, menos os que vem debaixo do n.º 29 — *Obras*

diversas de Hobbes — que nos será apresentado para o mandarmos revêr e examinar primeiro.»

V. Ex.ª mandará comtudo o que fôr servido, mas a connivencia n'este ponto é mais criminosa que a introducção do livro.

Lisboa, 5 de Agosto de 1825.

J. A. de M.

Dois Tratados: 1.º Sobre affectos e costumes oratorios 2.º Directorio da educação religiosa, moral e civica dos Noviços da Congregação de S. Bernardo

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Os dois Tratados que V. Ex.ª me mandou examinar — 1.º *Sobre os affectos e costumes oratorios; 2.º O Directorio da educação religiosa, moral e civica dos Noviços da Congregação de S. Bernardo* — em o nome de seu auctor, o R.^do P.^e M.^e Fr. José Caldeira, trazem a sua mesma approvação, porque em todas as suas producções se descobre e admira uma solida piedade, junta a uma vasta erudição, com que a si se acredita no conceito dos homens de bem e amantes da religião, e levanta um trophéo á honra e ao respeito que merece a sagrada Congregação de S. Bernardo, tão benemerita da Litteratura por seus escriptos, como do throno e da patria por seus serviços.

No *Tratado dos affectos e costumes oratorios* admirei os profundos conhecimentos que seu piedoso auctor possue dos solidos principios d'esta difficil arte, que só de seculos a seculos nos dá alguns exemplares perfeitos e originaes. Nada mais bem concebido e lançado que as judiciosas observações sobre a eloquencia do corpo, isto é, sobre a acção do orador, de que muitas vezes pende o successo de seus discursos. São mui ajustadas as idéas sobre o estado da eloquencia do pulpito em Portugal; a sua decadencia teve principio no reinado do ultimo dos Filippes e continuou até ao meio do seculo decimo outavo, e o auctor data a época de seu resurgimento d'aquelle tempo em que D. Joaquim de Guadalupe passou da Ordem Terceira da Penitencia para a dos Co-

negos Regrantes e começou a prégar em Mafra; aqui tomei a liberdade de emendar o texto, como official velho e prático do mesmo officio, para que o Tratado levasse toda a correcção de que se faz digno. Antes de apparecer D. Joaquim, que nada nos deixou impresso por onde possamos conhecer que fôra o restaurador da eloquencia sagrada, tinha apparecido Fr. Sebastião de Santo Antonio, frade arrabido, grande homem na verdade, mas pequeno, porque morreu de paixão pelo não quererem fazer Provincial dos Arrabidos. Nos dous volumes de *Sermões* impressos e na *Arte de Rhetorica* que escreveu, tudo muito anterior a D. Joaquim, deu a Portugal o primeiro modelo da verdadeira eloquencia sagrada. Um dos censores dos *Sermões*, na primeira edição, foi o Doutor Fr. João Baptista, frade bento, que assistiu ao esquartejamento dos fidalgos na praça de Belem em 1759, e havia muitos annos que o frade arrabido prégava como se deve prégar. Persuado-me que o P.e M.e Fr. José Caldeira não rejeitará esta emenda. Deixemos o Sr. D. Joaquim na posse das suas floridas prelecções de Historia ecclesiastica, de que foi mestre na Universidade, cheias de tão nojentos galicismos que nauseavam os estomagos costumados a portuguez, até que trocou a cadeira pelo confessionario das beatas do Louriçal.

O Directorio da educação religiosa será um dos bons escriptos que augmentarão o credito da Congregação de S. Bernardo; a sua doutrina não se limita só á disciplina e observancia claustral; abrange todas as classes de verdadeiros fieis em a perfeita exposição dos preceitos e mandamentos do Decalogo, assim como dos cinco da Egreja e dos sete peccados capitaes; todos alli podem aprender, a todos pode utilisar muito, e podemos dizer que é um dos grandes serviços feitos á religião. Em qualidade de censor seja-me permittido fazer uma reflexão. Quando expõe os deveres do voto da obediencia, quasi no fim, diz d'esta maneira:

«Os abbades, com a mesma jurisdicção com que approvam confessores para os seus subditos, podem tambem approvar para si qualquer simples sacerdote, secular ou regular, dentro e fóra dos mosteiros.»

Para confessar ha no sacerdote dous poderes: o poder da ordem e o poder da jurisdicção; o da ordem dimana immediatamente da consagração; o da jurisdicção provém da expressa auctoridade do bispo, precedendo o exame e approvação; esta é a praxe commum. Como não sabemos que privilegios e que bullas tenha a Congregação, para evitar reparos ou escandalos bom seria que o mui erudito auctor declarasse em uma nota d'onde provém tão singular privilegio, que julgo se não

estende ás outras corporações regulares; isto não sei eu, porque, devendo os frades destinar-me para o estudo d'estas miudezas, destinaram-me para as inuteis e impertinentes equações algebricas, que me seccaram o miolo, e de nada me serviram.

Todo o Tratado respira muita piedade e mui sincero zelo da regular observancia, e bom será que pela imprensa se faça conhecer a todas as outras corporações, porque n'elle acharão a imagem de um verdadeiro religioso para se fazer meritorio diante de Deus, porque diante dos homens nunca os nossos grandes philosophos deixarão de ralhar dos frades, a cujas portarias vão muitos receber o caldo, e tambem dos clerigos, porque uns e outros, dizem elles, são os unicos e verdadeiros auctores dos desacatos, para restabelecerem a Inquisição, accender as fogueiras do campo de Sant'Anna, multiplicar os martyres da patria e chamar o Marechal; isto lhe ouço eu e ouvem todos, e com obrigação de se calar e não responder. V. Ex.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 3 de Setembro de 1825

J. A. de M.

Ao Vigario geral

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

O livreiro Orcel declara que o primeiro volume de Condillac, que annuncia, vem para um particular que tendo o *Curso de estudos para instrucção do duque de Parma* se lhe desencaminhara o primeiro e quer ter a obra completa; como não é o que expressamente trata das Sensações pode passar, e V. Ex.ª incluil-o na licença geral.

Aproveitando esta occasião passo a expôr a V. Ex.ª materia que não é da censura, mas de muito maior importancia. Hoje, 24 de Setembro, indo prégar ás Mercês, fui testemunha da murmuração publica, e lá a expuz a dous desembargadores da Relação ecclesiastica, Oliveira e o prior da mesma egreja, João Camillo. O frade arrabido Argea, preso por tantos tempos no Limoeiro e de lá desterrado; o P.ᵉ Marcos, ex-encommendado da Pena; o Heliodoro dos nossos tempos, expoliador

dos templos, appareceram em Lisboa, e Sua Em.ª a este só deu licença para dizer missa, e ambos sem licença se mettem a prégar com escandalo e murmuração publica, o frade na egreja do Sacramento terça feira, 28 do corrente, o Marcos na egreja da Magdalena a 29; clama o povo sem razão contra o Senhor Patriarcha, que tal licença não deu, e me parece que por evitar tumultos e escandalos, e acudir-se á reputação e nome de Sua Eminencia, usasse V. Ex.ª de um meio suave e politico, e auctorisado pela constituição do Patriarchado: que mandasse sem perda de tempo ordem por escripto aos dous priores, que pedissem aos dous prégadores a actual licença por escripto, ou a provisão de licença, e assim ninguem pode ser arguido por cumprir com a sua obrigação, e obviando-se o motim e gritos de que eu fui testemunha. O perdão dos crimes politicos d'estes dois apostolos não subentende a licença para prégar que Sua Em.ª não deu, nem devia dar sem escandalo, porque se os priores vindos não tiveram de Sua Em.ª a faculdade do ministerio parochial, como podiam ter licença para o ministerio apostolico, o frade que nas sacristias mostrava uma faca para matar *corcundas*, e o divinisador de Manuel Fernandes em suas exequias, em que declamou contra o poder real. Parece-me muito acertado este aviso.

Deus guarde a V. Ex.ª como deseja e lhe roga o que é de V. Ex.ª

Subdito muito obediente

24 de Setembro de 1825.

J. A. de M.

Factos memoraveis da Historia de Portugal[1]

Ex.^mo e R.^mo Sr.

O livro gordo, e de mais gordas lettras, que se intitula *Factos memoraveis da Historia de Portugal* (como se a Historia os fizesse em logar de os contar!) é uma d'aquellas producções que acabam de

---

[1] Impressa no *Correio interceptado*, publicado em Londres.

pôr de pernas ao ár o presente seculo; se nos que se forem seguindo houver algum menos asno, sem olhar para a data da impressão, pode dizer logo: «Com effeito isto é do seculo XIX, alli pelos tempos da Restauração em Villa Franca, até á independencia do Brasil inclusivè!» O livro, Ex.^{mo} Sr., nada contém contra a fé, contra a moral publica, contra as leis do imperio e outras que se chamavam do Reino; pode e deve imprimir-se, e é justo que V. Ex.^{a} lhe dê licença. Eu digo a V. Ex.^{a} o que é o livro. Ha em francez dous livros: um chama-se *Delicias da Historia de Portugal*, outro chama-se *Revolução de Portugal*, pelo Abbade Vertot, cousa bem conhecida porque é a de 1640. D'estes dous livros são tirados os *Factos memoraveis*, [1] e por quem? Por um livreiro francez chamado Rolland[2] que vae na petição, e leva por testa de ferro o nome de um official de marinha tão mentecapto como o louvado Rolland. Ora já que nem ao menos na *Gazeta* pozeram um pedaço só da biographia do Senhor Patriarcha, eu porei aqui a biographia do Senhor Rolland, francez de nação, jacobino de officio, livreiro em Lisboa, patife superfino, impressor dos *Periodicos* desavergonhados da nossa perfeita *regeneração*.[3] No tempo da Regencia, entre os heroes da Terceira, que os Setembrisadores tanto perseguiram, sendo elles innocentes, foi mettido na fortaleza de Cascaes, onde esteve republicanisando seis annos, elle e outros muitos irmãos d'armas. O ocio do sabio sempre é proveitoso ao genero humano! N'este ocio compoz elle um livro contra feiticeiras, bruxas e lobis-homens, que deve ser o *Veni mecum* das pessoas melancholicas. A frente do Catão, o mais velho, se desenrugaria com esta leitura, e Heraclito se o visse nunca mais choraria, e é bem capaz de consolar um *corcunda* no meio das suas desgraças! Como o livro está impresso, o livro que o diga. Os francezes que aqui estão, quando escrevem portuguez, não sabem portuguez nem francez, e por este lado é que eu considero o livro dos *Factos memoraveis*. É um dentista hamburguez posto em cima de uma banca no Terreiro do Paço, com o boticão na mão, explicando em portuguez os mysterios e beneficios da sua arte, e a virtude dos seus pós detergentes e corroborantes. Então o livro assim ha de passar e imprimir-se? Sim, senhor, para irmos coherentes. Nós não temos já que perder; apenas ha ainda pelas caras de alguns homens de bem um bo-

---

[1] A traducção era de L. A. de A. Macedo.

[2] Deixou de existir esta firma ha poucos annos.

[3] Aqui ha engano, ou prevenção; pois que Rolland pae já não existia no tempo da Regeneração, isto é, em 1820. (Nota de Innocencio.)

cadinho de vergonha, o mais foi-se tudo; que importa que se vá tambem a lingua portugueza embora? Os estrangeiros nem a fallam, nem a entendem, e nunca a pronunciaram bem, porque suas malditas linguas nunca se mexeram bem senão para dizer mal de nós. Os nossos irmãos brasileiros? Esses não nos querem nem vêr, nem ouvir; lá têm a sua linguagem mascavada e é o que lhes basta. Então não importa que se vá, deixal-a ir; onde vae o pião vá o Ferrão:[1] talvez agora algum vá para a sua egreja!! A tal lingua acabou de toda a parte, fugiu da diplomacia; o que se diz Lei vem em trage de pastoral e diz *saude;* não tem — e paz em Jesus Christo — porque isso já se não conhece. Fugiu da Jurisprudencia, porque nos arrasoados do causidico defensor e companhia ainda se entende menos que no *Manifesto* do Annes. Ha muito que fugiu dos pulpitos, onde se não houve mais do que francez com palavras portuguezas, esmagando a nossa velha e pura syntaxe. Da historia não foge porque a não ha. Embrulhou-se na cucula de Fr. Bernardo de Brito, na roupeta e chapeirão moquenco do padre Manuel Bernardes, e enterrou-se porque a enterraram; e veiu agora o senhor Rolland dar-lhe as ultimas enxadadas. E tambem para que é a lingua se não deixam dizer nada? Não fallo em invectivas, fallo em desafogos. Se do Forno do Tijolo sahisse agora a pá a fazer justiça, e fosse até Paris cumprimentar José Victorino Barreto Feio, que V. Ex.ª teve a desgraça de conhecer, e dizer-lhe que é um impostor na sua *traducção de Sallustio*, de que vem rezando todas as relações dos livreiros que aqui me apparecem, porque pegou na velha traducção de Manuel Soeiro (aliás Manuel Fernandes de Villa Real, judeu d'aqui fugitivo para Hollanda) e de castelhano a poz em portuguez, conservando-lhe os idiotismos hespanhoes e estragando a lingua portugueza; até a Deputação permanente[2] saltava cá em mim e me chamaria nomes, que o menos affrontoso seria *corcunda*. Á vista d'isto que remedio ha se não deixar passar e mandar correr o livro classico *Factos memoraveis!* Serve para os medicos, que em logar de emético podem mandar uma folha a cada doente que saiba o que é portuguez, para o baldearem na cova. O medico Abrantes está agora benemerito das Lettras, porque sabbado, 17 do corrente, deu duas pilulas a um livreiro,[3] e acabando a 18 de to-

---

[1] O Forno do Tijolo ficava no caminho para a freguezia dos Anjos, onde Ferrão era prior.

[2] Tinham sido um e outro deputados ás Côrtes de 1821.

[3] Antonio Joaquim, official e socio de Francisco Xavier de Carvalho, livreiro defronte da rua de S. Francisco. (Notas de um contemporaneo.)

mar a segunda acabou para sempre de vender livros e lá está enterrado. Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos, e o livre de taes medicos e taes livros.

Forno do Tijolo, 21 de Dezembro de 1825.

J. A. de M.

Somnambulo[1]

Ill.^mo e R.^mo Sr.

Se o livro dos *Factos memoraveis* pode correr, o livro que se diz *Somnambulo* não pode, nem deve andar. Não contém cousa alguma contra a fé, nem contra as antigas leis d'este reino até 24 de Agosto de 1820. Eu li e tornei a lêr, e a meditar o livro, e se apparece impresso do segundo sonho por deante morre muita gente, morro eu, morre V. Ex.ª, morre o editor, morre o impressor, morrerá o vendedor, e só não morrerá o auctor porque é anonymo. Então quem hade matar tanta gente? Quem! os pedreiros-livres, porque o mesmo auctor diz que elles têm agora a faca e o queijo na mão, e com a faca que talhadas não fariam do triste Padre do Forno por ter approvado o livro. A paginas 139 diz elle, que el-rei deve ser o verdadeiro Intendente geral da policia com seus ajudantes! Inda mais esta! Pois não basta ser Imperador?... Vamos ao livro, que se divide em duas porções ou duas batidas: a primeira contra os touros, que elle não quer que se corram; a segunda contra os Pedreiros-livres, que elle quer que se matem; de maneira que o que elle não quer que se faça aos touros quer elle fazer aos Pedreiros-livres, e os Pedreiros-livres vinham-lhe fazer a elle o que elle não quer que se faça aos touros. A associação d'estas duas idéas é a cousa mais espantosa que o seculo 19 nos tem apresentado! O homem diz que é *Somnambulo*, e sem intelligencia do termo diz, que sonha sempre deitado na sua cama; mas isto é nada.

No segundo sonho ha um dialogo entre um medico e um boticario, que continúa entre o *Somnambulo* e o medico, que bem declara as

---

[1] Impressa no *Correio interceptado*, publicado em Londres em 1825.

boas intenções dos Pedreiros-livres, e é bem escripto, mas é o introito para a maior montaria que se fez ainda á bicharia pedreiral. N'isto e no que se segue eu descubro uma lastimosa falta de prudencia e de conhecimento do estado actual das cousas na parte governativa. A quem isto agrada não lhe pode ser bom, e o partido que elle ataca pode dar cabo d'elle. A paginas 88 apparece o senhor Moura, a quem elle chama o *Mouro gago;* isto só se poderia imprimir desde 27 de Maio de 1823 até 15 de Julho do mesmo anno. O homem diz que sonhando fôra pela rua do Ouro abaixo, entrara n'uma travessa, depois n'um becco sem sahida, e depois entre uma chusma de Pedreiros entrara no *Grande Oriente*, que assistira a uma sessão maxima, em que faz dizer ao veneravel cousas diabolicas; e o homem sonhador falla ao principio no nosso Padre Macedo; olhem que esmola eu aqui acharia depois! Os irmãos de José, quando viram vir este ao longe, disseram: *Ecce somniator venit.* Lá vem o sonhador; pegaram n'elle e baldearam com elle ao fundo de uma cisterna, e depois o venderam como escravo: vejam se os irmãos Pedreiros dão com este sonhador! A primeira cousa que lhe fazem é deital-o de môlho na cisterna do Limoeiro, e depois, se o não vendessem como escravo o mandariam para a terra dos escravos e negros das Pedras Negras. E se com o José sonhador fosse de envolta o José approvador?... N'estes termos eu não desejaria desconsolar o *Somnambulo* reprovando o escripto, e julgo conveniente fazer aqui de Padre da Companhia, que quando apertados sabiam salvar a pelle; e dizer-lhe no alto da petição: *Declarando-se o nome do auctor, e sendo mais correcto o escripto de que a petição trata, volte ao censor.* Nem o homem se declara, nem o sarapatel se emenda, nem os Pedreiros livres, para se vingarem, vão varrer as boticas de venenos e as lojas dos cutileiros de punhaes. Isto me parece, mas V. Ex.ª, dignando-se lançar os olhos em algum momento vago de alastrar um sobrado de requerimentos, como eu vi na viagem, mandará o que fôr servido.

Aqui tenho uma Relação do livreiro Orcel com 144 obras; necessito de tempo para tomar conhecimento de tanto livro, e alguns incognitos, que não vêm nos mais modernos Diccionarios bibliographicos, nem nos annaes typographicos, nem nos Jornaes litterarios; verei se por casa do *Gazeteiro*, vastissimo deposito de livros, jornaes e papelladas, encontro alguma cousa para fazer juizo, especialmente de um tal Diccionario de reliquias, de que desconfio é preciso que appareça, como já disse ao livreiro..Toma-me o tempo para este exame o Nuncio apostolico, mandando-me aqui uns quesitos vindos de Roma, em que me pedem saiba como se chamava a mãe de cada um dos Patriarchas, e

de que doença morreram e onde estão enterrados. Como se mataram alguns Patriarchas poderia eu dizer sem errar muito, e como foram enterrados á capucha tambem eu poderia dizer! Ora como se chamaria a mãe de Paulo de Carvalho, que tambem vem na lista como cardeal? E a mãe do Patriarcha eleito. Era preciso saber o nome da mulher do sapateiro de quem o conde de Resende velho houve aquelle espurio que defendeu o Porto da invasão franceza, mandando como general dar fogo ás baterias de Aguardente, desde a villa da Figueira, onde estava sentado em cima da caixa militar!

Forno do Tijolo, 21 de Dezembro de 1825.

J. A. de M.

Vida e Obras da Madre serafica Santa Thereza de Jesus.

Ex.^mo^ e R.^mo^ Sr.

Por certo alguma tinha eu feito o anno passado ou outro anno para recahir em cima de mim, logo nos primeiros dias d'este de 1826, uma solta e sonora tempestade de castigos: um furioso ataque de gotta, que me prendeu na cama dezenove dias e que ainda dura até hoje 2 de Fevereiro; uma insanavel hematuria, ourina de sangue, que me obrigou a capitular (apparentemente) porque só eu e Deus sabe o que eu cá tenho e terei no coração com os medicos e com executores da sua alta justiça, os boticarios, tão generosos que me não têm levado dinheiro pelos remedios, e eu tambem tão generoso que nenhum tenho tomado, me pareciam penas bastantes para expiação dos meus crimes e peccados. V. Ex.ª, para me pôr no caminho da emenda e da perfeição, em logar de dez dias de exercicios de Santo Ignacio, me condemnou á licença espiritual de um livro de mais de mil paginas, e sem que eu pudesse omittir uma lettra só, que vem a ser *Vida e Obras da Serafica Madre Thereza de Jesus,* traduzidas do castelhano em portuguez. Este manuscripto (assim escreve o Padre procurador geral dos taes Padres Carmelitas Descalços, e creio que os calçados não escreverão melhor) publicando-se no seculo 19 não deixa de ter suas utilidades, mas abrangeu só duas classes da republica, que vem a ser:

Vendedores de papel e impressores; mas entremos em materia. A Santa está canonisada, sobre isto não temos duvida pois o declara a Egreja, e a sua canonisação corresponde em tudo ao que prescreve e declara Benedicto 14 na sua grande obra *De Canonisatione Sanctorum*, mas uma cousa é a sua canonisação, outra cousa são os seus escriptos asceticos. O Padre Balthazar Alvares, o Padre Francisco de Ribera, castelhanos ambos e ambos Jesuitas, seus confessores, lhe mandaram da parte de Deus, de quem se fizeram commissarios (ainda então se não dizia *Diplomatas, Plenos poderes, Altas partes contractantes*, &c. &c.), que escrevesse tudo quanto tinha feito, imaginado, visto em extasis, sem deixar o mais ligeiro sonho, qualificando tudo com o titulo de *Revelações*. Seja tudo isto assim, digam elles o que quizerem. Eu entrei uma vez, a 15 de Outubro, em uma Egreja dos Descalços, e aturei o sermão até ao fim do exordio, que rematou assim: *N'este discurso dividirei a santa em tres partes: na primeira tratarei de D. Thereza, na segunda da Madre Thereza, e na terceira de Santa Thereza;* então fugi eu e deixei que o frade fizesse lá os quinhões á sua vontade. Eu vim achar tudo isto no presente livro de mais de mil paginas!...

Para dizer (como costumo) a V. Ex.ª a verdade, eu tenho poucos conhecimentos da sublime Theologia mystica; não me são muito familiares as obras de Maria da Agreda, de Maria de la Antigua e de outras Marias; li uma vez, e não quiz mais, a vida de Maria da Purificação, escripta pelo seu confessor, Fr. Caetano do Vencimento, tambem carmelita da ordem d'aquelle amigo das Indulgencias; larguei tudo quando cheguei áquella scena divina em que o Menino Jesus vinha todas as noites jogar as cartas com a serva de Deus, e o caso é que o crédulo Padre Bernardes, apesar do seu bom portuguez, transcreve nas *Florestas* esta relação escripta pela mão da serva de Senhor. Santa Thereza aqui n'este livro tambem diz que ella ouvira uma missa de tres padres; o celebrante era S. Pedro de Alcantara, o diacono S. Francisco e o sub-diacono Santo Antonio; para esta solemnidade requeria-se o thesoureiro com o thuribulo e dois sacristães com os castiçaes; porém como não ha santos sacristães, nem santos thesoureiros, por isso a Santa Madre o não disse, e foi com effeito a festa assim á capucha. Por isto declaro que pouco entendo da sublime Theologia mystica, ainda que m'a explicassem as beatas do Bispo de Bragança e as confessadas nobres do padre Theodoro de Almeida. Sou rude e cabeçudo, e não está mais na minha mão. Lerei os *Desenganos mysticos* de Arbiol, ou consultarei, se tiver vagar, um oraculo vivo, o arcebispo de Cangranor, que o seria muito bem da Palestina, porque tudo era terra santa.

Até aqui, Ex.^{mo} Sr., nada julgo opposto á publicação do livro, mas lá pelo meio, pois está paginado, quando se trata da Via unitiva do quarto gráo da oração, em que a alma se desprende e deixa o corpo na terra, e ainda que este sinta não sente, ainda que veja não vê, ainda que ouça não ouve, porque (julgo eu) a alma dispensa o *sensorium*, e o corpo pode experimentar o que quizer, sem que a alma tenha n'isso parte alguma activa, e o corpo fica puramente passivo, a que na mystica se chama o estado da *quietação*. Como censor devo dizer o que me parece, estando prompto a dar as minhas razões. Eu descubro aqui certos visos de Molinismo, ou Quietismo. Eu não sou Fenelon, que envolvido n'estes labyrintos se viu obrigado pela Sé Apostolica a retratar-se e a desdizer-se publicamente, não só no livro, contra o que escrevera, *Maximas dos Santos*, mas nos pulpitos de Paris. É verdade, dirão alguns, que aos caixeiros da rua Augusta, aos capellistas, aos bacalhoeiros e mais sabios da Nação, que tinham logar de assignatura nas galerias, não importam estas subtilezas, menos importam (com graves excepções) ás phalanges do Mondego, que nem como se chama o santo do seu nome elles sabem. Para os financeiros do Banco, de figura empenada e diplomatica, e chapéo debaixo do braço, com a barriga no balcão e o olho no bilhete, a Cartilha do Mestre Ignacio é um livro *inter rariores rarissimus*; nada querem lêr porque tudo sabem, e que para estes é indifferente a publicação do livro, e que a Nação é só composta d'estes homens, porque os frades e os clerigos são fracções despresiveis. Seja assim, mas eu não obro contra a minha consciencia n'este triste officio de censor, ainda que em toda a Nação não houvesse mais que um só homem que lêsse o livro; e assim para não contristar a Reforma Descalça, nem offender o amor proprio dos pés de lã, parece-me que V. Ex.ª lhe deveria despachar assim: *Juntando o original hespanhol de que se serviu para a traducção volte ao censor*. A primeira edição d'estas obras da Santa Madre é a de 1588, em Salamanca; já existia a Inquisição, e desejo vêr o que os censores d'este tribunal e os das outras estações disseram, e verêmos se o que se consentia no seculo 17 se pode consentir no seculo 19.

Quasi no fim do livro, e já em notas, se diz que a conversão de Santo Agostinho em Milão se devera aos sermões de Santo Antão no Egypto, ainda que o Santo Antão tivesse prégado poucos! É porque o Santo Antão não comia e bebia das prégações. Aqui podia dizer o auctor: *Ahi está o censor que me não deixará mentir*. Deixo, deixo; minta o senhor padre quanto quizer, uma vez que não infrinja as leis da censura. Mas tanta ignorancia! A conversão de Santo Agostinho foi obra

da Graça, e da Graça efficaz, mas os instrumentos não foram os sermões de Santo Antão, que o santo não ouviu nem lêu. Em primeiro logar foi a renuncia do Maniquismo, depois a do Platonismo alexandrino, abraçando unicamente o Eclectismo puro. *Nullius adicti jurare in verba Magistri*, como diz nos livros contra-Academicos; depois as exhortações e catechesis vigorosas de Santo Ambrozio, que elle escutava com prazer, porque eram de uma extremada eloquencia, de que o Santo era professor. É verdade que se commovia com as relações que escutava das virtudes dos Solitarios da Thebaida, que não eram só Santo Antão exclamando para um amigo: *Surgunt indocti, et rapiunt cœlum, et nos cum doctrinis nostris in cœno volutamur;* levantam-se os ignorantes e levam o céo, e nós com as nossas sciencias e doutrinas vivemos atascados em lama. Ora o Santo Doutor fallava do céo lá de cima, e porque não poderemos nós applicar este texto em sentido acommodaticio ao céo e céos cá debaixo? Eu chamo céos cá debaixo a muita cousa: a bons bocados, a grandes empregos, a eminentes logares, a altas dignidades e bastante dinheiro; a palacios, não só commodos, mas pomposos; a andar não em seges de aluguer, mas em dourados carrões, onde muitas bestas puxam muitas bestas, a quintas de regalo, a bastões, a plumas, a commendas; emfim chamo céos cá debaixo a muitas cousas que nós vêmos, e umas nos fazem rir outras chorar. E que se segue d'aqui? O texto do Santo Agostinho *Surgunt indocti*. Levanta-se um tropel de mentecaptos e levam estes céos ás mãos lavadas. Se elles os levassem só! Mas é preciso dar a rigorosa significação á palavra do Santo—*Rapiunt*. É uma alluvião de ladrões que roubam estes céos. Mas, emfim, furtar é uma arte; tem elementos, principios, axiomas, theoremas, corollarios. Roubem estes céos os que os sabem roubar e pôr em pratica a sublime e a universal theoria rapinante, porém papalvos em cadeiras, em quadraturas, em tribunaes, em juntas, em commissões do soberano e augusto congresso... *Et nos cum doctrinis nostris*... E nós com as nossas sciencias e doutrinas, nós com as nossas lettras e estudos, espesinhados na lama da pobreza, do desamparo e do esquecimento!! Ora Santo Agostinho tinha razão de se queixar e exclamar: *Et nos cum doctrinis nostris*. E não tinha razão o Padre da vida da Santa em dizer que Santo Agostinho se convertera com os sermões de Santo Antão, abbade, porque nem ainda tinha apparecido a vida d'este anachoreta, escripta depois por S. Jeronymo.

Nada apparece escripto (esta proposição tem duas ou tres excepções) que não venha cheio de erros, de ignorancias, de parvoices, de absurdos, até d'onde se não esperam, e caminhando a cousa por este

andar, d'aqui ámanhã ficamos todos parvos, e bom será, porque segundo a regra do Santo Doutor da Egreja poderemos contar com os céos de que acabo de fazer menção honrosa; e ainda que elle o não dissera no 4.º seculo, nós bem o vêmos em o 19.º

Deus Guarde a V. Ex.ª muitos annos.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1826.[1]

J. A. de M.

Dissertações de Fr. José de S. Paulo

Ex.^mo e R.^mo Sr.

As Dissertações de Fr. José de S. Paulo, missionario franciscano agora, e algum dia parocho collado, são duas cousas que não têm parentesco, nem alliança alguma entre si. A primeira tem por objecto mostrar aos Jurisconsultos (e como elle diz que escreve para os rudes, obtusos, parvos e ignorantes fazer vêr aos rabulas chicaneiros e procuradores de causas, ou de si) que toda e qualquer auctoridade vem de Deus, a quem elle em todo o escripto dá unicamente o titulo de *Inventor*. Nem Creador, nem Legislador, nem Redemptor, nada d'isto: é só *Inventor*. Esta questão da origem do poder moral é decidida sempre conforme as circumstancias: se ha Côrtes vem da Nação, se não ha Côrtes vem de Deus, e eu conheço individuos que disseram ambas as cousas talvez no mesmo dia, só com a pequena distancia de cinco leguas entre logar e logar! Quem disse em Lisboa pela manhã que vinha da Nação, foi dizer de tarde a Villa Franca que vinha de Deus. O P.ᵉ missionario prova que vem de Deus com o exemplo particular do povo judaico, que principiando em Theocracia foi passando pelas fórmas de governo até chegar ao monarchico; mas nunca se provou que este exemplo, unico em uma Nação differente de todas, e particularmente escolhida por Deus, devia ter força em todas as outras. O pri-

---

[1] Sahiu impressa na *Minerva*, jornal de illustração amena e proveitosa, pag. 14; 1836.

meiro que se fez rei foi Nenrod, e o P.^e quer que fosse feito por Deus, e a razão que traz é concludente. Diz que Nenrod era um forte caçador — *Venator robustus coram Domino* — e Deus o fez rei para ser caçador de vassallos, assim como os Apostolos, que sendo pescadores de peixes, Deus os fez pescadores de homens sem lhes tirar o officio; só lhes mudou o emprego. Nenrod caçava perdizes, coelhos, lebres e gallinhas, pois cace vassallos. Os Apostolos apanhavam sardinhas, enguias e robalos, pois apanhem homens; logo o poder real vem de Deus, diz o missionario; eu tambem o digo, e este argumento é concludente e tapa a bocca aos senhores jurisconsultos, como elle diz. Sua Magestade quer que se imprima o livro; já esteve na Secretaria dos Negocios do Reino, de lá se deu ao padre para o imprimir, sendo revisto. José Telles eximiu-se, dizendo que lhe não competia porque tinha mais de trez folhas; eu que o li todo com muita attenção duas vezes, apesar de estar doentissimo, heide approval-o e dizer a V. Ex.ª que se não pode dar licença; pois seja assim, porque o padre vem aqui duas vezes cada dia, e Sua Magestade quer o livro impresso, e mandou o padre para os Capuchos para cuidar de mais perto n'esta obra importantissima, e que vae convencer todos os jurisconsultos.

Provada assim a origem divina de todos os Poderes, salta o Padre a provar duas verdades capitaes, ou cardeaes, uma em Metaphysica, outra em Theologia dogmatica: a primeira é as espiritualidades da alma, e a segunda é o mysterio da Trindade; prova a primeira pela nossa superioridade aos brutos na faculdade intellectual, dizendo que nenhum bruto toca flauta, gaita, rebeca, ou viola (quantos musicos eu conheço que são todos, todos são brutos); com esta prova está levada até á evidencia a espiritualidade da alma e destruido o Materialismo. A prova da Trindade na unidade, como diz o Symbolo de Santo Athanazio, acha o Padre no individuo corporeo: 1.º na conformação intrinseca; 2.º na sua existencia; 3.º na sua união. São tres cousas de que se compõe cada individuo, e o individuo é um, logo aqui temos Deus trino e uno. Está provado; mas como elle quer levar a cousa até á ultima evidencia, vae buscar outra prova nas tres dimensões do corpo: *in longum, latum et profundum,* sendo o corpo um; aqui temos tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro, como nos ensina a *Cartilha*. Assim fica tudo provado, tudo quieto, confundidos e mudos todos os Socinianos modernos, a verdade do Christianismo demonstrada, e as lojas dos livreiros com mais um livro que nunca venderão, e cada vez com maior firmeza estabelecido o grande conceito que da nossa vasta Litteratura fazem os estrangeiros.

O missionario não é objecto da censura, mas não sei que vejo na cabeça do Padre que me não posso ainda calar, e é tal a cousa que vejo na dita cabeça que me não resolvo a dizer que o Livro assim mesmo como vem não é de semelhante cabeça. Ella blasphema de seus irmãos de Brancanes, queixa-se que um d'elles lhe dera ha pouco um grande pontapé, que por certo merecia, porque os tres padres querem fazer crer ao mundo que são uns santos; queixa-se que lhe dão agua suja e cheia de fumo, e que elles bebem do melhor vinho e de Setubal; que o Mestre dos noviços, rapaz novo e fogoso, lhe dera com um livro do côro tamanha pancada na mão esquerda que o deixou aleijado; emfim que não torna lá e que quer ser Frade de S. Domingos, porque El-Rei lhe disse que visto ter levado tanta pancada que mudasse de religião. Eu não posso ajustar estes despropositos com o Livro; basta a advertencia que elle faz no rosto do mesmo Livro, onde tratando do genero o faz commum de dois, dizendo: *Este não deve ser entregue senão ao seu auctor, conhecido pela lettra, visto que se anda no alcance d'esta para a supprimirem.* Se elle disse que o *esta* é relativo de lettra, a lettra não se supprime, mas o livro. Um missionario que se sepulta em Brancanes para se esconder do mundo não deve fazer lembrar ao mundo que elle fôra parocho collado, e fazendo-lhe eu esta reflexão respondeu-me que era porque os da sua terra soubessem que era elle, porque só os da sua terra hão de lêr o livro.

Uns querem dar a El-Rei officios que elle não pode exercitar e servir, como é o de Intendente; outros lhe querem dar nome que elle não tem, tal é o Missionario auctor: Offerecida a Sua Magestade o Senhor D. João Augusto, Imperador e Rei. Este padre da Ordem dos missionarios franciscanos nem sabe dar aos outros, nem pedir para si, porque tal é o desconchavo da petição junta que parece que só ella foi feita por elle e não o livro. Como, porém, não ha no livro cousa que se possa dizer expressamente contraria aos dogmas da Fé e pureza dos costumes, e ás leis d'este Reino, V. Ex.ª lhe pode dar a licença que pede, para o não desconsolar.

Lisboa, 10 de Março de 1826.

José Agostinho de Macedo.

Pensamentos avulsos sobre Idéas liberaes
(Periodico)

Ill.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Entre a espantosa alluvião e horrivel tempestade de escriptos que tem alagado e opprimido Portugal em menos de trinta dias, escriptos que nos fazem crêr que de par em par se escancararam as portas da casa dos orates, que estes sahiram e se converteram em publicistas, politicos e reformadores do genero humano, reforma que se consegue segundo elles procedem, com descomposturas, vilipendios e personalidades, quiz a providencia dar alguma consolação aos bons com este escripto sizudo, publico e religioso; tal julgo a presente composição, e como pela sua materia e fórma, segundo o escripto e a lettra do ultimo decreto que regula a prévia e muito necessaria censura dos livros na crise actual, está sujeita á auctoridade ordinaria, pode V. S.ª, sendo servido, dar a licença que pede para sua impressão e publicação. Eu sou parco em louvores porque as duas grandes molas que agitam tudo, a lisonja e o interesse, não podem mover a pesada massa do meu curto entendimento e por isso será acreditavel o meu parecer. Este escripto é verdadeiramente illustrador e conciliador; estas idéas politicas se ajustam muito ás nossas primitivas Instituições; são conformes ao actual systema governativo; conciliam partidos porque definem as cousas de cuja intelligencia pende a unanimidade de sentimentos. O seu auctor nasceu na terra em que eu nasci, mas ainda que nos embalassem no mesmo berço, se elle dissesse mal eu nunca poderia affirmar que dizia bem. Este é o meu parecer, mas elle não limita nem a livre vontade e consumada intelligencia de V. S.ª, que mandará o que mais convir.

Lisboa, 25 de Agosto de 1826.

José A. de Macedo.

Historia da Reforma protestante em Inglaterra, &c.

Ill.^{mo} e R.^{mo} Sr.

O livro de que esta petição trata, e que se intitula *Historia da Reforma Protestante em Inglaterra e Irlanda,* depois de o haver lido e examinado com toda a attenção e escrupulo que exige uma semelhante materia, vejo que é uma directa e vigorosa apologia da Religião catholica romana, e as provas como são dadas por um protestante não são equivocas, nem suspeitas. Mostra o auctor com evidencia que a Reforma protestante fôra origem e fonte de innumeraveis calamidades para aquelle reino; pinta com energia os horrores da perseguição de Henrique 8.º, e sendo muito o que diz, ainda não diz tanto como nos dizem. Vejo-as na *Historia do Scisma da Inglaterra*, o Padre d'Orleans na *Historia das revoluções de Inglaterra,* o Padre Maimbourg na *Historia do Calvinismo,* e Rapim de Toyras na *Historia geral* da mesma Inglaterra, e se forem precisos testemunhos da mesma nação veja-se o indifferentista Hume, que o não poude dissimular. Com a apologia da Religião catholica tambem se descobre no mesmo escripto a apologia das ordens monasticas, mostrando as vantagens que resultaram d'estes estabelecimentos á mesma Inglaterra antes de se supprimirem. Isto não é conforme as idéas do seculo, mas como a verdade é uma só não tem seculo e é de todos; diga-se esta verdade no seculo das luzes e das reformas, e o censor que a approva no Livro a sustentará sempre. É pois muito digno de se imprimir o Livro; este é o meu parecer, e V. S.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1827.

J. A. de Macedo.

[1] Impressa com esta Obra em 1827.

Convite e resposta sobre a censura do Periodico dos Pobres[1]

Convite

Manda a Serenissima Senhora Infanta Regente do Reino, em Nome d'El-Rei, que a Comissão da censura informe se V. S.ª quer encarregar-se de censurar o *Periodico* denominado *dos Pobres*, como requer o seu redactor Antonio José Candido da Cruz, para o que nos manda ouvir a sua resposta, que esperamos. Deus Guarde a V. S.ª

Lisboa, 9 de Abril de 1827.

(Assignados) *Manoel José Pires, Fr. Henrique de Jesus Maria, Fr. José de S. Francisco de Assis.*

Resposta

Ill.mos Srs.

Eu ja disse aos *Pobres* que querem illustrar os outros *Pobres*, que eu, elles e os outros que o são necessitam de esmolas e não de luzes. É verdade que estes pobres redactores, ricos de zelo pelos progressos da civilisação e extirpação do servilismo e absolutismo, arreigamento das liberdades patrias e garantias individuaes, são como os nossos amigos antigos alliados e protectores, os filhos da Grã-Bretanha, que para não paralysarem a sua industria, nem deixarem encher de ferrugem as machinas das suas fabricas, das chitas de lindas, mas ephemeras pinturas a tostão e seis vintens... por dez réis, com profundos e sublimes discursos... em uma manhã só fazem de cada bacalhoeiro, de cada capellista, de cada fanqueiro um Pitt e um Barão de Turgot em politica, e de cada bravo do corpo do commercio e atiradores um Epaminondas, e não ha empunhador de covado e vara na classe de lã e seda que com o *Periodico dos Pobres* na mão se não estime e assoalhe em legislação mais que um Licurgo e Numa Pompilio, e eu me persuado que a estas horas os Codigos estão feitos em cada loja de breu, cabos e roldanas pelo largo de S. Paulo. Á vista de tão conhecidas vantagens

---

[1] Impressa no *Museu Litterario*, pag. 58.

eu seria um inimigo da Regeneração e do Legitimismo se me esquivasse ao trabalho da censura do *Periodico dos Pobres*, e de caminho eu tambem aprenderia, porque em materias politicas e em tarefas de publicistas sou uma miseria. Comtudo assim mesmo miseravel sou algum tanto amigo da verdade, e o *Periodico dos Pobres* merece que se lhe diga que mente mais do que dá pelo amor de Deos, que é quasi o mesmo que vender-se a dez réis, e ainda que a mentira seja a alma dos *Periodicos*, este mente em corpo e alma. Não ha seis dias que nos deu o nosso general em chefe das operações, o Ex.^mo^ Sr. Conde de Villa Flôr, fazendo passar as divisões das tres armas do seu commando da provincia de Traz-os-Montes para a parte mais septemtrional da alta Beira, lançando pontes sobre o Douro e estabelecendo a linha de contacto com as brigadas e pelotões do general Azevedo, que nos desfiladeiros do alto Côa observa os movimentos do exercito grande dos inimigos, accrescentando que o mesmo Ex.^mo^ Sr. general e digno par, depois da passagem da vanguarda e corpos ligeiros de observação, venha pelo Douro abaixo, a passar alguns dias na cidade do Porto e abraçar o seu irmão d'armas, o Ex.^mo^ Sr. general Stubbs, e que para isso já tinha partido de voga arrancada e a grande distancia o escaler da Ill.^ma^ Companhia do Vinho; e tudo isto n'estes termos, quando o mesmo Ex.^mo^ Sr. general em chefe das operações já estava aqui em Lisboa entre nós, no seio da sua familia, descançando encostado sobre os seus mesmos louros, que nunca hão de murchar. Ora se estas descaradas mentiras se devem tolerar, se este enredo em que estes foliculario trazem o povo se deve soffrer, então eu serei o censor do *Periodico dos Pobres*. É verdade que eu devia acquiescer ao sentimento emittido na camara baixa, dos srs. deputados, pelo sr. deputado o sr. Borges Carneiro: «que o *Periodico dos Pobres* cumpria com o preceito do derramamento das luzes, propalando altas verdades e instruindo a nação toda, que por certo se compõe de pobres.» Todavia eu não estou pelo oraculo de tamanha e tão grande cabeça, porque apesar das intimas, geraes e vastas communicações que têm os seus redactores em todos os gabinetes europeus, mente sempre, baralha as idéas populares e se se vende a dez réis é dez réis de mel coado, e eu não quero nem estou para ser cumplice de parvoices.

Uma commissão inteira pode mais que um homem só. Estou gravemente enfermo, occupado sempre no exame e censura das continuas Relações de livros estrangeiros, que se introduzem n'este reino sem interrupção, cousa de tanto momento e de tão attendiveis e perigosas consequencias. Não é este um pequeno serviço e sem outra re-

compensa mais que o testemunho interior da minha consciencia, que me diz que sirvo a minha patria com honra, com zelo e com desinteresse. É o que posso dizer e informar a V.ª R.^ma^

Lisboa, 12 de Abril de 1827.

J. A. de Macedo.

Relações de Livros francezes pertencentes a J. Francisco Rolland

Ex.^mo^ e R.^mo^ Sr.

João Francisco Rolland, o maximo especulador e importador de fazendas litterarias n'estes reinos e suas limitadas conquistas e ilhas, por milagre ainda adjacentes, apresenta duas Relações de Livros a que podemos chamar uma no cravo e outra na ferradura. Juntou este homem em suas altas e transparentes especulações dois objectos infinitamente distantes, infinitamente oppostos e jurados inimigos um do outro. (Custa a crer!) O Seminario de Santarem e as Côrtes de Lisboa, a iniciação de quatro clerigos para curas e o Areopago dos Licurgos Reformadores e Legisladores do Mundo. Que Rolland este! O compasso de Newton e Archimedes não tocam estes dois pontos: Gazzaniga, *Theologia Moral,* e Jeremias Benthan, *Tactica das Assembléas Legislativas.* Sacras para os altares, o Gradual romano e a grande obra *O Poder temporal dos Papas*, em que lhes deixam só as chaves do céo, que para o auctor do livro é domicilio mais inviolavel do que fica sendo pela Carta o domicilio do cidadão, porque o auctor de certo não entra no céo, e se V. Ex.ª aqui mandar o meirinho dos clerigos, como não appareceu a lei regulamentar, ou eu o deixo entrar, ou elle arromba a porta. Cá da atmosphera para baixo tudo o que é chave se tira ao Papa, e se lhe dão com a da gaveta, em que tenha alguns quatrini para as despezas diarias, sem falta lh'a tiram primeiro que as outras. As duas espadas *(Ecce duo gladii hic)* tambem lhe vão fóra; uma é para João de Saldanha, outra para o conde de Villa Flôr. Só lhe deixam o poder sobre as moscas, no uso dos dous grandes abanos, que por arremedo, ou miniatura do Collegio Papal, vão ás ilhargas do senhor Patriarcha, quando vae pela egreja acima e vem pela egreja abaixo. (Este livro do *Poder temporal dos Papas* só pode passar agora que se escancararam

as portas para tudo.) Com as Sacras e o Gradual vem o livro — Pamplona, *Bosquejo sobre as campanhas de Portugal.* Talvez lhe ponha um apendice sobre os ataques de 30 de abril ás linhas da Bemposta e a grande matança que alli fizeram os alliados no grande pacto de familia ou da sua extincção. Para o Seminario de Santarem vem o cathecismo para ordinandos, e para as Côrtes de Lisboa vem o livro folicular que se diz: *Que é isto que se chama o terceiro Estado?* Uma Algebra nova vimos nós; o senhor Patriarcha na sua pastoral, acha os tres Estados em duas camaras, pois eu não sendo nem sacristão acho mais que o sr. patriarcha, porque acho só n'uma Camara os tres Estados. Se as nossas cousas de agora fossem como as cousas de então, em que as idéas politicas eram mais precisas e mais claras, saberiamos que os tres Estados distinctos eram Clero, Nobreza e Povo. Tudo isto estava n'uma Camara com mais confusão que os miolos de Manuel Borges e o Labyrintho de Creta, porque vindo tudo junto, tudo fazia uma só cousa a que os Gregos chamaram *Ochlocracia* (forte erudição!) massa de canalha. Para esta, Ex.^{mo} Sr., vem o livrinho que se diz: *Que é isto que se chama o terceiro Estado?* O commissario fornecedor geral, o mais ladrão, isto é, o mais esperto do nosso exercito pedrista, e do que devia ser d'aqui posto fóra á pedra, não acudiria com mais promptidão ás urgencias dos nossos bravos, nos sanguinosos recontros dos infames rebeldes, do que acode o commissario Rolland ás urgencias das bravas Legiões da trolha. Esta relação é um deposito geral de munições, que ainda que não sejam immediatamente de bocca, encaminham-se para engolirem ainda algum dia os melhores bocados, se é que não estão já engolidos. Querem Camaras constitucionaes? Vem livrinho do regimen municipal. Querem responsabilidades de ministros, que nem ás partes respondem? Vem livrinho, responsabilidade ministerial, e d'isto em logar de um vêm dois. Querem conselho de estado? Vem livrinho do conselho d'estado. Querem todos ser Abrantes, isto é, altos diplomatas? Vem livrinho, annaes diplomaticos. Querem todos fazer cadastros, circulos, departamentos? Vem livrinho, a população. Querem todos fazer constituições? Podem escolher, vem livrinho, Constituições da França. Querem todos o ministerio da fazenda onde pode ir o braço até ao cotovelo? Vem livrinho e vem tres: vem Malthus, vem Ricardo e vem Say. Querem jury? Vem livrinho sobre o jury. Querem ainda gritar mais alguma cousa contra o governo feudal? Vem livrinho e vem livrão, porque é *Diccionario dos abusos feudaes.* Querem depois d'isto que os gabem e louvem muito como pedaços d'asnos ou asnos inteiros? Pois vem tambem Erasmo com o *Elogio de Loucura.* Gritam alguns

do mais interior da pocilga legisladora que é preciso sermos republica como os Estados-Unidos? Vem livrinho, ***Estatistica dos Estados-Unidos.*** Embirram alguns com a Hespanha, que não sei o que lhe querem? Pois vem fechar a quadrilha aquelle bispo de Malines ou de Malignas, que devia ser transferido para Elvas, chamado de Pradt, *Garantias que se devem pedir á Hespanha.*

Que tal é o fornecedor Rolland? Isto não são etapes frios e crûs; isto é comer feito e bem guisado. O conego magro, Castello Branco, ficou mudo e ficou nullo quando se lhe acabou Filangieri: *Sicasti fluvios Ethan;* seccará os rios de Ethan se apanha uma barrigada d'estas. Agora é que eu vejo Portugal salvar de um pulo só dous seculos de atrazo, em que andava a todas as nações da terra, até aos Hotentotes e Carabibas, para ficarmos depois de tão grande derramento de luzes todos ás escuras, e enchendo-nos a cabeça de idéas ôcas nos deixará mais ôca e mais vazia a barriga. Juvenal, vendo os destemperos de Roma, queria fugir *ultra Saurómatas,* ainda além da Polonia; eu ainda que queira não sei onde me hei de ir metter, porque ainda além da Polonia, da Russia branca e da Russia parda, e além da Laponia e da Groelandia, acharei o frenesim regenerador. Benthan e Constant lá me apparecerão e lá irá ter commigo, com as costellas quebradas, o publicista Leomil. Pouco me importaria encontrar lá o prior de Santo André, porque elle nunca disse, nem dirá palavra. Tudo isto, Ex.^{mo} Sr., que vemos, vem a ser: *Platão e D. Quixote.* Platão com aërias egualdades republicanas, e os aggravos e injurias que soffremos no estado social e politico são reparados por D. Quixote. Se a este andou a cabeça á roda com os livros de Cavallerias, mais á roda andará a dos nossos Quixotes regeneradores com os livros do Rolland; mas é preciso dar-lhe licença, e V. Ex.^{a} lh'a dê, porque assim o entendo em consciencia, e porque os tempos são outros, e os dois quarteis do Brasil e Rilhafolles são muito incommodos. V. Ex.^{a} sabe de um e eu não quero saber do outro. Chegaremos a vêr a luz; corram os livros do Rolland.

Lisboa, 22 de Abril de 1827.

J. A. de M.

Historia da Reforma protestante em Inglaterra e Irlanda[1]

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Eu fui o censor das primeiras seis cartas que precedem a estas 7.ª, 8.ª e 9.ª; proseguem a mesma materia com a mesma força, o mesmo vigor e a mesma verdade. Falla um protestante, mas a communhão catholica romana nunca teve, ainda que indirectamente, um mais assisado apologista. Bossuet mostra a verdade da Egreja catholica pelas variações das Egrejas protestantes; este protestante a mostra pelos estragos que causou a Reforma. É homem de grande talento, pois desmente intrépidamente o grande Paladion do protestantismo, o historiador Hume, cuja auctoridade para os nossos Tenebrosos é irrefragavel. Finalmente este homem é um verdadeiro polemico, quando parece um simples expositor de factos, e pulverisa mais o monstruoso scisma anglicano que o mesmo batalhador Belarmino. Merece a licença que pede, se assim parecer a V. Ex.ª, que mandará o que fôr servido.

Lisboa, 28 de Junho de 1827.

J. A. de M.

Semanario religioso

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

O presente escripto, que á primeira vista com o titulo periodical de *Semanario* podia assustar, não respira mais que piedade e devoção; o estylo é muito bom, porque é correcto e claro. A materia promette poucos leitores, porém um só que fosse e aproveitasse seriam muitos. Os que de certo fugiram vendo o titulo *Semanario religioso*, ainda que o lêssem não aproveitariam; e se a estes não importa o escripto, me-

[1] Vem na referida Obra, impressa a pag. 127.

nos nos importam elles a nós. Se os numeros que se seguirem forem como este merecerão, como este merece, a licença de V. Ex.ª Este é o meu parecer, porém V. Ex.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 13 de Agosto de 1827

J. A. de M.

Historia da Reforma protestante em Inglaterra e Irlanda[1]

Ill.mo e R.mo Sr.

Subsistem os mesmos motivos porque se licenciaram pela auctoridade ordinaria as nove precedentes cartas, e por elles se podem licenciar as de que esta petição trata; eu as li e examinei com aquella attenção de que sou capaz, pede e manda materia de tanta gravidade e de tanta importancia. Quando o auctor annuncia que as desgraças, a indigencia e a miseria da maior parte da população da Grã-Bretanha, Escossia e Irlanda provém immediatamente da abolição do Catholicismo e estabelecimento do Protestantismo o comprova com tanta exuberancia de razões que os mais pertinazes inimigos da Egreja catholica se conhecem convencidos, porque á força dos raciocinios ajunta uma serie chronologica de factos consignados na mesma Historia geral de Inglaterra. A unidade da nossa fé catholica contrapõe a immensa variedade de communhões na mesma Egreja protestante estabelecida por lei, de maneira que numera quarenta seitas dissidentes e oppostas entre si, não havendo symbolo de uma só que não seja differente do symbolo de outra; torna-se por isto este livro ainda mais precioso que o do grande Bossuet, intitulado *Historia das variações das Egrejas protestantes.*

O Codigo penal da Inglaterra contra os catholicos, que o auctor transcreve, é horroroso, ainda que modificado em differentes reinados, desde a impia Isabel até agora: é a mais terminante resposta que se pode dar aos que tanto exageram a intolerancia da Egreja catholica. Na historia das dez maiores perseguições do christianismo não se des-

---

[1] Vem na referida Obra, impressa a pag. 201.

cobre quadros mais abominaveis. Tudo quanto os revolucionarios niveladores têm encarecido e exagerado sobre os procedimentos da Inquisição não é mais que uma ligeira sombra das barbaridades da inquisição protestante contra os catholicos dos tres reinos unidos da Grã-Bretanha. É pois muito util a leitura d'este livro, e será de consolação para os verdadeiros fieis vendo a sua causa tão victoriosamente advogada por um protestante, e por isso é muito digno este livro de se lhe conceder a licença que pede para se imprimir; porém V. S.ª mandará o que fôr servido.

Lisboa, 23 de Agosto de 1827.

J. A. de M.

Historia da Inquisição em Hespanha por Lhorente

Ex.^mo^ e R.^mo^ Sr.

Entre todas as producções monstruosas da litteratura presente não appareceu uma tão impia, tão sacrilega, tão escandalosa, como a do transfuga castelhano João Antonio Lhorente, secretario da Inquisição ou do Conselho geral do Santo Officio, que abalando de Madrid para França para viver a salvo da muita amizade que lhe tinha Fernando VII, e levando comsigo uma parte do archivo da mesma Inquisição, publicou a sua Historia, que ainda até agora não sei porque se deixa correr n'este reino; chama-se a obra d'este fiel catholico romano *Retrato politico dos Papas.* Desde que Porphyrio, Jamblico, Celso e Plotino começaram a escrever contra o catholicismo, até o ainda existente sr. Pigault Le Brun, que tão mimosos nos faz com os seus obscenos, impios e delicados escriptos, ainda não appareceu uma invectiva mais violenta e desaforada contra a cadeira de S. Pedro e seus successores, pois começa por negar a vinda e a existencia do mesmo S. Pedro em Roma. Reconhece por primeiro bispo S. Lino ou Lino só, porque não dá o nome de santo a nenhum dos pontifices, nem aos primeiros doze. Quanto mais respeitaveis por virtudes, santidade e sciencia se representam os *Papas* no grande quadro da *Historia ecclesiastica* e nos documentos de sabedoria e heroica virtude, que nos deixaram, mais encarniçadamente os ataca e cobre de baldões e vilipendios. S. Leão é

accusado de impostor, porque suspendendo a marcha de Attila, rei dos Hunos, não poude suspender a entrada de Alarico em Roma. S. Gregorio Magno é accusado de horrendos crimes e de manifesta complicidade com o Tyranno Phócas na matança da familia imperial, citando para isto a carta 36 do mesmo santo pontifice. Se estes grandes santos e grandes pontifices dos primeiros seis seculos lhe não escapam, que será dos outros! Tremem as carnes ao lêr os horrores contra S. Gregorio VII. O mais insignificante dos seus crimes é a publica mancebia com a condessa Mathilde, dando este escandalo por motivo das suas largas doações a Santa Sé; são maiores ainda as suas atrocidades quando chega aos seculos mais escuros, isto é, desde o 9.° até o 12.°, com a exagerada influencia de Morosia, sua irmã e sua filha. Urbano 2.° é peor que Genges-Kan e Saladino. Innocencio VIII, virtuoso e sapientissimo pontifice, cujos escriptos existem eloquentes e de uma castigada latinidade superior ao seculo em que existiu, é mettido nos quintos infernos, apesar da revelação de santa Lutgarda, de que o nosso amigo catholico hespanhol faz uma completa zombaria. O quadro da Papiza Joanna, em 854, é a cousa mais infame que se pode considerar, por mais que se procure justificar com documentos extrahidos de Platina e com a traducção da *Dissertação* de Spanheim, impressa em 1758.

Saindo d'estas épocas obscuras para os seculos mais cultos, sendo demonstrado que o papa Nicoláo V é um d'aquelles homens a quem mais deve a religião e a litteratura, depois da tomada de Constantinopla por Mahomet II e expulsão dos gregos, que este papa recebeu na Italia, e que deram principio ao renascimento das lettras, começando então a Escola platonica em Florença, onde Jorge de Trebizonda fez conhecer os escriptos de Aristoteles, no puro texto grego de Theophrasto sem a corrupção dos commentarios arabes de Averroes, de Avicena e de Razis, conhecidos na escola de Cordova e de Maquinez, e começando a preparar as traducções de Platão, que depois concluiu Marsilio Ficino e seus discipulos, em que entrou depois um homem da Vidigueira chamado Achilles Estaço, cujos manuscriptos possue Roma (e não as côrtes de Portugal) no que se chama ainda Bibliotheca Estaciana; este grande papa Nicoláo V é mettido nas galés pelo transfuga castelhano, e pouco lhe faltou para lhe chamar *corcunda*, e já o podia fazer, pois escreve em 1824.

Eu não devo escrever um aranzel eterno com que vá enjoar a V. Ex.ª, mas já que hoje, 10 de Janeiro, me levantei com menos dôres, que não tardam, direi mais alguma cousa. Julio II é um dos grandes

pontifices pelo seu amor e protecção das letras. Erasmo o tratou de perto e nos deixou d'esta verdade um claro testemunho, ainda que nota com amargura o seu espirito militar, dizendo: *Julius noster beligerator triumfat, planeque Julium agit*—é posto a pão e laranja pelo catholico hespanhol, é chamado sanguinario, ladrão e sodomita, e mais proprio para coronel de um regimento que pontifice da egreja de Deus; nada lhe perdôa, nem pelo lado das artes que protegeu, nem pelo das sciencias que cultivou. Eu o *desejaria defender pelo presente que mandou a el-rei D. Manuel, que vem a ser uma estatua de S. Jeronimo, que está na egreja de Belem, diante da qual pasmou Filippe 2.°*, sem haver forças que o arrancassem da sua contemplação, dizendo que não se separava d'alli porque esperava que lhe fallasse.

Leão só é condecorado com o illustre nome de atheu, escudando-se com um texto de João Pico de La Mirandola, que a meu vêr não fallava d'este papa, e João Pico sabia tanto que por issso mesmo se pode dizer que não sabia nada. N'esta parte só lhe acho de imputavel não reprehender o cardeal Bembo por chamar na sua presença ás Epistolas de S. Paulo *Epistolacias*. Todos os pontifices que se seguem desde Adriano VI, que succedeu a Leão X inclusivè, são outros tantos scelerados. Xisto XIV, diz elle, fez por um rescripto licita e saudavel a sodomia em Roma nos tres mezes do verão, junho, julho, agosto, em razão dos excessivos calores n'aquella estação. Xisto V, tambem franciscano, é chamado algoz tão barbaro, que chegava a ir disfarçado vêr enforcar os que elle condemnava a este supplicio. De Paulo III, que approvou o instituto dos Jesuitas, diz cousas que arrepiam os cabellos. Foi feito cardeal por Alexandre VI, porque elle Paulo lhe cedeu para concubina sua propria irmã, Julia Farnese. Diz mais que, sendo já cardeal e legado em Bolonha, se disfarçara para casar publicamente com uma mulher nobre, dizendo ao cura que os recebeu que era mórdomo do cardeal legado. O retrato d'este papa é verdadeiramente o retrato do diabo com figura humana; em Julio III o menos que nota é a sodomia, fazendo cardeal seu cumplice, que era um creado que cuidava um macaco com que o papa se devertia. Para acabarmos com esta serie de horrores, sem uma unica excepção, Lambertini ou Benedicto XIV é posto tambem pela rua da amargura, sem reconhecer ao menos o immenso saber d'este grande homem; o maior artigo de accusação é *ter lançado uma excommunhão contra os pedreiros-livres*, accrescentando: *Condemnal-os como contrarios á religião catholica, cousa com que elles se não intromettem nem embaraçam, é a maior de todas as injustiças.* Apparece Clemente XIV, que eu conheci

sempre pelo nome de Fr. Lourenço Ganganelli, e elle mesmo fallando com o ultimo geral dos Jesuitas, que se chamava Lourenço Ricci, lhe disse, tratando-se da expulsão dos Jesuitas: *Nós somos dous Lourenços, e ambos estamos nas grêlhas*. João Vicente, faltou-lhe pôr tambem Pimentel Maldonado, dá cabo d'elle com veneno; e salta sem piedade sobre os dois que se lhe seguiram, Pio VI e Pio VII, ambos culpados, ambos impoliticos, ambos demonios vivos e mortos.

Com isto se termina o mais infame livro que tem apparecido n'estes nossos ultimos dias de illuminação liberal. Acabar-se-ha tambem o trabalho da Censura. Ahi me mostram a *Gazeta* de hoje, 10, com o Codigo penal dos abusos da liberdade da imprensa, em que até é condemnado o litographador de alguma estampinha da Senhora da Rocha que appareça no adro da sé. Duas cousas se acabam com o tal projecto de lei: a primeira é a censura, a segunda é a imprensa. Quem ha de imprimir? Quem escreve não tem dinheiro, o impressor ainda tem menos, e se o tem não o arrisca em multas, pois até lhe levarão a camisa do corpo, se a tiver, por lhe esquecer pôr no titulo o numero da sua porta. Tanta questão sobre a liberdade da imprensa? Nada ha tão facil de saber. *O escripto bom não teme a Censura; se o escripto é máo, melhor é obviar o crime, que punir o crime depois de commettido*. Ficará melhor o escriptor a quem a Censura diga—não se imprime este papel—do que pedir de dentro do Limoeiro que o deixem sahir para a rua, ainda que tenha gosado da gloria de se vêr impresso, e encadernado ou brochado.

V. Ex.ª ficará livre de importunações, e os livreiros francezes deixar-me-hão por uma vez a porta, e Benjamim Constant e Jeremias Bentham podem fazer quantas remessas quizerem para os nossos legisladores. O grande Fritot, publicista do medico Abrantes, acabará de abrir os olhos a nós, os pobres tupinambazes, os portuguezes. Creia V. Ex.ª que não tenho outro livro mais proprio que um Breviario de anno, e de Antuerpia, com seu competente caderno, que me custou 960 réis; se devesse este mesmo, iria ao meio da rua depois que hoje acabei de lêr um discurso de um orador preopinante chamado o sr. Moraes Sarmento, em que diz que o alvará de 1567, que estabeleceu a Censura, nos privou das maiores preciosidades da nossa litteratura; que o maior monumento que temos, que é o poema de Camões, escapou porque foi impresso em 1573 sem censura. Mente. O poema de Camões foi impresso pela primeira vez em 1572 com censura, e o censor foi o Dr. Fr. Bartholomeu Ferreira, frade de S. Domingos, que o não quiz deixar passar sem se cortarem umas outavas do canto 2.º, em que o

poeta introduzia a Baccho feito clerigo, como ainda está, com oratorio, painel e thuribulo, mas dizendo missa effectivamente. O bibliomaniaco Lopes tem este exemplar da 1.ª edição que digo, e com a censura, e se V. Ex.ª quizer eu lh'a farei vêr. Eis aqui os grandes conhecimentos dos projectadores de projectos de leis litterarias e agrarias tambem.

Falta ainda alguma cousa, que vem a ser o livro contra os Jesuitas, que vem a ser um livro velho impresso em 1758 e reimpresso agora com uma prefação. É uma geléa da *Deducção chronologica* com os tiros a el-rei; as visões de Malagrida e os exercicios espirituaes do P.ᵉ João de Mattos e João Alexandre, mortos em S. Julião da Barra, a seccantissima questão dos Cultos chinezes, morte do cardeal de Turnon em Macao, e o negocio de perolas do lago de Cochim, e conclue o homem que estes Jesuitas amolaram a sovina com que o selleiro Louvel furou a barriga ao duque de Berri. Nada perdemos com a suppressão d'esta impertinencia enjoativa. V. Ex.ª determinará o que fôr servido, se quizer aproveitar estes dias, emquanto não tem a sancção real esta lei regulamentar que nos vae tirar do abysmo e pôr de uma vez para sempre na linha das nações. Bem devéras não quereria pertencer a esta.

Seu subdito e creado

Lisboa, 10 de Janeiro de 1828.

José Agostinho de Macedo.

Exame critico e historico do livro dos Martyres de Fox[1] &c.

Ex.ᵐᵒ e R.ᵐᵒ Sr.

Li com aquella attenção e escrupulo que a materia pede o primeiro, segundo e terceiro numero da traducção portugueza de um immenso volume inglez que muito bem annunciado na mesma traducção se diz assim: *Exame critico e historico do livro dos Martyres de Fox.* Em rigor não é mais do que um Martyrologio, composto por um protestante e fauctor da Reforma anglicana, obra que parece de perfeitissima inutilidade entre nós os catholicos romanos, que temos o nosso Martyrologio, e com os commentarios e notas do cardeal Baronio, e que

[1] Impressa na mesma obra.

com elle possuimos o *Acta Martyrum Sincera*, do benedictino Recinard. O catalogo dos Martyres n'estes tres primeiros numeros chega ou se remata com o martyrio de S. Justino, que é do segundo seculo; é este um dos mais rigorosos apologistas da religião catholica; fez servir seus profundos conhecimentos philosophicos á defensa do christianismo, dirigindo a Antonino Pio a sua primeira Apologia; por certo que se não é tão eloquente e impetuosa como a de Arnobio, mestre de Lactancio Firmiano, auctor do livro das *Divinas Instituições*, é mais bem disposto que a de Athenágoras e que o mesmo apologetico de Tertuliano; de nada d'isto se esquece o mesmo impugnado protestante *Fox*; porém o impugnador no *Exame critico e historico* o argue de muitos erros chronologicos e de inexactidão em muitas datas, e sobretudo de omissões de muitas cousas essenciaes da vida e escriptos d'este philosopho martyr e santo, porque a causa do seu martyrio não foi a philosophia, foi a religião christã. Estes são de ordinario os erros de que o auctor do *Exame critico* argue a *Fox* na relação ou memoria d'este e de outros muitos martyres, de que faz menção n'estes tres primeiros numeros. Isto nada importaria, porque no tempo de *Fox* ainda não existiam os immortaes monumentos dos *Annaes ecclesiasticos*, que depois appareceram, como na mesma Inglaterra Usser, na França os *Annaes* de Sirmond e de Sallien, a *Historia* de Tillemont, e na Italia a immensa compilação de Baronio, a critica de Paggi, porque não é do caso um armazem de citações, deixemo-nos d'isto, é *Fox* ignorante, e não só um, porém muitos escrevendo erram muito. Doutissimo era José Cesar Scaligero em historia e chronologia, e o jesuita Petavio lhe descobriu innumeraveis erros em chronologia e historia. Olhado, porém, o examinador critico de *Fox* como catholico romano e como instruido, por ser inglez, na doutrina da Reforma anglicana, eu considero este escripto muito util e muito digno de se imprimir, porque é uma admiravel apologia, ainda que indirecta, da religião catholica apostolica romana. Todos os erros de *Fox* lhe servem para invectivar a variação continua da chamada Egreja protestante ou reformada, e para dar devidos louvores á invariavel integridade da disciplina e da moral da Egreja catholica, a unidade do culto e a perpetuidade da fé, tendo um só o mesmo e unico symbolo pela transmissão dos apostolos até ao dia de hoje, quando pela confissão do mesmo critico do livro do *Fox* são tantos os crédos em Inglaterra quantas as diversas seitas existentes desde os reformadores lutheranos e zwinglianos até aos methodistas do dia de hoje, e podemos dizer d'este inglez inimigo de outro inglez, que fizera á religião catholica romana um serviço como egual ao de

Bossuet, em suas guerras e interminaveis debates com o ministro Jurieu, Basnage e companhia. Julgo pois muito digno da licença que a V. Ex.ª se pede para a impressão do presente escripto n'estes primeiros tres numeros que V. Ex.ª me manda examinar. É verdade que as luzes do seculo, os progressos da civilisação e que a philosophia arruamentada dirão que tudo isto, tantos livros, tantas questões de erudição sagrada, e tão memoraveis factos da historia da egreja, são bagatellas indignas do escriptor e do leitor do presente tempo, e que era mais conveniente traduzir Bentham inglez para sabermos onde se fixam os limites da inviolabilidade do domicilio do cidadão (creio que é só até á chegada do primeiro beleguim que queira entrar) que saber se no meio do derramamento das luzes actuaes, se as Epistolas de Santo Ignacio Martyr são genuinas. Isto assim é, mas como ainda ha bastantes catholicos romanos em Portugal, não arruamentados, estes terão grande consolação com a leitura d'este optimo escripto.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1828.

J. A. de M.

Os peccados mortaes

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Todos nós temos peccados porque somos filhos de Adão, e grande é a misericordia divina quando n'este mundo nos proporciona meios de os expiarmos pelas nossas mortificações e penitencias. O auctor da obra presente usou de caridade com a Constituição, attribuindo-lhe unicamente os peccados mortaes de que faz menção a nossa Cartilha. Os peccados da Constituição são os peccados do mundo; para tirar estes peccados foi precisa a morte de Jesus Christo, e para tirar os da Constituição será preciso que nos matem a nós com versos? Assim parece, e quando eu cheguei ao fim d'estes, que por certo seriam applaudidos e canonisados no Desembargo, disse: *Seja em desconto dos meus peccados!!* As prosas e os versos chegaram entre nós ao cumulo da perfeição. As fallas do throno e para o throno do imperio grande sem gente, e rico sem dinheiro, com que nos regalou outro dia a nossa profunda e superficial *Gazeta*, são um trophéo levantado não á deusa Rasão creada pelos francezes e decretada por Robespierre, mas á deusa Estupidez,

não a que appareceu em Coimbra em moletas de máos versos,[1] mas a que tem presidido ás assordas das nossas Regenerações, são parentas ou irmãs uterinas d'estes excommungados versos, ou o que quer que sejam. Sem fazermos a viagem ao interno imperio das bananas, fundado como o romano na immobil pedra do Capitolio—*Capitolii immobile saxum*—temos cá muito que equiparar com os versos nas margens do nosso Tejo. Na *Gazeta* de quinta feira, 7 do corrente, *Gazeta*, como todas, de esmolas e felicitações, temos um discurso que não parece feito por um filho de um Orbilio ou mestre de rudimentos e vice-secretario da Academia das Sciencias de Lisboa! Ou eu sou um mentecapto solemnissimo, que nada d'aquillo entendo, ou então digo em minha consciencia que tudo aquillo é uma parvoice.

§ 2.º «Possuem penhores da maior estima, analogos á fé com que a nação toda hoje invoca o seu augusto nome!»

Isto esqueceu a Nicoláo Tolentino no cumprimento da grade de freiras. Pedir quem pode mandar—preceitos que mais obrigam?—

§ 3.º (Falla de el-rei D. João I.) «O paço real foi então academia universal de todas as sciencias.» Este vice-secretario é parente do vice-secretario José Bonifacio, quando disse: «A academia, senhores, de quem tenho a honra de ser o interpetre de seus sentimentos.» O paço de D. João I academia universal de todas as sciencias!! Isto é de chuços, murriões, celadas, partazanas e espadas! Seu filho D. Henrique, porque sabia lêr, juntou em Sagres por toda a livraria a esphera de João de Sacro Bosco, e com os dous judeus José e Rodrigo armaram uma cousa que depois se aperfeiçoou e se chamou *Astrolabio*. Eis aqui a academia universal de todas as sciencias! Se passam prosas assim, porque não hão-de passar versos assados? Tudo vae coherente. Se eu me não visse confinado em uma cama e vendo n'alguns dias approximar-se a morte entre insoffriveis dôres, chegando a ponto de me pôrem pannos molhados em vinho nos pulsos e sobre o coração, muito tinha que dizer sobre o nosso deploravel estado das letras! As armas cediam á toga em Roma e os louros cediam a uma boa ponta de lingua, como disse Cicero em seus risiveis versos, *ridenda poemata*, como

---

[1] Poema heroi-comico, composto em Coimbra em 1784, contra o retrocesso medieval da Universidade, intitulado o *Reino da Estupidez*; foi seu auctor Francisco de Mello Franco, estudante de Medicina; publicou-se pela primeira vez em Paris em 1817, em Hamburgo em 1820, em Paris outra vez em 1821, e em Lisboa em 1822, 1823, 1833; em Paris em 1834 (no *Parnaso Lusitano*) e em Barcellos em 1868. (Da revisão.)

lhe chama Juvenal, que antes os queria ter feito que a *Philippica* 2.ª de fama divina; porque por esta lhe cortaram a cabeça e por aquelles lhe deram quatro gargalhadas; e agora, entre nós, a quem cede a toga? Ás armas invenciveis do feld marechal Marquez de Palmella, a quem deixaram fugir com os cavalleiros da Tabola redonda, vingadores dos aggravos feitos ao sr. D. Pedro, o *Abdicador*.

Chega uma garrafa da botica e um embrulho de pilulas de opio; um cirurgião com peor cara do que eu faço quando bebo o veneno da garrafa e engulo fechadas com obrêa as pilulas homicidas. O cirurgião não demora a visita, nem eu a censura, pedindo da seccatura desculpa para mim, e para o homem dos *Peccados mortaes* licença para os imprimir, impondo-lhe eu a elle a obrigação de ir pedir á Senhora da Rocha me livre de dôres, em desconto das penas que me causam tantos destemperos de versos, de prosas, de politicas, de tudo, mandando V. Ex.ª o que fôr servido.

Camara no buraco de Pedroiços, 8 de Julho de 1828.

J. A. de M.

Exposição franca sobre a Maçonaria por um ex-maçon que abjurou

Ex.mo e R.mo Sr.

Dizer mal da *Maçonaria*, abjurar esta infame seita, não pode ser um delicto. É condemnada por bullas pontificias, pelos decretos de quasi todos os soberanos da Europa, e muito particularmente pela lei d'este reino, ainda não abrogada, ainda que publicamente quebrantada, pois de Loja para Loja, por esses arruamentos, caixeiros imberbes, sem um anno de covado ou vara, e com o intacto accento das provincias septemtrionaes, se estejam saudando, ao destrancar das portas, com os seus nomes sagrados: o auctor do impresso junto, que pretende reimprimir, diz que abjura (diz elle); revela a iniquidade, argumenta em factos, entre os quaes é atrocissimo o do vigario de uma egreja do Brasil, em a noite da sua recepção (talvez fosse depois da ceia); e porém isto, como o escripto, não offendem a Religião, nem é contrario á Lei, pode V. Ex.ª, sendo servido, conceder a licença que pede.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1828.

J. A. de M.

Breve de Indulgencias concedidas por Sua Santidade ás pessoas que visitarem a egreja de Nossa Senhora dos Martyres na travessa dos Ladrões, &c. &c.

Ill.^mo e R.^mo Sr.

Com a presente petição e copia do Breve me foi apresentado o seu original tal qual veiu de Roma, com todos os signaes de verdadeiro; e para graças puramente espirituaes por certo não se fingem. Eu não posso conhecer o estado em que se achem as relações diplomaticas da Commissão de censura com a côrte de Roma, talvez haja rotura; é certo que lhe não quiz dar licença; talvez espere o *ultimatum* de alguma concordata; emquanto não chega, para consolação dos consternados devôtos, sendo V. S.ª servido, se lhe pode dar a licença que pede, pois lhe não encontro inconveniente algum.

Lisboa, 14 de Agosto de 1828.

J. A. de M.

Clamor da Justiça por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco

Ex.^mo e R.^mo Sr.

O papel de que esta petição trata chama-se *Clamor da Justiça*, e o homem que o escreveu diz elle mesmo que se chama *Victima do Despotismo;* este é o seu nome e o seu sobrenome. Confesso a V. Ex.ª que o nome, sobrenome e o papel escripto é o trophéo mais glorioso que a si mesmo levantou no ultimo gráo da parvoice a demencia humana. Eu desejo em tudo dar sempre a razão sufficiente do meu dito, e seria preciso para isto que eu esmiuçasse todo este aggregado de insipiencia e loucura, o que não posso fazer em toda a sua extensão, porque na verdade estou luctando com a morte. Com muito trabalho

posso inferir que o intento do sr. *Victima* é exterminar os pedreiros livres. Isto é impossivel moralmente, como é na ordem da natureza extinguir as especies dos sêres, porque a especie permanece, ainda que se destruam alguns individuos. O sr. *Victima* quer tres cousas para se fazer uma montaria mestra aos pedreiros redemptores do genero humano: a 1.ª que se prégue, publique e que se organise uma cruzada como o duque de Cadaval organisa, prepara e enfeita os batalhões bonitos, e que esta cruzada se anime do mesmo espirito e se arme do mesmo ferro de que se armou a de Urbano 2.º no Concilio de Clermont contra os Sarracenos da Palestina e da Syria, e de mais fogoso zelo que a segunda que se armou contra os Albigenses, de que se fez coronel general S. Domingos. O papa deverá convocar os principes christãos, com indulgencia plenaria para a hora da morte, para esta cruzada, vindo a Portugal este infinito exercito de operações, de cuja vanguarda por certo não seria commandante o Povoas. Eu convenho n'esta parte, comtanto que este exercito de cruzados não fossem só cruzados, fossem tambem novos, cousa de que muito necessitamos, a vêr se se acabava o mialheiro das esmolas com que os fieis de Deus vão ainda concorrendo, posto que já com mais escasso vento. A 2.ª cousa que o sr. *Victima* quer, e quanto antes, é que se restabeleça a Santa Inquisição, com a condição de se crear uma quarta casa no Porto e para esta serem escolhidos sujeitos de genio tão meigo, mavioso e brando como um Turrecremata na Hespanha, e entre nós um D. Verissimo de Alencastre. Talvez que ainda se guarde para promotor o conego Castello Branco, com supervivencia a seu filho, de quem foi pae o amor e mãe a natureza! Os suaves eccos d'esta palavra ainda sôam pelos dourados tectos e doricas columnas do augusto salão! Ai dos pedreiros livres com tal promotor! A 3.ª a revogação do Edicto de Nantes ou chamada dos Jesuitas, visto serem elles só os que nasceram n'este mundo para mestres de meninos, e ninguem mais saber fazer uma *Cartilha* senão o padre Marcos Jorge, addicionada pelo padre mestre Ignacio. Eis aqui os recursos do doutor *Victima*. Estas tres cousas podem ser já substituidas por outras tres mais simplices, de pouco vulto e nenhuma despesa, porque estão promptas, e bom seria que não estivessem por tanto tempo ás moscas, que vem a ser aquelles tres páos fixos e levantados no Caes do Tojo, e se quizerem dê-se a cada um d'elles seu nome: 1.º Cruzada, 2.º Inquisição, 3.º Jesuitas; em apparecendo nos seus intervallos pedreiros pendurados está logo acabada a Regeneração politica do globo.

Conclue este tratado ponderosissimo com a retratação apocrypha de

Clemente XIV sobre a extincção dos Jesuitas. Esta impertinente questão dos Jesuitas, que chega a occupar e dividir o gabinete francez, é a cousa mais ociosa que ha e que podia estar acabada com duas palavras. A Sé apostolica approvou a Companhia; a Sé apostolica dissolveu a Companhia; acabou-se. Tanto jesuita! Isto é fraqueza! Pois a Religião catholica, que se dilatou no mundo antes que o soldado navarro Ignacio de Loyola cahisse ferido com uma bala de arcabuz no cêrco de Pamplona, para se conservar no mundo até á consummação dos seculos precisa dos Jesuitas? Oh! que eram o exercito de linha do papa! Pois remedêi-se o papa com a segunda linha, ou os milicianos, se quizerem dar este nome aos outros frades. E nós tambem, estes pobres guerrilheiros clerigos seculares, estes cachapuzes, mas sem capuz, tambem podemos fazer alguma cousa. Se ao nome ou se ao instituto jesuitico pertencesse exclusivamente e *in solidum* a herança ou o patrimonio da virtude, da aptidão, do talento, e sobretudo da litteratura, sendo preciso ser jesuita para ser tudo! Se ao vestir, ou enfiar da roupeta, Deus Nosso Senhor, por um pacto de familia, désse ainda mais sabença do que dera a Salomão, muito bem, então haja padres da Companhia e ainda mais do que ha entre nós officiaes passados ao exercito ou direcções de amanuenses pelas seis secretarias; mas se os outros frades podem ser e têm sido o mesmo e mais que os jesuitas, para que é esta birra de jesuitas como remedio unico e heroico dos achaques da Egreja e do Estado? Tem a religião apologistas? Sim, antigos e modernos. O frade barnabita Gerdil e o frade dominico Valceschi, victoriosamente defenderam a religião contra as maiores forças do philosophismo que o jesuita Berruiere na *Historia do povo de Deus*. É *grande*, grande expositor e commentador da biblia o jesuita Cornelio Alapide? Maior é o tosquiado e rapado Calmet. O annalista Natal Alexandre é mais alguma cousa que os dois jesuitas Sirmondo e Saliano. É um grande theologo o jesuita Petavio; maiores são o graciano Berti e o dominico Gotti. Diana, La Croix e Busembeau são grandes moralistas e casuistas? Maior é, e muito maior, o dominicano Concina. Assim por todas as provincias do vasto imperio das sciencias, que é quasi tamanho como o imperio do Brasil, acho frades de capuz e de capello maiores que todos os jesuitas. Oh! que Bourdaloue foi o maior orador do christianismo, e ao qual, mesmo na tribuna politica, não chegaria o conde de Linhares! Assim será, mas o barbado capucho italiano Serafino de Vicença, que dictava simultaneamente diante de Pedro Leopoldo e da sua côrte em Florença a dezoito escreventes materias diversas, a uns em prosa a outros em verso, a uns em italiano a outros em latim, é mais alguma

cousa, e o foi quando prégava, e hoje em dia um franciscano em Bolonha, chamado Migliorini, não lhe fica pela ré. Ha um clerigo tumbeiro, e quasi na tumba, para os outros lhe cantarem, que improvisa discursos e versos em um mesmo dia tão compridos, com tanta ordem e tanta dialectica como os de Bourdaloue. Mas o grande Vieira foi o maior politico! E porque lhe preferiram e mandaram o capucho que nasceu em Botão, chamado o Macedo, a França com o marquez de Niza a tratar com Mazarino o maior de todos os negocios, e a Londres a embaçar a Cromwel, que de protector de Inglaterra se fez o protector do duque de Bragança D. João IV? O capucho lhe segurou o throno, e mais depressa Urbano VIII e depois Alexandre VII estariam pelo reconhecimento se não se mettesse em questões grammaticaes com este ultimo, sobre um epitaphio em latim. Ora é muito espraiar com Jesuitas, mas aborrece-me tanto fanatismo jesuitico e tão soberba exclusão de todas as humanas cabeças, e ainda me ficava n'este infeliz tinteirinho de vidro, que tem sido um arsenal de artilheria, o cistersiense Caramuel, a quem não têm que oppôr os jesuitas. Torno ao meu doutor *Victima*.

Quer elle (e eu queria aqui torcer-lhe o pescoço) que a egreja em suas penas tenha poder sobre o corpo e poder de sangue e morte. Excommunhões não bastam, que são para as almas, e como as almas estão unidas aos corpos, e como estes são os seus instrumentos passivos, paguem as favas tambem; e desencabresta-se com uma dysenteria de parvoices sobre a origem das idéas ou união da alma com o corpo, e lá vae pelos áres o influxo physico, as causas occasionaes, a harmonia estabelecida, reaes e nominaes, *a parte rei secundum quid et simpliciter*. Eu, que fui um maximo ergotista, não lhe entendo palavra! Nem o sr. dr. Juiz de Fóra creio que entenderá. Depois de uma grande contensão de espirito venho apenas a pescar que a egreja deve fazer em quartos e postas pequenas os corpos dos pedreiros livres e assar n'elles como em taçalhos de lombo. Aqui me tremem a mim as carnes, e peço a V. Ex.ª, até pelo bom successo dos voluntarios realistas, que se o *Victima* fôr clerigo lhe ponha aposentadoria, não activa nem passiva, mas perpetua, no Aljube. Quer o *Victima* auctor que a religião de Jesus Christo não tenha menos privilegios do que tem a idolatria e a religião de Mafoma! Os idolatras faziam soffrer os maiores tormentos e a morte mais cruel a quem professava a lei de Christo; o mesmo deve fazer a religião christã aos pedreiros livres! A seita de Mafoma queimava vivos seus impugnadores, a religião catholica não deve gosar de menos privilegios, deve queimar vivos os corpos dos pedreiros livres, porque são instrumentos das almas dos pedreiros livres, já

que concorrem para desaforos d'estas almas de cães. Quer pois egualdade de privilegios, o mesmo espirito, os mesmos instrumentos, ferro e fogo, e quem quer a identidade nos effeitos quer a identidade na causa. Tudo é o mesmo.

Se quizer lavrar o auto, ou o rol das parvoices, menos me custaria escrever os Annaes da expedição do barco de vapor ao Porto para a conquista da liberdade, e os nomes dos heroes que ficaram assignalados com os conselhos politico-militares do Nestor dos patifes, o cidadão Manuel Sampaio. Ora, Ex.mo Sr., perdõe V. Ex.a a limitação do presente; ahi vão duas:

Primeira, a pag. 2: «Isto não foi na Turquia ou nos remotos sertões dos *Indigenas*...»

Eis aqui as idéas que tem o grande *Victima* dos sertões dos Indigenas de Portugal. Os indigenas são uns povos assim chamados por elle. Nós tambem somos indigenas de Portugal, porque aqui nascemos, vivemos e morremos.

Isto não é contra a religião, bons costumes e leis d'estes reinos, mas é contra os indigenas, porque nos expõe á irrisão e zombaria dos indigenas dos outros sertões e paizes, e a reputação nacional é alguma cousa attendivel para os homens de bem. Elle não tem idéas das cousas e muda os generos das cousas.

Segunda, falla a pag. 5 do rompimento com que o Marquez de Pombal ameaçava Clemente XIV; regra 5, diz: «Esta favorita rompimenta...» Eu, Ex.mo Sr., dou pareceres sobre o que aqui vem e que eu leio com mais paciencia que um pretendente que espera por um ministro de estado, e não dou conselhos nem faço minutas de despachos, mas em consciencia parece que o d'este papel devia ser pela fórma e maneira seguinte: «O meirinho geral do Patriarchado conduza o *Victima* ao Aljube, na galeria debaixo, onde se lhe abrirá assento á nossa ordem. Lisboa, e já.»

Queira Deus que o meu patricio reformador dos estados faça a cousa com geito, de sorte que a geração nascente saiba lêr e escrever, contar não digo, porque não ha quê.

Beija a mão a V. Ex.a

Seu subdito

José Agostinho de Macedo.

Gravemente enfermo em Pedrouços, 15 de Agosto de 1828.

A Legitimidade da Exaltação de D. Miguel I ao throno de Portugal

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

O opusculo de que esta petição trata é de tal natureza e tão bem escripto, são tão solidas as razões, tão bem deduzidos os argumentos, tão manifesta a boa fé e tão castigado o estylo, que eu o desejaria ter feito. V. Ex.^{a} por experiencia conhece a imparcialidade com que eu julgo, sem escutar outra voz que não seja a da justiça. Quando as composições são assim, o meu juizo é este. É pois muito digno da licença que pede. Possam estas vozes de um homem que não é dos mais louvadores servir de estimulo ao auctor para continuar na mesma tarefa.

Lisboa, 27 de Outubro de 1828.

J. A. de M.

Cancioneiro patriotico[1]

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Muito nos cantaram a Constituição; divina a lettra, angelica a toada. Se eu ia pela rua, muito me enchiam os ouvidos com os apuros d'esta harmonia! Justo é tambem que hoje ponham a Constituição á viola, como faz o auctor do *Cancioneiro*, de que esta petição trata. Os versos são bons, o espirito é melhor, o fim é justissimo. Já que tanto fizeram chorar os clerigos, chorem elles agora e cantem os clerigos. Menos se devem envergonhar os clerigos de lhes chamarem *apostolicos* do que elles de lhes chamarem *malhados*. Deus ajude este cantor e o faça tão afinado no côro como o psalterio defronte, como mostra ser nas margens do socegado Lena e do sussurrante Liz, e atine com o freixo, a cuja sombra se assentava e cantava o seu patricio Francisco

---

[1] Impressa em 1829.

Rodrigues Lobo, e para o animar justo é que V. Ex.ª lhe conceda a licença que pede porque a merece.

Lisboa, 14 de Novembro de 1828.

J. A. de M.

Manifesto do Grande Oriente Lusitano contra a loja Regeneração[1]

Ex.^mo e R.^mo Sr.

N'este requerimento se pede licença para a reimpressão de um papel que ainda depois de visto com os olhos e conservado na mão se duvida da sua existencia. Julgo conveniente que se reimprima, se publique e se espalhe por todo este reino, para que os povos reconheçam de uma vez a quem devem as desgraças que padecem, e quem sejam os malvados que depois de haverem sido origem de tantos pezares têm a impudencia de deixarem pela imprensa uma publica confissão d'aquillo mesmo que elles fazem. Os auctores do *Manifesto* por cada lettra que n'elle escreveram mereciam uma forca. V. Ex.ª, se fôr servido, deveria dar licença para a sua segunda reimpressão, pois esta é a primeira, segundo a advertencia do principio, para que o povo por cada lettra lance uma maldição aos perversos que o escreveram.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1828.

J. A. de M.

O Realismo triumphante, etc.

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Diz Manuel Corrêa de Moraes que pretende mandar imprimir um periodico que se intitula *O Realismo triumphante nas desastradas e vis aventuras dos pedreiros livres*, e como se não pode imprimir sem licença

---

[1] Impressa no principio da mesma obra.

de V. Ex.ª, n'estes termos pede a V. Ex.ª seja servido deferir ao supp.º como requer e receberá mercê.—*Despacho:* Remettida ao R.do P.e José Agostinho de Macedo para informar com o seu parecer.

Lisboa, 29 de Dezembro de 1828.

(Uma rubrica do Ex.mo Vigario Geral.)

Ex.mo e R.mo Sr.

Scripta tenebrosi lego non inteligo, Pertii,
Lectores nimium negligit ille suos.

Isto disse o inglez Owen fallando de Satiro Persio; pois eu juro que entendo mais o obscurissimo Persio do que entendo o que quer dizer o presente escripto *O Realismo triumphante.* Depois de séria applicação, e com os soccorros de um censor do Desembargo que por acaso aqui appareceu, colligimos que um pedreiro livre quebrou as pernas, que outro nas mãos de tres cirurgiões habeis enterradores morrera; isto é optimo, mas é pouco. Considerando as palavras do escripto destacadas e cada uma de per si nada acho contra a fé e bons costumes, e me parece muito digno da licença que a V. Ex.ª se pede. Deve imprimir-se e eu pedirei ao seu auctor, quando vier buscar esta informação, que guarde segredo e que não entregue a chave do enigma, que deixe barafustar os profundos e livres pensadores do nosso seculo e tambem do futuro; teremos que vêr e que admirar a mesma scena apresentada á Europa na irresolvivel questão. Quem era o homem da mascara de ferro, que Luiz XIV conservou preso em diversos carceres e na Bastilha, ainda até agora se não sabe; o mesmo succederá agora. Quarenta annos não bastarão; com esta edade não poude ainda a Junta de Melhoramento dizer a que veiu a este mundo! O estado actual dos frades e das freiras passou nas summulas de Aristoteles a ser a actualidade eterna da divindade, acto purissimo e eterno. *Posuit tenebras latibulum suum.* Veremos determinada e manifesta a causa do fluxo e do refluxo, veremos resolvido o problema das longitudes, apparecerá quem diga: Aqui está o *Livro dos Tres Impostores;* apparecerá no mundo um frade bento que não queira sentar-se na mesa travessa, ou uma freira que não queira janella sem grade, e grade sem escuta; correr-se-ha de alto

abaixo a rua dos Fanqueiros e achar-se ha um fanqueiro só que não aspire ou que se não julgue digno de duas pastas, ao menos no gabinete; tudo isto poderá acontecer, porque emfim o mundo dá muita volta, mas entender-se o que queira dizer o auctor do escripto de que esta petição trata!... Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Antonio Ribeiro dos Santos lá foi achar vestigios da lingua celtica na pronunciação e tom de voz das frieleiras; João Pedro Ribeiro achou fabuloso e apocrypho o *Fuero de Sobrarbe*, e na sua alta philosophia egual em altura á harmonia de seus versos, que um clerigo que foi frade não serve para nada, que é o mesmo que dizer, sendo frade pode ser patriarcha, deixando de o ser nem para sacristão serve. Tudo isto acharam estes dois grandes engenhos, mas eu sempre os quereria vêr de volta com o presente escripto. O mesmo João Pedro Ribeiro tornaria a sacudir a poeira e a espiolhar a traça dos quietos e sepultados cartorios, onde não ha pergaminho que tenha validade quando se trata de fóros, de quartos e oitavos, que a Constituição tirou a seus donos e que ia deixando Alcobaça com as mesmas rendas dos Capuchos da Magdalena, a quem sustenta; daria volta aos testamentos dos reis e encontraria em algum de que estivesse pendurado o capitulo *Grandi in 6.° de Supplenda* uma verba, porque deixasse ao conde de Parati e á sua senhora um beneficio em Coruche, que ainda possue, porque ainda se não declarou vago; e carregado d'estas importantes drogas e tornando assim empoeirado e enfarruscado d'aquellas furnas pergaminheiras (onde os nossos philosophos assentam que existem milhões que os frades e mais as freiras devem pôr para alli a beneficio da nação) ao meio do mundo erudito como é o marquez d'Alvito, assim mesmo com esta flôr de conhecimentos humanos não atinaria com o que quer dizer o nosso homem no presente escripto, e mais era João Pedro Ribeiro quem fazia esta indagação! Eu ainda me adianto mais, postoque queiram dizer que eu arrebento por fallar, ainda que não faça mais que gemer com dôres insanaveis; se esta investigação se commettesse ao mesmissimo Sá, official maior, filho de outro Sá, mestre de meninos, e que nem este seu mesmo filho, que foi a quem Pitt e Canning deixaram os novêlos para baralhar os destinos do mundo, este homem, que em um papel impresso e inserido na magestosa *Gazeta* diz que a herança do duque de Cadaval, a herança era benemerita, a cousa e não o sujeito! Este extraordinario engenho tambem pararia na borda do escuro abysmo para não precipitar-se em tão cerradas e condensadas sombras! Isto, Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr., ainda é pouco; eu não devia contemplar um vime entre cyprestes; a Fenix das intelligencias, a grossa e vasta enchente do peregrino Nilo

dos palavriados, o mausoléo dos banquetes onde tudo fica sepultado, não escapando nem o talher nem o guardanapo (não na algibeira, mas no bandulho!) não sendo elle capaz nem de achar um frade apostata criminoso quando foge para a Junta, quero dizer, o Ex.^{mo} D. Prior, auctor e pronunciador do cumprimento feito a el-rei em nome dos moradores d'Arruda dos Vinhos, villa (diz elle) fundada pelos que estavam cercando Santarem com D. Affonso Henriques, porque a Arruda é alli ao pé e o cêrco de Santarem durou mais que o de Troia, que durou dez annos; este homem, que encontrou na Povoa João Lobo, como elle lá diz, indo para Villa Franca quando lá estava el-rei, cousa tão difficultosa de encontrar, e vêr João Lobo, que é um átomo imperceptivel pela anã estatura do seu corpo subtil como seu engenho, no meio de uma estrada larga; este homem, se se encarregasse da exposição e intelligencia d'este geroglifico egypcio, vêr-se-hia sahir de sua bocca um diluvio de perdigotos, isso sim, mas nada de explicação do enigma. V. Ex.^{a} me manda que informe com o meu parecer, e eu o que devia pedir a V. Ex.^{a} é que me apeasse de censor no presente caso; se V. Ex.^{a} commettesse esta indagação ao italiano Torricelli, que achou o peso do ár; a Pascal, que achou o triangulo arithmetico; ou ao marquez de Palmella, que no meio de tantas desventuras achou o modo de nos fazer rir, olhe que os punha no andar da rua por incapazes, assim como eu, mas ao menos não acharia outro que sobre a mais alentada parvoice que appareceu na terra lhe dissesse tantas quantas aqui tenho escripto.

Pedrouços, 6 de Janeiro de 1829.

J. A. de Macedo.

Golpe de vista relativamente aos direitos de S. M. o sr. D. Miguel 1.º

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

O escripto de que esta petição trata, entre a alluvião do que por aqui apparece, é a *rara avis* em honra, em estylo e em força de raciocinio; o seu auctor merece o nosso respeito, e a obra por todos a licença que a V. Ex.^{a} se pede para a sua impressão.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1829.

J. A. de Macedo.

Traducção de Tacito

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Tenho conhecido em nossos modernos pensadores uma profundissima veneração pelos escriptos de Cornelio Tacito, e com razão, porque este romano, que tambem foi consul do consulado dos duos e não de tres, era um declarado inimigo da tyrannia. O sabio Liberato[1] traduzia Tacito; um sacristão que foi das freiras de Chellas e de lá trazido para Rilhafolles, por ordens e não para as tomar, chamado Canuto Forjó,[2] tambem traduziu Tacito, e diz elle que o fez sobre o texto da edição e commentarios de Brotier. Tanto Tacito! Podiam poupar trabalho e fazer que Tacito apparecesse em estylo mais vernaculo, fazendo o que fez o sapientissimo José Victorino Barreto Feio: pegou na traducção de Sallustio feita por Manoel Sueiro, aliás Manoel Fernandes de Villa Real, judeu portuguez e refugiado em Hollanda, e em bom castelhano, chamou-lhe sua e a mandou para cá. Este Sueiro tambem traduziu Tacito, e para o meu fraco entender ainda melhor que traduziu Salustio. Fartem-se de Tacito, o inimigo dos despotas e tyrannos, e venha a *Vida de Agricola*, porque alli vem o grande principio consolador —Que os tyrannos podem fazer calar os homens, mas não os podem fazer esquecer das injurias que elles tyrannos lhes fazem.— Isto é, como nunca se esquecem de que lhe foram á mão, guardam-se para quando outra vez poder ser. Grande amor de Tacito! Pois já era tempo de elles serem Tacitos e de não quererem que os homens de bem, á força de se calarem, sejam Cornelios. Cuidei que não tornasse em minha vida a vêr o que vi quando li a confusa e volumosa obra de Dupuis, a *Origem dos Cultos;* vi que era dedicada a sua mãe, que era uma pobre e triste velhinha; pois vi agora que o sr. dr. Leitão dedica o profundo e sagacissimo Tacito a seu filho, um rapazinho estudante na aula de fortificação de Lisboa. Se é exacta, se é litteral a traducção,

---

[1] José Liberato Freire de Carvalho foi frade Vicente, por alcunha o *Loreto*, deputado nas Côrtes revolucionarias de 1822, e redactor da *Gazeta de Lisboa* na Constituição de 1826.

[2] José Theodoro Canuto Forjó foi auctor de um *Parecer para as Côrtes de 1821* e de varios papeis *a favor do Systema constitucional*. Era mestre de meninos.

não me importa como censor, lá se avenham com o sr. dr. Leitão os Orbilios presentes e futuros; tudo anda estragado, e mais estragada a lingua, e o sr. Leitão, como escriptor medico, não a devia chagar ainda mais a pagina 40, traduzindo o *pugnacem* do texto com a palavra, nunca entre nós ouvida, *Bellar*. Fr. João de Ceita diz, fallando nas abelhas: *As abelhas são pugnacissimas;* aqui temos o *pugnacem* sem violencia. Mas, Ex.^mo^ Sr., assentemos nós os velhos, e nós amigos das cousas que o são, que seria um desliz ou um desdouro para os nossos sabios e sapientissimos lêrem um livro velho portuguez, e muito principalmente se fosse feito por um frade velho, e se o livro fossem sermões de um frade velho. Um medico não lê essas fanaticas simplicidades! Lê Tacito, o Franklim dos romanos—*Eripuit cœlo fulmen, sceptrum que tyrannis*. Lê o *Medico Cabaniz*[1], que eu deixo ir nas relações para evitar ralhações pelas lojas de livros do Chiado, que diz entre as jalapas e digitalis das receitas—que os homens costumados a julgar que existe alguma cousa dentro do corpo, que reja e dirija os seus mesmos membros, tambem ajuizam que ha alguma cousa dentro d'esta animada machina do universo que a governe e que a dirija. Assentemos de uma vez para sempre que em politica democracia para governar; em Metaphysica o Pantheismo e Materialismo para acreditar.

Foi-me escorregando até aqui a penna porque já me trasborda do coração á peçonha com que me têm envenenado tantos franchinotes enfatuados em lettras, que nem uma phrase escrevem que direita vá. Pois vá como fôr a traducção da Vida de Agricola. Seja ou não seja de Tacito, assim como dizem que não é outro livro de *Moribus Germanorum*, traduzam bem ou traduzam mal, isso não me importa como censor, nem a V. Ex.ª como auctoridade ecclesiastica; mas a dedicatoria ao rapazinho da escola, que o pae do livro e o pae do rapazinho estende na primeira folha do livro, deve ou ser riscada ou emendada, porque traz duas proposições, uma na ordem de Religião outra na ordem Politica, que não podem tolerar-se. Eu creio que na escola de Epidauro não entrou nunca o mestre Ignacio e a sua *Cartilha*, porque isso não é cousa que leia um homem que toma o pulso a um doente para o enterrar e aos imperios e ás nações para as entysicar. Eis aqui a phrase em que se descobrem as duas proposições: «O amor e a submissão devidos aos soberanos ainda quando o céo os queira iniquos.» Deus não

---

[1] Allude o P.ᵉ Macedo n'esta passagem ás Relações de Livros francezes que como censor lhe iam para conhecer dos mesmos Livros se eram dignos de correr, entre os quaes vinha incluido o mencionado *Medico Cabanis*.

quer a iniquidade, não é auctor do mal, e na sua dissidencia actual a quem Vm.^ce^, Sr. Dr., que entendamos por soberanos iniquos? Ninguem duvida que devemos obedecer aos soberanos; ensine seu filho a exercitar esta virtude e a cumprir este dever, e deixe-se do adjectivo *iniquos*, que não sómente é aqui muito ocioso, porém muito malicioso, e corrigindo, como deve, o estylo da sua obra, não nos empurre o cerrado e conciso Tacito a fallar hotentote defronte de Moçambique. Este velho censor não se deixa surprehender, e com a mesma justiça que diz sim diz tambem não. A traducção do sr. Leitão não presta, porém como nem no texto nem na salgalhada das notas ha cousa que offenda a fé, os bons costumes e as leis d'este reino, sendo V. Ex.ª servido, se lhe pode dar licença para a impressão, exceptuando as clausulas da dedicatoria, mandando-se que a tire ou faça outra que se vier como esta vem para lá lhe torna outra vez.

Lisboa, 30 de Janeiro de 1829.

J. A. de Macedo.

Mastigoforo n.º 4

Ex.^mo^ e R.^mo^ Sr.

O censor a quem V. Ex.ª manda revêr a presente obra estimou a occasião que V. Ex.ª se dignou offerecer-lhe para se instruir e admirar, e tão instruido e admirado ficou que sem lêr o nome de seu auctor podia dizer logo: *Pode imprimir-se*, porém tendo este respeitavel nome—O Dr. Fr. Fortunato de S. Boaventura—pede e diz com ancia e com justiça: *Imprima-se.*

Lisboa, 3 de Fevereiro de 1829.

J. A. de M.

Relação de festas

Petição

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Dizem os directores da festividade realista celebrada ha pouco na parochia de N.ª S.ª da Encarnação, que sendo um dos seus deveres o fazerem constar pela impressão os detalhes d'esta sua festividade, assim como tambem a lista nominal de seus contribuintes, discurso de convite a sua magestade, e mais papeis que têm a honra de apresen-a V. Ex.ª, e que não podendo pôr em pratica estes mesmos deveres sem recorrerem a V. Ex.ª, é portanto que pedem a V. Ex.ª haja por bem de lhe conceder que seja o censor para esta impressão o reverendo Fr. João de S. Boaventura, por ter elle sido o orador n'esta mesma festividade e por estar bem ao facto dos motivos que estes manuscriptos apontam. E receberá mercê.

O boticario apedrejado

Henrique José de Sousa Telles.

Despacho

Remettida ao R.^{do} P.^{e} José Agostinho de Macedo para informar com o seu parecer.

Lisboa, 7 de Março de 1829. Com uma rubrica.[1]

[1] Impressa no n.º 2 do periodico *Correio*, pag. 32; 1838.

Ex.

Ex.^mo e R.^mo Sr.

Vi e examinei com toda a devida attenção a obra inclusa, apresentada pelo boticario apedrejado. Este appellido me fez alguma duvida porque não o encontrei ainda nas nobiliarchias portuguezas, porém pode excitar a emulação de outros boticarios para o quererem ser tambem. Elle assim se chama e assim seja. Não sei como o pregador não usa tambem d'este nobre appellido porque a elle mesmo o ouvi do pulpito para baixo. «Fui apedrejado clamava elle uma vez com pedra no adro do Espirito Santo, outra vez com cinco batatas: isto mais macio foi.» O mais da obra é optimo: respira amor de Deus e do proximo, e eu creio que o boticario perdoará aos seus mesmos apedrejadores, e V. Ex.ª se dignará conceder-lhe a licença que pede para se mostrar pela prensa á posteridade.

Pedrouços, 14 de Março de 1828.

J. A. de M.

N. B. O boticario referido mora perto da Patriarchal queimada, defronte do pateo do Tijolo, e foi a sua loja apedrejada com effeito em uma das noites de Julho de 1827 pelos liberaes de archotes, que queriam Saldanha no ministerio.

Não pode deixar de haver ironia quando o censor diz: *O mais da obra é optimo, &c.*, pois que ella é tão tola que principia assim:

«Depois que um estilhaço de bomba revolucionaria do norte saltou para o Meio dia da Europa, as Constituições para com Portugal fizeram os mesmos effeitos que a Revolução franceza tinha feito para com o resto do mundo conhecido!»

Na obra e no requerimento não ha orthographia alguma; além d'este erro *sensor* por *censor* abunda em muitos outros.

O vigario geral remetteu estes papeis á censura de José Agostinho de Macedo, porque nem Fr. João de S. Boaventura é censor ordinario, nem está ligado a acudir á escolha de censor feita pelos pretendentes.

Mastigoforo n.º 5

Ex.^mo^ e R.^mo^ Sr.

Obedecendo ao mandado de V. Ex.ª vi (e tambem para me instruir e aproveitar) este numero do *Mastigoforo*. Já disse a V. Ex.ª que o nome do seu auctor traz comsigo a approvação da obra e a sua recommendação. Este eximio doutor não só se mostra ao mundo erudito e sabio; a mim parece-me ainda mais alguma cousa; parece-me assim por modo de santo e que se inclina mais por humildade a seguir a simplicidade da pomba que a prudencia da serpente. A pomba vê-se livre por todos esses áres, elle tambem quer ir e cuida que todo o matto é oregãos; muito unido do rigor da lettra do Evangelho vae á risca com o conselho *Set sermo vexter est, est non, non*. Para aqui lhe era precisa a prudencia da serpente, lembrando-se que o conselho não é preceito, por isso leva riscada a pagina 2 a tirada do velho rei D. Pedro crú. Os presentes não são crús, são cosidos, e não querem o .... nem a aposiopesis da extorção, nem a prophecia do cadafalso. Nós não ignoramos a tragedia do Infante D. Duarte, irmão d'el-rei D. João IV, que morreu no Castello de Milão á força de musica que incessantemente lhe tocavam; foi vendido aos castelhanos, porém Francisco II, nosso tutor e curador, é sogro do imperador, e os imperadores de Allemanha não hão de querer que se saiba que elles fazem negocios com os Infantes de Portugal. Então a cousa foi muito barata, agora foi muito cara; talvez fizessem conta ao rebate do papel, ou os hollandezes e turcos já não compram os brilhantes por tanto preço, por isso leva um gilvaz a pagina 42.

O illustre auctor do *Mastigoforo* é com effeito um saboroso paio de linguas orientaes, e é pena não morar aqui por estes sitios de Pedroiços, porque em um confeiteiro de Belem se está vendendo assucar embrulhado em folhas esfrangalhadas da *Maxima Polyglota Complutense*, obra do animo e da opulencia do cardeal Cisneros, e isto que escrevo é escripto sobre uma folha dobrada que me serve de pasta, tal é a consistencia ao tamanho do papel, porque tambem de vez em quando meio arratel de assucar entra no rol das munições de bocca; aqui tinha o auctor muitas linguas em que dar á lingua e bem certo que ninguem o entendia; mas se elle assentou de ser santo e simples

como uma pomba; não, senhor, é preciso a gregos fallar grego, não convém fallar portuguez tão claro como elle falla a paginas 27 e 28. A crise politica não só é agora temivel, mas embrulhada. *Dolo indiget natura.* Nós bem os conhecemos quando nos querem conhecer a nós.

Onze annos passaram em que as grandes potencias influentes não reconheceram D. João IV, porque se temia e contemplava o poder collossal da Hespanha e convinha á politica de Richelieu que a Hespanha continuasse a guerra com Portugal para que a Hespanha não augmentasse a força de resistencia na Allemanha: nós fomos esperando e vencendo; agora ha manejos mais ardilosos, mais sujos, mais perfidos, que são os interesses Pedreiraes. Sejamos Fabios temporisadores, esperemos e não despropositemos. Deixe-se o mestre de agourar desgraças de potencias por haverem reconhecido a mascarada independencia do Brasil, junto com a legitimidade de D. Pedro, e não reconhecerem a independencia do apoiado e estafermo Piranga: mas elle é pomba quando deve ser lagarto ou cobra, por isso leva um circo a paginas 27 e 28. Eu bem sei que elle estava arrebentando por fallar, e ninguem sabe mais do que eu quanto isso custa. Elle tem por si amigos, pois consulte-os porque se interessam na gloria do seu nome sem rivalidade; e eu mesmo quero ir de camaradagem com elle, para se levar até ao presente os Annaes da monarchia lusitana, começando onde deve começar, que vem a ser no dote que o rei de Leão deu a sua filha D. Thereza. Fr. Bernardo de Brito perdeu muito oleo e obra em tantas monarchias antes da Lusitana; a monarchia Fenicia, Carthagineza, Romana, Gothica e Sarracena não são a historia de Portugal, monarchia etc.; isto não é da censura nos amigaveis córtes e obliterações do sacudido *Mastigoforo*.

Temos a pagina 60, no couce do diccionario, um P. S., no qual vejo com admiração elogio e meio de dous grande generaes, porque ser grande patife tambem é ser grande. Villa Flôr e Angeja. Aqui apparece mais o santo pomba em toda a sua simplicidade, e quando eu esperava achar uma cobra de capello não encontro nem uma lagartixa. *Nullum Numen abest si sit prudentia*, diz o meu conhecido Juvenal. *Nos te facimus Fortuna Deam Celoque locamus*. A imitação de Christo na politica não chega até ao calvario. *Dimitti illis non enim sciunt quid faciunt.* Olhem que dous pharizeus, o Villa Flôr e o Angeja!!! Quiz o Villa arredar de si o batalhão gallinheiro das preças de Vizeu; e porque as capoeiras estavam ermas, não havia já um frangão a furtar e que o Villa Flôr ajudasse a comer. Nunca houve outro motivo

para a decencia entre ladrões senão a desegualdade na partilha. Fóra Villa Flôr do *Mastigoforo*. E o Marquez de Angeja? Este fidalgo, e bem fidalgo, diz o Dr. Fr. Fortunato, pomba sem fel, bem fidalgo é verdade, porque n'aquella casa está o morgado e casa de Affonso de Albuquerque, e não a varonia, por seu filho Braz de Albuquerque, a quem elle mandou que se chamasse Affonso, mas não poude fazer que não fosse Braz; esta varonia continha nos filhos de Antonio de Saldanha Ribafria; a ossada do avô d'este defuncto Angeja, o santo no *Mastigoforo*, por culpa minha foi lançada em cima da ossada de Affonso de Albuquerque, na capella dos claustros da Graça, porque eu descobri a sepultura em que a metteram quando veiu de Gôa, e lá estava tambem a espada comida do tempo, mas ainda assim terrivel. As valentias, feitos de armas e gentilezas d'aquelle velho de barba grande converteram-se no ataque e entradas de assalto de pipas, quartos e almudes e canadas por este heroe morto d'ellas e sepultado em Braga. Se o Dr. Fr. Fortunato tem sido com os outros pomba envangelica, com este alimpador de tabernas e inquilino de prostibulos é um anjo descido do céo; eis aqui as suas palavras: «Se vivesse teria sido um dos mais zelosos propugnadores da justiça com que o Sr. D. Miguel empunhou o sceptro luzitano.» Só se elle fosse como D. Ignez de Castro, que depois de ser morta foi rainha, porque elle lhe........... a morte, não só com o mais execrando juramento, mas com a escolha de uma prostituta que fosse carrasca. Dizem de qualquer velhaco que é capaz de enganar um santo. Não ha gente mais facil de enganar. A beata Marianna da Purificação, que jogava as cartas com o menino Jesus e lhe ganhava, poude enganar o Padre Bernardes, consumado theologo e profundissimo philosopho, e o mais eloquente de quantos em Portugal escreveram; que muito que os de Braga enganassem o Polymnestor portuguez, se elle parece um santo com a simplicidade da pomba!

Vá fóra pois este P. S. e todos os que com elle se parecem. Diz mais que o marquez não teve morte pedreira, peor que morte macaca... Tanto mentem os pedreiros na vida como na morte. *En el Brasil asta los cielos mientem*, dizia na bahia D. Fradique de Tolêdo, seu governador, porque estando o ár limpo, o sol claro, os céos azues, vem de repente uma tormenta de trovões e raios, tudo é noite e mais escura que os couros dos habitantes; mentem os pedreiros na vida, muito mais mentem na morte; quando vivem enganam com a politica, quando morrem enganam com a hypocrisia; pois vão mentir ao inferno; eu vou-me á operação dos riscos—*transverso calamo*—e dou

pasteleiro, o *Manual de um cozinheiro*, e depois tres traslados elementares de jogos divertidos de calculo e azar para depois de jantar, nem um só instante se devem demorar fóra da mão de seu dono, e como nada contém contra a religião, porque ainda que despertem o appetite não persuadem á gula, que é um dos sete peccados mortaes. Sendo V. Ex.ª servido se lhe pode dar licença para a sua entrega, pois é de presumir que o dono esteja impaciente por reduzir á pratica o que na theoria de pasteis e gigotes lhe ensinam tão conspicuos secriptores e tão consumados philosophos.

Pedrouços, 18 de Julho de 1829.

J. A. de M.

Mastigoforo n.os 8, 9 e 10

Ex.mo e R.mo Sr.

Os numeros 8, 9 e 10 são irmãos uterinos dos sete que os precederam. Estes numeros são do *Mastigoforo*, e este *Mastigoforo* é obra do P.e M.e Dr. Fr. Fortunato de San Boaventura; este nome toma a mão do censor e com ella escreve que se deve imprimir, e tomará a V. Ex.ª e com ella escreverá *que se imprimam*.

Pedrouços, 25 de Julho de 1829.

J. A. de M.

N.os 11 e 12 do Mastigoforo

Ex.mo e R.mo Sr.

Dizem que os que jogam guardam para o fim do jogo ou mãos ultimas umas cartas chamadas trunfos, cousa de que eu sou perfeitamente ignorante, mas por isto que tenho ouvido vejo que o P.e M.e

haja logar onde elle possa estar seguro; talvez o encontre na sacristia de Santo André, porque o prior[1] é um anjo muito valedor e muito amigo dos *corcundas;* entretanto bom é que se conheçam as atrocidades pedreiraes e com tanta vehemencia expostas; ainda ha no seculo XIX quem aspire á palma do martyrio; eu não, porque apenas tenho força para dizer que o P.e M.e Fr. Fortunato de S. Boaventura leva a palma aos escriptores portuguezes, e por isto, estes escriptos e tudo o mais com que se dignar illustrar o mundo e ennobrecer a nação portugueza, orphã, pupila e desvalida, é mui digno de se imprimir, e para se imprimir merece a licença de V. Ex.a. Assim me parece, e V. Ex.a determinará o que fôr servido.

Pedrouços, 1 de Agosto de 1829.

J. A. de M.

Relação de Livros

Ex.mo e R.mo Sr.

Conheço os livros da presente relação, todos são bons e muito poucas vezes se tem apresentado d'esta natureza. Não vejo nem politicas, nem medicina, e é a primeira vez, depois de tantos annos levados no exame de livros vindos, que nunca são livros findos, que tal vejo. Desejo que o despacho seja prompto, porque tambem desejo possuir alguns. V. Ex.a fará o que fôr servido.

Pedrouços, 30 de Setembro de 1829.

J. A. de M.

---

[1] Manuel Pires de Azevedo Loureiro, que era prior da freguezia de Santo André; homem de exterioridades seductoras; foi empregado pelos revolucionarios em 1823 em inventariar as imagens e mais objectos das egrejas supprimidas, e em outras commissões revolucionarias, as quaes desempenhou tão bem que attrahiu sobre si a raiva e desgosto dos portuguezes. Este homem acaba de ser restituido á sua antiga egreja, quando só merecia acabar seus dias n'um carcere perpetuo! *(Idem.)*

Tragedia intitulada Fayel[1]

Ex.[mo] e R.[mo] Sr.

Li a inclusa, impressa e licenciada tragedia *Fayel;* no que está impresso nada encontro que não possa reimprimir-se, dando V. Ex.ª a licença que pede. Já em uma relação de livros do livreiro francez Rolland pedi a V. Ex.ª houvesse por bem haver-me por demittido de censor, porque nem estudos, nem luzes, nem talentos, nem consciencia tenho para tal emprego. O Desembargo do Paço, por um despacho lançado no livro da porta, acaba de supprimir um papel por mim escripto, licenciado por V. Ex.ª e approvado com elogio pelo censor que Sua Magestade foi servido nomear-me como privativo. Funda-se este despacho no § 25 da lei de 30 de Julho de 1795, onde se trata dos livros contra a religião e contra o estado, vindo a dizer que eu sou réo de lesa-magestade divina e humana, não tendo eu feito mais que defender sempre uma e outra cousa n'aquelle e em todos os papeis impressos com as devidas licenças, e isto sem se me dar vista, indo o papel tão solemnemente approvado! Injuria feita a V. Ex.ª, ao censor nomeado por Sua Magestade e feita a mim; por isso não devo ser mais censor nem escriptor.

Pedrouços, 16 de Outubro de 1829.

J. A. de M.

Reflexão prévia ao Espectador Portuguez[2]

Por ordem de Vossa Magestade revi a *Reflexão prévia ao Espectador Portuguez* e acho que ella é inteiramente contraria á regra 25 da censura, regra estabelecida na lei de 30 de Julho de 1795.

Estabelece aquella regra 25, que se não devem deixar imprimir os livros seguintes: Os que encerram discursos declamatorios e sati-

---

[1] Copiada d'*O Chaveco,* periodico impresso em Londres em 1829, p. 291.

[2] Copia do autographo existente na Bibliotheca publica de Lisboa.

ricos porque se doestam, maldizem e diffamam as pessoas ou publicas ou particulares.

Para que o redactor do *Espectador* não julgue haver em mim prevenção, ou que lhe faça uma censura cumulatoria e vaga, passo a mostrar-lhe em como o seu periodico está comprehendido n'aquella regra 25, como concebido em estylo declamatorio e doestador.

Diz o redactor no folheto, agora censurado, a fl. 1, linh. 11: *Um homem perverso, inimigo da nação como correspondente do infame redactor do Portuguez,* com o supposto nome de Orestes, valendo-se do phantastico pretexto da injuria feita a Camões... Ninguem duvida que foi Pato e Couto que escreveram contra o redactor em favor de Camões; que é este o pensamento do redactor elle o declara a fl. 3, linh. 8. Eu fallo ao Hypolito em Inglaterra, o Hypolito cala-se, e elles Pato e Couto são os que respondem cá. Mais claro a fl. 9, lin. 3. Não conhece por elle o povo quem seja o Hypolito, o Couto, e sobre tudo quem seja o Pato, o correspondente e amigo Orestes do Pilades portuguez? São pois Couto e Pato correspondentes do Hypolito e do redactor do *Portuguez.*

Mas o Hypolito é um transfuga criminoso que insulta a patria, o throno, a soberania, as leis, o governo e os homens mais conspicuos e benemeritos da nação. O Hypolito ataca com a mais violenta e descarada diatribe um respeitavel ministro de estado pela sua integridade, sabedoria, prudencia e profundos conhecimentos de legislação (fl. 5 linh. 14.) Tu (diz o redactor) me chamas o réo de lesa-magestade n'aquelle magrissimo caderninho em que réo verdadeiro e atrocissimo, réo de lesa-magestade, infamas com altivez o governo do reino? (fl 5, linh. 19.)

Logo Pato e Couto são delatados ao publico e á Europa inteira como correspondentes de réos de lesa-magestade, lesa-nação, soberania, leis e governo. Que horriveis monstros! Muito criminosa é a Intendencia, que tanto vigia e tanto se tem deixado illudir e os não apprehende! Muito criminosa, Senhor, é a Inconfidencia, que sendo tão activa como imparcial o não tem descoberto! Muito negligente tem andado o governo, que desvelando-se em manter a tranquillidade publica, mesmo na crise original e sem exemplo na historia portugueza, quando de repente accresceu á população de Lisboa a massa de mais de trezentas mil pessoas, com o exercito inimigo a quatro e a cinco leguas da capital, defronte do nosso numeroso exercito, nada houve de inquietação, e agora consente no maior socego e no meio da cidade dous correspondentes infames de réos de lesa-magestade! A esta imputação tacita, mas assim mesmo sacrilega e a mais affrontosa, deve o redactor responder, pois que indirectamente accusa de indolentes o governo, a In-

confidencia e a Intendencia. Deve o redactor saber que não ha indolencia, ha imparcialidade, ha falta de provas.

Então para que se queixa o redactor a fl. 3, linh. 27. Que não houve ainda algum mortal a quem se dissessem mais crimes, de quem se dissessem mais blasphemias. E as provas?...

Para que se queixa a fl. 4, linh. 27. Que justiça me poderá condemnar sem provas allegadas pelo accusador? Queixa-se de que o accusam sem provas, e elle accusa de réos, de correspondentes de réos de lesa-magestade, aos dous, Couto e Pato, e diz que enviam ao Hypolito e *Portuguez* os documentos para elles atacarem o throno, a nação, as leis e o governo, e não dá provas, provas que devem ser mais claras que a luz do meio dia! Supprirá estas provas o odio e o escarnecimento do redactor contra elles?...

Creio que o redactor não se esquece de que é sacerdote e orador do Evangelho, e que supposto seja redactor lhe é defeso jurar em causa capital de que se haja de seguir effusão de sangue ou morte natural? E ousa accusar dous portuguezes como réos de crime da primeira cabeça, não só perante o throno e a nação inteira, mas perante a Europa inteira, a edade presente e a futura, sem haver ainda notoriedade de facto e de direito? E que a houvesse seria proprio do seu caracter sacerdotal o antecipar-se por meio da imprensa a denunciar, antes que os tribunaes competentes instituissem o processo na fórma e com as solemnidades da lei? As auctoridades competentes dormem ou presume ser o redactor mais perspicaz e inteiro do que ellas? Que é isto senão clamar, doestar, maldizer e infamar as pessoas? Regra 25.

Eu, Senhor, não conheço Couto, nem Pato, nem os defendo; se são culpados, os tribunaes os julguem e os punam. Como me era necessario fallar no seu nome devia ao menos saber as occupações que tinham: disseram-me que o Pato era um poeta, filho do Capitão-mór de Alcochete, e que o Couto era professor de grego, e já me não lembra o collegio que me disseram o tinha por seu professor; nada mais sei, mas basta-me saber que são dous portuguezes para na razão de censor e observante das regras da censura não dever consentir sejam atacados pela imprensa nos mais sagrados dos seus direitos, a honra e a boa fama, emquanto d'ella não forem legalmente privados e se façam publicos os seus crimes. Se os dous, Couto e Pato, atacaram ou atacam o redactor litterariamente, mas com um estylo polido, nervoso, decente e nobre, não lhe faltam modelos n'este genero, bons philosophos, glosadores, commentadores e diccionarios criticos. Não responda a ataques litterarios com ataques moraes; se o provocam com inju-

rias e calumnias não responda com calumnias e injurias, publicando crimes e defeitos ainda não provados; responda com modestia, com razões solidas e evidentes, que convençam; quem assim se não defende empeora a sua causa.

As palavras *descomposturas, despropositos*, fl. 2, linh. 15; *logica de regateiras*, fl. 3, linh. 8; *Ferrabraz de jornaes*, fl. 3, linh. 27; *Madragóa de Londres*, fl. 5, linh. 4; *Papel abrejeirado*, fl. 9, linh. 6, são palavras feias, sordidas, indecentes, improprias para se empregarem em um estylo asseado, puro e eloquente, e que até as mais das vezes não deve ser mediocre, mas sublime. O jornal em que se encontram semelhantes palavras abaixa-se, decae da nobreza do estylo litterario e até se arrasta a par do estylo comico, burlesco e chulo.

Emquanto á empresa gloriosa a que o redactor se propõe de refutar os dous periodicos quando elles atacam o governo e a nação, eu o louvo, e tem muito com que o fazer victoriosamente, seja com documentos, seja com razões, seja com principios de Direito publico e de Economia; mas deve-o fazer sem ser em estylo declamatorio e doestador, não mettendo a bulha com epithetos ludibriosos, que mostram fraqueza e indignidade no estylo. Ao redactor não lhe é extranho o estylo de Demosthenes, de Phocion, de Seneca, de Cicero, etc. Imite-os, pois creio se não persuade que com o estylo de que usa os excede ou trata melhor a sua boa causa. Tratar uma boa causa com estylo improprio d'ella não é defendel-a, é desfigural-a.

Supplico a Vossa Real Magestade, com o mais profundo respeito e zelo pelo bem do real serviço e decoro da litteratura nacional, que Vossa Magestade dê vista d'esta censura ao redactor (quando não julgue melhor supprimir o folheto censurado) e se elle se não conformar com ella ordenar-lhe que imprima a mesma censura junto com o folheto, servindo de correctivo esta demonstração ao resabio publico de muitas pessoas litteratas e caracterisadas, e para que todos conheçam que Vossa Real Magestade tem censores que não censuram por capricho, nem deixam de censurar por medo, condescendencia ou empenho. Eu, Senhor, protesto aos pés do throno que não tenho outras vistas na censura presente e nas mais que já tenho feito senão a observancia das regras da censura e que debaixo da sombra da sagrada auctoridade de Vossa Real Magestade se não imprima cousa que ataque os direitos e as pessoas dos vassallos de Vossa Magestade, e zelar o credito da litteratura nacional, não consentindo se imprimam obras em estylo improprio d'aquelle que a materia exige.

Vossa Magestade mandará o que fôr servido.

Despacho

D'esta censura se dê vista ao editor em cumprimento do despacho da Mesa do Desembargo do Paço de 14 do corrente.

Lisboa, 28 de Maio de 1817.

(Assignado) *Um official da secretaria*

Resposta

Dada pelo padre José Agostinho de Macedo, auctor do *Espectador portuguez*, á censura que lhe fez no folheto intitulado *Reflexão prévia ao Espectador portuguez* Fr. José Joachim da Immaculada Conceição, da Provincia dos Menores de Portugal.

Senhor

Com o mais profundo respeito, prostrado ante o throno de Vossa Magestade, o redactor do periodico intitulado *O Espectador portuguez* responde á censura feita á reflexão prévia e 1.º numero do 3.º semestre, e diz que o censor ou tem pouca memoria, ou leu muito tarde as leis dadas por Vossa Magestade sobre a censura dos livros, porque só um homem de pouca memoria e nenhuma lição das leis relativas ao seu emprego de censor condemna agora aquillo mesmo que ha poucos dias approvou. Condemna dizer-se no 1.º n.º do 3.º semestre do *Espectador* que Pato e Couto enviam papeis, satiras, invectivas, libellos famosos ao Hypolito e ao *Portuguez*. Isto é o motivo da actual censura e da reprehensão indirecta que dá aos tribunaes e ministros rectissimos da Inconfidencia e policia. Este mesmo censor que isto reprova foi quem approvou o n.º 24 do 2.º semestre, onde se lê a paginas 227 a seguinte clausula: *Como Vm.ce transcreve no seu jornal o que Pato lhe envia, não se contentando, como todos sabem, este Orestes de enviar para o seu Pilades, o Portuguez*, tanta patifaria, etc. O n.º 26 foi pelo mesmo censor approvado, e n'elle se lê a paginas 239: *Foram en-*

tereis os Coutos e os Patos na remessa das galanterias (quanto ao *Braziliense* de janeiro) *como o Hypolito lhe chama, que vem a ser, como todos sabem, atrozes descomposturas, ataques pessoaes*, etc.

Para isto não houve a lei da censura, e ha agora a lei da censura para o mesmo? Que contradicção é esta? Eu, Senhor, não me atrevo a affirmar que haja em o censor falta de memoria e de lição das leis que lhe pertencem; isto seria uma injuria feita a um tão conspicuo sujeito em cujos sobrescriptos se lê que é o padre mais digno entre os Menores observantes da provincia de Portugal. A resposta á censura é a publicação do mais que provavel motivo da mesma censura.

O censor pede a Vossa Magestade indirectamente, mas de bem claro modo, que seja supprimido o *Espectador;* este é o desejo e o voto de toda a Irmandade maçonica, e houve já quem affirmasse em uma publica loja que o *Espectador* havia de morrer nas mãos do censor. Muita gente esperava que o *Espectador* acabasse no 2.º semestre, e dizia a tal gente: *Por mais tres ou quatro numeros deixar ir para que se não diga que se defendem os pedreiros livres;* porém vendo que se continuava determinou a tal gente atalhar o progresso pelo lado da censura, e como se não podia criminar que se atacasse com força repulsiva o Hypolito, porque isso seria declarar-se fautor do Hypolito, vem o pretexto frivolo das criminações de Pato e Couto, mas achadas agora e approvadas quando se presumia que o *Espectador* ia a acabar. Quizeram fazer esquecer ao censor o que tinha dito, e elle como bom religioso não conheceu a malicia, a que chama: *Resabio de muitas pessoas litteratas e caracterisadas.* Dado á penitencia do claustro e á meditação da morte, a que elle energicamente chama *A cavalleira parda*, na sua oração funebre do marquez de Borba, não adverte para a perversidade d'aquelles mesmos que mandaram dizer ao Hypolito que elle era o censor do *Espectador* com termos bem injuriosos no caderno de Abril de 1817, pag. 461, onde diz: *Este novo censor privativo é Fr. José Joachim da Immaculada Conceição da Provincia de Portugal, intitulado entre os seus confrades um dos padres mais dignos*, mas o povo chama-lhe Fr. José sem medo, por ser um bom vivente, etc. Esta tirada mostra bem ao censor se ha ou se não ha correspondentes do Hypolito, e se estes são do numero d'aquelles que se doem, e se estes remettem ou não libellos infamatorios, se estes libellos pedem ou não uma correcção equipotente.

Vossa Magestade manda que se dê vista da censura ao redactor, e como Vossa Magestade manda é preciso responder em fórma.

Allega o censor a regra 25 da lei de 30 de Junho de 1795 (so-

bre os livros que se hão de prohibir) que diz: *Os que encerram discursos declamatorios e satiricos, porque se doestam, maldizem e diffamam as pessoas publicas ou particulares.*

Diz o censor que passa a mostrar em como o *Espectador* está comprehendido na dita regra *como concebido em estylo declamatorio.* A regra da lei falla em discurso, o censor falla em estylo, confundindo uma cousa com outra, como se fosse o mesmo o corpo e o vestido: por esta notavel confusão, quando lhe não queiram chamar insipiencia, mostra o censor que não está nas circumstancias de o ser. Quando se toma em máo sentido *estylo declamatorio*, entende-se a affectação de termos pomposos e figurados em alguma obra ou assumpto que os não admitte, mas em nenhuma rhetorica se proscreveu ainda o estylo declamatorio quando alguma obra ou assumpto o admitte ou exige; se o redactor cahir n'esse defeito de usar de estylo declamatorio em uma materia tão grave como repellir os desaforos do Hypolito e seus correspondentes, não é réo contra a lei, será réo de ignorancia em rhetorica, e com isto não tem nada o padre censor, e por elle mesmo não é o redactor incluso nos que contravêm a regra 25 da lei que falla em discursos declamatorios e satiricos, que são aquelles que sem apresentarem solidas razões, nem objectos veridicos, invectivam contra os costumes de pessoas que taes costumes não têm.

Bem se vê que para doestar, maldizer e diffamar não é preciso o estylo declamatorio; isto se pratica até no estylo mais simples, familiar e rasteiro; mas dado mesmo que fosse prohibido pela lei usar do estylo declamatorio, não haverá pessoa versada na rhetorica que chame estylo declamatorio ao que se acha apontado pelo censor, o que prova que não entende de estylos. Que tom declamatorio têm estas simplicissimas palavras censuradas pelo padre censor: Um homem perverso, inimigo da nação, como correspondente do infame redactor do *Portuguez* (por que razão supprimiria o censor a palavra em *Inglaterra*, que está no original!) com o supposto nome de *Orestes.*

Onde está aqui o estylo declamatorio que o censor quer que seja prohibido pela lei? Isto não é nada! O que admira é a confusão das suas idéas. Diz que são co-réos de lesa-magestade os correspondentes do Hypolito, e diz isto com um tom absoluto e sem distincção. Se o ser correspondente do Hypolito é ser co-réo eu vejo até bispos, como o de Funchal, correspondendo-se com o Hypolito e assignando-se quando lhe mandam papeis indifferentes (como o mappa do hospital da Madeira, o Compromisso do Monte-pio dos professores em Lisboa, e a conta da receita do mesmo Monte-pio, de que é procurador o mencionado

Couto). Ora os que enviam ao Hypolito estes papeis indifferentes e que muitos assignam são co-réos de lesa-magestade? Para censurar exactamente devia explicar-se e não confundir os termos. Eu fallo dos que lhe mandam papeis contra o governo e contra particulares; esses é que são os co-réos de lesa-magestade. Diz mais o censor que o redactor accusa de réos, de correspondentes de réos de lesa-Magestade, aos dous, Couto e Pato, e diz que enviam ao Hypolito e ao *Portuguez* os documentos para elles atacarem o throno, a nação, as leis e o governo. Parece, Senhor, que a uma imputação d'estas devia o censor, se censurasse de boa fé, ajuntar provas extrahidas das passagens do *Espectador* censurado; eis aqui o que não apparece porque eu não o digo, e com mentiras não se censura. Eu queixo-me do que é relativo a mim, que vem a ser do que vem no artigo correspondencia, que são as cartas infames em que sou atacado em tudo; estas cartas, estes sonetos, estas torpitudes não são, como diz o censor, que tudo confunde, documentos para se atacar o throno, a nação, as leis e o governo; dirigem-se a mim.

Diz mais o censor que como lhe era necessario fallar nos nomes Couto e Pato (ou aliás em seu nome, como se expressa na censura) devia saber as occupações que tinham. Um tem o officio de poeta, outro ensina grego em um collegio cujo nome lhe esqueceu. Que tem isto com a censura para mostrar que o estylo declamatorio de que elle diz que eu uso é prohibido pela regra 25 da lei da censura, que não falla em estylos?... Manda-me responder com um estylo polido, decente e nobre? Isto não é da sua competencia; eu não vou á escola de S. Francisco; o meu estylo impolido e plebeu não encerra nada contra a religião, bons costumes e leis d'estes reinos. Isto de estylo em que o censor insiste tanto, que a tudo chama estylo, não é da repartição da censura senão quando é contrario á religião, á moral publica e ás leis. Diz mais: *Não responda a ataques litterarios com ataques moraes.* Para sustentar esta asserção eram precisas provas evidentes, aliás é mais uma calumnia que uma censura. Onde estão os meus ataques moraes no *Espectador?* Só se elle quer que sejam homens de bem os que fazem publicar no *Correio brasiliense* inauditas infamias contra mim, chamando-me ladrão, delator, parricida, idolatra ou politheista, etc. etc. E o padre censor chama a isto ataques litterarios? Trata-se, Senhor, unicamente do *Correio brasiliense,* porque aos infames impressos de Couto e Pato, assignados por elles, como são: *A refutação analytica dos Sebastianistas, As regras da Oratoria da cadeira, A matrialeira, O exame critico, O doutor Alliday* e outros muitos de Couto e Pato, por elles im-

pressos n'este reino e fóra, e por elles assignados, tenho eu respondido superabundantemente em outros tantos impressos, e no *Espectador* rebato as calumnias atrozes com que sou atacado por elles, não na parte litteraria, mas na moral. Respondo tambem, e tenho respondido por um anno inteiro, com approvação de dous illustrados censores, e do padre censor ha um libello famosissimo intitulado *O parallelo de Pato*. Continúa o padre censor com a sua teima do estylo e diz: Mas deve-o fazer sem ser em estylo declamatorio e doestador, não mettendo a bulha com epithetos ludibriosos, que mostram fraqueza e indignidade no estylo.

Ao redactor não é extranho o estylo de Demosthenes, de Phocion, de Seneca, de Cicero; imite-os, pois creio se não persuade que com o estylo de que usa os excede. Tratar uma boa cousa em estylo improprio d'ella não é defendel-a, é desfigural-a. Senhor, tanto estylo não é estylo de censurar; querer o censor que use do estylo de Demosthenes, de Phocion (notavel ignorancia! Onde viu o censor as obras de Phocion, que nenhumas consta nos deixasse?), de Seneca e de Cicero, para combater o Hypolito, que só merece as armas do ridiculo, não sei que estylo é este, e não é da lei da censura censurar quem não use do estylo de Demosthenes, etc.; nem todos o podem ter, e se o estylo se deve ajustar á materia, veja bem o padre censor se a materia pede uma Philippica, uma Catilinaria ou uma Verrina!... Depois d'isto, Senhor, se os ditos accusados nem me demandam por via ordinaria, nem se justificam (elles bem sabem porque) pretende-os defender o censor? Para que tacha a policia de indolencia, para que se intromette em mysterios de administração e governo? Talvez seja maior crime ser publico assignante do *Correio braziliense* que ser correspondente, se bem se pesarem estas duas circumstancias. O governo e a vigilante policia fazem o que entendem, ou julgam conveniente em assumptos em que nós não devemos ingerir.

Toda esta longa censura do padre censor podia elle evitar, riscando os nomes proprios de Couto e Rato. O redactor lhe mandou pedir, ao enviar os primeiros numeros que se lhe mandaram a rever, que riscasse o que lhe parecesse, dando por feito o que elle fizesse sem alterações, para se não demorar a publicação do papel em que o publico acha interesse, e talvez que actualmente mais que nunca.

O redactor não tem duvida em riscar os nomes de Couto e Rato, mas lembre que isto redunda não só em triumpho para os correspondentes do Hypolito mas em desar d'este rectissimo tribunal, se constasse que os mandava riscar em virtude de uma censura tão inade-

rente do mesmo censor, que approvou em outros numeros do *Espectador* as mesmas circumstancias que aproveita agora para insinuar: *seria melhor supprimir o papel.* Porém o supplicante redactor se submette de coração ao que Vossa Magestade determinar. É justo fazer emmudecer os defensores da patria e da ordem publica na crise actual? Certo que não o parece. Não é esta a época de fazer emmudecer os homens de lettras bem intencionados, e que com uma uniformidade a todas as provas têm dado provas de verdadeiro e não equivoco patriotismo.

Se Vossa Magestade, annuindo ao que pede o censor, determinar que com o numero censurado se imprima a censura, para servir-lhe (como elle diz) de correctivo, espera tambem o redactor que n'este caso Vossa Magestade permittirá tambem que se imprima esta resposta á censura, para assim o publico, como bom juiz n'estes casos, seguir a opinião mais proxima á verdade e á razão.

Lisboa, 30 de Maio de 1817.

O P.e José Agostinho de Macedo.

Resposta á 2.ª censura

Em resposta á censura do n.° 1 do *Espectador* (que deverá ser n.° 2), cumprindo com este preceito de V. Mag.de, na resposta que dou á censura da *Reflecção prévia* tenho plenamente mostrado a semrazão da censura de um e outro numero do *Espectador;* aqui, porém, resumo as minhas razões de não serem admissiveis á boa razão as ditas censuras, a saber:

1.ª Porque a lei prohibe discursos declamatorios e satiricos e não o estylo declamatorio.

2.ª Porque os folhetos censurados não são escriptos n'esse estylo.

3.ª Porque me é livre a escolha do estylo, e acho que o mais proprio de atacar insolentes auctores de diatribes é o de misturar a força de uma logica solida com o sal do ridiculo, que merece o Hypolito e seus satellites.

4.ª Porque Pato e Couto, se julgam estar innocentes, têm o direito de se justificarem, mas não o têm feito, e por conseguinte é manifesto que ao censor não compete defendel-os, pois assim como diz que eu

os accuso sem *provas legaes*, tambem elle as não apresenta para os eximir da culpa, que elles por seu silencio não destroem.

5.ª Porque o mesmo censor approvou os n.os 24 e 26, em que se contém o mesmo estylo e as mesmas asserções que nos numeros actuaes censura, circumstancia que nada depõe a favor dos motivos que tem agora para censurar.

6.ª Que sendo do real agrado o redactor cortará ou riscará n'estes dous numeros de que se trata as palavras Couto e Pato, mas que tendo-se isto imprimido já nos n.os 21, 24 e 26 com a devida licença de V. Mag.de não ha motivo para com a suppressão dos ditos nomes nos dous numeros actuaes se fazer a este rectissimo tribunal uma indirecta exprobração de os ter deixado imprimir nos outros, dando-se além d'isto um motivo de triumpho ao Hypolito e a seus correspondentes, e particularmente a estes maior animo para enviarem áquelle as suas diatribes, na certeza de que, ainda que se saiba quem sejam os auctores, se não hão de publicar seus nomes sem *provas legaes*, como pretende o censor, quando taes provas são muito difficeis e só ao governo compete fazer n'isso o que entender.

O publico está ancioso pela publicação do *Espectador;* o tempo é opportuno e V. Mag.de mandará o que fôr servido.

Lisboa, 30 de Maio de 1817.

COMPOSIÇÕES

LYRICAS, DIDACTICAS E DRAMATICAS

RIMAS

Ao Ouro

Canção 1.ª

Louro metal, que lá do centro escuro
Da terra, que em seu seio te escondia,
Saiste a vêr o dia
Por mãos do ferro, mais que o ferro duro,
E mais que o ferro artifice da guerra
Tyrannisando a terra
Soberbo, forte, brandamente forte,
Adquirindo o poder da propria morte.

Indigno foi do nome generoso
Quem penetrando abobadas escuras
Viu das entranhas duras
Da terra, anatomista rigoroso,
Os reconcavos intimos aonde
Justa a terra te esconde,
Pois crendo que a teu jugo se redime
Entre grilhões de marmore te opprime;

Em seu rigor piedosamente esquiva
Quando ao trato commum te difficulta
No centro em que te occulta
Em carceres te põem de penha viva,

Avara conservando d'este modo
A paz do mundo todo,
Porque soberbo em diligencias tantas
Com os imperios do mundo te levantas.

Com presumpção de intrepido e de altivo
A effeito trouxe de seu proprio damno
Atrevimento humano
Do luminoso sol ardor nocivo;
Porém mais temerario atrevimento
Por impulso violento
Te foi buscar em destruição do mundo
Pallida furia ao barathro profundo.

A violencia trouxeste, a fraude impía,
Perturbadoras do socego humano,
E desculpando o engano
Fizeste lei da propria tyrannia.
O trato fiel, o inexpugnavel muro
É por ti mal seguro,
E accommettes com mão ímpia atrevida
O amor, a honra, a patria, o sangue, a vida.

Tu deste alentos ao primeiro pinho,
Para que arando o campo nunca enxuto
Largasse resoluto
Azas ao vento de delgado linho;
Tu quebrantaste a paz no mar salgado,
Enganando o cuidado,
Para que esqueça o perigo com a memoria
Destes ao perigo titulos de gloria.

Tu só por insolente respeitado
Ao vulgo superior dos metaes todos,
Cobres por varios modos
Um logar sobre a sorte collocado:
Em virtude da propria formosura,
Andas sobre a ventura
Acclamado do mundo não sómente
Rei dos metaes, mas idolo da gente.

A caducidade da humana belleza

Canção 2.ª

Bella, do sol luzente
Imagem adorada,
Que com luz transparente
Brilhas, porém mudada
Eis logo n'um momento
Qual nuvem que desfaz o surdo vento.

Vôa o amor alado,
O tempo tambem vôa,
O doce, o engraçado,
Que a belleza corôa
Se acaba... ai desventura!
Succede ao claro dia a noite escura.

Porque soberba insana
Ostentas oh belleza?
E para que és ufana
Caduca gentileza,
Se o rio arrebatado
Ainda menos que tu corre apressado?

Louco quem a esperança
Põem n'uma formosura;
De repente a mudança
Lhe derruba a ventura,
O bem appetecido
Fenece ainda antes de nascido.

Foge, foge a suave
Affeição amorosa,
E com pé lento e grave
A velhice rugosa
Muda o bello semblante,
Como flôr que o sol murcha n'um instante.

Como desapparece
O thesouro estimado!
Como se desvanece
Um rosto delicado!
Vôa com mór carreira
Que aguda seta pelo ár ligeira.

Succede ao inverno frio
Com calor devorante
O duro e secco estio;
Ao outono abundante
Succede a primavera,
E nenhuma estação fica qual era.

Esse planeta triste
Que de noite allumia,
Nunca o mesmo persiste,
Muda-se cada dia,
Agora é defalcado,
Logo será um circulo acabado.

O sol, que luminoso
Se mostra, o torna logo
A nuvem horroroso;
Succede ao gelo o fogo,
As ondas aplainadas
Subito são dos ventos agitadas.

Esses campos de Flora
Que alegres verdejantes
Viu ao nascer da aurora,
Os raios estuantes
Do planeta luzente
Em secco feno os torna de repente.

A candida açucena,
A rubicunda rosa,
Que na manhã serena
Se ostenta tão formosa,
Lá na tarde encalmada
Sobre seu mesmo pé cae desfolhada.

Tal em rapido instante
Se torna escuro e feio
De rosas um semblante,
De açucenas um seio,
E a flôr da formosura
Rapida passa como sombra escura.

Assim reinos famosos,
E soberbas cidades,
Palacios decorosos,
Das caducas edades
Sentindo o peso enorme,
Ficam de cinzas um montão informe.

A sombra enganadora
Te cega, oh vã belleza,
Do tempo a mão traidora
Te offusca a gentileza;
E ainda antes da vida
Tua pompa será desvanecida.

Não dês fé ao conselho
Que te dá a vaidade,
Depois teu mesmo espelho
Far-te-ha vêr a verdade,
Que a tua formosura
Qual o fragil crystal já mais tem dura.

A purpura e o ouro
Mudar-se-hão n'um momento,
Esse gentil thesouro
Cairá qual folha ao vento:
Transformar-se-hão em gelos
Teus dourados, riquissimos cabellos.

Do tempo devorante
Tristemente mudado
É despojo um semblante;
O riso e o agrado
Outro fim não alcança
Mais do que a magua em funebre lembrança.

Á Morte

Canção 3.ª

Não geme mais o prisioneiro triste,
Que a prisão dura ha pouco tempo existe,
Pelo feliz instante
Em que cobrando a antiga liberdade
Venha vêr a celeste claridade
Do átrio rutilante,
E quebrando a cadêa
Em que expirar o misero receia,
Venha com maior gosto vêr o mundo,
Saindo em fim do cacere profundo,
Do que eu n'este retiro
Pela morte, feliz gemo e suspiro.

Oh doce, suavissimo momento
Em que da vida acaba o gram tormento,
Eu te espero contente;
Vem já romper o fio que segura
A alma n'esta prisão medonha, escura.
Irei ligeiramente
Qual aguia do rochedo cavernoso,
Buscar nas nuvens placido repouso:
Terei contentamento e alegria
Quando vir que se chega o extremo dia,
Em que esta infeliz vida
Não seja mais de males combatida.

Não retratada com funestas côres,
Nem cercada de penas e de horrores
Se me figura a Morte;
Vejo sim seu retrato magestoso
O sceptro sustentando glorioso
Com que domina a sorte,

Elevar-me nos áres
Para mostrar-me os miseros pezares
De que livra os humanos
Quando corta a carreira de seus annos,
E a felicidade
De que gosar nos faz na eternidade.

Não com medonha voz e pavorosa,
Mas com suave, branda e deleitosa
Me falla com doçura,
Sem que a feroz e carrancuda fronte
Me commova, me assuste, me amedronte,
Pondo-me com brandura
Sobre a face a mão secca e descarnada
Com que os mortaes aterra,
Que unidos viver querem sempre á terra,
Me falla d'esta sorte:
—Mortal, attende o que te diz a Morte:

Oh desgraçado vulgo louco, insano,
Que julgas por mór bem o maior damno:
Dize-me: Se te viras
N'uma praia deserta, inhabitada,
De escarpados rochedos rodeada,
E com espanto ouviras
Soar o mar em serras levantado;
E se applicando a vista ao outro lado
Viras um monstro horrendo
Que as aguas com furor venha rompendo
Para despedaçar-te
E no abysmo profundo sepultar-te;

E se a um vizinho bosque então fugindo
Viras d'elle um dragão vir já saindo
As garras estendendo,
Ou um leão bramindo, um tigre irado,
Um basilisco de veneno armado
Por te tragar ardendo,

Se por soccorro ao céo então clamáras,
Se mil votos fazendo a Deus chamáras,
Notasses de repente
Rasgar a nuvem veloz raio ardente
Que sobre ti caísse
Teu corpo a cinza fria reduzisse.

Dize-me pois, mortal, não desejáras
Um logar ter adonde te occultáras?
Que outra cousa é a vida
Do que um mar sempre em ondas agitado,
E de baixos infame semeado,
E sempre acommettida
De monstros mil, que devorar a querem
De indomaveis paixões, que sempre a ferem:
Do odio e da vingança,
Do receio e da timida esperança,
E do amor tyranno
Que suas áras banha em sangue humano.

Dize-me: Não sou eu prompto remedio
Que dos males desfaço o triste assedio?
Não és tu que me invocas
Mil vezes nas desgraças que padeces?
Então por teu allivio me conheces,
Então só me provocas,
E me chamas com ais e com lamentos
Para vir termo pôr aos teus tormentos;
Em meus braços descanças,
Nem temes mais dos fados as mudanças,
Nem mais da negra inveja
Te assusta o peito a horrida peleja.

Deixa de amar a vida trabalhosa,
Escravidão pesada e rigorosa,
Que se antes de nascido
Poderás contemplar attentamente
O pezar que devora a humana gente,
Se viras consumido

Entre a mesma riqueza o avarento,
E se viras formar torres de vento
Ao cego ambicioso
Na phantastica honra cuidadoso,
Se viras os mortaes sempre chorando
A triste face em lagrimas banhando;

Se as miserias que a todos os rodeam,
O mal que esperam uns, que outros receam,
Se a fortuna inconstante,
Se os males que elles tornam voluntarios,
Se aquelles que padecem necessarios,
Se a fome devorante,
Se a miseria e a vil necessidade,
Se do ferro tyranno a crueldade,
Se a continua tristeza,
Que reina até no centro da riqueza,
Se o fado embravecido,
Que o homem soffre por haver nascido;

Se contemplaes a misera ignorancia
Em que jaz para sempre esta substancia,
Que é no homem mais nobre,
Que conhecer-se busca sem cessar,
Que já mais deixará de se indagar,
Mas nunca se descobre,
E que profunda tudo, e que conhece,
E tão sómente a si se desconhece
N'um corpo sepultada,
De paixões devorantes rodeada,
Sem paz e sem socego
Dentro de um labyrintho obscuro e cego;

Já mais, triste mortal, tu quererias
Passar da vida tão funestos dias,
Nem tão acerbas penas;
E se acaso nascido já estiveras
Ao claustro maternal tornar quizeras:
Pois porque me condemnas,

Se eu sou o que dou fim ao teu tormento,
Se eu sou a que te dou contentamento;
Se eu quebro a prisão dura
Em que gemer te faz tua ventura:
Se eu emendo o teu erro,
Se te á patria conduzo do desterro?—

Assim dizia a Morte, assim fallava,
E o peito em mil desejos me abrazava:
Finalisar já quero,
Vôa, vem já remedio saboroso,
Do mal da vida antidoto gostoso,
Rompe-me o grilhão fero,
Vem desejada Morte appetecida
Dar fim aos males d'esta humana vida;
Absolve-me da pena
A que viver no mundo me condemna,
Dá fim ao meu tormento,
Deixa-me ser feliz por um momento.

Subirei a gosar da eternidade,
Irei vêr tudo á face da verdade,
Então illuminado
Com o raio da luz do firmamento,
Hade ser meu obscuro pensamento
A par de ti sentado,
Estarei grande Newton contemplando
Os globos que andam sobre nós girando;
Então alli veremos
O Ente que no mundo só tememos
Medindo com certeza
O vasto espaço d'esta redondeza.

Alli veremos o planeta errante
Na orbita girar sempre constante,
Tendo então evidencia
Dos calculos e regras que formamos,
E que debalde tanto nos cançamos
E com certa sciencia

A força occulta vermos da attracção
Que a tudo moto dá, a tudo acção;
Esses soes occultos
Que agora vemos em pequenos vultos,
Que em espaços profundos
Talvez que sejam outros tantos mundos.

Alli, illustre Locke, com certeza
Sei do espirito meu a natureza,
E esta ligação
De ti, Wolfio e Leibnitz, tão ignorada,
Nem por ti, Mallebranche, rastejada
Verei com distincção,
Gosando já da vida do eterno,
Verei do mundo o movimento interno;
Verei sem véo obscuro
Os contingentes casos do futuro;
Tu, venturosa Morte,
Me hasde fazer gosar tão doce sorte.

Tambem n'aquelle eterno immenso espaço
Comtigo viverei, oh grande Tasso!
Já lá estarás coroado
Do louro, que na terra a negra inveja
Que contra as grandes almas só peleja,
Te tinha arrebatado;
Alli então com voz suave e terna
Cantando a Jerusalem eterna;
Ouvirei ai teu canto
Que cá na terra me arrebata tanto,
E tocando a lyra de ouro
Na fronte cingirás o eterno louro.

Oh pensamento doce, lisonjeiro
Do dia que me hade ser o derradeiro;
Quanto por ti suspiro!
Vem saborosa e desejada Morte,
Vem desatar-me da alma o laço forte,
E em eterno giro

Leva-me a vêr a face da alegria,
Tira-me já do mundo,
Pois n'elle cego e errante me confundo;
Leva-me á eternidade,
Que n'ella só terei felicidade.

Mas, emquanto não chega este momento
De me vêr conduzir ao firmamento,
Andarei meditando
Em sepulchral abobada encerrado,
Sobre mirrados ossos recostado
Estarei contemplando
No silencio e na paz que entre elles mora;
Suspirarei continuo pela hora
E momento ditoso
No qual com elles gosarei repouso,
Pois só na sepultura
Descanço gosa a humana creatura.

E tu do norte cysne maguado
Que em triste noite em lagrimas banhado
Junto das cinzas frias
Da innocente Narcisa que choravas,
Sem cessar de continuo suspiravas
Pelo fim dos teus dias:
Já que sou de teus mesmos sentimentos
Inspira-me teus funebres accentos,
Para invocar a Morte,
Dos miseros mortaes ditosa sorte,
Para em triste elegia
Louvar da fragil vida o extremo dia.

A um cadaver

Canção 4.ª

Tu jazes miseravel
Já despojo da morte inexoravel,
Jazes extincto já sem movimento;
A espada embravecida
Da negra morte te cortou a vida,
E eu no meu tormento
Tambem sem vida estou sem sentimento,
Morri ás mãos do amor, impio homicida.

Tu tens cingida a frente
De mortal pallidez; eu tristemente
Vejo em torno de ti fachos luzentes,
Eu tambem estou cercado
Das chammas do amor, chammas ardentes.

Funebre véo occulta teu semblante
Pallido, descorado, amortecido,
E um turbilhão de fogo chammejante
Devora embravecido
Minha alma (ai duro amor!) sempre constante!
Tambem envolto em negro manto obscuro,
As mãos te prende fero laço duro,
Já seccas, descarnadas;
E eu arrasto as pesadas
Violentas cadêas do amor cego,
E giro sem socego
Preso em laço forte, adamantino,
Atado ao carro do triumpho indino.

Tu mudo jazes, e eternamente,
Tens a lingua gelada,
És do silencio imagem retratada;
Mas eu continuamente

A paixão que me abraza em vivo fogo
Com ais e com lamentos desafogo;
Eu tenho em voraz chamma convertido
O espirito desgraçado;
Tu tens o frio corpo amortecido
Em gelo transformado,
Tu serás cinza fria;
Mas eu, ah que funesta desventura,
Eu serei sempiterno mantimento
Ao fogo abrazador do meu tormento;
Tu debaixo da campa avara e dura
Serás em um só dia
Fragil pó, secca terra, cinza fria.

Á morte de uma Religiosa

Canção 5.ª

Quem extinguiu as claras luzes bellas
De Claricia adorada?
Quem descarnou a sua mão nevada?
Quem as claras estrellas
Dos olhos seus cobriu de sombra triste?
Tu, oh morte cruel, tu lh'os cobriste.

Sepultou-se a belleza e a formosura,
Escondeu-se o thesouro
Porque eu derramo inconsolavel choro:
Habita em tumba escura
Tanta pompa gentil, tanta belleza
Que empenho foi da sabia natureza.

As brancas nuvens, (ai!) as vivas rosas
Que a face lhe adornaram
Em lirios e violetas se tornaram:

Aprendei, oh formosas,
Que a vossa gentileza n'um momento
Como o pó se desfaz, vôa qual vento.

Os rubís accendidos e encarnados,
As perolas nevadas,
Que a bocca lhe cingia, estão mudadas:
Aquelles desmaiados,
Muda a voz, secco o riso, a côr perdida,
Está em funesta sombra convertida.

Oh funebre destino, cruel sorte!
Oh fragil vida humana,
Tanto mais fragil, quanto mais ufana!
E como póde a morte
Trocar da bella estrella os resplendores
Em funestos, tristissimos horrores!

Quantas riquezas breve cova encerra!
Quantas luzes occulta!
Quanta belleza aqui se nos sepulta!
Aqui desfez a terra
Um corpo só de graças adornado,
O vivo lume de um semblante amado.

Eu ando de continuo procurando
Esta imagem perfeita;
Mas ah, que ella se occulta em pó desfeita.
Foi-se o sol enlutando
Que apenas sobre o ár tinha apparecido,
Ficou em pardas nuvens envolvido.

A belleza immortal desfez-se em nada,
E o amor desarmado
Ficou com sua morte sepultado.
A cinza desgraçada
Veiu a ser finalmente reduzida
Belleza, e descrição, a graça, a vida.

A um amante injustamente zeloso

Canção 6.ª

—Se outro idolo adoro,
Se a alguem sujeito a minha formosura,
Morra penando ás mãos da desventura;
Nem veja fim ás lagrimas que choro,
E em chamma devorante
Arda meu peito de infiel amante.

Se acaso outro cuidado
Me occupa, altera, agita o pensamento,
Nunca viva jámais sem meu tormento;
Nem vêr-te possa mais, Dorindo amado,
E sem ter desafogo
Ardendo morra no meu proprio fogo.

Se outra chamma me accende
Mais que a de teus olhos refulgentes,
Sempre, Dorindo meu, os chóro ausentes;
E da luz que imaginas que te offende
Não tenham meus amores
Mais do que penas, mais do que rigores.

Se de outra bocca espero
Ouvir ternas rasões de amor constante,
Eu te perca, Dorindo, doce amante;
E com rosto horroso, torvo e fero
A inexoravel sorte
A sentença dê já da minha morte.

Se emfim belleza alhêa
Com meu constante peito pode tanto,
Eu viva sempre na região do pranto,

Se a liberdade alguem me senhorêa;
Eu deixe de ser tua,
Nem me o amor a teus braços restitua.

Se tem algum engano
A verdade, que aqui chorando digo,
Não se trate verdade mais commigo;
Se chóro inconsolavel outro damno,
O bello sol, que adoro,
Nunca enxugue estas lagrimas que chóro. —

Isto diz com seu pranto,
Que a sincera verdade lhe confirme
A Dorindo cruel Jacinta firme;
Mas o ingrato Dorindo é cruel tanto,
Que nega sem piedade
De Jacinta a purissima verdade.

SONETOS

Á uma dama ingrata

Tanto vos deu de bella a natureza
Quanto tambem vos concedeu de ingrata;
Pois tanto a tyrannia desbarata
Quanto soube attrahir vossa belleza.
Por vêr-vos vos amei, oh rara empreza,
E mostrou meu amor firmeza exacta;
Mas a meu rendimento pouco grata
Desprezaes meu amor, minha fineza;
Porque só intentaes o maltratar-me,
Quizera, oh bella Nize, amar não ter-vos,
E não posso de amar-vos isentar-me:
Mas se vos causa tedio o bemquerer-vos,
Será meio melhor para vingar-me
Amar-vos sempre e nunca aborrecer-vos.

Que as mulheres (não digo todas ellas)
Algumas de semblantes bem bornidos,
Á ingleza vistam casacões compridos,
Com fitas, ou azues, ou amarellas:
Que tragam coifas, andem com chinellas,
E os cabellos nas testas estendidos,
São enfeites por moda introduzidos,
Que transformam em feias as mais bellas.
Com este adorno affectam serem damas,
E ao homem que de amar livre repousa,
Fazem não descançar e arder em chammas:
Assim prendem quem d'ellas zombar ousa:
Mas que finjam ter grandes......
Movem a riso e a mais alguma cousa.

Que é isto que estou vendo a cada instante!
As damas portuguezas mascaradas,
Com cabellos nas faces empastadas
De muito gesso e vermelhão bastante!
Damas não só com côr de bom semblante,
Mas tambem com cinturas delicadas,
Que grosseiras as veja de almofadas,
Que trazem por detraz e por deante!
Se é adorno por moda introduzido,
Com tanta mascarice e tal recheio,
Que deixe de ser péssimo duvido!
Pasmo de o vêr, horrivel, torpe e feio!
E fico tão absorto e espavorido
Que o vejo usar assim, e ainda o não creio.

Chapéo pelludo, bolsa abrilhantada
De perolas, palhetas e vidrilhos;
Cabello carregado de polvilhos,
Cobrindo a grande orelha homisiada:
Casaca de manguitos; ajoujada
De placas por botões, muito casquilhos,
Colletes de listões, ou riscadilhos,
Apertado calção, meia pintada.
Fivela de um bom palmo de tamanho,
Que a grossura do pé abrange toda:
Sapato de castor, com bicaranho:
Salto baixo, talão de estreita roda:
Este o traje moderno, e ao mundo extranho,
Do Portuguez ridiculo da moda.

Á morte do principe D. José

Fragil corpo! Ou de purpura vestido,
Ou de grosseiras pelles abrigado,
De barro foi na terra fabricado,
Na terra fica em terra convertido.
Virtude santa! Lá do céo subido
Desceu sobre este mundo desgraçado,
O espirito feliz, que a tem amado
Com ella vôa ao throno esclarecido.
Tem a morte no corpo auctoridade,
A sã virtude escapa aos seus revezes:
O Principe confirma esta verdade:
Morreu uma; mas vive duas vezes:
Vive no céo por uma eternidade,
Vive no coração dos portuguezes.

ENDEIXAS

O manto azulado
A noite estendia,
Nas praias dormia
Priguiçoso o mar:
Brilhava das ondas
Sobre a face bella
A luz amarella
Do froixo luar.
No pico das rochas
Ao mar sobranceiras,
Aves agoureiras
Se ouviam piar.
Tambem se escutavam
Nos curvos saveiros
Os lassos barqueiros
Em paz resonar.
Amyntas sómente,
Que Tirse adorava,
Amor não deixava
Jàmais repousar.
Teimosas saudades
Calado soffria;
Mas já não podia
Mais tempo calar.
Queixas descuidadas
De alma lhe fugiram;
As ondas rugiram
De ouvir seu pezar:
—De mim não te escondas,
Tirse desdenhosa!
Vem meiga e piedosa
Meu pranto enxugar.

Tu prendes mil almas
Nas louras madeixas,
Se soltas as deixas
Ao vento ondear.
Imita a brancura
Do teu alvo colo
Quando da agua o rolo
Se vê espumar.
Eu tenho a côr bassa,
As faces rugosas,
E as mãos já calosas
De tanto remar.
Preta barba hirsuta,
Cabello empinado,
E o rosto crestado
Do vapor do mar.
De vestes grosseiras
Meu corpo se cobre,
Mas tenho alma nobre,
Constante em te amar.
Se os mares agita
Dos ventos a guerra,
E indomito berra
Nas costas o mar;
O barco encalhado
Na praia arenosa,
Em gruta musgosa
Me vou abrigar.
D'aqui tambem podes
Escutar sem medo
No opposto rochedo
As ondas roncar.
Nas tardes iremos
Ao fundo salgado
Com ferro farpado
Os peixes sangrar.
Verás, pelas aguas
A vista espalhando,
As trutas pulando
Ao lume do mar.

Pois sei que dos quentes
Mariscos mais gostas,
As ruivas lagostas
Havemos pescar.
Do Tejo enrugado
No limoso fundo,
Coral rubicundo
Te irei apanhar.
Os negros cabellos
Das ondas molhados,
Nos hombros tostados
Vêr-me-has gotejar.
Mas onde me levam
Amor e desejo?
Debalde velejo
N'este incerto mar.
De ter minha sorte
Propicia mudança,
Tardia esperança
Só vejo raiar.
Quando dorme o dia
De Thetis no leito,
Não dorme em meu peito
O negro pezar.
Sonhos revoltosos
Despertam meus zelos,
Vêm mil pesadelos
Minha alma abafar.
Se a lua redonda
No mar não se espelha,
Aurora vermelha
Eu vejo assomar.
Emquanto os mais sopram
Os buzios torcidos,
Meus rotos gemidos
Se espalham no ár.
Se ás vezes intento
Na sésta calmosa
A rêde nodosa
Ao sol enxugar;

Do peito arrancando
    Profundos segredos,
    Aos mudos penedos
    Os vou publicar.
O zephyro brando,
    Que as aguas bafeja,
    Brandamente adeja
    Só por me escutar.
Podem os enganos
    De amor desvairado
    Um triste asisado
    Em louco tornar.
Parecem-me as praias
    Lodosas e feias,
    Negras as areias
    Que o sol vem doirar.
Cuido, se navego,
    Que vejo as procellas
    Romperem-me as velas,
    Os mares cavar.
Escuto assustado
    No céo denegrido
    O rouco estampido
    Dos raios troar.
Á frouxa priguiça
    O corpo se avèsa:
    Em outro a tristeza
    Me vereis mudar.
O nome hei perdido
    De bom marinheiro,
    O barco ronceiro
    Não posso varar.
De mim se tem rido
    Patrono sincero,
    Quando ás vezes quero
    O lême guiar.
O rumo perdendo,
    Só busco saudoso
    O porto ditoso
    Que foste habitar.—

Assim de seu peito,
Que afflicto arquejava,
Amyntas tentava
O fogo abrandar.
Eis que alegre vinha
Fresca madrugada
Da noite enlutada
O véo dissipar.
As moles estrellas
Como envergonhadas
Se vão desmaiadas
Do dia occultar.
Ao longe se avista
Por entre os reflexos
Os verdes cabeços
As serras alçar.
Inda o terno amante
Mais dizer queria,
E apenas podia
Triste soluçar.
As forças robustas
Amor lhe quebranta:
Sentiu a garganta
A voz resfriar.
Foram cuidadosas
As Nereydes bellas
Nas humidas telas
As queixas bordar.
Os áres feriam
Suspiros magoados,
Os eccos quebrados
Se ouviram toar.

ENDEIXAS

No tronco de um freixo
D'onde a sombra dava,
Seu arco potente
Amor pendurava.
Cansado o menino
Seu corpo volvia,
Junto á dourada
Aljava dormia.
Marcia travêssa,
Que o viu a dormir,
Roubou-lhe arco e settas
E deu a fugir.
Acorda ao motim
Das suas risadas,
E pôz-se a carpir
As armas roubadas.
Então Cytherêa
Seu rosto afagando:
—Não chores, lhe diz,
Que estava brincando.
Só podem seus olhos
Mil almas render;
Ah! foi travessura;
Já t'as vêm trazer.—

No baptisado da Sr.ª D. Maria do Carmo, filha de Francisco Antonio Soares e de D. Clara Salter de Faro, sendo madrinha a Sr.ª Infanta D. Maria Francisca Benedita

Romance endecasyllabo

Deixa, Fama, o clarim em que publicas
Do inculto Paganismo os ritos cegos,
Que objecto mais divino e mais profundo
Preoccupar só deve o teu alento.
Não empenhes jámais diverso applauso,
Novo culto consagra a novo objecto,
De um polo a outro polo cheguem as vozes,
Rompendo os áres d'esse globo ethereo.
Pacifica o furor com que respira
No septifauce brado o teu excesso,
Não vagues regiões da Idolatria,
A illustrar passa agora outro hemispherio.
Da Hypocrene a implorar o nobre auxilio
Não se encaminha já o meu desejo,
Cedam pois os influxos da Castalia
Á divina instrucção altos mysterios.
Da Beocia Calliope sagrada,
Filha de Jupiter, já não pretendo,
N'este assumpto, que influas meu discurso,
N'esta empreza que inflammes meu excesso.
Basta attenda para o que mesmo applaudo,
Para que as vozes busquem seu concento,
Mendigar já não devo extranhas luzes
Sem alta profusão, sobra o conceito.
Uma alma vê o mundo hoje lavada
Da mancha original, infausto erro,
A influencia da graça convertida
Do miserrimo estado ao santo gremio,

Uma alma, que entre as sombras mais escuras
Se lhe ministram luzes do Evangelho,
E dissipando as nuvens do peccado
Vê hoje o sol da graça descoberto.
Uma alma, emfim, que a egreja hoje recebe,
Libertando-a do triste captiveiro,
É objecto que move e que me offerece
Materia principal ao meu empenho.
Com o altissimo nome de Maria,
Com ditoso cognome do Carmello,
Fica esta alma constante e venturosa
Indelevel caracter sempre tendo.
Outra Maria, Infanta esclarecida,
A protecção lhe offerece para os tempos:
Oh que feliz presagio da ventura,
Se de duas Marias fica empenho!
Uma lhe firma a gloria promettida,
No mundo lhe promette outra progressos:
Ambas a amparam, ambas lhe seguram,
Se glorias temporaes, prazer eterno.
O illustre pae e mãe esclarecida,
De gosto tão feliz, doce instrumento,
Obtendo as consistencias da ventura,
Cheguem da filha a vêr nobres progressos.
Na alliança feliz do seu consorcio
A tocha de hymeneo livre o dispendio,
Extinguir-lhe não possa o tempo a chamma,
A materia lhe encenda os nobres peitos.
Vivam ambos na posse venturosa
Da amante adoração do caro objecto,
Fecunde o tempo a estirpe esclarecida,
Na illustre successão cresça o obsequio.
Flammante pyra, que no altar de Venus
Purifica os amantes nos desvelos,
Encenda os corações no ardente calma,
Subministre materia a mais progressos.
Aquella mesma doce identidade,
Que as almas lhes uniu em outro tempo,
Faça agora se renovem os votos
Nos altares do Amor e do desejo.

Filicite-se, pois, tanta ventura,
Seja Maria sempre o desempenho,
Perpetue-se a vida de Francisco
E da amada consorte o caro alento.
Avultado louvor a tanta gloria
Tributára podendo o meu desejo;
Mas para o alto empenho de louval-o
Outro venha que saiba merecel-o,
Conte Maria pois annos nestorios,
De outra Maria no amparo régio,
Francisco e Clara cheguem a ver constantes
De uma as glorias e de outra o desempenho. [1]

---

[1] Foram copiadas estas quatorze composições lyricas ineditas de um volume manuscripto intitulado *Poesias varias*. Tomo 11 (1789). Com o titulo de *Rimas varias de José Agostinho de Macedo, 1.ª Parte,* occupam desde a pagina 15 até 71. Contém este volume muitissimas composições ineditas de outros poetas do fim do seculo XVIII, tendo rubricadas 699 paginas de texto, além de 14 do indice não numeradas. *(Da revisão.)*

Ao nascimento do principe da Beira D. Antonio

Idylio

O filho de Climene o carro ethereo
Com os fulgidos Etontes conduzia
Ao mais alto do lucido hemispherio.
Tudo em silencio placido jazia,
E apenas pelos troncos da floresta
Rouca cigarra resoar se ouvia.
No mais profundo da fervente sesta,
D'entre as serenas aguas transparentes
Levanta o padre Tejo a augusto testa.
Mil Nayades gentis vêm diligentes
Á voz do antigo rio convocadas
Enastrando capellas florescentes.
O Tejo sobre as urnas prateadas
Se escolta, e o cabello traz ornado
De verdes espadanas enlaçadas:
—Nymphas, é este o dia afortunado,
(Assim principio dava ao ledo canto)
Pelos Lusos fieis tão desejado.
A consternada Lisia enxuga o pranto,
Que as maceradas faces lhe banhava,
E rasga da tristeza o escuro manto.
Eis o dia que tanto suspirava
Do sacrosanto Céo com voto ardente,
Por quem ha tanto tempo em vão bradava.
Deu ouvidos o Sêr omnipotente
A seus queixosos ais, a seus gemidos,
E annuiu a seus votos brandamente.
Tornam atraz os seculos 'squecidos,
Vejo de Lisia a magestosa gloria,
E seus heroes de mil laureis cingidos.
Nas minhas margens estampada a Historia
De seus antigos dias gloriosos
Dura em eterna e perennal memoria.

Não vi correr instantes mais ditosos,
Desde que o feudo cristalino pago,
Em urna de ouro aos mares procelosos.
A vingança observei, a morte, o estrago,
Que fez Affonso nos adustos Mouros,
Qual Mario ou Scipião fez em Carthago.
Na terra eu vi brotar os verdes louros,
Que ao bravo Sancho a testa rodearam,
Digna inveja dos seculos vindouros.
Terceiro Affonso eu vi, ao qual dobraram
Os inimigos trémulo joelho,
A quem Bellona e Marte acompanharam.
Vi o sublime, o respeitavel velho,
Magnanimo Diniz afortunado,
Escutando das Artes o conselho.
O bravo Affonso quarto ás armas dado,
Cuja memoria mais que os astros pura
Se conserva entre as ondas do Salado.
O primeiro João, cuja ventura
Nos bronzes e nos marmores gravada,
Entre viçosas palmas inda dura.
Do quinto Affonso a triumphante espada,
Pelos extensos campos de Ampeluza,
Inda hoje é temida, é respeitada.
Um heroe digno da thebana Musa,
A quem seu vasto reino Thetis fria
Entregar para sempre não recusa.
O ditoso Manuel, que ousado abria
As não tocadas portas do Oriente,
E o seu thesouro á minha foz trazia.
Que das mãos a Neptuno o grão tridente
Triumphante arrancou, com quem domava
Furias crueis de Adamastor potente.
O piedoso João, que alegre dava
A Deus o que é de Deus, que em seus altares
Os nabateos incensos offertava.
Que novos trilhos por longinquos mares
Abrira ao Throno seu, vendo sujeitos,
Persas, Arabios, Chinas, Malavares.

O mancebo feroz que co'os desfeitos
Soberbos esquadrões inda é temido
Na mauritana areia a fortes peitos.
O luso Throno vi das mãos remido
Do sanguineo Leão da Hespanha altiva,
Que inda o mundo intimida co'o rugido.
Eu vi a Patria misera e captiva
O ferreo jugo sacudir pesado,
No ár alçando a espada vingativa.
Tempo ditoso, tempo afortunado,
Mas outro mais feliz descubro agora,
Qual nunca vira o seculo passado.
Brilhou nos céos uma risonha aurora,
Nasce um Principe á gente Portugueza,
E já no berço reclinado o adora.
Parto feliz, que a lusa redondeza
Veiu encher de prazer e de alegria,
Augusto dom do Auctor da Natureza.
Raia já com Antonio o feliz dia,
Que sempiterna paz e alta ventura
Certo affiança á lusa monarchia.
Desterra para sempre a guerra dura,
E em rispidas cadêas agrilhôa
Dos negros males a caterva impura.
Outra vez reconhece a Tocha Eôa
O respeitado nome Lusitano,
Que ao mundo a fama aligera apregôa.
Este fará cortar do grande Oceano
O salso argento por curvadas quilhas,
Para terror do perfido Ottomano.
Novas terras e mares, novas ilhas
Descobrirá de mil nações diff'rentes
Nunca vistas pensadas maravilhas.
Virão ás minhas gelidas correntes
Como na antiga edade aprisionadas
De novos mundos estrangeiras gentes.
Virão cortando as ondas azuladas
As voadoras triumphantes faias
De riquissimas joias carregadas.

Derramarão nas minhas curvas praias,
Para adornar-lhe o solio preeminente,
Ricas pedras e persicas alfaias.
De seu fecundo seio diligente
Arranca a Natureza mór thesouro,
Para offerecer ao rei da Lusa gente.
Se o grande nome desde o Indo ao Mouro
Será dos povos, das nações chamado,
Té no tardio seculo vindouro.
Eu mesmo tenho do metal prezado
A altiva corôa e sceptro reluzente
Entre as minhas areias preparado,
Para cingir-lhe a magestosa frente,
De cujo aceno penderão gostosas
Asia, America, Europa, Africa ardente.
Nas minhas margens crescerão viçosas
Para empunhar na dextra triumphante
Mil idumeias palmas gloriosas.
Quanto circumda o mar, quanto brilhante
Ardentissimo Phebo aformosêa
Do frio Arcturo ao Cancro scintillante;
Cortando a minha cristalina vêa,
Mil tributos trará, mil dons famosos
Ao sublime monarcha de Ulysséa.
Dias felizes, dias gloriosos
Hão de raiar na afortunada terra,
Para fazer seus povos mais ditosos.
Quando o véo se rasgar, em que os encerra
O tempo; e baixará dos céos a gloria.
E fugirá tremendo a horrivel guerra.
O seu nome feliz na lusa Historia
Será gravado em marmores de Paro
Com caracteres de immortal memoria,
Dos dentes zombará do tempo avaro.

DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Na Arcadia de Roma *Elmiro Tagideo*[1]

---

[1] Este Idylio foi publicado na *Collecção de Obras poeticas* que no dia 21 de Setembro do anno de 1795 se offerecera a S. A. R. o Principe do Brasil — pelo nascimento do principe da Beira, D. Antonio. Lisboa, na Off. Galhardo, 1795. Como o livro é raro, esta circumstancia dá ao poemeto de Macedo o valor de inedito.

CONTEMPLAÇÃO

DA

NATUREZA

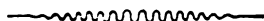
POEMA

CONSAGRADO A SUA ALTEZA REAL

O PRINCIPE REGENTE

NOSSO SENHOR

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

LISBOA
Na Typographia Calcographica, Typoplastica e Litteraria
do Arco do Cego
1801
De Ordem Superior

SENHOR

Desejando dar á Poesia *um emprego digno de seus sublimes vôos, escolhi o espectaculo que a Natureza offerece aos olhos de um philosopho; e desejando dar ao meu poema o mais alto e digno protector, escolhi a V. A. R. A rasão e a justiça applaudirão uma e outra escolha. Guarde Deus a V. A. R. como a religião e o imperio hão mister e deseja*

O mais fiel vassallo

José Agostinho de Macedo.

PREFAÇÃO

Entre os mais bellos dotes que adornam o entendimento humano occupa a Poesia o primeiro logar, estimada sempre, não só em nosso reino de Portugal, onde tantos e tão grandes poetas têm florescido e florescem, mas onde quer que se tem observado algum lume de humanidade e civil educação. A Poesia, se bem se considera, pode com rasão ser chamada o ultimo esforço da Eloquencia e das Artes de imitação, o sustento mais doce do nosso espirito e o clarim mais sonoro das acções famosas. Quando pois na Poesia á natural disposição, que n'ella tem a parte principal, se ajuntam os soccorros da arte e se dirige ao verdadeiro fim para que foi inventada, traz comsigo aos homens, junta com um maravilhoso deleite, uma pasmosa utilidade. A este difficil estudo me senti inclinado desde os meus primeiros annos, lamentado sempre o funestissimo estado a que as paixões a tinham reduzido, dando-lhe empregos indignos da grandeza e sublimidade da sua origem. Os estudos da Natureza, aos quaes tambem por genio me appliquei sempre, me excitaram a grande idéa de expôr as suas maravilhas pela linguagem da Poesia. Grandes exemplos tinha para esta ardua empreza em as nações antigas e modernas. Porém são sem duvida imperfeitas as producções que até agora temos sobre esta materia, porque dependia do tempo, da experiencia e das indagações o verdadeiro conhecimento da Natureza. Torquato Tasso e Du Bartas deram o primeiro esboço para este grande quadro, este na obra intitulada a *Semana*, aquelle no poema dos *Sete Dias*. Ambos elles imperfeitos pela falta de conhecimentos physicos. Adiantou-se mais alguma cousa o inglez Ricardo Blakmord no poema da *Creação*, e depois d'elle Pedro Paulo Du Lard no poema, muitas vezes impresso, *Da Grandeza de Deus*. Aventurei-me a compôr depois d'estes grandes homens, tanto por vêr mais intensa a esphera da Historia natural, como por me sentir arrebatado do desejo de dar a Portugal um poema d'este genero, nunca tentado pelos nossos poetas, que em todos os outros generos têm dado tão perfeitos modelos. Não me pode obrigar ao silencio o conhecimento que tenho do perigo a que se expõe quem se vae sujeitar á opinião e ao capricho universal. Considerei que era cousa assás manifesta a todos, que poucos chegam á summa perfeição nas Artes, e na da Poesia são ainda menos os que chegam

ao ultimo termo de excellencia, e que ainda que ficasse muito atraz se me devia agradecer a boa vontade dada a conhecer em tão difficil empreza. Não devemos ser avaros das producções do nosso engenho, mas dal-as á patria em companhia de tantas outras que a enriquecem, eis aqui uma lei imposta pela natureza á sociedade humana, é ainda que esta composição deva nascer para gosar de pouca vida, e passar do prélo para o esquecimento, eu venho n'isto a perder tanto quanto perderia se a tivesse escondida da noticia e conhecimento de todos os homens. Da difficuldade da obra só podem ajuizar os poetas; estes sabem o tormento que causa reduzir a versos e a bons versos materias tão abstratas, como systemas de Physica e de Historia natural, e poderão dizer com o modesto Virgilio, no livro 3.º das *Georgicas:*

> Verbis ea vincere, magnum
> Quam sit, et angustis his addere rebus honorem.

Aos criticos imparciaes, que a não julgarem original, parece-me que terei satisfeito, confessando-lhes de antemão que na *Theologia physica* de Derham, no *Espectaculo da Natureza* de Pluche, na *Demonstração da Existencia de Deus* por Newantyt, na *Theologia da agua e dos insectos*, nos *Estudos da Natureza* de Bernardino de S. Pedro, achei todos os monumentos feitos e dispostos para o meu poema. Aos impertinentes e incontentaveis não dou outra satisfação mais que deixar-lhes grandes margens no livro para fazerem á sua vontade glosas e annotações, esperando tambem com muito boa vontade que escarneçam d'este com outro melhor.

Ao Reverendo Padre Fr. José Marianno Velloso, Philosopho Naturalista

Epistola

Eu respiro, oh doutissimo Velloso,
Existo e sinto regular no peito
Bater-me o coração, bater-me o sangue
Que vae girando nas delgadas veias.
Cá dentro, não sei d'onde, eu vejo os raios
De uma luz immortal, que mil idéas
Vae de objectos extrinsecos formando.
Eu combino e cogito uma substancia
Mais nobre que esta que meus dedos tocam,
Este meu sêr compõe, meu ser governa.
Em suas azas vôo e deixo a terra,
E lá do espaço que não rasga o raio
A Natureza inteira observo e vejo.
Que pasmoso theatro, que sublime
Scena aos olhos extacticos se mostra!
Vejo mil mundos, reluzentes globos,
Que nunca lá da terra humida e fria
Ousado Galileo descobrir poude,
Quando empunhando o protentoso tubo
Novos astros brilhantes nos mostrava.
Que nunca Hugenio viu, nem viu Cassini,
Quaes tu, Herschel famoso, não descobres
Lá quando desde o Tâmizes sereno
Vôas co'a douta irmã no aério espaço.
Deixa que vá na terra vegetando,
Oh profundo Velloso, o vulgo insano;
Eia, sobe ligeiro além das nuvens,
Que este grande theatro o Sêr supremo
Formou para teu genio. Olha a belleza
Que a plenas mãos espalha em toda a parte,
Eis uma ponta da cortina densa

Que aos olhos rouba o sanctuario eterno,
Diante de teus olhos se levante;
Confundido entre o vulgo ficarias
Se a escura terra não calcando altivo
Não tiveras voado ao assento ethéreo,
Se as obras do Immortal não contemplasses,
Se a natureza inteira não medisses.
Para que foi nascer, se este não fôra
Do mortal pensador o emprego, o officio?
Foi dos sôpros divinos animada
Esta porção de terra para a vida
Em silencio passar, qual bruta féra?
Para o sustento digerir sómente
Esta substancia cultivando apenas,
Que em frio e solto pó transforma a morte?
Acabando nos braços da ignorancia
Esquecido de si, do Sêr supremo,
Fechando os olhos ás vistosas scenas,
Ás pasmosas e grandes maravilhas
Que fez de nada o braço omnipotente?
Mas, oh! Velloso, quantos lá diviso
Que no grão templo da immortal sciencia
Franca entrada teriam, se a soberba
Lhe não vedara resolutos passos!
Mas tu sabes, Velloso, que o sublime
Fim d'esta grande maquina do mundo
É do Senhor supremo a honra e gloria.
Gravada com dourados caracteres
No mais pequeno insecto o sabio observa,
E que mais nobre, mais sublime emprego
Pode ter um mortal, que a terra habita,
Que contemplar extasiado e mudo
A magestade a lei da Natureza?
Ella mesma se inculca, ella se explica,
E seus tocantes quadros offerece
A nossos olhos e seus véos levanta.
Porém 'té agora que pequena parte
Se mostrava de tantas maravilhas!
Com ciume escondia a Natureza
De seu thesouro as preciosas joias.

Uma planta, uma flôr, um tenro arbusto
Era um mysterio impenetravel sempre.
Eis de Linneo seguiste o trilho, e nada
Já nos pode occultar a Natureza.
Abrem-se as portas já do templo augusto,
Que segredos profundos e ignorados
Com tua luz tiraste d'entre as sombras!
E quantas sombras, para nós tão densas,
Tu vieste trocar em luz e em dia!
Inda um tempo virá que a Natureza
De tua sabia indagação vencida
Seus arcanos mais intimos descubra,
E do vedado alcáçar magestoso
De par em par os porticos nos abra.
Com luz brilhante de profundo estudo
A elle os debeis passos dirijamos,
Emquanto mofam petulantes Mômos
D'esta difficil escabrosa empreza,
E de chimeras frivolas se nutre
O sempre iniquo, corrompido mundo.
Novas emprezas tenta, e nos dominios
De Flora o genio teu constante emprega,
Que eu lanço a mão da sonorosa lyra,
Que nos troncos de um cedro suspendera
Real propheta do Jordão nas margens,
E rastejando a angelica toada
As maravilhas do Immortal decanto;
A plenas mãos no mundo derramadas
Vão publicando seu poder, seu nome.
Dentro n'alma raiar eu sinto o fogo
Que do grande Moysés raiou na frente,
Quando ouvia os oraculos divinos
Do sagrado Sinay no excelso cume.

CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA

POEMA

Livro 1.º

Opera manuum tuarum sunt Cœli.

Da mão do Eterno as maravilhas canta
Celeste Urania: com sublimes vôos
Ousa sondar da Natureza inteira
O pélago profundo, e manifesta
Nas justas leis da sabia providencia
Que existe um Deus, que por si mesmo existe.
Profana inspiração, deixa meus versos,
Outro calor me abrasa, outro Parnaso,
Outros loiros diviso, e sons accordes
Me excitam n'alma em extasi elevada
O Creador, a Natureza, os entes.
Oh noite, oh magestade, oh sombra augusta,
Que tantos mundos, tantos astros mostras,
Emphatico silencio, eu te consagro
O que medito em ti. Nos teus altares
Devo humilde offertar teus dons, teus fructos.
Não mais, não mais, chimerica grandeza
Dos humanos Heroes, terás o premio
Que te faz immortal, cadentes versos.
O Auctor sómente do universo é digno
Dos grandes vôos que do Pindo estendo,
A lingua da Poesia é d'elle a lingua,
Reluz nos vates seus, mais vivo o fogo
Que o mundo admira no cantor de Thebas
Quando da arêa olympica celebra
Os vencedores inclytos. Nas margens
Que do claro Jordão refresca a limpha
Do filho de Izay se escuta a lyra

Que expoz, cantando, do Immortal as obras.
E pelas ondas do Erythreo, cantando,
Moysés, Vate primeiro, um Deus publica.
E tu, supremo Artifice do mundo,
Tu, cuja intelligencia, immensa e sabia,
Quiz formar esta machina espantosa,
Tu, que nada descobres, que não seja
Muito inferior a ti: Tu, que sujeitas
Á tua lei suprema os entes todos,
Com teu sôpro immortal meu genio accende!
Cantar destino a tua providencia,
Teu poder creador: nas obras tuas
Manifestar a tua gloria ao mundo.
Illudido mortal, tantos prodigios,
Que se descobrem a teus olhos, possam
De teus enganos dissipar as sombras:
Nas producções, nas leis da Natureza
Descobre um Deus, Artifice supremo.
O Ente sempiterno, auctor de tudo,
Arbitro immobil adorado sempre,
Gosava de um repouso sacrosanto
Dentro em seu mesmo seio, e a si formava
A sua gloria, o seu contentamento.
Oh dos decretos seus profundo abysmo!
O praso se approxima em que devia
Dar existencia ao tempo a Natureza.
Milhões de sêres extrahiu do nada,
E com potente mão pelo universo
Nas classes suas os espalha a todos.
Elle mandou; á voz omnipotente
Os céos, a terra, o mar, do nada surgem,
A luz se mostra; pelo ethereo assento
As nocturnas alampadas brilharam;
Agita o mar as prateadas ondas,
De fructos, flôres, se reveste a terra;
Os peixes mudos na planicie undosa
Correm ligeiros: as pintadas aves
Já pelos áres limpidos se agitam;
Diversos animaes nos bosques vivem.
Chefe da Creação, brilhante imagem

Do Sêr supremo semelhança exacta,
Existe o Homem, que preside a tudo.
O Ente sem principio as obras suas
Suspende então, e se compraz de vêl-as.
De tão sublime machina a structura
Expõe, oh Musa. Dos formados corpos
A essencia, as leis, a natureza canta,
Rasga a meus olhos a cortina augusta
Que este mysterio tão profundo esconde.
Leia meus versos, e se aterre o monstro
Audaz artista do systema impio [1]
Que, muito a seu pezar, dentro em seu peito
Vê refutado por seus mesmos olhos.
Mas que montão de hypotheses eu vejo
Em vãos discursos, em problemas futeis?
Tantos principios vagos, tão diversos,
Que escondem mais a lucida verdade?
Um só dá por principio do universo [2]
Vagabundos corpusculos no vácuo,
A quem só Deus o movimento imprime.
Descartes, que a rasão vinga e defende, [3]
Já da materia triplicada fórma
A machina do mundo, e já povôa
De immensos turbilhões a Natureza.
Aguia sublime de Albion, que estendes [4]
Não vistos vôos pelo eterno espaço,
Á força da attracção sujeitas tudo;
Para um centro commum todos os corpos
São attrahidos e gravitam sempre;
Mas força egual do centro os tira e leva,
Tudo é acção e reacção nos corpos.

Porém, como é possivel que de tantos
Systemas os diversos sentimentos
Se possam concordar? Em guerra viva
Se investem, se combatem, se anniquilam,
E só logar á duvida me deixam.
Cegos e vãos indagam a verdade,
E da soberba a tumida ignorancia
Escarnece o Immortal e os deixa envoltos
Em densas trévas, que romper não podem.

Toda a sciencia dos mortaes apenas
É como um dia opaco, um céo nublado.
Vamos buscar na fonte a luz mais pura.
Tu, que sobre o Sinay, que sobre a ardente
Sarça podeste divisar o eterno,
Sacro annalista do nascente mundo, [5]
Tu só me podes na profunda noite
De tantas sombras innundar de luzes!
São tuas vozes minha lei: tu fallas,
És orgão do Immortal, eu te acredito.
Tudo o que encerra o ambito do mundo,
Os céos, a terra, o mar, os corpos todos
Á voz do immenso, subito existiram,
De nada os produziu: de nada os fórma.
Esta brilhante abobada azulada,
Pavimento onde Deus seu throno assenta,
Esses milhões de globos, que despedem
Uma suave luz, que vão constantes
No vasto espaço as orbitas formando,
Que marcham sem obstaculos, que guardam
Justas leis entre si, que certo um termo
Tem de mostrar-se, de esconder-se aos olhos.
Que brilhante espectaculo! Já vejo
Da luz o centro, o creador do dia
Ornamento dos céos, prazer da terra:
O immenso firmamento onde preside
De pavilhão lhe serve, alli se mostra
A sua gloria, a sua formosura:
Produz as estações, divide o tempo;
Enche-se a terra de prazer se nasce,
De luctos se enche, se no mar se esconde;
De ricos dons dispensador, parece
Que do centro do nada o mundo tira!
Que vista pode supportar-lhe as luzes?
É seu limite o fim do firmamento.
Aquenta, córa, acclara, e as luzes suas
O vasto mar, a terra e os céos animam.
Do fogo que derrama a copia immensa
Não lhe destroe, jamais, ou quebra a força.
Por toda a parte effluvios espalhados

Se reproduzem subito em seu seio
Tão vivo agora como foi no instante
Em que sobre o hemispherio a vez primeira
Deu luz ao mundo e se escondeu nas ondas.
Do seu Auctor traslado portentoso,
Toda a luz d'elle a par, se eclipsa e morre,
Mostra do Eterno a força, a immensidade,
Deus é unico, só, e unico é elle.
Não tem mais bello objecto a Natureza!
Oh sol, luz perennal, brilhante e pura,
Tu vives em cem climas, mortaes cegos
Te prodigam insenso e altares erguem,
Dignos são de piedade e não de opprobrio; [6]
Parece que seu erro obtem desculpa,
Teu favor lhes deu sêr. Felices d'elles
Se em ti teu grande Artifice adorassem!

Longe a frivola hypothese da Escola [7]
Da antiga Alexandria, que intentara
Ao globo obscuro, que se chama terra,
O motu sujeitar dos céos e os astros;
Que tantos, tantos luminosos globos
Girassem d'ella em torno: que ella fosse
Do pasmoso universo immobil centro.
Mais simples e mais solido um systema
Da alampada do dia a affronta vinga,
E derrubada emfim do injusto imperio
A terra dependente e já submissa
Se fórça a descrever um compassado
Giro em torno do sol. Já subalterno
Errante globo pelo espaço ondêa.
Oh, rei dos céos, do planetario mundo
Te julgo o centro: em orbitas immensas
Giram em torno d'elle opacos globos,
E deseguaes em ligeireza, em massa,
Arbitro o sol das leis do movimento,
Os planetas descobre, ora subindo,
Ora baixando, exactos na carreira,
Do vasto turbilhão nunca se apartam.
Brilha no centro a força attrahidora,
O caminho prescreve, ou frouxo ou vivo.

Tal sentado um monarcha sobre o throno
Vê seguir suas leis sujeito o povo,
E reverencia, vassallage' humilde
Ao sceptro vê prestar com que o domina.
Diversos entre si, sem luz, taes globos
Do immobil sol o resplandor alcançam.
Que elles com força desegual reflectem.
As destinadas orbitas absolvem
Tambem com termos deseguaes, e quando
O planeta do dia a luz lhe occulta,
Tal d'estes globos ha, que attrae, que agita,
Dentro em seu turbilhão, globos que emquanto
Desprega as azas a profunda noite
Com doce luz lhe brilham no horisonte,
Luz que o vivo clarão do sol lhe suppre,
E tambem giram com ligeiros passos
No vasto turbilhão do sol immobil.
Mas qual é d'este luminoso centro
A immobil massa! Que distancia enorme
Entre a terra, entre o sol, se observa e encontra! [8]
Mais junto d'ella em cinzas o tornara,
E mais distante então não poderia
Dar-lhe vida e calor, dar-lhe a energia.
Auctor da Natureza, a força tua,
O teu saber, a tua providencia,
Entre a terra, entre o sol justo equilibrio,
Maravilhosa proporção sustenta.
A dous diversos movimentos sempre
Tu a quizeste sujeitar, mas nunca
A viva acção se afrouxa, ou desconcerta:
Um d'elles annual, diario o outro,
Se o globo sem cessar nos céos fluctua.
Dentro do espaço que se chama um dia
Sobre o eixo onde está se agita e move,
Alternativa traz, a luz e a sombra
Logo girando por degráos diversos,
Desde o claro oriente ao turvo occaso,
Os espaços da ecclitica descreve,
Mas sem romper dos tropicos a meta,
Ora proxima ao sol, ora apartada,

Debaixo sempre de diversos pontos
O sol que a circumda á vista offerece,
Seu motu vario nos conduz os annos,
Tambem com laços intimos unidos
Nos traz as estações: volta constante
Em que uma á outra succedendo torna.
Quando Aquario na terra emborca as urnas,
Eis o frio co'as azas estridentes
Vôa, entorpece e prende a natureza,
Parece inanimada! A terra nua
Jaz sem vigor, sem força, sem virtude,
Seus bellos dias são passados: nada
Conserva resplendor, graça e belleza.
Bramam raivosos aquilões e trazem
Comsigo a neve, a tempestade, o raio;
Quasi que em noite se transforma o dia,
Correm do cume dos alpestres montes
Escumosas torrentes, cujo estrondo
Retumba ao longe nos profundos valles,
Obstaculos não ha, que as aguas prendam,
Levam nos turvos vortices os gados,
Os rochedos, as arvores, a aldêa.
Mas, bem depressa do animal de Colcos
Mostra as pontas tocar o sol ardente,
Mais viva luz e mais fecunda brilha.
Arranca a terra do lethargo frio,
Eu a vejo adornar-se, e de verdura
O campo, o monte, as arvores se vestem,
Tudo se esmalta de mimosas flôres,
A soberana dos jardins, a rosa,
Rompe as prisões, os áres embalsamam.
Brandas azas os zephyros sacodem,
No bosque sôa o rouxinol suave,
Respira o canto seu amor, saudade;
Por entre os alvos seixos ja mais brando
Murmura o rio, as arvores tornêa,
Sobre a relva mimosa o armento pasce.
Quanto lhe apraz a primavera! Oh muito.
Apressada estação, teus dias vôam,
És copia da belleza, és da ventura!

Apenas o Leão sobre o hemispherio
A crêspa juba sacudir começa,
O sol lhe sente a força, e mais ardente
Tambem começa a dardejar seu fogo.
Mais e mais cresce seu ardor, e as plantas,
As louras messes, se recurvam murchas.
Do rio as margens humidas se estreitam,
Seccas se mostram as limosas grutas,
Attrahidas ao ár as aguas fixam
Em ligeiros vapôres dissipadas,
À terra negam creador orvalho,
Fórma-se ás vezes tempestade feia,
Sôa o rouco torvão, das nuvens desce
Grossa torrente de gelados globos
Que os fructos cresta, as arvores despoja.
Emfim, chega a estação, que tanto présas
Lêdo vindimador; de ferro armado,
De seu nectar os pampanos despojas;
Curva-te o pezo dos maduros cachos,
Oh quanto alegre te recebe a aldêa:
Egual ao dia, a duração da noite
Já, já se mostra, duvidoso surge
O frio e o calor; menos ornada
Já se divisa, se descobre a terra;
Finda dos fructos o suave imperio.
As verdes folhas pallidas se tornam,
O solto vento em turbilhões as leva.
As corpulentas arvores apenas
Erguem nos áres os despidos troncos.
Dest'arte o anno ao tumulo se chega,
Assim das estações se fórma o giro.
Oh douta Urania, apressa-se o momento
Em que o quadro dos céos se innove e mude,
Em que devem na abobada azulada
Melhor teus olhos vêr o Auctor de tudo,
E não as cégas producções do acaso
Que nos jardins frugaes sonhara um grego.
Decreto de immortal sabedoria
Com riquissimo dom teu reino estende,
E fazem tal presente as mãos da infancia! [9]

(Sempre se apraz a providencia augusta
De um pequeno instrumento em obras grandes)
De um longo tubo nos oppostos termos
Dous polidos cristaes são collocados,
A vista cresce, o objecto se approxima,
Inveja aos olhos de Linceo não temos.
Este instrumento magico descobre
Não vistos mundos e ignorados globos,
D'estes globos a luz, que ora se eclipsa
Ora de novo se produz á vista;
Ao navegante audaz nas ondas mostram [10]
A estrada que hade abrir: com ella, oh Gama,
Tu poderás melhor o aspecto horrendo
Ir vêr do Adamastor, mas tanto pode
O teu valor então, quanto hoje os astros!
Com teu soccorro, telescopio, eu vejo
A condensada turbida materia [11]
Com que o fanal dos céos se torna escuro.
Oh principio da luz! acaso encerras
Dentro em teu seio das opacas sombras,
E d'estas manchas o principio ignoto?
Ora apparecem mais, ora se escondem,
Aqui e alli na superficie ondêam
Fluxo e refluxo que constante observo.
Descobre, oh Musa, a causa. Ardendo sempre,
Sempre agitado o sol, volve e revolve
Um pélago de fogo, e desde o centro
Á superficie extrema envia e lança
Um denso turbilhão de massa impura.
Tal licôr, em cachões fervendo, ajunta
Sobre si mesmo fluctuante espuma.
Sobre a face do sol dest'arte nadam
Montões de corpos, tenebrosos, densos;
Que o resplendor vivissimo enfraquecem,
A luz toldando, que nos forma o dia.
Este montão de solida materia
Talvez que ao sol o resplendor tolhesse,
Se a mesma força, que o produz, não fôra
Capaz de o reduzir ao fumo, ao nada.
Heroes romanos, o motivo é este [12]

(Acreditae a Galiléo) d'aquella
Profunda pallidez que um tempo vistes
Tingir do sol a face luminosa,
E não de Jove vingador as iras,
Quando o maior dos homens (se tivera
Sido mais justo, ambicioso menos)
Cercado de assassinos, sem que o rosto
Então perdesse a côr e o peito o esforço,
Nobre victima foi de Roma escrava.
Vossos erros desculpo, inda não era
De tanto effeito conhecida a causa;
Sómente filhos de Bellona, as armas
Quizeste manejar, e o vosso orgulho
Viu, com desdem, taes artes florescerem
Na douta Grecia. Oh povo soberano,
Foi teu estudo a guerra, e as artes tuas
Sómente foram sujeitar o mundo,
Dictar á terra leis, vêr a teus carros
Em teus triumphos os guerreiros presos.
Porém dos povos que domaste surge
Luz, que em ti não raiou! vê na Germania,
Primeiro um sabio que no sol descobre
Aquella sombra que te encheu de espanto.
Elle a causa assignala, e a causa é certa.
Vê nos Britanos, barbaros um tempo,
Quem mede os mesmos céos, e os astros pesa,
Quem diz á luz que se divida, e mostra
Da luz n'um raio a divisão das côres.
E vê tambem n'aquella Lusitania;
Só vencida a traições, que assignalados
Varões indagam da natura o seio.
Tu primeiro aos crepusculos do dia,
Oh sabio Nunes, descobriste a causa.
Tu deste as leis, e producções são tuas
Os doutos instrumentos com que as ondas
Pode cortar o lusitano ousado;
E das ondas medir os céos e os astros.
Porem tu, cuja essencia é sempre occulta, 13
Tu, que me affectas, que os objectos mostras,
Que dás côres aos céos, á terra, aos mares,

Tu, que fluido immenso o mundo abranges,
Oh refulgente luz, com que artificio
É teu corpo formado! Os sóes, que observo,
Semeados dos céos nos vastos plainos
Fluctuam n'este fluido, seus fogos
Brilhar não podem dos mortaes aos olhos,
Se por elles não fôra a luz vibrada.
A violenta concussão dos raios
Tão doces impressões sentir nos fazem.
O ardente sol com toques sucessivos
A precipita sobre nós n'um ponto.
A claridade rapida franqueia
Com mil ondulações do firmamento
A vastissima estrada, e aos olhos chega,
E sua propria natureza a torna
Sempre á vista escondida, e sempre occulta
Vive em torno de nós na escura noute,
Sempre prompta a brilhar, sómente espera
Que duro ferro, sacudindo a pedra,
Com repetidas vibrações a excite.
Assim movida subito se mostra,
Sempre a mão lhe convém de agente externo;
Nada no mundo por si mesmo vive.
Invisivel cadêa os entes prende,
E nasce tudo de sensivel causa.
De mim não foge rapido este globo,
Sem que este braço meu lhe imprima o motu.
Dorme da pedra no profundo seio
Aprisionado o fogo, e o choque espera
Que o faça despertar. E a meus ouvidos
Não chega o som da Citára sonora
Sem que vibrada a corda os áres vibre.

Mas que subtil Mechanica dirige
Sobre os corpos a luz com força activa?
E de que sorte os divididos raios
Mostram as côres entre si diversas?
Combinados reflectem, produzindo
Dest'arte aos olhos meus brilhante scena,
Com suas refracções a luz imprime
Dentro em minh'alma sensações pasmosas.

Quantos objectos ha que a vista encantam,
Tão variadas, tão mimosas flôres!
Vós, riquissimas pedras, que á belleza
Novos realces procuraes, vós todas
Sois d'esta refracção pasmoso effeito.
D'ella procede e se deriva aquelle
Brilhante meteóro, o magestoso
Arco, que aos altos céos de ornato serve,
Pelas miudas trasparentes gotas,
Que das celestes urnas se derramam,
A doce luz com refracção penetra,
Então descobre as agradaveis côres
A que a magica lingua da poesia
Chamou n'um tempo a filha de Thaumante.
Oh tu, fiel interprete d'aquella [14]
Profunda e douta producção de Newton,
Algaroti subtil, tu só podeste
Da luz o quadro encher de formosura,
E dar entrada ás graças e á belleza
No templo philosophico. Ditoso
Quanto o segredo foi, que em transparente
Cristal da viva luz recebe um raio! [15]
Das côres sete a divisão se fórma,
Estes principios primitivos, logo
Entre si combinados, nos produzem
Mil novas côres, mil diversas vistas.
Assim rio caudal, que é dividido
Em differentes canaes, rega as campinas
E de um só rio mil regates fórma.
Mas d'estes raios o subtil composto
As mãos da industria destruir não podem;
Sómente tu, Sabedoria eterna,
Podes, se queres, reduzir ao nada
Aquelles entes que do nada tiras.
Mas que aspecto, que marcha, que estructura
Vejo no globo com que brilha a noute?
Luminoso uma vez, mas outra opáco,
A luz occulta, a luz nos manifesta.
Primeiro mostra as pontas retorcidas,
Bem como um arco, que despede a setta,

Progressivo clarão depois se augmenta,
'Té que seu disco se illumina todo:
E o dia suppre ao lucto do universo.
Mas logo pouco a pouco a luz que o veste
Por degráos foge, se retira e morre.
Oh sol, de ti depende a variedade
D'este nocturno luminar que aclaras,
Teu raio alli reflecte, e a luz lhe empresta,
Quanto é proximo a ti mais luz despede,
Quanto é longe de ti mais sombra o cerca.
Eu suas faces vejo... oh sol, teu rosto
Se torna escuro, tua luz se extingue.
Ah! que a rival feroz das luzes tuas
Toca um ponto entre si, e a terra escura
De teus raios a luz nos veda e tolhe,
Opáca o teu clarão de sombras cobre;
Mas és vingado, oh sol. Presa co'a terra
Dentro em seu turbilhão ligada gira,
É satellite seu, e é tributaria,
E lhe cede em grandeza, em peso cede;
Mas seu rosto de um véo... oh grega armada, [16]
Quanto este lucto te consterna e espanta!
Cega superstição, de quantos males
Tu foste a causa Siracusa o diga...
E tu, nos sertões barbaros, oh povo, [17]
Que aos pés calcas o ouro, idolo infausto!
A quem teu sangue e seu consagra a Europa.
Tu, se a lua se eclipsa, os áres feres
Com agudo clamor, crédulo julgas
Dar-se nos céos ridiculo combate.
O pavor desterrae, sabei qual seja
A causa que produz sombra tão densa.
Vae no espaço girando a dura terra,
Oppondo-se entre o sol e a argentea lua.
Á lua tolhe a luz que o sol lhe empresta.
Então parece que de pardas sombras
Melancholico véo lhe cobre a face.
A opacidade da pesada terra
Da branda e doce luz nos tolhe a vista.
    Se não me enganam, Galileo, teus vidros,

Na lua que espectaculo diviso!
Absorto julgo vêr quebradas rochas,
Inaccessiveis escarpados montes,
Vastos abysmos, espraiados mares.
Eu vejo um globo semelhante á terra,
Ambos densos descubro, e opácos ambos,
Se elle, emquanto desprega a noite umbrosa,
As negras azas nos reflecte o lume,
Tambem rios de luz lhe envia a terra,
Ambos reflectem por egual caminho
A luz que vem do sol, que ambos aclara.
Mas se do sol a claridade immensa
Na terra aos entes animados brilha
Acaso lá na lua a massa inerte [18]
Illustrará sómente? Ou de outros sêres
Aquelle globo povoado aclara,
Que o pasmoso espectaculo do mundo
Lá possam comprehender, que a natureza
Vejam, qual vemos de thesouros cheia?
Jámais humana conjectura, tanto
Pode, eterno motor, teu nome e gloria
Mais claro publicar seu peso immenso;
Sua grandeza opprime o pensamento.
Globos que o mundo planetario formam,
Nos quaes o sol ardente a luz derrama,
E tantos corpos invisiveis que outros
Sóes com seus raios vividos illustrem,
Bem como a terra, de entes povoados,
Que de um sêr sem principio origem tenham,
Que adorem, como nós, e assim lh'offereçam
Tão puro coração, tão puro incenso...

Perdôa, grande Deus, a ousada idéa,
Por tua gloria a exponho, e manifesto
Infindos mundos semeados de entes.
Que illustre scena, que theatro augusto,
De teus thesouros e grandezas digno!

Astro desconhecido, e mais que o raio [19]
Temido dos mortaes, com torvo aspecto
Eis vem nos áres assustando a terra,
Com marcha desegual no espaço gira,

Espantoso phenomeno que aos olhos
Mostra o cabello chammejante e cauda.
Deixae o espanto, povos aterrados,
Não, não temais que um barbaro guerreiro
A vossos lares vos conduza a morte,
Que um ár corrupto e putridos vapores
Vossos campos em tumulos convertam,
Em vasto cemiterio as córtes vastas.
Que os elementos transtornados lancem
A peste sobre vós, a guerra e a morte,
Assás o erro da ignorancia antiga
Vos fez temer chimericos flagellos;
Sem virtude e poder globos extranhos
No turbilhão do sol passagem buscam,
E proximo ao sol mais luz recebem;
Vão ellipses excentricas formando,
Que lá nos fins do firmamento acabam.
Talvez que aos olhos dos mortaes um dia 20
Se tornem a mostrar trazendo o espanto.
Ah! não são estes da sanguinea guerra
Os precursores hórridos. Dos homens
A ambição desmedida, o amor da gloria,
Avareza e rancor, este o cometa
Que sangue humano sem cessar derrama.
Oh seculo que findas, tu não viste
Brilhar nos céos a fulgurante espada,
A clina ardente, o rosto afogueado,
E tu vês fumegar de sangue um rio,
Pular dos reis no cadafalso viste
A fronte augusta, e sacudindo o facho
Inda vês a Tesifone. Cobertos
Inda estão de cadaveres os campos.
O Danubio de um lado, o Sena de outro,
Correm tintos de sangue, o mar se espanta
De vêr tantos combates, e juncadas
As praias têm de naufragos despojos;
E não recebe um rio que não leve
Um montão de cadaveres nas ondas.
Da mortal ousadia os Alpes pasmam!
Não pode o gelo suspender-lhe os passos.

Italia, Italia, nos teus campos viste,
Ah! quantas vezes, renovada a scena,
A horrivel scena que Pharsalia vira!
Almas mais féras que Pompêu, que Cesar,
Não disputam do mundo o imperio e throno,
Um nome só e um titulo disputam.
Porém que vasta multidão de luzes
Scintillantes na abobada azulada
Com vivo resplendor brilha a meus olhos?
Posso eu contar um numero infinito?
Tu só podes, Senhor, tu que podeste
Semeal-as nos céos de um polo a outro;
Que com potente mão lhe assignalaste
Suas funcções e seu logar, seu nome:
Tu pelas vastas orbitas as levas,
Tu lhes prescreves leis, tu movimento.
Tu, Hipparco e Timocaris, que um dia
Fixar o immenso numero quizestes
De tantas luzes, desmentidos fostes,
Sombria nevoa vos tapava os olhos,
Com passo ousado, sim, mas lento e frouxo,
Vós tentastes do céo correr a estrada.
Sua brilhante abobada convexa
Só se devia franquear aos olhos
Do grande Galilêo, patente e toda. [21]
De um tubo armado (facho industrioso)
Um novo céo patentear devia,
Contar, medir, multiplicar os astros.
Tal, antes d'elle, o assombro do universo,
Aguia dos mares, denodado Tifes
Não vista estrada franqueou nas ondas,
Ao mundo descobrindo um mundo novo.
Rivaes do sol, as lucidas estrellas
Immoveis chammas por si mesmo brilham,
Prodigam, como o sol, a luz e a vida.
D'ellas ao sol que espaço, que distancia! [22]
Talvez maiores, mais brilhantes sejam,
E que em seu turbilhão se agitem muitos
Opácos globos, que lhe roubem luzes [23]
Que ellas animem, que fecundem sempre!

Perceptivel apenas se descobre
Alvo listão nos céos, lacteos caminhos;
Froixo vislumbre, se acredito os olhos,
Porém se os olhos fortifico eu vejo
De luzes um montão no firmamento,
Fixas, immoveis, que do nosso globo
Se conservam em tanto apartamento,
Que alma se turba, se a distancia mede.
Apenas pode extactica em silencio
Adorar e temer o Auctor supremo,
Cuja potente voz do nada as tira, [24]
Cuja prodiga mão nos céos as lança,
Com tanta copia como os grãos de arêa
Cá pelas margens do Oceano espalha.
Qual é, oh céos, a vossa immensidade?
Vossa extensão, espanta-se a minh'alma!
Oh terra, não és mais que um ponto, um nada,
Quanto me enjoas, quando o céo contemplo!
Mundos, mundos sem fim, sem conta estrellas,
A tantos globos tantas leis prescriptas,
Tantos giros nas orbitas constantes,
Tantos passos eguaes, tanta harmonia,
Decretos immudaveis... oh milagre!
E pode o impio incredulo, tocado
De tanta luz, e de evidencia tanta,
Clamar que tantas leis, tão compassada
Ordem, é simples producção do acaso,
E dos átomos vis composto informe,
Ou da materia innato movimento,
Como disseste, Mirabeau soberbo?
Aos olhos da razão futeis chimeras...
Tinha a materia inerte acaso a força,
Tinha o poder de obrar, tinha a vontade
De um principio eternal, causa primeira,
Que a tudo a vida deu, que anima tudo,
Que as leis traçou, que a natureza observa?
Longe e mui longe, horrivel pensamento,
Idéa absurda, que a rasão desmente.
Tantas leis, grande Deus! Obras são tuas,
Os céos publicam tua gloria. O mundo

Teu sêr eterno, tua essencia acclama,
Sinto-te em mim, meus olhos te descobrem,
Nos céos te vejo, vejo-te nos mares.

NOTAS

[1] Systema de Bento Spinosa. Attribue a formação do universo ao movimento eterno da materia, movida por si mesmo e sem intervenção de um motor primitivo. Tudo é Deus e Deus é tudo. Spinosa formou este execravel systema sobre os principios de Pithagoras ácerca da alma do mundo.

[2] Systema de Gassendi, reformador da doutrina de Epicuro.

[3] Systema de Descartes. Este grande homem tem ao menos a gloria de haver sacudido de todo o jugo de Aristoteles, posto que, antes d'elle, seu compatriota Pedro Ramus lhe houvesse descarregado alguns golpes mortaes.

[4] Newton. O seu systema é assaz conhecido, e começa a ser já bem solidamente refutado. Todos conhecerão que a attracção explica tanto os phenomenos como os explicavam as qualidades occultas.

[5] Moysés, cujos principios são auctorisados pela revelação.

[6] A Idolatria mais antiga e mais universal foi o culto dado ao sol.

[7] Systema de Ptolomeo, Systema de Copernico, assaz conhecidos.

[8] Segundo os calculos astronomicos mais exactos, o sol é um milhão de vezes maior que a terra e dista da mesma terra trinta e tres milhões de leguas.

[9] Os filhos de um vidraceiro de Midelburg, brincando na loja do pae, pozeram dous vidros em alguma distancia e viram que o gallo de uma torre vizinha se approximava á vista. Eis aqui a origem do Telescopio, que Galileo depois aperfeiçoou tanto. (V. o abbade de Pluche, sp. da N. T. 4 º)

[10] Descoberta dos satellites de Jupiter, feita por Galileo, e das luas de Saturno, por Cassini.

[11] As manchas do sol foram vistas pela primeira vez por Scheiner, jesuita allemão.

[12] A luz tem assaz trabalhado a sagacidade dos physicos modernos, mas tem tambem escapado a todas as suas indagações; elles ignoram e talvez ignorarão sempre *Per quam viam spargitur lux*. O fundo d'esta substancia, que affecta nossos olhos e nos faz vêr a configuração e o arranjamento dos corpos, nos é absolutamente desconhecido.

[13] O conde Algaroti, veneziano, compôz entertimentos sobre a luz e as côres. O dogma optico de Newton é exposto n'esta agradavel obra com muita clareza e formosura.

[14] O Prisma. «Fazei passar o raio encarnado por um segundo, terceiro ou quarto Prisma por um vidro amarello ou azul, não vereis mais que um raio encarnado.» (Sp. da N. T. 4.º, p. 169.)

[15] Conta Thucydides que na vespera do famoso combate que se deu em Syracusa houve um eclipse da lua que intimidou por extremo a armada atheniense que bloqueava a cidade. Nicias, general grego, tomando em máo agouro o eclipse, suspendeu por superstição a retirada que tinha intentado fazer a noite precedente;

esta demora deu occasião ao combate, em que os athenienses foram completamente batidos.

[16] Os selvagens do Chili, quando observam algum eclipse da lua, gritam desesperadamente, porque imaginam que com estes gritos fugirá o dragão, que, segundo elles dizem, quer devorar a lua

[17] O tom affirmativo com que falla Derrhan no discurso preliminar da *Theologia Astronomica* dos mares, rios, montes e precipicios que se observam na lua, é assás atrevido. Acho mais modestia no tom conjectural de Fontenelle, fallando da mesma materia no *Tratado da pluralidade dos mundos:* Entr. II. «Que Deus tinha distribuido nos astros diversas intelligencias para ser louvado, nada ha n'esta supposição que offenda sua grandeza, ou que enfraqueça nosso reconhecimento, ainda que elle os haja constituido moradas de diversas creaturas, isto não nos desobriga de conhecermos a grandeza de nossa condição.» (Spectaculo da N. T. 4.º, p. 499.)

[18] Não temos ainda systema algum fixo sobre os cometas, porque esta materia só se começou a estudar com mais cuidado desde o anno de 1680. Depois de muito exactas observações sobre a marcha e volta dos cometas então se poderá conhecer a verdadeira causa da irregularidade da sua carreira e variedade de suas configurações.

[19] Este apparato terrivel é quem persuade o vulgo e lhe faz considerar os cometas como precursores de desgraças, da guerra, da peste ou da fome. Esta cauda tão formidavel não é mais que uma grande porção de exhalações que o sol por seu excessivo calor extrahe do corpo do cometa quanto mais se approxima a este astro. Conta Newton nos *Principios mathematicos da philosophia,* que Haley calculara que um grande cometa tinha apparecido quatro vezes successivas durante 575 annos, a saber: depois da morte de Julio Cesar, depois em 531, depois no mez de fevereiro de 1106, e finalmente no anno de 1680, cuja volta fica annunciada para o anno de 2255.

[20] O famoso sectario do systema de Copernico, cuja defesa lhe custou tão cara, é considerado com rasão pae da astronomia moderna. Com o soccorro do Telescopio fez nos céos aquellas espantosas descobertas, que estenderam e sciencia dos astros e aperfeiçoaram a arte de navegar. (Veja-se o 4.º T. do Espet. da Nat.)

[21] A distancia do sol ás estrellas é incommensuravel. Debalde se tem querido conhecer a distancia de Sirio, porque nunca jámais se encontrou parallaxe nas estrellas. O mesmo se pode dizer a respeito das distancias do sol a uma estrella fixa. E quanto maior é a distancia d'este astro ás estrellas, que formam aquillo a que chamamos via lactea, cuja profundidade em os céos é tão assombrosa que os mais excellentes teloscopios apenas a tornam sensivel!

[22] Presume-se com assaz fundamento que as estrellas fixas são outros tantos soes que illuminam planetas, que suppomos girar em torno d'elles, centro commum das suas revoluções.

[23] D'esta marcha constante dos corpos celestes, da ordem e harmonia que n'elles se observa, tira Marco Tulio o principal argumento para combater o systema de Epicuro. «Toda esta ordem das estrellas, diz elle no livro II. da *Natureza dos Deuses*, todo este admiravel ornamento dos céos, pode acaso ser considerado por um homem de juizo como effeito de corpos que casualmente se movem no vacuo para uma e outra parte? Porventura pode a Natureza, cega, sem conhecimento e providencia, formar uma machina tão espantosa, a qual não só mostra que houve mister rasão e conhecimento para se formar, mas que não pode ser comprehendida sem muito juizo, penetração e capacidade? Este tão solido argumento é precedido de uma objecção,

a quem todo o epicurismo não poderá jámais responder. Se o concurso fortuito dos átomos pode formar o mundo, porque não forma um templo, um portico, uma casa, uma cidade, que são muito mais faceis e de muito menos trabalho?

[24] Esta verdade, destampadamente combatida por Spinosa, Hobbes e Toland, foi conhecida por muitos sabios do paganismo. Veja-se, entre outros, Seneca, no *Livro da consolação a Helvia sua mãe*, e na prefacção dos livros das *Questões Naturaes*. E pois procuramos adaptar a Poesia á Philosophia, tenha tambem a Poesia a gloria de conhecer esta verdade n'aquelles bons versos de Claudiano, no liv. 1.º, contra Rufino, que traduzidos em nossa linguagem dizem assim:

Quando indaguei do mundo as leis supremas,
Do fluxo e do refluxo do Oceano,
A certa marcha, e da pesada terra,
A subtil construcção, a alternativa
Da sombra e luz que traz a noute e o dia,
Eu vi que tudo de um potente Numen
Foi obra e producção; que elle mandara
Que se movessem fulgidas estrellas,
Que em fixo termo as messes sazonassem,
Que de alheio esplendor se ornasse a lua,
Que o sol com propria luz brilhasse immobil,
Que o bravo mar beijasse humilde a praia,
E que em seus eixos se firmasse a terra.

CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA

POEMA

Livro 2.º

Mirabiles elationes maris.

Deixo dos céos a luminosa estrada,
E alongo os olhos na extensão dos mares,
No fundo abysmo, na planicie immensa,
Descubro um rasgo da immortal grandeza
Em quantos sêres suas ondas guardam,
De Deus vejo o poder, de Deus a gloria!
Oh tu, manso uma vez, outra furioso,
Amplo theatro de inconstancia e guerra,
Com tuas ondas tumidas abranges
De toda a parte e com respeito a terra.
Origem de thesouros, do universo
Constante laço, que as nações ajuntas.
Oceano vastissimo, que objectos
Tua planicie liquida apresenta!
Eu sobre tuas ondas a verdura
De nossos prados tapisados vejo,
Ao vivo azul do firmamento unida
Que doce calma no teu seio impera!
Apenas brandos zephyros co'as azas
A superficie molemente encrespam,
Dos tyrannos dos áres a cohorte
Nas eolias cavernas emmudece.
Dos cidadãos das ondas o cardume
Brincando gira e se compraz da calma,
Tocam brandas na praia as crespas ondas,
Trazem n'areia doce murmurio.
Agora, oh mar, a fabula diria
Que surgem ledos alcyonios dias.

Mas, ah que a paz se turva, irado e rouco,
Mugindo se entumece e ao longe brame;
Lançam-se ás nuvens denegridas, ondas
Espumantes do céo se precipitam:
Voragens profundissimas se formam,
Que as ondas engolindo aos turvos áres
De novo as ondas sem cessar vomitam.
Torna a cahir, e fluctuantes montes
Com choque estrepitoso então se investem.
Aos mugidos horrisonos ajuntam
Os denodados Aquilões seus sopros;
Mas ah, que as ondas furiosas correm,
A tempestade as amontôa, e tudo,
Tudo vão submergir. Humidas praias,
Vós metaes já não sois que o mar respeite...
Mas não temamos: freio imperioso
Sabe prender sediciosas vagas.
A mão do eterno sêr na mole arêa
Um decreto imprimiu que assusta as ondas,
Barreira impenetravel; que não podem
Jámais passar os atrevidos mares;
Quebram-se então e timidos recuam.
A tão grande espectaculo se ajunta
Espantoso phenomeno. Da praia
Ora o mar se retira e em certo espaço
Tornam as ondas a cobrir as praias.
Engrossa passo a passo, e pouco a pouco
Fixa-se um tanto e por degráos decresce.
Perpetuo accesso, regular caminho,
Cuja causa primaria é sempre ignota,
Martyrio sempre do saber humano.
Tão pequeno és, mortal, quanto és soberbo.
É limitado nosso entendimento,
Cegos marchamos em profunda noute,
Ludibrios da ignorancia, eia, deixamos
O vèo que a Natureza envolve e cobre,
Respeitem-se os incognitos segredos,
Que a nossos olhos vèda a mão do eterno.
Que importa que Aristoteles ignore
Do fundo Euripo replicado fluxo!

Esta feliz alternativa serve
Ás mortaes precisões, isto só basta:
N'esta ditosa alternativa adoro
Os cuidados de um Deus potente e sabio:
Conduz com os mares os baixeis ás praias,
E com elles na praia ao alto os leva.
Constante agitação, com ella livra
As ondas de um mortifero repouso.
Este continuo movimento espalha
O sol conservador no immenso espaço,
Por onde os sêres animados vivem,
Agente activo, que penetra a todos,
Destroe a corrupção, sustenta a vida.
Quantos bens o teu sol produz e cria,
Vastissimo Oceano, elle defende
Que as tuas ondas infectadas sejam:
Elle anima os immensos habitantes
De teu profundo seio, elle lhe augmenta
Sempre o vigor, agilidade e força.
Melhor com elle se sustem nas ondas
A massa enorme dos baixeis soberbos
Que vão do Tejo, desferindo as vélas,
Levar ás praias do fadado Ganges
Inda do nome lusitano a gloria.
Attenuado o sol volatil fica,
Já com os vapores se mistura, e sempre,
Tornando-se subtil, se eleva e enche
A atmosphera, que em roda a terra abrange,
Com os turbidos vapores se incorpora,
Que em chuveiros beneficos se entornam;
Com elle desce e fertilisa os campos,
Faz vegetar as arvores e plantas.
Em seus effeitos mais pasmoso sempre,
Que bens aos homens traz! Elle os soccorre,
Agente favoravel, e sem elle
Não têm sabor opiparas viandas,
O germen corruptor d'ellas aparta.
Tu, Senhor immortal, que desde a origem
Dos sêres todos, com potente braço,
Do mar ás ondas liquidas unistes,

Maravilhoso agente: então pequeno,
E tão vil na apparencia, elle descobre
O teu saber, a providencia tua,
Produz em tuas mãos fraco instrumento,
Sempre um prodigio novo e sempre grande.
Com que orgulho observaes profundos mares,
Com grandes rios, que vos pagam feudo?
Em vossas ondas turbidas se lançam,
Perdendo a pompa, a magestade, a gloria
De haver corrido e fecundado a terra:
Mas depende a soberba e orgulho altivo;
Depositarios sois das ondas suas.
Aos mortaes servem só, a inexhaurivel
Origem tem de vós, jámais socegam,
Fogem das nossas liquidas campinas,
Em vapores sem numero attrahidos
Aos livres áres são, dos áres descem
Transformados em chuva, a chuva os fórma
Em rios outra vez, correm aos mares.
Porque vereda incognita se eleva,
Apesar de seu peso, esta agua aos áres,
Como a sustenta o fluido ligeiro?
Do luminoso sol o ardor fecundo
Nas ondas comprimido o ár dilata,
Mais livre a força elastica trabalha,
E dá mais ligeireza aos globos de agua,
E dos raios do sol mais attrahida
Ao mais sublime da atmosphera sobe,
E de egual peso os áres encontrando
Equilibrada então fórma os vapores.
Taes são, supremo auctor, os bens que a terra
Tua mão liberal dispensa, e manda
Pelo canal dos transparentes mares
Beneficios sem numero, que sempre
Fazes reproduzir, porque mereças
O nosso coração, e incenso nosso.
Para dar mais a conhecer teu braço,
Teu saber profundissimo, no seio
Dos fundos mares quantos entes crias!
Sujeitos sempre a leis inalteraveis

Cada especie produz seu semelhante,
De gerações inextinguivel germen.
Tu proferiste uma palavra, e logo
Milhões de sêres animados vivem,
Que as vastas ondas liquidas povôam,
Vagabundos nas cérulеas moradas,
No fundo estaveis, nos rochedos fixos,
E diversos na especie e na figura;
Seguem fieis o instincto que os dirige,
Ou mais ou menos ávidos de prêsa.
Sobre o povo sem numero domina,
Rainha soberbissima, a balêa,
Com peso immenso o corpo monstruoso
Rasga, divide, corta e opprime as ondas;
No vasto seio as ondas attrahidas,
Por dois largos canaes rompem os áres,
Cristalinas columnas que de novo
Se precipitam nas céruleas ondas.
Oh, tristes regiões, da Natureza
Infausta sepultura, onde disputa
O ente racional o pasto aos ursos,
Onde do dia o luminar brilhante
Metade só do tempo aclara e anima:
Oh Groelandia barbara, seu throno
Em vossos mares fervidos e grossos
Estas rainhas faustuosas fixam,
Lá seu alvergue têm, proprio é sómente
Tão vasto espaço do cardume immenso.
Com que feliz audacia, e com que esforço
Dos homens póde a mão vencer taes monstros?
De fragil bordo, de baixel pequeno,
Se arremessa uma lança e o monstro fere.
Então se afunda; o sangue que espadana
Em torno ao longe purpurêa os mares.
Longa, voluvel corda ao ferro presa
Com ella vae correndo ao fundo undoso,
'Té que, exhaurido o sangue, expira e morre.
O corpo torna á superficie da agua,
O duro marinheiro á praia o leva.
Seu aspecto espantoso e corpo enorme,

Sem vida, ainda assim mesmo a terra espanta.
Uteis soccorros pelas mãos da industria
D'aqui se tiram. Monstros hediondos
Do norte ao cidadão thesouros prestam:
Em grossas ondas de seu corpo escorre
Oleosa materia, que aos grosseiros
Habitadores do gelado pólo
Empresta a luz na tenebrosa noute,
Que tanto tempo seu imperio estende.
Alma da Natureza, o sol brilhante
Seis mezes frouxo no horisonte assoma,
E de todo outros seis sua luz esconde,
E d'estes climas barbaros redobra
Dest'arte o horror, a solidão e o frio.

Á minha vista trémula que monstro
De novo se apresenta! Os mares enche
De frio espanto, de terror, de morte:
Nenhum, nenhum, oh liquidas campinas,
Dos vossos cidadãos tem mais crueza,
Tem mais valor, tem mais ferocidade;
É vasta, enorme, monstruosa a fronte,
Lixosas pelles asperas a cobrem,
Impenetravel tunica! Medonhas
As faces são, e de largura immensa,
Pode engolir inteiro um corpo humano:
Seis ordens tem de dentes ponteagudos,
A vista penetrante ao longe espreita
A presa miseravel que tremendo
Pelo fundo do mar fugir-lhe intenta,
Mergulha ferocissimo, de um golpe
A despedaça, e soffrego a devora.
Temivel tubarão, todos te evitam,
Todos persegues tu. Dos vastos mares
É flagello, é terror, e a raiva sua
Na mesma especie que o produz se emprega.

E quantos mais de enorme catadura
Peixes descubro que nos mares giram?
Todos em guerra interminavel vivem.
Do tubarão contrario a horrivel serra
Dubio conserva o rigido combate,

Tanto persegue a fugitiva presa,
Quanto o contrario impavido accommette.
Em dois divide o corpo do inimigo,
Sempre fica vencedor no campo,
Ou elle ataque ou seja accommettido
Descubro um monstro de talhante espada,
(Ella o nome lhe deu) que denodado
Vae provocar a singular combate
A desconforme, túmida balêa,
Sem medo assalta o fluctuante monte,
E recrescendo os golpes amiuda;
Ella opprimida de taes golpes morre.
Unicornio do mar, a altiva fronte
De eburnea ponta defendida leva,
Com ella assusta os incolas dos mares,
E duras costas dos baxeis penetra.
Tu, Sempiterno dominante, o queres,
Tu lhe permittes a sanguinea guerra,
Ella é physico bem, que tu regulas;
D'est'arte se destroe, e assim se apouca
A feroz raça que domina os mares.
Dos nadadores timidos d'est'arte
Se augmenta a geração, se augmenta a especie.
Mas, que ledo espectaculo diviso!
Sobre a campina liquida que apenas
Encrespa o brando zephyro com as azas,
Um cidadão das ondas ergue a fronte,
E já dos nautas se descobre aos olhos
Do argento undoso na planicie, brinca
E de uma nobre confidencia cheio
Ora a náo deixa atraz, outr'ora a segue,
Com lindas côres o seu corpo brilha,
Conforme no seu corpo a luz reflecte;
De brilhantes escamas se enriquece
A fina pelle de que está forrado,
Com rapida carreira as ondas fende.
Digno do nome de farpão dos mares
És tu, peixe famoso, a quem celébra
Antiga Poesia, e deu-te o premio
De libertares o cantor sublime,

Que ávidos nautas imolar quizeram;
Quasi do abysmo liquido tragado,
Com dolorosa voz prantêa a morte
Aos sons magoados da toante lyra,
Tu d'entre as ondas turbidas surgiste,
E sobre o dorso teu fórmas um throno
Onde salvas o interprete das Musas:
As filhas da Memoria em doces cantos
Sobre o Pindo teu nome immortalisam,
E sobre os astros um logar te alcançam.
Acaso a vista engana a phantasia
Com magica illusão? Mas eu descubro
Sahir do seio das profundas aguas
Aquatico rebanho, ao longe os mares
Com os duros eccos dos mugidos sôam,
Quietos outros pelas praias dormem,
Emquanto alguns no cume dos rochedos,
Que as frias ondas amargosas batem,
Trepando vão com denodado passo.
E sobre a arêa, que te cobre as margens,
É certo, oh torvo mar, que tu me offereces
A imagem viva dos rebanhos nossos
Que cá nos bosques se apascentam de erva?
Protheo sómente n'este quadro falta!
Ah, quem os força a abandonar os mares,
Quando estas praias solitarias buscam?
De orgãos diversos, que compõe seus corpos,
É tal a contextura, é tal o effeito,
Que a um tempo os faz das ondas moradores,
E ao mesmo tempo cidadãos da terra;
Vivem no frio e liquido elemento,
E vêm ás praias respirar mil vezes,
E aqui do somno saboroso gosam:
Diz-se que entre elles um, se a fama é certa,
Infatigavel sentinella guarda
O adormecido aquatico rebanho;
Se os homens vê chegar (terrivel vista!)
Com agudo clamor já fere os áres,
Sobresaltada então desperta a turba,
Foge, e logo sobre ella o mar se fecha.

De quantos quadros se embelleza a terra
O mar conserva semelhantes copias;
Eguaes aspectos offerece á vista.
Peixes diversos de figura estranha
Vejo sahir das ondas azuladas,
E, sacudindo refulgentes azas,
Os áres cortam, que de vêl-os pasmam.
Rivaes das brandas e ligeiras aves,
Gosam dos áres e nas ondas moram;
E quando as azas se interrompem, logo
Buscam do fundo mar, correndo o seio;
Mas a que fins o temerario vôo
Lhes quiz prestar a mão do Omnipotente?
Não se confunde a natureza n'elles:
Tão grande beneficio e tão pasmoso
É digno só da sabia Providencia.
Concedido lhes foi, porque seus dias
Defendessem das furias do inimigo.
Desesperados de escapar-lhe deixam
As ondas naturaes e os áres buscam:
Com as leves azas illudidas ficam
De seu voraz perseguidor as iras.
Tal muitas vezes generosa garça,
Que os caçadores ávidos vigiam,
Da lodosa alagôa o vôo erguendo
No ár evita o golpe do inimigo.

Pelas costas maritimas em chusma,
Ah! quantos peixes saborosos vejo!
Delicias sois de sumptuosas mesas,
Varios em nome, em natureza varios;
Em vós diversifica, em vós differe
Tanto o gosto e sabor quánto a figura.
Tu, peixe pequenino, que te arrêas
De argentea escama borrifada de ouro
E azul brilhante, de que o céo se veste,
Teu nome é pobre, sim, teu gosto é rico,
Se fosses raro te estimara o grande,
Dos reis entraras no palacio e mesa;
Mas só teus gostos solidos o pobre.
És d'elle o peixe, e se compraz de vêr-te,

Ditosa condição, ditoso estado,
Pouco lhe basta e se compraz de pouco.
Outros mil já diviso, que em cardumes
De gosto differente os mares cortam;
Innumeravel multidão, nascida
Ao commando da voz sábia, fecunda,
Que te mandou multiplicar nas ondas.
Os teus decretos, tuas leis se cumpram,
Oh Deus eterno! os cidadãos das ondas
Cumprem fieis a lei, enchem, povoam
De um numero infinito os torvos mares,
E vezes mil desconhecida especie
Em grosso enxame, exercito fecundo,
Vem confundir o pescador antigo.
Eu vejo o mesmo numero n'aquelles
Que, quasi insectos, no profundo seio
O mar esconde; a pequenez extrema
Do sabio indagador se esquiva aos olhos,
Occulta-lhe a figura, e muitas vezes
A existencia lhe occulta! Oh vivos sêres,
Pois pela mão do eterno organisados,
Como viventes átomos compondes
Um mundo á parte tão pasmoso e bello
Qual o d'aquelles cujo ser descubro,
E cujo enorme corpo as ondas fende.
Estes, tão varios em figura, em gosto,
Das frias ondas mudos nadadores,
Quantos, ah! quantos inimigos contam!
Que fieis ao rancor e antipathia
Em guerra sempre, interminavel, vivem,
Armam-se occultas, perfidas ciladas,
Ou frente a frente impavidos se atacam.
Oh mar, teu seio é campo dilatado,
Theatro de discordia e de combate,
Imperio, onde o mais forte o fraco opprime,
Em ti reina a traição, em ti o engano,
Ora cede o contrario, ora triumpha,
Quanto e quanto na terra és imitado!
Mas que prodigio insolito diviso
N'um mudo habitador do reino undoso.

Ou elle assalte a presa fugitiva,
Ou se defenda do inimigo ousado,
Que lhe ha tramado, mas debalde, um laço?
A miseravel prêsa immobil fica;
E tenta em vão dos laços desprender-se,
E do robusto pescador (que espanto!)
Ficam em pedra os braços convertidos,
E com cadêas magicas ligados,
Tal ao aspecto da cabeça horrenda
Onde silvavam enroscadas serpes,
Ficou em pedra transformado o monstro
Que hia a tragar Andromeda: dos áres
Persêo, piedoso, a soccorrel-a baixa.
Outro descubro que ao contrario escapa
Com mais profundo ardil, prompto derrama
De um occulto deposito nas ondas
Denegrido licôr que as ondas turva,
E n'elle envolto o perfido inimigo
Palpando busca, mas debalde, a presa:
Cuida engolil-a em vão, e engole as ondas.
Tal a timida lebre, que não pode
Já sustentar a rapida carreira,
Arqueja e pára, na miuda arêa
Se envolve, e escapa aos galgos esfaimados.
  Tu, supremo Senhor, tu só lhe déste
Este espantoso estratagema; illudem,
Porque tu queres, do inimigo a força;
Tão grande instincto, que razão parece,
É maravilha tua. Se implacavel
Arde entre elles a guerra, arde o divorcio,
Os teus decretos eternaes occultam
N'elle mil bens á vista dos humanos;
A Natureza próvida não pode
Estancar-se jámais: em nós derrama
Seus ricos dons, sem numero, sem conta:
Os nossos braços incansaveis sejam
Em recolher seus bens, recolhem menos,
Mil vezes menos, do que dar-nos pode.
  Immensa multidão de peixes vejo,
Que á sombra vivem de lapideos tectos;

De defendel-os e abrigal-os servem;
Uns aos rochedos solidos unidos,
Outros vivem nas humidas areias
Confusamente, sem distinctos lares.
As ondas progressivas que se enrolam
Os trazem dentro em si, se as praias buscam,
Comsigo os levam se se apartam d'ellas;
Mas, quando as aguas esparzidas descem,
E Phebo de meia luz se adorna e veste,
Gretadas mãos do pescador, de quantos
A mesa enriqueceis, que elle na areia
Fórma sem pompa e com regalo gosa;
Gostosos mexilhões, gostosas ostras,
E tu, por teu sabor tão desejado,
Peixe exquisito, que encerrado vives
Dentro de um globo de farpões coberto!
Que côres, que pinceis, que phantasia,
Podem traçar o quadro portentoso
Dos pequenos reptis que o domicilio
Comsigo sempre trazem! Quem podera
Tão varias fórmas, genios tão diversos,
Cantando expôr! Thesouros da Poesia,
Sois pobres para expôr tanta belleza!
Dos sinuosos, enroscados tectos,
As lindas côres e o esplendor soberbo,
As propensões que a sábia Natureza
A cada especie deu; e o modo estranho
Com que ella se produz, se multiplica,
E sabe aos damnos esquivar-se esperta.
Maravilhoso quadro, não me atrevo
Mais que a lançar em ti linhas primeiras,
Extasiado expectador, e mudo
Humilde o coração, e as mãos humildes
Ao teu Supremo artifice levanto.
A vasta Natureza é sem limites,
Tremo, desmaio, se abrangel-a intento.
Navegador ousado, mais que todos,
Quantos vejo no mar tu me arrebatas;
Que portentosa construcção d'aquelle
Pequenino baixel que as ondas fende!

Tudo encerras comtigo e tudo guardas;
Tu ês o mastro, o remo, a véla, o leme;
És esperto piloto, e tu manobras
A fluctuante náo conforme o pede
Dos ventos a feição, do mar o ensejo.
Não, não duvido que exemplar tu fosses
Da náo primeira, que partindo de Argos
Buscara as praias da opulenta Colcos.
Oh fome de ouro, que obrigaste a tanto!
E tu, peixe riquissimo, que foste
Da antiga Tiro e de Phenicia gloria,
Que das algosas pedras arrancado
O licôr preciosissimo entornavas
Nas finas lãs, e de escarlate vivo
Dos annos apesar tintas ficavam:
Das tuas côres a soberba Roma
Se formava um brazão; dos reis da terra
O manto, e o throno se adornou comtigo.
E tu, peixe opulento, que te escondes
Dentro do seio de argentado tecto,
Vive, vive soberbo com o palacio
Que a Natureza te formou. Que varias
As graças são que te circumdam, quantas
As lindas côres que descobre a vista!
O azul dos céos, a purpura da aurora,
Aquelle verde de que o mar se esmalta,
E o roxo triste de que veste o lyrio,
E as brancas roupas que assucena veste.
Do seio teu (se as fábulas do Pindo
Aqui devo escutar) formou seu throno
A cruel mãe do perfido menino
Que é paz e guerra dos humanos todos.
Sobre este carro fluctuante a deusa
Do mar sahiu para mostrar-se ao mundo,
Debaixo d'elle as enroladas ondas
(E talvez que de amor) presas ficaram:
Os Tritões e Nereidas bem sentiram
O fogo seu nas humidas moradas,
Em torno os brandos zephyros adejam,
E os alvos cisnes que a carroça puxam

Sentem amores, porque vão com ella
Delirios vãos, mentiras agradaveis,
Em que a verdade a fabula disfarça.
Tu, finalmente, que nas rubras praias
Da cheirosa Ceilão, e os mares d'onde
Se vae perder o fabuloso Hidaspe,
Tantas riquezas e thesouros mostras:
Dentro em teu seio um succo precioso
Fórma um tecido de brilhantes globos,
Que tu nutres das lagrimas da aurora,
E patentêas aos doirados raios
Que o sol primeiro espalha no Oriente:
Tu, que sentindo o roubador que busca
De teus thesouros despojar-te, ajuntas
Ambas as conchas subito e mil vezes
A avára mão sacrilega lhe cortas.
Oh riqueza do mar, prodiga espalha
Os teus thesouros no universo, augmenta
Dos reis a pompa, as graças da belleza.
Porém que imagem se me offerece agora?
Transferiram-se acaso aos mares fundos
De nossos prados as riquezas todas?
De hervas, de arbustos, semeado vejo
O undoso leito que sustenta os mares!
Mergulhador ousado, ah quantas vezes
Mimosas plantas arrancou do fundo!
Varias de especie, de figura varias,
Acham no seio do salgado argento
Bituminosos succos, e entre as aguas
Particulas de um ár que as fórma e nutre.
De agentes taes o regular soccorro
Obriga a vegetar tantos arbustos,
Se acaso inuteis aos humanos crescem,
Enchem de bens os nadadores mudos.
Alli procuram succo alimentoso:
N'elles se occultam, n'elles depositam
O germen fecundissimo, seus ovos;
N'elles evitam do inimigo os golpes.
Brilha nos dorsos seus succo esponjoso
De côr sombria e sinuosos póros;

Tu pelo fundo dos rochedos cresces,
Sem que te arranquem as teimosas ondas;
Tu passagem lhes dás pelo crivado
Seio que absorve as aguas espumantes;
E comprimido, então, d'elle as entornas;
Vegeta, vive, aos usos te conserva,
Em que te emprega industrioso artista.
Meus versos e meu canto aformosêa,
Maravilhoso arbusto, que supportas
Nos povos europeus despreso injusto;
Vingam-te da affronta os povos do oriente,
E os africanos férvidos te vingam;
Mais que o louro metal te presa o Ganges,
Tintos de viva purpura teus ramos
Do vasto mar no fundo pedregoso
Cresces, vegetas, e teus molles braços
Se endurecem no ár, se o ár os toca:
Das indianas formosuras ornas
O seio tenebroso, a quem não tolhe
A côr trigueira, a formosura, as graças.
As grandes maravilhas que espalhaste,
Oh tu, Supremo artifice, nas ondas,
De quantos quadros a materia prestam!
São menos vastos, numerosos, menos,
Os grãos de areia que nas praias vejo.
Nova scena a meus olhos se descobre!
Vastos terrenos, separados todos,
De espaço a espaço os mares senhorêam;
Tufados bosques, arvores sombrias,
Bordam as praias, e seus campos vestem
De tão diversos habitantes cheios.
Erguem-se ás nuvens escarpados montes,
Descem dos montes caudalosos rios;
Que pomposo espectaculo, que bello!
Acaso, oh tu, vastissimo Oceano,
Tão grandes corpos uzurpaste d'esse
Terreno que circumdas! Sacudido
Acaso o seio da mesquinha terra
Por essas chammas que no centro fervem,
Quasi tirada dos seguros eixos

Os arrojou no mar e em laço firme
Lhe deu assento no profundo seio?
Não, não é esta do prodigio a causa:
Quando o Immortal jurou de um povo ingrato
O estrago, e morte de perversos tantos
Que escarneciam da justiça eterna,
Elle ás aguas mandou, e as aguas promptas
Para defensa do Immortal se armaram.
Querendo ser da colera os ministros,
Do vasto abysmo se derramam; correm
Do undoso seio em vortices na terra,
Innundam campos, erguem-se furiosas
Té sobre o cume dos mais altos montes,
E submergida a habitação dos homens
Vinga-se um Deus, os homens se anniquilam!
Quebrou-se o laço então que as terras une,
Dè um lado e de outro separadas correm
Enormes massas de rochedos duros,
De suas bases solidas tirados:
Que abysmo espantoso, que profundas
Voragens obscurissimas se viram!
Eis se descobrem pela vez primeira
Desconhecidos elevados montes,
Cahidos uns, desordenados outros;
E tanta confusão nasce do abalo
Com que invisivel mão sacode o globo
E as aguas lança do oceano n'elle;
Com terrivel tremor convulsa a terra,
Com pavoroso estrondo se separam
As porções deseguaes que as aguas cercam,
A quem a força, o peso de si mesmo,
Fez prestes repousar no undoso seio;
E quando as ondas turbidas tornaram
(Já vingado o Immortal) ao leito antigo,
Então das ondas levantando a frente
Tantos terrenos separados surgem.
Tal foi a origem que tiveram tantas
Afortunadas e viçosas ilhas:
D'aqui nascestes vós, que abraça e cerca
O mar Egeo, deliciosos berços

De tantos vates, cujas lyras de ouro
Ornam a Grecia e versos nos ensinam.
Orgulhosa Albion, d'aqui nasceste
Da armada Palas e da inerme filha;
Receia o mundo teus baixeis, teus braços,
E aprende o mundo de ti mesmo as artes.
Jervis assusta do Thebano as metas,
Nelson descobre o Nilo, e o Nilo foge,
E até na fonte de seus raios treme
Novo Triteo Gerningham, se a doirada
Tuba embocou, Thesifone de novo
Accende os fachos e se ateia a guerra.
Que portentoso quadro! mil boiantes
Casas já fendem revoltosas ondas,
Incha as vélas o vento, a aguda prôa
Corta ligeira os espumantes rolos.
Que artes poderam dominar nos mares.
E assim prender as mugidoras vagas?
Soberanos do mar, oh valorosos
Nautas, um ferro que tocara a pedra,
Essa pedra enigmatica, que busca
Por força occulta de Boothe o carro,
Tanto prodigio obrou: com ella aos mares
A lei se impoz, á tempestade, ao vento;
Com ella foste, portentoso Gama,
Fazer teu nome eterno, eterna a patria
Que berço fôra dos heroes; com ella
Venceste o termo da ousadia humana,
As leis do Tejo conduziste ao Ganges.
Oh tu, feliz mortal, que outro hemispherio
Manifestaste aos olhos dos humanos,
Tu, pasmoso inventor, que honras a Europa
Onde, que pena! se te ignora o berço!
Com teu soccorro o intrepido Colombo,
Heroe na liberdade, heroe nos ferros,
Foi descobrir a incognita metade
Do mundo nosso, que ignoravam todos.
Primeiro viu as solitarias praias,
Moradas do pavor; primeiro os climas,
Que o curvo arado não sentiram d'antes.

Viu céos nublados, horridos e feios,
Que accesos raios sem cessar rasgavam:
Viu montes altos, que os vulcões rompiam,
E debaixo dos pés tremendo a terra,
De carniceiros animaes coberta,
Entre elles homens sem pudor, sem numes,
Ás mesmas feras disputando a presa.
Estes extranhos e remotos climas,
Menos duros e barbaros agora,
Encerram no seu seio o que desperta
A avareza mortal, que nunca é farta;
São feliz berço dos metaes brilhantes,
Do nosso mundo indomitos tyrannos.
Extranhas plantas, preciosos fructos,
Nos vastos campos sem cultura nascem.
Seus habitantes barbaros não sentem
(Ditosa sorte!) da cubiça o fogo,
E menos offendida a Natureza
Alli se vê. São rudes, mas são nobres,
São maiores que o ouro, que os brilhantes,
Que elles desprezam, nós divinisamos.
Sabios sem mestres, e sem livros doutos,
Calcam aos pés a inutil opulencia,
Sem ella (o luxo o quiz) do antigo mundo
Nunca se julga o morador ditoso.
Porém, feliz navegação, pudeste
Unir os homens com suaves laços,
Tornam communs os bens de ambos os mundos,
A mão da industria, a precisão, transforma
Em geral patria os hemispherios ambos.
O teu saber, oh Arbitro supremo,
Approximando os apartados climas
Que tanto os mares tumidos separam,
Não só proveu as precisões dos homens;
Teve outro objecto de si mesmo digno.
Symbolo augusto da grandeza tua,
Das tuas iras symbolo espantoso,
O mar fez conduzir aos climas todos
Tua grandeza, teu poder, teu nome;
Tantas nações sem numero sentadas

Á sombra espessa de implacavel morte,
De satanaz o jugo emfim romperam,
E da justiça o sol vivo e radiante
A noute afugentou. Sobre as ruinas
Dos abatidos idolos profanos
A cruz se ergueu e se adorou no mundo;
Ouviu-se a tua lei na extrema praia,
Que observa o sol no tumulo e no berço.
Cahi por terra, oh numes! não existe
Mais do que o Deus que precedera aos tempos,
Á sua vista o mar foge aos abysmos,
Altos cedros do Libano se curvam.
Com o voraz fogo, que seus olhos lançam
Qual branda cera, os montes se derretem;
É seu altar o céo, seu templo o mundo,
Quem pode, vendo quanto o mundo abrange,
Negar-lhe adoração, negar-lhe incenso?
Impios sectarios de Epicuro, vêde
Os céos, os mares: confessae que existe
Um Deus auctor de maravilhas tantas.

FIM DO 2.º LIVRO *

* O copista d'este poemeto não transcreve as Notas explicativas, que seriam ao todo vinte e oito. Para transcrevel-as do unico exemplar conhecido, d'onde se extrahiu esta copia para Innocencio, seria necessario compral-o. Dependia isso de combinações nada faceis ao revisor.

ZAÍDA

TRAGEDIA ORIGINAL

Representada no Theatro da Rua dos Condes
no anno de 1803

INTERLOCUTORES

Medelim .... Sultão do Egypto
Zaida .... Sua filha
Muratão ....
Miremo .... Magico
Arimante .... Confidente do Sultão
Almansor .... Confidente de Zaida
A sombra de Saladino.

Sacerdotes, Guardas, etc.

A scena representa-se no palacio do sultão, no Cairo.

Assumpto historico

Medelim, sultão do Egypto, vendo que se lhe mallogravam todos os meios de suspender a invasão dos Cruzados no Egypto, depois da tomada de Damieta, tenta assassinar o rei, e manda um mouro, valente justador, para que á traição o mate; é conhecido o engano e morto o assassino. Depois d'esta primeira tentativa Miremo, magico, se lhe offerece para exercitar a sua arte, e pelos seus conjuros chama a alma de Saladino, sultão do Egypto, cuja descendencia tinha acabado, succedendo-lhe o pae de Medelim, destruindo todos os monumentos das victorias do mesmo Saladino, e abatendo todos os trophéos que haviam levantado á sua memoria; a sombra conjurada responde que só poderia ser vencedor e applacar o propheta, indignado contra os seus crimes e profanações, se lhe sacrificasse Zaida, sua filha unica. O sultão determina o sacrificio e elle mesmo a mata na margem do Nilo, por conselho de Miremo.

(Joinville, *Hist. de S. Luiz*, e o P.e Le Moine, no Poema da *Coróa conquistada*.)

ACTO I

SCENA I

MEDELIM e ALMANSOR

MEDELIM:

Quantos cuidados, quantas amarguras,
Meu triste coração tem devorado!
Insupportavel purpura, tu cobres
Mil buidos punhaes que em mim se cravam!

ALMANSOR:

Vence a virtude o barbaro destino;
Não succumbas, senhor, pode a constancia
As iras desarmar da iniqua sorte!
Se um injusto invasor cobre de louros
A magestosa fronte, se a victoria
Quiz ante elle marchar, sempre é voluvel
A sorte das batalhas. N'um momento
Pode tudo perder, e os céos são justos.
Defende-te a rasão e a elle o crime.
É perfida a fortuna, e quando eleva
Á mór altura os miseros humanos
É para os vêr caír com baque horrendo.
Verás punido o orgulho e firme o throno;
Oppõe o teu valor ao fado injusto.

MEDELIM:

Tudo tento, Almansor; mas aterrado
Fica meu coração; nada aproveita,
Ou engano, ou virtude. O Egypto treme

Á vista do invasor. Em vão da Arabia,
Da Syria, da Ethiopia as hostes correm
A defender-me a patria, o throno, o reino!
Armas, armas fataes me atacam, cercam.
Eu já sem arte, sem coragem deixo
Tudo ao destino meu, qual em tormenta
O descórado e timido piloto
Deixa ao arbitrio das voluveis ondas
O naufrago baixel!... Tu vês o Delta
Já nas mãos do inimigo; o Pharo é d'elle;
Damieta em grilhões, e ao vento ondêa
O cruzado estandarte nas muralhas!
Quasi do Cairo nas ferradas portas
Bate a lança inimiga. Em vão do Nilo
Os enrolados vórtices cercaram
Seus crueis arraiaes; nada quebranta
A fortuna européa. Arme-se embora
A mesma natureza, o céo, o inferno,
O sarraceno esforço, até peleje
O grão Propheta pela lei, debalde
Quer soccorrer os seus. Destino occulto
Escuda o vencedor. Tu viste inutil
Corrosivo veneno, quando as armas
N'elle ensopadas lhe mandei. Que resta?
Expôr de todo a vida e vêr fumante
Entre ruinas funebres o Egypto?
Seja das chammas miseravel pasto,
E não do vencedor o throno, o sceptro.
Infeliz Medelim! Clama vingança,
Clama aos céos, Almansor, crime impunido!...
Eu vi, eu cuidei vêr em sonho a sombra
Do forte Saladino, que apontava
Aos trophéos profanados, e abatidos
Aos altos monumentos das victorias
Que meu pae derrubou, que elle ganhara
Na Palestina, Syria. A sanha, as iras
Tinha impressas no rosto, assim bradando:
«Miseravel sultão, nunca a victoria
«Te hade vir enramar de louro a fronte,
«Emquanto ás minhas cinzas ultrajadas

«Um tributo de sangue não consagras;
«Tanto meu nome, minha gloria valem:
«Minha gloria, meu nome o pedem, mandam;
«Da tua esposa o sangue aos astros brada;
«Armou-te a dextra a furia do ciume,
«Ella innocente foi, tu foste injusto,
«Profanador cruel; duro homicida;
«Tu victima serás; ao heroe valente,
«A quem seguindo vem da Europa as armas,
«Teu sceptro ha de passar.»

ALMANSOR:

Da phantasia
São tristes sonhos, lugubres imagens:
O que muito se teme se acredita.
Os céos são justos: se teu pae tem crimes
Segue o premio a virtude, a pena o vicio.
Tu defendes a patria, isto é virtude;
Se elle o sangue entornou sinta o castigo.
Modera a tua dôr, dá tempo á sorte;
Conserva um bem, que segue os desgraçados,
A fagueira esperança.

SCENA II

Os mesmos e MIREMO

MIREMO:

Eis do destino
Novo golpe, senhor! Jaz palpitante
Na terra o féro Orgao. Do peito em ondas
O valoroso sangue lhe espadana.
Do barbaro monarcha um golpe horrendo
Abateu tanto esforço: eu vi dos áres
O Propheta descer, querendo os golpes
Nos áres suspender, e em vão se oppunha;
Cahiu com elle a morte e Orgao sem vida...

MEDELIM:

Orgao é morto!... O justador valente,
De meu imperio apoio, em cujos braços
Repousava inda debil esperança!
Saladino, és vingado!

MIREMO:

E já confusos
Os europêos guerreiros se apartavam
Da vergonhosa, desegual batalha,
Entrou feroz no campo, e desafia
Os mais valentes a justar com elle.
Na voz medonho e fero, o fogo, as iras
Da calada vizeira respiravam;
A lança sob-pesando, e no primeiro
Que a tanto se atreveu desfecha um golpe
Qual o desfecha o raio, e parte ás nuvens
Outro após elle, e tantos qual graniso
Que abate e quebra pallidas espigas,
Assim os vi cahir; mas elle ovante,
Batendo o freio ao férvido ginete,
Ao real pavilhão se avança e chega,
E a grandes brados o monarcha chama.
Acode, acode o barbaro, e na frente
Pôz o elmo fatal, cingiu a espada.
O soberbo cavallo o peso sente.
Vomita a bocca espuma, os olhos fogo,
Quasi a victoria no prazer lhe agoura.
Enrista a lança Orgao, aquella lança
Com mil conjuros infernaes hervada
Por estas, estas mãos que o inferno teme.
Ambos á lide vão com tal carreira,
Que inda é mais vagarosa a tempestade
Que o demonio do ár leva nas azas
A produzir um misero naufragio!
Levanta o braço Orgao.

MEDELIM:

Basta, Miremo,

Orgao é morto já, poupa-me as magoas;
Findou do imperio a unica esperança,
Nada nos resta mais!

MIREMO:

Resta Miremo,
Resta do inferno a força e meus conjuros.

ALMANSOR:

Inutil contra o fado é força humana!

MIREMO:

Mais forte é que um encanto outro encanto.
Do barbaro invasor talvez que o escudo
Fosse por força magica forjado;
N'elle a lança batendo aos áres salta
Em mil pedaços feita; então da espada
Debalde Orgao se serve; a lança imiga
Vara-lhe o peito, e salta o sangue e morre;
A alma indignada com gemido horrendo
Partiu, carpindo a tragica desgraça.

SCENA III

Vem um cadaver sobre um escudo, conforme o uso dos antigos, conduzido por quatro homens, e será depositado no meio da scena.

Os mesmos e MURATÃO

MURATÃO:

Eis de Orgao o cadaver mudo e frio;
Cahiu, não como os fracos, e susteve
Emquanto poude o vacillante Imperio.

Generoso inimigo, a nós envia
Este despojo triste, e n'elle exalta
A virtude e valor.

MEDELIM:

E objectos dignos
De nosso amargo pranto. Oh! Saladino!
Applaque-te uma vez sangue que as veias
Tambem me corre a mim! Se vale o Imperio
Esta victima triste, hoje propicio
Lança os olhos á patria, acceita o sangue
Que inda resalta d'este horrendo golpe
Que a dôr dentro em meu peito immortalisa!...
Guardas! Oh lá! Levae-o, e honrosa seja
De Orgao a sepultura; emquanto o lucto
Me cobre a face, vamos novo estrago
Meditar contra o barbaro inimigo.

(Saem.)

SCENA IV

Emquanto vão a pegar no cadaver chega ARIMANTE *e espantada a semelhante vista recuará um pouco.*

ARIMANTE:

É verdade! É verdade! E nunca engana
Triste nova fatal!... O esposo é este!...
Céos! Que vejo! Este rosto é frio, é muda
Esta bocca!... Oh destino!... Immoveis jazem
Já sem força estas mãos! Oh! alma nobre,
Da minha vida o sacrificio acceita!...
Oh! barbaro tyranno, vem de todo
A morte dar á victima! Sacia
O teu furor em mim!... Orgao conhece
Se é pura a minha alma, e fogo ardente,
D'elle nas armas vôa o amor que sinto!...
Oh! sangue amavel, deixa-me beijar-te,
E minha bocca fria ao golpe frio
Deixa uma vez unir!... Eu morro!...

(Cae desmaiada.)

SCENA V

ZAIDA e a dita

ZAÍDA:

Oh! Fado!
Oh! funebre espectaculo! Que é isto!
Junto de um corpo morto expira e morre
A fiel Arimante!... E que mais póde
A sorte contra mim! Oh! céos! soccorro!...
Inda palpita o coração! De todo
Não pousa n'este rosto a noute eterna!
Bate o peito, inda o sinto, intercadente
Respira a bocca... as lagrimas vertidas
Com seu calor parece-me que avivam
A debotada face, o peito exangue...
Abrem-se os olhos, outra vez se esquivam
Á aborrecida luz!... Vive Arimante!...

ARIMANTE:

És tu, querido Orgao? E inda podemos
Nossos braços unir além da morte?...

(Sentada, nos braços de Zaida.)

E reunidas no celeste Elysio
Podem ser nossas almas!... Que delirio!...
Eu vivo, eu vivo! Oh! céos! E vós, senhora,
A par de uma infeliz!

ZAÍDA:

Retirem promptos

(Para os guardas, que obedecem.)

Esse féro espectaculo da vista...
Arimante, suspende o pranto e escuta.
É justa a tua dôr, vingal-a é justo;

A crúa morte é divida, pagou-se;
Mas amor pede um sacrificio, e manda
Que hoje aos manes de Orgao se offerte o monstro.
Escuta o que medito.

ARIMANTE:

Em vão, senhora,
Buscaes remedio á minha dôr; não vive,
Não vive o meu Orgao; é surda a morte,
São inuteis as victimas.

ZAÍDA:

Ao menos
Desafogue-se a dôr. Ao campo armada,
Qual me viste mil vezes, hoje intento
Denodada saír emquanto a noute
Enluctado conserva o véo dos áres;
Do malfadado Orgao vingar a morte,
Ou buscal-a tambem, que a vida é peso
A um amor infeliz. Sabe Arimante
Que aquelle orgulho meu, em paz e em guerra
De tantos vencedor, cahiu, desfez-se.
Em vão nos olhos meus o poz meu fado
Para guardar-me o coração tranquillo!
Passou ligeira setta ao centro d'alma,
Passagem os olhos meus ao ferro deram,
E d'este doce, mas terrivel golpe,
O não culpado auctor deixou gravada
Dentro em meu peito amante a imagem sua!
Imagem viva, imagem permanente,
De um fatal europeu: Feron se chama!
Presença amavel que minha alma gosa,
Ou fite os olhos meus no sol brilhante,
Ou pousem n'elles as caladas sombras!
Eu o busco por transes, por combates,
Por elle exponho a vida e encaro a morte!

ARIMANTE:

E Muratão, senhora, assim te esquece?

ZAÍDA:

Não amo a Muratão; paterno imperio
Meu sceptro lhe destina, e a mão de esposa.
Eu emmudeço, o coração repugna,
E vence o coração. Feron sómente
É só de amor e só da escolha objecto.
Eu o busco entre as hostes e não pude
'Té agora achar Feron, ou achar a morte...
Eu vou matar o rei, ou ser escrava
De quem me prende a mim; eu vou d'est'arte
Vingar o esposo teu, servir meu throno,
E se a vida acabar detesto a vida...
Não sei que brada o coração persago,
Que destino me espera, ou morte infausta!
Aterradores sonhos me perturbam!
Vejo altares fumantes, vejo espadas,
E conjuro infernal pede a Zaida!...

ARIMANTE:

Oh! quantos golpes contra mim meu fado
Cruel arremessou. O esposo é morto!
Vós, senhora, meu nume, meu soccorro,
Em tantos luctos me deixaes! Não póde
A tantos males resistir meu peito!
Banhada em tristes lagrimas expiro!
Dae-me talvez que os ultimos abraços...
Lembrae-vos de Arimante.

(Abraçam-se, e sae.)

SCENA VI

ZAIDA, só

ZAÍDA:

Oh céos! prestae-me
Hoje esforço e valor! Se acaso existe,
Ou se brilha no céo propicia estrella

Que os passos de um infeliz amante guie,
A meus olhos fulgure! Oh! desgraçada,
De que te serve agora a inutil sombra
De guerreiro valor! De que te servem
Estas ferventes lagrimas que entornas?
Só se apaga meu fogo com meu sangue.
De meu nome é dever, é gloria minha
Dar fim com a morte á vida deploravel...
Mas vou buscar a morte, ou vêr o amante;
Vae Zaída morrer, triumpha a sorte.
De que te serve o throno? Amor é tudo!
É carcere sem elle o reino, o sceptro!
Ouço a voz paternal, e a natureza,
A victoria é só d'esta, o mais respeito;
É só de amor a escolha de um amante,
A do esposo é do pae.

SCENA VII

MEDELIM e ZAIDA

MEDELIM:

Que é isto, oh filha?
Que magoadas lagrimas inundam
As tuas faces trémulas?... Soluças
E enternecidos ais aos áres mandas?...

ZAÍDA:

Justo tributo de amizade é este.
É morto o forte Orgao, o terno esposo
Da fiel Arimante; amargo pranto
Dou aos manes do esposo, á dôr da esposa.
É justo este tributo, éste só póde
Dar-lhe meu coração; outro o meu braço,
Que tu sabes que eu tenho ás armas feito.
Tu viste, quandos os barbaros corsarios
De Damieta os muros assaltaram,
Como intrépida fui, como entre settas,

Entre aguçadas lanças, fulminava
Golpes mortaes no inimigo ousado;
Como juntando os esquadrões dispersos
Lhes inspirei valor, dando-lhe exemplo!
Eu suspendi do barbaro inimigo
Os atrevidos passos.

MEDELIM:

Mas que intentas?

ZAÍDA:

Hoje, quando volver da noute escura
A carregada sombra, intento as armas
Vestir, correr ao campo, ir dar a morte
Ao perfido invasor do nosso imperio.
É digna acção do esforço de Zaida!
Irei qual lobo, que aguardando as trevas
Degola, rasga as timidas ovelhas.
Se a fortuna prospéra o honrado intento
Ovante tornarei, virei vingada;
E se a morte encontrar...

MEDELIM:

Oh! que heroismo!
Que assombroso valor. Mas queres, filha,
Teu consternado pae deixar em magoas?...
Tu és do imperio esteio, és gloria minha;
Em ti se firma do nutante throno
A unica esperança. Acaso podes
Tu, debil, tu, mulher, romper de tantos
Tão aguerridos esquadrões as linhas?
Tu, sustentar um desegual combate?
Co' esse guerreiro audaz que pode a morte
Dar ao valente Orgao?... Suspende, ó filha,
O denodado intento... Eu, pae, t'o peço,
Eu, monarcha, t'o mando.

ZAÍDA:

E que se perde

Perdendo-se *Zaida*? Ahi tens do throno
Successor Muratão; talvez que o fado
Haja dos braços meus feito instrumento
Para a victoria, que nos livre a patria
De extranho jugo, que ameaçam ferros...

MEDELIM:

Oh! monarcha infeliz! Nem fôras tanto
Se tu não fôras pae, se rei não fôras!
Vão linitivo de futuro estrago
Vejo na filha intrépida! Mil sonhos,
Triste scena cruel me turba a mente!
Ora vejo ante mim no sangue envolto
O infeliz Muratão, ora Zaida
Já se me antolha com os cabellos soltos
Sobre um barbaro altar victima infausta;
Ora nas sombras da calada noute
Vejo a triste esposa a quem dei morte;
Ora terrivel mão sanguinea e fera
Arrancar-me da fronte o alto diadema,
E me parece descobrir no throno
Inda as gottas do sangue derramado!...
Ouço a voz d'este sangue, e vejo a sombra
De uma esposa infeliz que me rodêa!
Com a face da innocencia aviva e excita
Meu remorso fatal! Eu lhe dei morte,
Ou deu-lh'a a furia do cruel ciume,
Tormento eterno de meu peito afflicto!
Tantos cuidados me rebentam da alma
Que mais frequentes e mais promptas nunca
São as ondas do mar quando de oppostos
Lados os ventos turbidos assopram;
Quando umas vagas se espedaçam n'outras!
A tantos golpes que me férem, dentro
De um campo vencedor se ajunta o grito
Que atrôa o meu palacio, a patria assusta:
Cuido vêr o terrivel inimigo
Entrar triumphante já do Cairo as portas!...
Já me parece que baquêa o throno,

Que ondêam chammas, e que deixam cinzas
Estes dourados tectos.

ZAÍDA:

Ah! não tanto
Vos consterneis, senhor. Vive Zaida,
Talvez possa...

MEDELIM:

E que podes? É possivel
Que uns invasores perfidos se atrevam
A perturbar meu throno? E meus estados
Devem ficar em miseras ruinas?
É possivel que um barbaro corsario
Me cause tanto estrago, e que seus fogos
Lancem tanto clarão na Lybia e na Asia?
E que este incendio tão funesto e vasto
Deixe apenas do Egypto um resto ou cinza?
Devo acaso sem animo e coragem
Esperar que se embeba o ferro imigo
No peito aos cidadãos... Parte, Zaida,
Leva comtigo, se te apraz, quem possa
Pelejar a teu lado, abrir-te o passo
Quando a fortuna próspera não seja.
Vae, que é justa a traição feita a traidores;
Perturba os arraiaes, e quando a aurora
Surgir nos claros céos farei que marche
Um repentino exercito á peleja.
Póde ser que uma vez se abrande o fado!
Vae, busca o pavilhão do rei soberbo;
És minha filha e basta; adeus, Zaida.

SCENA VIII

ZAIDA, só

ZAÍDA:

Tal é de amor a força, e tal o imperio,
Em que as armas não temo, a morte, o fado;

Submetto ao jugo o timido pescoço!
Oh! vasto incendio, que consommes tudo,
Não te vence Zaida em teus altares.
Oh! soberano amor! quantos objectos
Hoje victimas são! o throno, o sceptro...
Isto é pouco, são dadivas da sorte!...
Deixo um pae consternado, a voz do sangue...
Este fatal irresistivel laço
Suffoca-se em meu peito!... Amor triumpha;
E que amor! É só meu! o amado o ignora!
Eu que busco? Onde vou? Que incerto passo
Entre esquadrões indomitos! Acaso
Acharei livre o coracão no peito
D'esse estranho mortal? E a teus suspiros
Será meigo qual tu? As leis, o sangue,
Ah! tudo d'elle me separa, tudo!...
Importuna razão, deixa-me! é surdo
A teus gritos amor! Oh patria, oh lares!
Oh throno! oh Muratão! meu pae, soccorro!
Mudae-me o coração! Oh céos! vacillas?...
A escolha é feita. Adeus; parte, Zaida!
Extremo vantajoso! amor ou morte!...

ACTO II

SCENA I

MEDELIM, ALMANSOR e MIREMO

MEDELIM:

É de ouro o sceptro, mas pesado e duro,
Na superficie brilha e dentro esconde
Corrosivo veneno! Ah! se illustrado
O misero mortal te vira em terra,
De ti fugira attonito e confuso
Sem te querer erguer! O doce somno,
Filtro que encanta turbidos cuidados,
De meus olhos fugiu! Por conservar-lhe
A gloria, o resplendor, expuz da filha
A doce vida a um barbaro tyranno;
Lá foi sem medo á morte expôr-se ás armas,
O sexo disfarçou, e entre inimigos
Gira inutil guerreira envolta em sombras!
Talvez meus olhos...

ALMANSOR:

Desterrae do peito
Tão funesto cuidado: em si confia
Valerosa Zaida. Quantas vezes
A ferrea lança sobpesando, quantas
Do arco eburneo as pontas ajuntando
A morte despediu? Virá qual veiu
De Damieta triumphante.

MEDELIM:

Ou morta!
Um coração de pae sente esta perda;

Eu sinto outra maior, eu sou monarcha,
Ouço os gemidos do aterrado povo:
Eu vejo lampejar a espada imiga,
E a cada instante os campos alastrados
De centos de cadaveres! E n'elles
Heide firmar meu throno?... Ah! meu pesado
Dever de governar! Victimas tristes,
Filhos sem paes, esposas sem esposos,
A terna irmã carpindo o irmão que é morto,
Em toda a parte lucto e espanto observo!
Vale um throno uma vida?

ALMAMSOR:

E vale muitas.
É todo o estado um corpo, o throno é fronte,
Os cidadãos os membros, em defesa
De si mesmos pelejam quando a vida
Expõe aos golpes por firmar seu throno.
Cede ao publico bem o bem de poucos,
É bem universal manter a patria,
Pelejar pela lei; com força a força
A tempo repellir: de um jugo extranho
Eu me defendo, a mim, quando defendo
A patria onde nasci. Oh! patria! encanto
Das almas nobres, da razão, de tudo!...
Tu mesmo deves o teu sangue á patria,
Eu o devo comtigo.

MEDELIM:

Ah! se elle fôra
Da liberdade o preço, eu já sem vida
Sobre o cadaver pallido cahira
Da propria filha; voluntaria offerta
Á patria, aos cidadãos; quizera o fado
Meus votos escutar, pedir meu sangue!
Teria o Egypto paz e termo a guerra,
Não provocada, não. A horrenda furia
Da inquieta ambição chamou da extrema

Parte da Europa as hostes atrevidas,
Que até do incerto mar a estrada abriram!...
Esse phantasma vão que honra se chama,
Ou gloria militar, lhe torna gratas
A horrisona tormenta, as vagas negras;
Cega fortuna lhes prospéra os passos;
Deixam um braço no occidente e querem
Com outro braço avassallar o Egypto.
Anceia-se a ambição, e estreitos julga
Os limites da patria, e julga insania
Nada vencido ter, se alguma cousa
Lhe resta que vencer.

ALMANSOR:

Assim julgava
O immenso imperio da soberba Roma.
Esmagou-a seu peso, inda sem honra
Por essas praias esbrugados jazem
Os ossos de Pompêo; nem sepultura
Teve no Egypto quem só quiz do mundo
Um sepulchro fazer. Nos céos existe
Inda a mesma justiça. Eia, monarcha,
Confia em teu poder, defende o throno,
E ás tuas armas o conselho ajunta
Do fiel Almansor; e adeus...

SCENA II

MIREMO e MEDELIM

MIREMO:

E ajunta
De Miremo tambem o zelo e as artes;
Nada temas, senhor; quasi desfeita
A tempestade que ameaçava vejo:

Quantos presagios m'o afiançam, quantos!
Vejo escripta no céo do Egypto a gloria,
Com seu aspecto os astros a promettem;
Lá de tão longe minha voz escutam;
Ella penetra no profundo inferno.
Das trevas eternaes o grão monarcha
A meus conjuros obedece prompto.
O Egypto agora o viu: mandei, sahiram
Subito as aguas do profundo Nilo,
E trasbordando furiosas foram
Levar o espanto, a morte, ao campo imigo;
Os assustados esquadrões fugiram;
Eu vi nas vagas aboiando os corpos
Ir demandando o mar, emquanto os outros,
Precipitados, as montanhas buscam!
Eis mais uma victoria; e se é preciso
Farei descer da região dos áres,
De onde se forja o raio, o raio ardente.

MEDELIM:

Basta, Miremo; teus encantos podem
Os astros suspender, podem do abysmo
As furias extrahir. Deixa, Miremo,
Deixa que os astros em socego girem,
Deixa que as furias infernaes descancem,
E que repouse a terra, o mar socegue.
Eu sobre a sorte dos combates nunca
Quero outros astros consultar mais que este,
Este braço que vês, e outros conjuros,
Ou outro inferno mais, que a minha espada;
Ser-me-hão propicios estes astros sempre.

MIREMO:

O teu valor é tudo; mas o acaso
Mais regula os combates. De um corsario
A audacia póde mais que a razão póde.
Eia, eu suspendo o poderoso encanto,
Outro mais efficaz assuste os impios!

A vingança é um bem jocundo e doce,
Inda mais do que a vida.

MEDELIM:

É sempre um crime.

MIREMO:

Nos pequenos será, e em ti virtude.

MEDELIM:

Se é vicio n'um mortal, eu sou como elles,
Sè a vida me distingue, a morte eguala;
Mas que projecto é esse?

MIREMO:

Uma vingança
Digna de ti, de mim, digna da patria.
Aprisionados n'estes muros temos
D'esses corsarios innocentes filhos,
Nossa indulgencia lhes conserva a vida,
Nossa vingança lhes prepare a morte:
Sejam feitos em pó, e os manes tenham
Do valeroso Orgao victimas dignas.
Em frente aos arraiaes em chammas ardam;
Possa a terrivel pena e possa o golpe
Fazer-lhe vêr seu crime.

MEDELIM:

Oh! Céos! Que horrores!
É a innocencia de si mesma escudo,
A natureza grita.

MIREMO:

E o throno pede
Firme esteio tambem.

MEDELIM:

Deu-lh'o a virtude;
Combate o ferro o ferro, o peito o peito,
Elles trazem valor, outro opponhamos.

MIREMO:

Deram morte a Orgao.

MEDELIM:

E Orgao queria
Dar-lhe a morte tambem. Mas vae, se um crime
Salva a patria uma vez... De Saladino
A affronta pede o sangue.

SCENA III

MIREMO, MURATÃO e MEDELIM

MURATÃO:

Assás se entorna
E corre o sangue teu. Eis de Zaída
O valeroso esforço; envolta em sangue
Entra agora, senhor, do Cairo as portas;
É seu, é do inimigo, e mal segura
Sustenta a redea ao férvido cavallo;
O elmo, o escudo, o arnez, gotejam sangue;
Não quiz que Muratão fosse a seu lado.
De mim se esquiva sempre, e triste e muda
Me contempla, senhor; talvez não queira
Supportar um rival no esforço e brio;
Não é rival um esposo.

MEDELIM:

E agora baste

Zaida ensanguentada!... Oh lá, Miremo!
Manda dar morte ás victimas. Os fados
Estes tributos de vingança pedem.
Minha filha...

(Vae-se Miremo.)

SCENA IV

ZAIDA, MEDELIM e MURATÃO

ZAÍDA:

Senhor, não sei que fado
Sobre a patria infeliz contrario pesa!
Ao campo fui do barbaro inimigo
Na sombra envolta da profunda noite,
Ao real pavilhão cheguei bradando.
Oh! quantas armas, quantas lanças, quantas
Espadas fulminantes me cercaram!
Debalde busco o rei, guardas o cercam;
Não acceita o combate; um d'elles corre
Para vingar a affronta, e cautelosa
O campo fui cedendo, e já nas margens
Do Nilo a frente volto e vejo ao perto
Denodado guerreiro que levanta
A lança sobre mim, véda-me o passo:
Arranco a espada então... (Oh céos! cahira
Antes o golpe no meu peito!) e a embebo
Toda no seio ao barbaro contrario!
Cae palpitante sobre a terra núa.
Da viseira as prisões desato e vejo
(Vista, vista cruel!) Feron, um d'esses
Que ao rei proximo são, e conservava
Inda vitaes alentos, e inda poude
Levemente ferir-me!

MEDELIM:

Oh triste! oh dura!

Victoria! a preço de tal sangue! Eu mando
Espiar esse sangue.

(Sae.)

SCENA V

ZAIDA e MURATÃO

MURATÃO:

Oh! valerosa
Zaída! Idolo meu; deixa que eu véde
Com meus ardentes osculos o sangue
Mais precioso a Muratão que a vida...

ZAÍDA:

E aborrecido mais que a morte, o deixo
D'estas veias correr, e invoco a morte...

MURATÃO:

Oh! quanto ultrajas meu amor...

ZAÍDA:

Não deves
Culpar meu desamor, chamar-lhe ultraje;
Amor é sympathia. A Natureza
O coração dispõe, se ha crime é d'ella;
Eu não vos posso amar; poucos instantes
Deve existir a misera Zaída.
Deixae-me agora em paz.

MURATÃO:

Eu deixo a ingrata,
Castigue o justo céo tanta dureza.

ZAÍDA:

Socega, Muratão, que é voluntario
De amor o sacrificio.

MURATÃO:

Mas devido
A meu extremo amor. Eu não mereço
A mão de esposa, os laços de Zaida,
Porque o manda um rei, um pae o ordena,
O seu imperio ao coração não chega;
Eu só mereço amor, porque amor sinto.
Nem o sangue cruel de ti me afasta,
Nem o brio, o valor; e quantas vezes
Ao lado teu prostrei ferozes hostes?...
Se te encanta o valor, em mim o encontras,
Se illustre sangue prézas vem do throno
O que resalta e gira n'estas veias;
Se um esposo fiel, amor primeiro,
Já me fez teu esposo, e fez constante,
Porque apartas de mim, dize, teus olhos?
Se tem teu peito todas as virtudes,
Terás um vicio só, serás ingrata?

ZAÍDA:

Zaída ingrata! Oh Céos! oh Natureza!
Duro fado se oppõe dentro em minh'alma
Aos deveres de amor, de amor aos brados.

MURATÃO:

O fado!... Amor o vence: a Natureza
De amor as leis dictou.

ZAÍDA:

E inexoravel
Eu d'elle sinto a lei dentro em meu peito:

Eu sou de amor a victima, e sou crime;
Não queiras saber mais.

MURATÃO:

E que delicto
Comettes-te em amor?

ZAÍDA:

Inda conservo
Tintas as mãos sacrilegas do sangue
De innocente europeu! Eu mesma os laços
Da esperança de amor cortei, e existo!...

MURATÃO:

Já conheço, cruel! (Nunca illudido
Grande amor póde ser!) És monstro, ès furia!
Que mais que monstro e furia é ser ingrata!
A esse déste a morte, acaba o outro;
Eu mesmo te offereço o peito, embebe
N'elle o ferro que cinges; mas eu mesmo...

(Desembainha a espada.)

ZAÍDA:

Suspende, Muratão.

MURATÃO:

Que indigna vida
Pertendes conservar? Mas, de que serve
A um amante infeliz do mundo a posse?
Da existencia o favor, do throno a gloria?

ZAÍDA:

Vive, que deves da infeliz Zaída
Nas frias cinzas derramar teu pranto;
Restam poucos instantes.

MURATÃO:

E imaginas
Que heide sobreviver!? Mais do que o fado
Póde quem póde despresar a morte;
A existencia sem ti é duro inferno.
Seguir-te-hei pelas sombras do sepulchro.
Tu tens na tua mão a vida, a morte
Do infeliz Muratão.

(Sae.)

ZAÍDA:

Oh transe! Oh fado!...

SCENA VI

ZAIDA e ARIMANTE

ARIMANTE:

Com vosso sangue foi vingada a morte
Do valeroso Orgao; eu não queria
Vingar a tanto preço a minha injuria.

ZAÍDA:

Corre, Arimante, o sangue d'estas veias;
Eu amo o doce golpe, e inda pranteio
O infeliz aggressor! Eu mesma, a morte,
Eu a morte lhe dei, fui a homicida
(Fatal segredo de meu peito foge!)
D'aquelle mesmo por quem dera a vida.
Este braço sacrilego, no peito
Duro ferro embebeu do proprio amante!
Quando galgadas as muralhas foram
De Damieta eu o vi, e eu fui vencida
De um fatal europeu, a quem parece

Que a Natureza quanto tinha déra!
Belleza varonil, esforço e brio!
Settas ardentes de seus olhos vinham
Ferir-me o coração. Amei, e amada
D'elle não pude ser; e antes ficara
Ditosa prisioneira entre seus ferros!
Fôra feliz se eu fôra a escrava d'elle,
E mais ditosa se em meu peito a lança
Elle embebera então; nunca meus olhos
Tantas inuteis lagrimas verteram;
Nunca meu fado me levara a dar-lhe
Com estas mãos a deshumana morte!
Que mais posso, Arimante! O horror me segue!
Do amante a sombra pallida me cerca;
Grita o remorso, as furias me rodêam!
Só de mim foge a morte, oh! desditosa!
Oh Zaída infeliz! sempre presente
Terás o crime teu, este o castigo!
De que me serve a gloria e o braço affeito
Ao ferro improprio do meu sexo e edade?
O throno, a régia purpura?

ARIMANTE:

Senhora
Minha pungente dôr modere as vossas;
Eu choro o esposo extincto e vós o amante;
Eu era d'elle amada, e esse guerreiro
Não vos amava a vós. Da sorte os erros
Nossas culpas não são; deste-lhe a morte,
Era vosso inimigo.

ZAÍDA:

Eu era amante,
E a minha morte o vingará depressa!

ACTO III

SCENA I

MEDELIM e MIREMO

MIREMO:

Fumam ainda da muralha em torno
As abrazadas victimas; fugiram
Da pavorosa scena os inimigos!
Confusos gritos pelo ár troavam!
Qual raio acceso, a labareda, o fumo
Os impios aterrou, que o vosso imperio
Ousaram invadir.

MEDELIM:

Remedio infausto,
Contrario ás santas leis da humanidade!
Das innocentes victimas os gritos
Ferem meu coração, que ignora os toques
Da ternura e do amor. Virá de novo
Outra furia assaltar-me! entre remorsos
Devo a vida passar! Devo meu throno
Só firmar sobre o sangue e sobre a morte!
Não tenho outro recurso?

MIREMO:

Inda um projecto
Do centro da alma me brotou de novo;
O meu estado, meu dever o inspira,
Tudo a minha arte pode, e meu conjuro;
Esta vara fatal a dextra empunha,

Dá novas leis e rege os entes todos,
O céo se lhe sujeita, os astros param
No meio da carreira espavoridos.
Do mal os genios me obedecem promptos;
A meu imperio se obscurece o Olympo,
A nuvem se condensa, o raio acode.
Se os genios chamo do tartáreo assento
O sopro pára com que accendem promptos
As brazas eternaes, e a meus clamores
Como vassallos, como amigos correm,
E d'estes genios infernaes eu posso
Mil legiões formar; podem sem armas
Combater a teu lado, e sem ser vistas
Seguir teus estandartes á peleja.
E se este meio não te apraz, eu posso
Infeccionar do sol o raio ardente,
Chamar dos altos céos a estrella infausta
Que nutre o fogo, que produz a peste.

MEDELIM:

Antes quizera que outros meios fossem
Os meios do combate e da victoria.

MIREMO:

Pois eu posso, senhor, abrir o inferno
E as cadêas quebrar que as almas prendem!
Posso as sombras magnanimas do abysmo
Soltar, e vêr a luz que o sol despede!
Posso chamar teus avoengos todos,
Que vão comtigo armados, que pelejem
Comtigo pela lei, que herdaste d'elles,
E manda se te apraz; deixa-me a gloria
De preparar-te ao vencimento a estrada.

MEDELIM:

Eu julguei sempre que podia affoito
Esperar tudo da virtude tua,

Hoje a julgo propicia; é qual estrella
Que entre escarcéos de solta tempestade
Reluz aos olhos do piloto errante.
Sem calcular a sorte, o effeito, a causa,
Tudo resigno em tuas mãos potentes.
Vamos, se é justo, ás pallidas moradas
Onde o dia só conta horas escuras;
Encararei sem susto a sombra eterna,
Verei as sombras lividas do inferno.
Chama, se queres, dos sepulchros tristes,
As pavorosas sombras dos finados;
Não me assustam os hórridos espectros,
Entre objectos de horror meu peito é firme;
Irei constante ao subterraneo imperio;
Se o céo me não soccorre, o inferno sirva,
O que não póde a força alcance o crime;
O mesmo crime muda-se em virtude
Quando a fatal necessidade o pede,
O throno o faz legitimo.

MIREMO:

E do estado
Tudo, tudo a rasão muda em justiça.
Esforço, Medelim! Tu vês no extenso
Campo, que o Nilo taciturno banha,
Esse ardente areal: aos céos se elevam
As eternas pyramides soberbas;
Tiram a luz ao ár, o espaço ao dia!
Sem repousar a vista, apenas póde
Medir da base ao cimo a immensa altura.
Primeiro o sol nascendo as pontas doura,
Que inda abaixo de si vêm sempre as nuvens.
A mesma terra que sustenta os montes
Geme com o peso enorme; no alicerce
D'estas immensas massas orgulhosas,
Que o Egypto, os reis, os seculos fundaram,
Se estende um largo campo, um reino ignoto,
Sombria solidão, ermo espaçoso,
Da escura morte sempiterno alvergue;

Dos espectros, do horror, o imperio é este!
Aqui repousam dos sultões os corpos;
Sobre o pórfido jaz a imagem sua;
Com os ossos seccos se conserva o fausto,
Inda a soberba vive, o orgulho existe,
E as sombras nuas, opulentas sempre,
Das ferreas leis da morte inda a despeito
Querem perpetuar da vida a pompa
N'este apparato funebre e medonho.
Aqui passados seculos repousam
Todos no mesmo pó e a morte os une.
Entre estas sombras minha voz escutam
Os hediondos, pallidos phantasmas,
Quando os convoco do profundo inferno,
E n'esta escuridão brilha o futuro
Aos olhos meus, á mente extasiada.

MEDELIM:

Eu já te sigo intrepido, tentemos
Nova estrada uma vez; se os céos não posso
Á compaixão mover, mova-se o inferno;
Nas tuas mãos está do Egypto a sorte.

SCENA II

Subita mudança de scena. O magico toma o rei pela mão, e apenas se retíram, passado um instante, apparecerá um grande salão com pouca claridade; á roda d'elle tumulos, e no meio o magico com a vara na mão, traçando um circulo, em cujo centro pára, exclamando:

MIREMO:

Soberbos manes! Almas magestosas
Que estes tristes cadaveres um dia
Vieste habitar; se inda no inferno
Comvosco conservaes da honra o timbre,
Se inda esta patria amaes, se inda por ella

Podeis obrar magnânimas façanhas,
E se a noite eternal, que o inferno cerca,
Alguma sombra, algum vestigio deixa
Do cingido diadema em vossa fronte;
Se inda lembrança conservaes do Egypto,
Campo, theatro de victorias tantas;
Se á patria sois fieis, sahi do inferno!
Vinde salvar do imperio os restos tristes
Que a chamma já rodeia, a morte assusta!
Vão perecer os tumulos que guardam
Vossas sagradas cinzas; vosso throno
Já vacillante está, e a patria e tudo
Succumbe aos golpes do inimigo ousado....
Vinde, sombras! correi, salvae o Egypto,
Antes que os ossos profanados sejam
Pela audacia europêa, e do Propheta
Será pisada a geração sublime!...

MEDELIM:

Basta, Miremo, que o valor me foge,
Já debaixo dos pés vacilla a terra,
Um vapor denso e negro as aras tolda,
As pedras sepulchraes já se levantam,
Ou vejo, ou se me antolha que descubro
Surgir de horriveis trevas dos sepulchros
As sombras dos finados que alli jazem.
Seu portamento é nobre, inda é soberbo,
E da morte entre os véos respira audacia
No gesto, e feroz vista inda tyrannos!

MIREMO:

Tanto póde esta vara e meu conjuro!
Tu vaes ouvir da patria hoje o destino:
Firmeza, Medelim, que eu forço os fados...
Mudas sombras, fallae! almas soberbas,
Obedecei á voz que as furias temem.
Tu, grande Saladino, tu primeiro
A meus votos responde: se inda prézas

Este reino, que é teu, que tu fundaste,
Pódes acaso consentir que estale
Um sceptro que foi teu? Queres que em cinzas
Fique desfeito um throno, onde sentado
Dictaste ao mundo as leis, mandaste os raios?
Este solio ameaça alta ruina!...
E acabou, Saladino, e já não póde
O teu braço, o teu animo sustel-o?
Deixou teu coração na morte o esforço?
És só phantasma vão, sombra ligeira
Insensivel á gloria, ao louro, ás honras?
Deixas manchar teu nome? Acorda aos brados
Que a virtude te dá, que a patria fórma.
Olha, agora triumphantes, e soberbos
Aquelles mesmos que venceste em tempo,
Com seu sangue engrossaste ao Nilo as aguas;
E se braços não tens, que a espada empunhem,
Vem pelejar com teu conselho, e mostra
Á patria afflicta, aos cidadãos, a estrada
De podermos vencer; sirva o conselho
Onde logar não tem o esforço, as armas.

SCENA III

Abre-se com estrondo repentino um dos tumulos, e apparece armada a sombra de SALADINO, *de gesto medonho, e com voz imperiosa começará a fallar.*

O mesmo e a SOMBRA

SOMBRA:

Sangue innocente de uma esposa pede
Ainda vingança ao céo. Monstro, pudeste,
Armado de ciume, o peito imbelle
Com um punhal traspassar? E não quizeste
Meus trophéos levantar! Da gloria minha

Os monumentos esconder na cinza?...
Maldade tão atroz pede um castigo.
O Egypto não tem culpa, a culpa tua
Faz o Egypto infeliz; brada teu crime,
Provoca as armas das nações, ajunta
Sobre a patria infeliz tantos flagellos!
Serás victima tu, serão teus filhos
Pelas margens do Nilo um pasto ás feras;
Jazerás insepulto emquanto em chammas
Arda o solio hoje teu, e onde ao vento
Sobre as ruinas fumegantes inda
O estandarte europeu victorioso!...

MEDELIM:

Soccorro! Oh justos céos! victima triste
Dos erros paternaes eu ser não devo!
O réo que o crime fez supporte a pena;
Nunca o sangue transmitte ao sangue o crime;
Eu tenho d'elle sangue e não delictos...
Mas se é réo Medelim, não seja a patria,
Seja o castigo meu, não d'ella a pena...

SOMBRA:

Será cruel, que o sangue derramado
Não se applaca sem sangue; a filha tua,
Por tuas proprias mãos sacrificada,
A patria salvará, tu mesmo o ferro,
Tu mesmo, empunhar deves, e no peito
Da innocente embebel-o, e corra o sangue.

MEDELIM:

Eu, assassino e pae!!!...

SOMBRA:

Tu mesmo...

MEDELIM:

Oh! terra,
Primeiro em tuas lobregas entranhas
Me deves sepultar! primeiro, ó raios,
Vinde sobre a sacrilega cabeça
Do infeliz Medelim! E a tanto preço
Devo salvar-me a mim, salvar o Egypto?
Não vale um throno tanto!... A Natureza
Brada mais alto do que o sceptro, o reino!
Mais em meu coração póde a ternura,
O paternal amor, que póde um throno!
Quero chamar-me pae, não soberano!...

SOMBRA:

Tu morrerás tambem, mas salva a patria;
Já não és pae, és victima, e primeiro
Corra o sangue innocente, e venha o sangue
Os manes applacar d'um filho extincto...

SCENA IV

(Occulta-se outra vez a Sombra, e ficam na scena)

MEDELIM e MIREMO

MIREMO:

Curva o pescoço aos golpes do destino;
Se te apraz a victoria, se inda queres
Salvar a patria trépida, e do Egypto
Afugentar a tempestade, o raio,
Esquece-te que és pae, lembre-te o throno.
A preço d'uma vida, tantas vidas
Hoje pódes salvar: e quando o Egypto
Livras do jugo barbaro e profano
Salvas a propria gloria...

MEDELIM:

É vão phantasma
Que eu detesto, Miremo, e d'estes hombros
Posso arrancar o manto, e não do peito
Posso arrancar amor, posso a ternura.

MIREMO:

Ao throno deves mais que á Natureza.

MEDELIM:

Primeiro nasci pae, que rei nascesse.

MIREMO:

Deixando de ser pae serás monarcha,
Serás da patria o pae, não de Zaída,
Olha que os cidadãos tambem são filhos.
Vaes enxugar as lagrimas dos orphãos,
Poupar a viuvez, o lucto, as maguas,
A propria vida a ti, ao throno a gloria;
Com uma só vida tantas vidas compras...
E vamos, Medelim, que eu sinto os raios
Já despontar do sol; da morte o imperio
Não soffre a clara luz.

MEDELIM:

Vamos, Miremo;
Embora a filha morra, o sacrificio
Expiar os crimes meus um dia possa!
Oh! victima fatal! Oh sorte infausta,
Que do throno te fórma a sepultura!

ACTO IV

SCENA I

MEDELIM só

MEDELIM:

Combate horrivel na minha alma sinto!
Oh! alma natureza! oh mãe dos entes,
Deves vencer emfim! oh throno! oh sceptro!
Tambem deves vencer! ou seja tua
Ou de alma natureza hoje a victoria!
De ambos vós é pesado, é grande o preço.
Que fataes inimigos! um se funda
Nos direitos do sangue, outro no imperio;
Dois tyrannos eguaes subjugam, ferem
Meu triste coração. O amor mais terno
Ceda ao mais poderoso, que o destino
Tão dura lei me impõe; tirar-me intenta
A ternura d'um pae, ou d'um monarcha,
O soberano imperio, a gloria, o fausto;
Perca-se o pae, mas salve-se o monarcha;
Segure-se o diadema, a filha expire!
Nomes sem peso são o pae, o amigo,
São de jus dos pequenos; não pertencem
D'um sultão ao direito; só conserva
No diadema o poder, familia e filhos.
O estado é só meu filho, e n'este sceptro
Outra Zaída tenho; elle é sómente
Minha posteridade e minha herança.
Sigamos estas leis, porque as façanhas
Só as faz um sultão, seu povo os crimes.
Do dever as prisões, das leis o jugo,
Não me prendem a mim; prendam embora

A quem poder não tem; poupar não devo
Por um imperio que ameaça a queda
Inutil sangue da innocente filha:
Seja alicerce o pallido cadaver
Do throno em que me assento.

SCENA II

ALMANSOR e MEDELIM

ALMANSOR:

Horrenda furia
Dictames tão crueis póde só dar-te!
A justiça é do rei como é do povo,
Á Natureza egual e á voz do sangue
Do monarcha e pastor fallam no peito...
Se a lei do justo céo condemna a morte
Que deu teu pae, de Saladino ao filho,
Tambem condemna a morte que hoje intentas
Dar á misera Zaída! A voz errada
Da vã superstição, do vão Miremo,
Não te deve illudir; póde natura,
A justiça, a razão, mais que os phantasmas.
Escuta a voz da Natureza, escuta,
D'ella o primeiro oraculo é ser justo.

MEDELIM:

E do estado a razão mais alto brada,
Quando a justiça defender-lhe cede,
Consulta o coração; n'elle estampada
Acharás uma lei que poupa o sangue
Do misero innocente; escuta e segue
Os dictames da lei...

MEDELIM:

Eu salvo a vida
De uma patria infeliz; nascemos todos
Primeiro cidadãos...

ALMANSOR:

Mas salva a patria
Com as armas, com o valor, até com o teu sangue;
Com o sangue dos teus Zaida expire;
Não ás mãos de seu pae, mas pelejando.

MEDELIM:

Almansor, resolvi, louvo teu zelo;
És humano, és vassallo, eu sou monarcha...
Oh! lá! chamae-me a desgraçada filha...

ALMANSOR:

Ella chega, senhor; nem vêl-a posso!...

SCENA III

MEDELIM e ZAIDA

ZAÍDA:

Meu pae, que destinaes?

MEDELIM:

Quanto é pesado,
Amada filha, o sceptro que sustento!
Este diadema é jugo, é duro ferro

A purpura que visto! Oh! dos monarchas
Terrivel condição! Antes quizera
Que a voluvel fortuna me fizesse
Nascer em berço humilde; mais ditosos
Correriam meus dias; meu destino
Não seria tão barbaro, tão féro!

ZAÍDA:

Amado pae, se a sorte das batalhas
Não pende para vos, vive Zaída...

MEDELIM:

(Vive!... Fados crueis!... E a morte a pede!...)
Escuta, filha; turbidos cuidados
Se eu não fora monarcha eu não tivera;
Verás serena minha face, e nunca
Tantos suspiros lugubres soaram:
Ao peso me esquivara, ao peso infausto
D'este louro metal que a fronte cinge.
Meu sangue qual correu do terno seio
Da Natureza, egual nunca sentira
Outro peso maior que a voz lhe prende.
Meu justo coração sincero e recto
Sob um jugo cruel nunca gemera,
Que hoje tanto me opprime: o que me cerca
Tudo me fere; e o sceptro, meu apoio,
Hoje é minha fraqueza, e até meu sangue
Hoje muda de côr! Sinto confusos
Dentro do peito o abatimento, a gloria!
É tormento d'um pae do throno o fausto,
E o dever inflexivel de monarcha
De meu proprio poder me faz vassallo.
Meu diadema conserva hoje captivo
Meu paternal amor, minha ternura!
Sou pae no coração, no centro d'alma;
Na superficie rei, e a vã fortuna
Que levanta e desfaz céga os monarchas,
Já póde, se lhe apraz, tirar-me o sceptro:

Contente lh'o abandono, e só quizera
Que me deixasse o coração no peito;
Mas este pobre coração a impia
Só me quer arrancar, com elle o nome,
Dôce nome de pae, thesouro e nume,
Do infeliz Medelim!... De Saladino
A horrenda sombra se evadiu do inferno;
A mim se apresentou feia e terrivel,
Ameaçando o desgraçado Egypto
Pede a satisfação do extincto filho:
«Se teu sangue (bradou) não corre e lava
«Do assassino cruel a mancha, o crime,
«Um diluvio de sangue o Egypto alaga;
«Teu sceptro estalará, teu throno em cinzas
«Tu verás fumegar, e a espada imiga
«Nem das ruinas deixará memoria.»

ZAÍDA:

E que sangue vos pede a sombra infausta?

MEDELIM:

(A Natureza treme, a voz se extingue
Ao sahir da garganta! Oh! tu, virtude!
Oh! tu, valor d'um rei! vôa soccorre
O infeliz Medelim!...) Pede teu sangue!...

ZAÍDA:

Meu sangue! Oh! justos céos! Corra meu sangue!...
Quando, quando temeu Zaída a morte!...
Eu a tenho affrontado, e em roda visto
Girar as suas machinas medonhas,
E mil vezes em férvidos combates
Eu a senti correr na ervada setta!
Terrivel tempestade, que sem susto
Sobre mim vi passar! barbara espada
Póde levar-me ao peito a morte horrenda,
Não póde ao coração levar-me o medo!

Se é preciso morrer, se o céo o ordena,
Se póde o sangue meu na fronte vossa
O diadema firmar, nas mãos o sceptro,
Permitti-me, senhor, que eu mesma a busque,
Que desafie a morte em nobre esforço!
Contente morrerei se de meu sangue,
E do sangue europeu coberta expire!
Em frente ao oppressor corro a expôr-me,
Suas cinzas de tumulo me sirvam,
O combate ordenae; sómente é digna
De Zaida esta morte, este destino!...
Mas excusa expirar tragicamente!...
Soffrer que mão cruel me vare o peito!...
E sobre erguido altar curvar a fronte,
E de morte servil soffrer a infamia!...
Tanto não poderei... n'isto sómente
Fiel me não vereis. Então seria
Com a minha sombra eterna a minha affronta!

MEDELIM:

Do coração o esforço, e não do braço,
Fórma o nosso valor, sustenta a honra.
O impeto brutal, que o mundo chama
Bellicosa coragem, valentia,
É ligeiro vapor que fórma o acaso!
Esses valentes prodigos de sangue,
Que cicatrizes, golpes, alardêam,
Quando acaba o furor, quando a vaidade
Os passos lhe não move, e o sangue pára,
Espantados não têm mais movimento
Que o da fugida vergonhosa: o esforço
Que sabe soffrer mudo é só virtude!
Immovel encarar fortuna adversa,
Offerecer-lhe a garganta, e mudo e quedo
Soffrer seus golpes com sereno rosto,
Seja ultrajante a morte, e baixa e humilde,
Este o grande valor! Vêr póde o mundo
No cadafalso heroes, inda que o crime
Armasse, oh filha, da justiça a espada;

E assim teu sangue derramado póde
Tua gloria firmar, salvar do opprobrio
As eclipsadas Luas, e do Egypto
Esta chamma extinguir, que ao perto ondêa.
Por tua morte sustentada a patria,
Ella será teu tumulo sublime!
Mas eu não tenho coração e esforço
Que a tantos bens com tua morte aspire!
Oh! temor que me rala! oh filha, agora
Manda que ceda o estado a Natureza!
Para salvar o pae deixam o monarcha;
Ambos quero perder comtigo, oh filha;
Na mesma pyra expirarei contente!...
Ah! decide, Zaida!...

ZAÍDA:

A morte, a morte!...
Se ella te salva o throno, eu curvo a fronte!...

MEDELIM:

Ah! nunca eu fôra pae!...
(Abraça-a.)

ZAÍDA:

Prézo o ser filha
Para salvar-te o thono com meu sangue!

MEDELIM:

Eu a morte te dou!

ZAÍDA:

E o fado a pede!...

MEDELIM:

Oh! desgraçado pae!

ZAÏDA:

Ditosa filha,
Que o pae sustenta, o throno, a patria, a gloria!...
Onde o dever vos chama acode prompto,
Que eu não recuso a sorte; irei contente
A provocar o termo impreterivel,
Pisando aos pés o ultraje da ventura;
E não duvidareis que sou Zaida,
Sou vossa filha, e victima do estado!...

(Sae.)

SCENA IV

MEDELIM e MIREMO

MEDELIM:

Eu sou monarcha e pae.

MIREMO:

Senhor, depressa
Ao sacrificio te prepara; eu sinto
Continuo revoar-me em torno a sombra
Do implacavel sultão.

MEDELIM:

Que mais ordena
Esse espantoso barbaro, que guarda
Inda além de seu tumulo a vingança?
Que conserva o rancor no escuro inferno!
Que, sombra nua, nem de sangue é farto?...

MIREMO:

O mais difficil sacrificio pede;

Que tu mesmo, seu pae, no peito inerme
Sobre o sagrado altar a espada embebas...

MEDELIM:

Isso me disse o monstro.

MIREMO:

Inda de novo
Este attentado pede; e de teu peito
Todo o amor paternal expulsa, arranca;
Tenha a fronte o diadema, e cale os gritos
Da poderosa Natureza!

MEDELIM:

Aonde
Existe o sacro altar?

MIREMO:

Sobre a arenosa
Margem do Nilo existe inda uma pyra,
Resto do Egypto idolatra e profano.
Aqui de Osiris o ministro, em tempo,
Sacrificava as victimas; sobre ella
Deve expirar Zaída; e tu, colhendo
Em tuas mãos o sangue, aos tristes manes
De Saladino offerecer-lhe deves.

MEDELIM:

Que mais pede a fortuna a um pae?... E um throno
Que mais póde exigir?... Vamos, Miremo.

Scena V

ARIMANTE, só

ARIMANTE:

Triste Arimante! misera Zaída!
Foi morto o meu Orgao! Hoje a princeza
Deve expirar tambem; não como os fortes,
Mas como imbelle victima! Já corre
De toda a parte alvoroçado o povo,
Póde ser que a vez ultima a vêl-a.
Um funebre dever com largo pranto
Já prestes lhe consagra; uns lhe prantêam
A tenra edade, os outros a innocencia.
Por ella inutil voto aos céos enviam;
Com mais inuteis lagrimas exhalam
A dôr que os punge: consternadas voam
As timidas donzellas, e arrancando
As douradas madeixas e os vestidos
A estrada cobrem que conduz á pyra.
Ella entre o pranto universal conserva
Valor no coração e a paz no rosto!
Qual dia que é brilhante além da nuvem,
Que opáca sobre a terra os raios lança,
Surda a fortuna aos gritos dos humanos,
Só não tem mãos para roubal-a á morte:
Ella entre tanta agitação constante
Só paga tantas lagrimas amargas
Com uma vista tranquilla, inda formosa;
E sem se consternar, contempla em torno
A Natureza em dó e o mundo afflicto...
Eis chega a triste victima.

Scena VI

ARIMANTE e ZAIDA

Zaída:

Arimante,
Enxuga as tristes lagrimas; Zaída
Vae ser gloria do pae, da patria esteio.
Que perco com meu sangue? A dôr constante
Que o peito me atassalha; eu sombra nua
Irei buscar do amante a sombra triste.
Se da morte no imperio inda amor vive,
Se inda laços lá tem que as almas prendam,
Ligada viverei; compro com a morte
Essa terna união que os impios fados
Me negaram na vida, A Saladino
Não tributo meu sangue; ha muito, ha muito,
Que eu o devo a Feron; vamos, que é tempo.
Eu vou despir as armas, e em meus olhos
Pôr a venda fatal, na fronte o louro,
As mãos ao laço dar, o peito á morte.
Possa o exemplo meu, possa a memoria
O pranto merecer, se inda no peito
Dos miseros mortaes mora a piedade.
Sobre meus ossos lagrimas se entornem;
Tanto póde em meu pae o amor do throno!
Inexoravel pae! O amor, o sangue,
Cedem ao triste sceptro da grandeza...
Arimante, eu deliro! Oh céos! soccorro!...
Já vejo a pyra! O fogo! O pae tyranno
Já prende meus cabellos! Já levanta
Com a destra mão a espada!... E corre o sangue!...
E assim morre *Zaída*!

(Cae desmaiada.)

Arimante:

Oh céos! piedade!...

ACTO V

SCENA I

MEDELIM e ALMANSOR

ALMANSOR:

Tudo é prompto, senhor, em armas todo
Vosso potente exercito é postado.
De par em par abri do Cairo as portas.
As mesmas hostes inimigas pasmam
Do tumulto e do horror que o povo agita!
Ao medonho espectaculo se ajuntam
Todos cheios de assombro! Alto silencio
Em toda a parte reina! A Natureza
De assombrada gemeu, e o patrio Nilo
Turvo e rouco se enrola; as negras ondas
Batem nas praias hórridas e feias,
Presagio horrendo, funebre ameaça!
A lua se eclipsou, um véo de sangue
Sobre o rosto argentado se despréga!
Das immortaes Pyramides um grito
Subterraneo se ouviu! tristes espectros
O ár rasgaram que circumda a pyra!
Ondêa o fogo, a victima está prompta,
Tanto quizeste tu?

MEDELIM:

E o quiz o fado!
Vou morrer, Almansor; se a filha expira,
Expire o triste pae, morra o monarcha!
Manes crueis, o sacrificio é vosso!
Trazei ao Egypto a paz, e os duros ferros
Caiam das mãos aos barbaros corsarios...

E tu, sorte implacavel, se querias
Este innocente sangue; se tão dura,
Se tão barbara lei guardada tinhas,
Por que em meu peito atormentado deixas
Um coração de pae e o de monarcha?

SCENA II

Os mesmos e MURATÃO

MURATÃO:

Senhor, que pranto universal escuto?
Que horror, que compaixão reina em teu povo!
É possivel que, barbaro, tu queiras
No tenro peito da innocenta filha
Duro ferro embeber? Que os olhos feiches
Ao paternal amor, á Natureza?
Aos gritos da razão?

MEDELIM:

Todos devemos
Curvar a fronte ás decisões do fado.

MURATÃO:

E pede o fado sangue?

MEDELIM:

Assim o ordena.
Quer o meu sangue, Muratão; com elle
Lavo os crimes d'um pae e salvo a patria.

MURATÃO:

É regio o sangue que me gira nas veias,
É teu sangue tambem, e este se entorne.

MEDELIM:

O céo pede a Zaida, e não queiramos
Interpetrar a lei que o céo promulga.

MURATÃO:

Eu voluntaria victima me offereço,
Eu só devo morrer; da minha vida
Dispõe já, Medelim: tu destinaste
Dar-me a mão de Zaida, e eu posso acaso
Vêl-a expirar? Eu, victima funesta,
Irei fazer o sacrificio inteiro,
E o barbaro Sultão fartar de sangue;
Enche de horror o Egypto, o céo, Miremo,
Esse monstro fatal, que tem com o inferno
Desgraçada alliança, a quem a morte
Tantas victimas pede, e que sopêa
E tyrannisa os miseros humanos,
Acclamando-se interpetre dos fados.
Irei, irei morrer, cumpro um destino!

SCENA III

MEDELIM e MIREMO

MIREMO:

Chega o fatal momento! É este, é este!
A espada empunha, ao sacrificio vamos.
Da mais profunda sombra os céos se cobrem:
A victima está prompta, o golpe espera;
Vamos salvar a patria e dar á sorte
O que a sorte pediu... Tremes?... Vacillas?...

MEDELIM:

Inda sou pae, Miremo, inda no peito
Sinto o meu coração; inda alli trôa
A voz da natureza e a voz do sangue.

MIREMO:

És monarcha tambem, és pae da patria,
Deves ao throno e patria, o sangue, a filha;
Podes ter outra filha, e tens um throno
Que não podes deixar. Se te horrorisa
O baldão de traidor, verás depressa
Os esquadrões fugir, que a patria infestam,
Tornar a gloria, as luas abatidas!
De Saladino o braço acostumado
A vencer europeus, virá de novo,
Aos teus guerreiros inspirar esforço;
Tu serás vencedor se pae não fôres.

MEDELIM:

Oh! céos! por compaixão firmae meus passos!...
Lembrae-vos que sou pae, que sou monarcha!...
Deixae-me o que quizerdes, ou da vida
Acceso raio me despoje prestes...

SCENA IV

Ficará o theatro com muito pouca luz; no fundo da scena se verá um altar. Virá ZAÍDA *com as vestes do sacrificio, isto é, brancas; os cabellos cahidos e soltos; uma corôa de louro e as mãos ligadas. A seu lado virá o* REI *com a espada nua na mão; de outro lado* MIREMO. *Turba de sacerdotes e guardas.*

MEDELIM, ZAIDA, MIREMO e ALMANSOR

ALMANSOR:

Eis se approxima a misera donzella;
A virtude e valor brilha em seu rosto;
É lastimosa victima do estado!

Vê-se no rosto seu formosa a morte;
Desconsolado amor dentro em seus olhos
Tambem parece que com ella morre.
Barbara sorte, barbaros destinos!
Ambição de reinar a quanto obrigas!

(Vem o acompanhamento approximando-se á bocca da scena, e o REI, *sustendo a victima pelo braço, chega perto do altar.)*

MEDELIM:

Terra! céos! escutae-me! Inferno, attende
A um desgraçado pae! Oh, sombra augusta
Do grande Saladino! hoje do abysmo
Vem contemplar o sacrificio horrendo
Que tu mesmo pediste, e applaca as iras
Contra o Egypto infeliz; faze que o sangue
Que eu devo derramar teu sangue applaque!
A voluntaria victima recebe
Que eu vou sacrificar-te; ella suspenda
Esse raio que a colera desfecha,
E a funebre desgraça já pendente
Sobre a minha cabeça eu te offereço!
Morte por morte, o grande sacrificio
De meu barbaro pae o crime apague!
Ao miserando Egypto, combatido,
Vem dar força e valor, vem dar victorias
Quaes teu braço alcançou; recebe o sangue,
E do teu, que inda fuma...

(Levanta a espada e Zaída inclina a cabeça.)

Scena V

ARIMANTE e os mesmos

ARIMANTE:

Oh! triste golpe
Não fulmineis, senhor! Corre anhelante
E afflicto Muratão! Seus brados enchem
O povo de pavor, e busca ancioso
A quasi extincta victima innocente.
Do immenso povo as alas se dividem
Para o deixar passar; respeitam n'elle
A dignidade, a dôr; no rosto mostra
Audacia, intrepidez! Clama que os fados
Traz do Egypto nas mãos!... Chega... Que assombro!...

Scena VI

Os mesmos e **MURATÃO**

MURATÃO:

Eu a victima sou, não é *Zaida*!
Ou queira o sangue esse hórrido phantasma,
Ou com elle se extinga o fogo immenso
Que teu imperio abraza! Eia, suspende
As mãos crueis do funebre attentado
Á tua casa, tragico, e a teu reino!
Tens sangue n'estas veias com que possas
Satisfazer a sombra sanguinaria!
Ah! conserva Zaída! eu sou amante;
Humilhado t'o peço, eu lhe offereço
Um tributo de amor no passo extremo!

Se tua filha morre, então com ella
Tambem a tua gloria expira, acaba.
Que preço esperas de tal sangue? Acaso
Um detestavel louro e negras palmas?...
D'essa sombra cruel, d'esse inimigo,
Farta a sêde com sangue menos nobre!
Se o teu sangue pediu, tenha o teu sangue,
E serve, se te apraz, o throno infausto
Com a minha morte, com a existencia sua.
Que imperio florescente em preço egoala
O sangue de Zaída! Os céos são justos,
E se tarda o castigo é mais severo.
Barbaro pae, piedade! Olha que um tigre
Pelos filhos salvar se offerece á morte!
Fere!... eu me curvo... descarrega o golpe!...

(Ajoelha.)

Zaída, este o tributo que offereço
Á tua ingratidão, ao meu destino!
Amei-te em vida, sigo-te na morte,
É de um constante amor o laço eterno!

ZAÍDA:

Mas o destino que me traz á morte
Não quer mais que uma victima...

MURATÃO:

Pois essa
Eu quero offertar. Pede-te um monstro,
E a mim pede-me amor, e este mais pode
As iras applacar do céo se acaso
A voz de Saladino é voz de fado.

ZAÍDA:

Antes que a espada, Muratão, teu pranto
No meu peito metteu ternura e morte.
Eu, que, sem pallidez sobre meu rosto

A vi quasi pousar, eu, fragil, cedo
De amor ao doce movimento agora.
Que sorte extranha, que perstigio, dize,
Te obriga voluntario a perturbar-me
O repouso da morte? se ainda meu fado
Te não parece mui cruel, desejas
Que o teu amor com elle me atormente?...
Queres unir a tua morte á minha,
E que a minha desgraça augmente as tuas?
A um peso duplicado os hombros cedem?
A tantos golpes falha-me a coragem!
Se tu viveras, viverá Zaida
Dentro em teu coração! Por toda a parte
Te irei seguindo qual saudosa esposa!...
E tu, meu pae, o sacrificio acaba;
Corra o sangue que pede Saladino;
Elle escolheu, tu deves-lhe Zaida;
Não demores a victima; conserva
Com Muratão meu nome e gloria tua.
Os crueis europeus talvez julgaram
De Muratão a morte uma victoria.
Elle, já vencedor de tantos povos,
Se qual victima infausta hoje morresse,
Tambem morrera a publica fortuna
Do imperio que eu lhe deixo e a mão de esposa.

ALMANSOR:

Memoravel combate! Oh raro esforço
De corações magnanimos e nobres,
E não dignos da morte que disputam!
Oh! portentoso amor! ambos combatem
Pela morte cruel! Que mais fizeram
Se ambos, ambos rivaes no imperio foram!
E pode não ligar scena tão triste
O coração de pae ao de monarcha!

MEDELIM:

Infelizes rivaes! Approvo, admiro
O combate magnanimo! perpetuo

Hade ser vosso exemplo e vosso nome,
E os sensiveis mortaes que inda nascerem
Virão pranto entornar nas vossas cinzas!...
Mas é contraria a perfida fortuna
A tão grande virtude. Já debalde
Quero obstar ao destino! O esforço falta;
Elle pede esta victima, é forçado!
Tambem a sorte aos principes arrasta!
Não têm poder os sceptros que suspenda
Sua implacavel lei; e esta cadeia,
Que não rompe jámais poder humano,
A misera Zaída arrasta e leva!
Da infausta morte a gloria lhe não tôlhas:
O seu fado não quer que o fado troque
Com o fiel Muratão: meu sangue pede,
Não o teu, Saladino; o esforço guarda
Para mais nobre acção. Mancebo invicto,
Teu amor e coragem presagiam
Mais illustres victorias, mais triumphos!
Eia, differe intrepido o teu sangue
Até que, vencedor, mais feliz palma
Dos contrarios crueis alcances, tenhas;
Espera ao teu valor mais digno emprego!...

MURATÃO:

Que mais devo esperar? Amor merece
Da minha vida o sacrificio inteiro!
Já que o decreto da tyranna sorte
Se deve executar, e inuteis sombras
Se hãode banhar no sangue de Zaída,
Eia! barbaro pae, farta-lhe a sêde!
Se um parricidio, se um sceptro deve
Firmar teu throno vencedor do tempo...
Ajunta um crime a outro, e no meu peito
Embebe a espada!... Mas que digo! Oh fados!...
Pode meu braço intrepido poupar-te
A metade do crime, e Saladino
A duplicada victima merece...

Não preciso teu braço!... Eis o meu nume!...

(Tira um punhal.)

De um amor infeliz é este o premio!...
Zaida:

(Fere-se.)

ZAÍDA:

Muratão!... Oh céos!... E devo
Depois d'isto existir?

(Cae desmaiada junto ao altar e corpo de Muratão.)

MEDELIM:

Pae desgraçado!
E monarcha infeliz! E assim devera
Sobre os trophéos da morte erguer meu throno!
Perder a Muratão, perder Zaida!...
Desesperado contemplar seu sangue!...
Detestavel altar! E inutil ferro

(Arroja a espada.)

E do destino cruel, e o fado impio
Me contempla indolente!... Oh Saladino!...
De tão triste espectaculo fujamos!...

(Sae.)

SCENA VII

ZAÍDA, *pouco a pouco tornando a si, e suspirando, se levantará, e volvendo os olhos para todas as partes os fixará por fim sobre o corpo de* MURATÃO, *exclamando*:

ZAÍDA:

Inda respiro e vivo! Ah! meus sentidos
Soffrem triste illusão! Oh, caro esposo,
Do tyranno rigor já somos livres,
De um detestavel pae!... Deliro! Oh! fados!
Eu ainda sinto palpitar meu peito!

E meus olhos! Que horror! É este! é este
Do meu esposo o pallido cadaver!...
Oh! Zaída infeliz!... Oh! sombra! oh! morte!
Quantos remorsos, quantos crimes ferem
Meu triste coração!... E é esta a espada
De meu barbaro pae!... E eu resto apenas
Solitaria no mundo!... Oh sacros manes
Do infeliz Muratão! Oh sombra! oh resto
Do que eu devera amar! Se eu te não dava
Uma prova de amor na morte a acceita!...
Pela noite do tumulo te sigo!...
Vôa, oh morte! vem já!... De quantos crimes
Eu a terra manchei, sendo innocente!...
Dei a morte a Feron, e a um terno amante
Eu á morte arrastei!... Inda sem tanto
Eu devera morrer!... Zaída acaba!
Oh! Saladino! Oh pae!... Recebe o sangue!...

(Fere-se e cae morta.)

O IMPOSTOR CONFUNDIDO

COMEDIA EM TRES ACTOS

PERSONAGENS

Romualdo......................	**Marido de Florencia**
Florencia......................	
Aldonça......................	**Sua filha**
Lucinda......................	**Creada**
Doutor Reimoso......................	**Medico**
Braz Badalo......................	**Seu creado**
Simplicio......................	**Filho de Romualdo e de Florencia**
Dezidério Carrasco......................	**Alcaide**
Marcos Sarilho......................	**Escrivão**

Turba de esbirros, que não fallam

SCENA A CASA DE ROMUALDO

É autographa e faz consideravel differença da que se acha impressa com o titulo de *Impostura castigada*. Este livro comprei ao Sr. J. C. da C. em 14 de janeiro de 1857.

I. F. Silva.

ACTO I

Scena I

ROMUALDO e LUCINDA

Lucinda

E eu assento de pedra e cal, que é um solemne impostor: o gesto, as palavras, as maneiras medidas e estudadas, até o mesmo silencio é no veneravel doutor uma eminentissima impostura.

Romualdo

E eu assento tambem, e não com fracos fundamentos, que tu és uma eminentíssima intromettida, uma eternissima tagarela, e uma solemnissima mentirosa. O doutor Reimoso!!! Um homem a quem eu devo a vida em meus complicados achaques! Um homem que com um simples apalpar de pulso amollece todas as minhas durezas quando em vão forcejo, e quando me sinto mais empedernido! Um homem de um tacto e de um olfacto tão fino e tão farejador que tem espreitado as quadras opportunas das minhas lubricações, que me desfaz os tenesmos mais teimosos e pertinazes! Que homem! Chega á minha cabeceira com um ár tão serio e circumspecto, que algum d'esses tratantes que zombam da medicina lhe poderia chamar um verdadeiro embaixador da morte, pois vem na grande gala e na diplomacia do cemiterio; olha para mim sem dizer palavra; acena-me que deite um palmo de lingua fóra, deito-a; mette a mão fria como neve por debaixo da roupa, dá-me dois estorcegões no baixo ventre, e sem mais exame, sem mais observações, está conhecida a enfermidade (que prodigio de sciencia!) pega na penna e diz: (panças humanas, tremei!); Mande—Fel da terra, arrobas uma. Sangue de dragão, canadas duas. Olhos de caranguejos, alqueires tres.—*Reimoso.*

LUCINDA

Cale-se, senhor, que se me arrepia o cabello; era melhor dizer de uma vez: grite, arrebente, morra. Onde diabo se acham tres alqueires de olhos de caranguejos?...

ROMUALDO

Na botica. Se os não tem n'aquelle comenos, vem um equivalente — olhos de santólas; porque qual a botica que deixa de aviar uma receita por não ter os ingredientes? Se pedem aguas, sejam que aguas forem, emquanto ha a do pote avia-se a receita e nunca o doente fica desconsolado.

LUCINDA

E v. m.ce, conhecendo isso tão bem, está por tudo quanto um charlatão, como o doutor Reimoso, lhe receita e lhe perscreve?

ROMUALDO

E que hade fazer, rapariga, quem deseja apurar a sua saude, desentulhar as primeiras vias, e facilitar a livre e fluida carreira das outras? Não tem remedio senão depositar tudo isto nas mãos de um medico.

LUCINDA

Que hade fazer? Não ver, nem ouvir medicos; nas terras onde os não ha, porque não ha dinheiro, não ha doenças; cada um morre de seu vagar, sem o matarem. Mas não é da minha competencia ajuizar dos conhecimentos e sciencia medica do doutor Reimoso; o que sei dizer é que a sua moral não é boa, e creia que, se elle cuida em lhe sarar o corpo, cuida muito mais em corromper o coração da sua familia; e antes v. m.ce a queira ver morta que libertina. Que importa que fique a saude se se vão os costumes? Que importa que v. m.ce fique lubricado e evacuado se v. m.ce ficar deshonrado? Merece perder a saude quem a estima mais que a reputação. Se elle põe em equilibrio os seus humores, deixa muito vacillante o seu nome e sua reputação.

ROMUALDO

Ah! lingua cervina, doutora do inferno! Os teus talentos são na verdade superiores á tua educação, mas a tua perspicassissima malicia ainda é maior que os teus talentos. Nenhuma acção para ti é indifferente, ainda as mais ingenuas e naturaes: todas são interpretadas ao sabor da tua malignidade! Tu não sabes que um doutor d'aquella altura, e muito mais, formado lá fóra, não possue sómente os seus aphorismos, purgantes, evacuantes, irritantes, emolientes, anodinos, diaforeticos, mas que se espraia pelo vasto paiz dos humanos conhecimentos? Ao menos, elles dizem que são os maiores homens que ha! A politica, a economia, a estatistica, a legislação, commercio, agricultura, lanificios, tudo e tudo é da sua mediata competencia, e que com estas sciencias têm posto em França a saude moral do mundo n'aquelle perfeitissimo estado em que nós a vêmos.

LUCINDA

D'esses nomes que v. m.[ce] acaba de dizer não sei nada; sou uma serva, porém morigerada; e sahindo da minha esphera não tenho outro prazer mais do que a musica com que adoço a habitual melancholia de sua filha, aligeiro o pezo das suas molestias, que vão abreviando a sua existencia; mas, sempre lhe digo e torno a dizer, que o doutor Reimoso é um descarado impostor, e que medita a sua deshonra e o estrago da sua familia.

ROMUALDO

Medita!... Tu até adivinhas as meditações e os pensamentos dos homens! Eu tambem o sei vigiar, e não desejarei que de volta com os bons cartuchos que me tem mamado, me abale com a reputação e honra de minha mulher e filha, e mais com a tua tambem.

LUCINDA

Se a diligencia é mãe da boa ventura, creia que se não descuida! Que alma tão serena! Que bojo! vae tudo a eito, mãe, filha e creada...

ROMUALDO

Ora pois cuida em Aldonça, diverte-a até que se complete o meu prazer com a vinda de meu filho, tão anciosamente esperado; eu vou para o meu escriptorio; se me procurarem chama-me...

(Sae.)

SCENA II

LUCINDA, só

Eu não sei que sinto n'alma
Com as tramoias de um doutor!
Mas eu cuido na receita
De curar este impostor:
Se tudo atropela,
Se nada receia,
Irá na cadeia
Curar-se de amor.

SCENA III

FLORENCIA e LUCINDA

FLORENCIA

Esta casa é algum Seminario da Patriarchal? Ou moram aqui os italianos, que até cantam quando os enforcam? A tua vida são solfejos, e a tua costura modinhas?

LUCINDA

Ora, senhora, que ature v. m.ce um papagaio, que se não cala dia e noite n'aquella janella, e que me queira vedar o mais simples desafogo!

FLORENCIA

Tudo tem seu tempo; hoje não é dia de cantorias. Vem á noite o doutor Reimoso, em visita de cerimonia, pagar-me a visita que lhe fiz no dia dos annos da filha mais velha; é preciso aprompiar tudo; eu não quero ficar atraz; a sua senhora obsequiou-me muito; apprompta os meus vestidos e todos os preparos da minha cabeça; isto são horas; vamos, vamos aviando.

LUCINDA

E que preparos quer v. m.^{ce} para tomar a visita áquelle phantasmão, retrato de D. Quixote, melancholico como uma tumba; se abre a bocca, ou é para as purgas e suas evacuações, para os calambolanos, musgo de Islandia e centaurêa menor; ou é para nos aturdir, ou matar de semsaboria, com os seus excommungados planos de politica, que, a governar-se o mundo por elles, ou tudo seria francez, ou já não existiria folego vivo. Que nos importa a nós o *equalisar* com que aquelle maldito se não cala a todo o instante?

FLORENCIA

Importa-me a mim: é um sujeito de bellas maneiras; ninguem se apresenta melhor na sociedade; a sua figura é elegante e tem umas expressões que tocam as cordas d'alma. Outro dia fiquei eu embasbacada quando lhe ouvi dizer:—«As laranjas são saponáceas, devem-se dar em dezembro ás paridas, porque são diaphoreticas.» Outro dia, quando Aldonça teve aquelle febrão histerico, achei-lhe tanta graça quando disse, apenas lhe tomou o pulso:—«Esta febre é da familia das pôdres...»

LUCINDA

Isso é que é uma chaga! Mas são gostos, não admittem questões; a gente nem sempre é senhora do seu coração.

FLORENCIA

Eu não digo que tenho o meu captivo, mas por certo o tenho inclinado. Lucinda! eu temo confiar-te um segredo que é de uma importancia infinita, mas eu conheço as tuas qualidades; desde que vieste

para esta casa e vi a tua capacidade, o teu zelo, eu te tratei mais como filha que como creada; tudo confio de ti, e bem sabes que o governo da casa é teu...

LUCINDA

Basta de elogios; bem sabe que segredo em mim é como pedra em poço; não tema, e esteja certa que a heide ajudar com o braço e com o conselho. Sou mulher, sou humana, e nenhuma fraqueza estranho como alheia da humanidade.

FLORENCIA

Ah! minha Lucinda, o doutor Reimoso possue a minha affeição. Sagrados deveres do meu estado, vós cedeis no meu coração á violencia da paixão que m'o arrebata... Oh, sacrificio, quanto me custas! Lucinda, eu amo este fatal homem, este homem encantador! A sorte está lançada, elle me pede uma audiencia particular. Não sei como, nem quando lhe heide fallar, se hade ser de dia, se hade ser de noite...

LUCINDA

De noite, que todos os gatos são pardos.

FLORENCIA

Lucinda, não gracejes; se o teu coração está livre, o teu coração é formado de outra massa; o meu está captivo; é preciso obedecer-lhe; a voz do coração é muito imperiosa; debaixo da neve de quarenta e cinco annos, quem dissera que se devia atear tão activo e violento incendio!

LUCINDA

De noite, já lh'o disse; e estas de outubro que dão para tudo. E então que tem isso? Fallar ao medico, nunca se viu? A toda a hora da noite que o chamem deve vir, elle, o cura e mais a parteira; mas como lhe pode dar a convulsão, eu estarei presente a esse alto congresso.

FLORENCIA

Então promettes auxiliar-me?

LUCINDA

Com todas as potencias d'alma, e é preciso que eu assista; bem sabe que o sr. Romualdo, com a dureza de ventre que tem, sempre está a acordar, imaginando-se em aperto, e não será nada bom que se levante e a venha achar com a bocca na botija.

FLORENCIA

Ora pois; eu quero preparar-me e vestir-me hoje como nunca; apromptа-me a cabelleira, os fios de perolas, um penteador de filó para capinha da moda. Lucinda, eu ainda te quero dizer mais: minha filha é minha rival, ella me disputa a posse do coração do encantador Reimozo.

LUCINDA

O homem gasta-se aos punhados; v. m.^{ces} lá lhe acham ponta por onde lhe peguem. Este Reimoso tem mandinga; assentemos que um medico é um conquistador. Ora, pois, o dito dito; eu vou cuidar nos atavios, ou nos arreios que possam fazer realçar essa quasi eclipsada formosura; bem sabe que dezoito partos e cinco desmanchos que arruinam alguma coisa, e que deixam essas graças naturaes em estado de virarem de crena; a todo o instante necessitam de grandes e poderosos soccorros; ainda que para o doutor Reimoso tudo serve; é muito pouco escrupuloso; é como a morte, que se atira a tudo sem distincção; vou obedecer-lhe.

(Sae.)

SCENA IV

FLORENCIA e ALDONÇA

ALDONÇA

Minha mãe, ainda que hoje esteja com bastante indisposição, doida inteiramente da cabeça, como temos visita de tanto prazer não será máo mandar afinar o cravo; é provavel que me obriguem a cantar,

coisa que tanto me repugna, e ainda me aborrece mais ter de vestir-me com cerimonial.

FLORENCIA

É coisa bem escusada essa. O doutor é sem cerimonia; esse tempo era gothico, já lá vae; da mesma sorte que estás lhe hasde apparecer, e o melhor será não appareceres; tu sempre tens desculpa nas tuas mesmas molestias, bastará que o cumprimentes e te retires.

ALDONÇA

Não farei tal; elle sempre aqui vem de relance, e não se pode perder um momento da sua companhia.

FLORENCIA

Eu percebo-te á legua, e leio em teus olhos os movimentos do teu coração. O doutor Reimoso tem encantos... Eu tambem conheço a arte de fallar sem proferir palavra, e até a succession das côres do teu semblante nos poucos momentos em que elle se demora em mandar deitar a lingua fóra a teu pae, a apalpar-lhe a barriga e a contemplar com a luneta os sedimentos do urinol. Se lhe fallares hade ser como estás. Entendes-me, Aldonça?

ALDONÇA

Entendo muito bem; porém minha mãe deve lembrar-se que o doutor Reimoso, ainda que encantador, é um homem casado e que eu...

FLORENCIA

Tenho dito; nada de enfeites e atavios; as visitas recebem-se como cada um está em sua casa; um homem d'aquelles talentos é livre de preoccupações; recolhe-te ao teu quarto...

ALDONÇA

Tenho percebido...

(Sae.)

Scena V

FLORENCIA, só

E preciso remover obstaculos; a belleza da minha filha por certo me eclipsa, e muito mais se se realçar com os enfeites; preciso fixar o coração do incomparavel Reimoso, e uma abelha mestra como eu tudo deve pôr em obra para o seu fim, e não o conseguirei sem supplantar como puder uma rival importuna. Mas, que combate soffre o meu coração! O dever sacratissimo da fidelidade me brada, a voz do soberano amor falla mais alto; são incompativeis estes dois extremos; eu sei o que devo, mas tambem sei o que quero... sou esposa e sou amante. Vejo a razão e approvo, vejo o crime e o sigo! Oh coração humano! Eu devo querer o que devo, e não o que quero! Lucinda, batem furiosamente na porta, não estou para seccaturas, vae ver quem é; se for o pobre das segundas feiras, ainda que diga que me traz alguma carta, despede-o. Lá te avenhas.

(Sae.)

Scena VI

LUCINDA e BRAZ BADALO

LUCINDA (*abrindo a porta*)

Quem está ahi? Isto é porta de quinta, ou móra aqui gente surda?

BADALO

Um seu reverente creado. É v. m.^{ce}, sr.^{a} Lucinda? Diga-me, está ahi o diabo de seu amo que nos oiça? Eu trago aqui commigo uma coisa muito grande, um negocio de pesos, e para o tratarmos, manejarmos e concluirmos com gosto e proveito é preciso que estejamos sós. Eu venho de mandado de meu amo para a procurar a v. m.^{ce} só; que espreitasse bem e que disfarçasse bem, se apparecesse o

gebo de seu amo. Aquelle diabo tem olhos de milhafre e ouvidos de percevejo; se elle pescasse a qualidade de negocio que é, ia por certo o caldo entornado.

LUCINDA

Ora, sr. Braz Badalo, veja se acha fim a tanto badalar, e se lhe parece que são horas de dizer o negocio a que vem, tenha a bondade de explicar esse grande caso.

BADALO

Pelo que me pertence a mim muito tinha eu que dar ao badalo com a sua pessoa. Eu sou bem arremediado de bens da fortuna: já se sabe, tenho bastante fazenda na terra, e tenho tambem um coração como gente.

LUCINDA

Alto! Diga o que quer ou rua já. Se aprendeu a badalar tanto com seu amo doutor, elle que o ature.

BADALO

Pois, sr.ª Lucinda, vamos ao negocio. Meu amo diz, que ia esta tarde acabar de matar dois doentes em uma junta, e passar tres certidões para o cabeça da saude, de tres defunctos que aviára a noite passada, porque diz elle que o boticario se enganara em trinta e cinco grãos de tartaro e libra e meia de antimonio, e mandar abrir os peitos a um homem para lhe tirar um tuberculo dos bofes, e presidir a um banho de agua fria que mandara dar a uma senhora que está com bexigas negraes, mas que assim mesmo não faltava esta noite.

LUCINDA

E ainda, com tudo isso, teu amo não tem uma patente ao menos de carrasco honorario?

BADALO

Os serviços são para lh'a darem com exercicio effectivo; mas tome

v. m.ce sentido; elle lhe manda pedir que por todos os modos entregasse v. m.ce esta carta á sr.a D. Florencia Anes, antes que elle viesse, e que tivesse a resposta feita para m'a entregar a mim quando elle me chamasse acima para mandar pôr a traquitana.

LUCINDA

Está v. m.ce e o sr. doutor servido; dê cá a carta e não se demore mais.

BADALO

Ora tome v. m.ce sentido: esta carta é para a sr.a D. Florencia; faça favor, metta-a na algibeira; metteu já?... Agora, repare, que eu venho encarregado por meu amo de outra expedição secreta; esta carta agora é para a sr.a D. Aldonça; não as confunda, não as misture, não as troque, não faça alguma cancaborrada, não entregue a carta da mãe deante da filha, não entregue a carta da filha deante da mãe; eu cuido que me percebe.

LUCINDA

Custa alguma coisa a perceber este expediente das cartas de seu amo, mas emfim far-se-ha o que puder ser. Agora diga-me: traz mais outra carta para o sr. Romualdo? Traz mais outra carta para mim? Já agora complete o baralho. Mas sempre reparo: se o sr. Reimoso vem cá hoje, para que são cartas para a mãe, cartas para a filha, com tantos mysterios, com tantas cautelas?

BADALO

Isso são segredos de gabinete, que nós não devemos penetrar; o negocio é tanto de costa acima ou costa abaixo, que eu, o dignissimo encarregado d'estes negocios, trazia ordem positiva de meu amo, dada em termos (como lhe oiço dizer muitas vezes) cathegoricos, que se lhe não fallasse a v. m.ce só por só não entregasse as cartas, mas que disfarçasse com outra coisa a minha respeitavel e importantissima missão.

LUCINDA

Pois tem o senhor concluido a sua legação; ponha-se ao fresco.

BADALO

Até á noite; viva a sr.a Lucinda.

Scena VII

Lucinda, só (*passeando*)

Primeiro que tudo, é preciso a todo o custo salvar esta infeliz familia. Este impostor cava a sua ruina; o dever, a lei, a natureza, a gratidão, tudo me manda que arranque estas miseraveis victimas ao horrendo sacrificio, que salve a honra de um amo em quem tenho encontrado o caracter e a ternura de pae. Este impio corrompe uma esposa, faz desgraçada uma donzella, deshonra um cidadão respeitavel, extingue uma familia, dissolvendo d'esta maneira os vinculos naturaes e sociaes que a unem. Eu a salvarei; a virtude que me assignala os meios coroará a minha empreza; o meu primeiro dever é instruir-me da marcha que segue o impostor; eu vou transgredir uma lei, não respeitando o sagrado segredo de uma carta; se eu faço este mal, caminho por elle a um maior bem. Vejamos esta fatal escriptura.

(Tira uma das cartas e lê.)

«Á sr.ª D. Florencia Annes, minha senhora.» —Vejamos agora o conteúdo: «Meu bem: a minha alma agitando toda a minha têa nervosa põe em acção todo o meu systema muscular, e a ternissima paixão que me domina, vibrando toda a massa do meu sangue pelas capillares, dá uma nova e não conhecida irritabilidade á minha medulla oblongada, e conservando-me em um violento transporte de astenia move sem cessar o epiglotis para proferir as mais ternas expressões.» (Viu-se jámais um pedaço de asno d'este tamanho! e conquista assim um medico o coração de uma mulher.) «Esses deveres da convenção matrimonial, que o mais cheio de todos os codigos (e os portuguezes se rirão d'elle e o pisarão, chegando até a derrubar as sagradas aguias! fóra desavergonhado!) reprova, não te devem metter medo, e é preciso sacrificar ao amor velhas e antigas e até rançosas preoccupações. Sigamos a economia animal, e deixando esse velho rachitico, estitico, pneumonico, cachetico, passar a viver nos braços de um amante, que emquanto n'elle se agitar a fibra motriz será teu, meus olhos te dirão o resto esta noite e espero que ainda esta semana se ultime a obra da nossa fugida.—Sou teu, *Reimoso.*»

Ora que me dizem ao tratante? Vejamos a outra, que hade ser escripta no mesmo gosto e teor.

«Meu idolo.—Tu mesmo ês testemunha da repugnancia com que eu ôlho e com que escuto esse furial esqueleto que se chama tua mãe: a aridez da sua cutis e as espessas e quasi extinctas membranas corneas de seus olhos, a proeminencia do osso coronal, a delgadez das suras e tibias, a sahida que lhe faz já pelos ductos nazaes o osso turbinado, a dureza do tympano e membrana coclearia, me obrigam a detestal-a, e só me violento a soffrel-a para gosar da tua deliciosa presença. A tua macia epiderme me encanta e me arrebata, o teu osso pubis, o bater compassado das tuas arterias temporaes, o brilhantissimo humor niveo de teus olhos, são as minhas prisões e os meus doces laços. O empiema epatico que eu tenho universalisado no corpo d'esse trambolho que se diz minha esposa abreviará a duração pesadissima de seus dias; a nossa ajustada fugida ainda a enterrará mais cedo...» Basta! não quero ler mais; e a forca a crear bolor, e a calceta ferrugem, e um tratante d'estes a passear em traquitana e a enterrar gente, pagando-lhe ainda em cima! Tanta impostura deve ser punida.

(Olha para uma porta interior e diz:)

—Eu vou, senhora; aqui estou.

Scena VIII

ROMUALDO, LUCINDA, FLORENCIA e ALDONÇA

Romualdo

Que ventura! Feliz e alegre dia! Meu filho chegou do Pará. Elle não tarda; annunciou-me a sua chegada por este bilhete. A Providencia quiz consolar-me no meio das minhas maguas e achaques.

SCENA IX

SIMPLICIO e os mesmos

SIMPLICIO

Meu pae! minha adorada mãe! minha querida mana! boa Lucinda! eu bemdigo a Providencia, que por meio de tantos perigos me conduziu ao seio amoroso de meus paes. Eu fui feliz em nossas transacções; a nossa fortuna se augmenta; venho passar dias tranquillos no centro da nossa casa, e não arriscarei mais a existencia em longas e penosas navegações; é preciso que eu ainda esta noite fique a bordo, porque ainda não fômos visitados; o amor filial me obrigou a fazer esta fugida.

ROMUALDO

Vem a meus braços, amado filho; chega, Florencia; vem, Aldonça, abraça teu caro irmão; e tu, Lucinda, celebra esta faustissima vinda como sabes, emquanto se não apromptа a ceia; temos hoje cá o nosso doutor Reimoso. Ah, meu filho, elle é vencedor dos meus impertinentes catarrhos; elle acode á tympanite de meu empedernido ventre; são suas todas as minhas providentes evacuações; devo-lhe o estado de saude em que existo.

SIMPLICIO

Ah! meu pae, v. m.ce parece-me um cadaver!

ROMUALDO

Que queres, filho! E como heide eu estar com dez arrobas de ipecacuanha, um quintal de genciana, e quasi alqueire e meio de calambolanos, que elle me tem introduzido n'este bucho! Mas elle diz que com isto lhe devo a vida. Lucinda! canta aquellas árias que o mestre Pandolfo te tem ensinado, que foram tiradas da opera Mafamede, que se representou nas Tulherias, na egundas nupcias...

LUCINDA

Qual? *La Iosefina abandonata?* Orà, deixemo-nos d'isso. O sr. Simplicio vem das doçuras do Pará e farto de trovoadas, e creio que não terá perdido da memoria *Os quindins das Brazileiras.*

SIMPLICIO

Sim, e d'isso é que eu gosto; nunca pude tragar árias bufas, por mais que ouvia dizer, que diziam os italianos que tinham muita graça: *I'due fratelli papa mosche.* Vamos, Lucinda, vamos ao que toca na alma da gente: *Os quindins das Brazileiras.*

LUCINDA (*canta*)

Se os cajus são fructas doces,
São doces as bananeiras,
São mais doces á minha alma
Os quindins das Brazileiras.

Sou soldado destemido,
Sigo de amor as bandeiras;
Fazem-me ir atraz do choro
Os quindins das Brazileiras.

Só dotes do coração
São riquezas verdadeiras,
Valem mais que oiro das minas
Os quindins das Brazileiras.

Tem encantos, tem meiguices,
São amaveis feiticeiras,
É ditoso quem só gosa
Os quindins das Brazileiras.

ACTO II

Scena I

ROMUALDO e LUCINDA

Lucinda

V. m.^{ce} acredite os meus presentimentos; elles têm causa e não é phantastica; olhe, que lhe digo que se lhe prepara um grande desgosto, e talvez, talvez, que para não ser testemunha d'elle eu me retire d'esta casa; o meu coração não o soffreria; sou uma serva, é verdade, mas assim como me são communs os bens da sua familia, tambem me devem ser communs os seus males.

Romualdo

Explica-te, bacharela, e não me tragas embuchado; o estado de duvida sobre taes objectos é peor que o estado de morte. Que diabo percebes tu no doutor Reimoso, que andas embaçada e mudas de aspecto em se fallando no doutor Reimoso? Elle tem apalpado a minha natureza; conhece-lhe o fraco e o rijo; a economia chimica do meu ventre é toda sua, não posso passar sem elle, e carrasco por carrasco ao menos este demora-se com a morte e é certo que mais pelas tralhas, ou mais pelas malhas, das suas mãos me hade vir.

Lucinda

Esse mal ainda é menor.

Romualdo

E que tenho eu que perder afóra a existencia ?

Lucinda

O que faz amar a existencia.

ROMUALDO

O dinheiro? Elle não tem necessidade de me roubar, que bastante lhe dou.

LUCINDA

O que se vende por dinheiro e não se compra por dinheiro.

ROMUALDO

Temos adivinhação de ovo!

LUCINDA

Não ha coisa menos equivoca, que o que eu digo.

ROMUALDO

Pois o diabo que te entenda e que te responda. Tu serás o diabo, que me queiras empedernir a cabeça como tenho empedernido o ventre?

LUCINDA

Serei o diabo, mas não sou o medico.

ROMUALDO

Valha-te o diabo, mais ao medico! Eu heide agora espreital-o; se lhe pescar uma palavra só que me não tôe maço-lhe o espinhaço com um arrocho; mas se eu não descobrir n'elle outra balda mais que as ordinarias de assassino e ladrão, leve-te o diabo a ti.

LUCINDA

O arrocho devia v. m.ce ter ha muito tempo preparado e empregado.

ROMUALDO

Só se fosse para te zurzir a ti.

LUCINDA

Se o merecesse, tanto como o medico.

ROMUALDO

Oh mulher do diabo, pois o medico é o medico de Santarem ou o medico inventor da summaria guilhotina?

LUCINDA

Peor...

ROMUALDO (*muito enfadado*)

Oh excommungada! Falla já, falla; vomita, serpente: que te faz o medico?

LUCINDA

A mim, nada.

ROMUALDO (*mais enfadado*)

Pois a quem? maldita! a quem, a quem, a quem? Oh céos, estou capaz de me enforcar!

LUCINDA

A v. m.ce

ROMUALDO

Em quê?

LUCINDA

Em lhe querer diminuir a familia!

ROMUALDO

Então como? matando minha mulher com alguma xaropada; mettendo na barriga á minha filha alguma massa infernal; tympanisando meu filho, como me tympanisa a mim? Falla por essa bocca.

LUCINDA

Isso não é nada!

ROMUALDO

Pois quê! chocando-me, mercurisando-me, sinapisando-me, ventilisando-me uma a uma estas tripas, *(apalpa a barriga com força)* que as sinto recheadas de xarope muconio!

LUCINDA

Isso é bagatela!

ROMUALDO

Pois quê, malvada! Fazendo-me a operação cesariana, a interfeminea, a do trépano, a do anus, a da talha!

LUCINDA

Mais.

ROMUALDO

Já não posso, já não posso! Enterrando-me, dragão!

LUCINDA

Isso fazem todos.

ROMUALDO

E ha mais alguma coisa, depois d'isto, que seja má!

LUCINDA

Muito peor. Namorar-lhe a mulher, sollicitar-lhe a filha, e... abalar-lhe com alguma.

ROMUALDO

Quem! Um estudantão d'aquelles! Não andes tu tecendo alguma, que queiras empurrar o panal ás outras. Olha que tu não me enganas a mim!

LUCINDA

Por certo, não engano. Ora diga-me, sr. Romualdo Lopes da Maia, que faria v. m.[ce] e de que lhe serviria a sua auctoridade, o seu dinheiro, o seu valimento, e mais que tudo a sua razão e a sua justiça, se visse com seus olhos que o respeitavel e eruditissimo Dr. Reimoso lhe abalava com alguma pessoa de sua casa depois de bem seduzida e corrompida pelos dictames da mais descarada libertinagem?

ROMUALDO

Que faria! Oh, dragão, tu perguntas-me isso a mim? Tu não conheces por experiencia a honra de Romualdo Lopes da Maia?

LUCINDA

Sim, senhor, e não, senhor.

ROMUALDO

Pois eu t'a mostraria. Gastaria até duzentos mil cruzados, se fossem precisos, para lhe dar cabo do canastro no mais remoto prezidio de Caconda, das Pedras de Angoche, de Bissau e de Benguella.

LUCINDA

E da forca, não?

ROMUALDO

Tambem.

LUCINDA

Olhe lá o que diz!

ROMUALDO

Pois se eu o apanhasse com a bocca na botija! Oh, céos! Se se me revelasse esse instante! Não haveria mestre alcaide em Lisboa, nem professor de cordel, que eu não apenasse, e que não puzesse em sitio á roda d'esta casa para que o rato se me não escapasse. Ah! Assim

fosse trancafiado Bonaparte no Egypto, como elle me havia cahir nas unhas. Elle havia largar aqui a perna, e d'aqui para o Limoeiro, do Limoeiro para a Trafaria, da Trafaria... costa de leste...

LUCINDA

Eu abreviava mais essa viagem; nada, nada, isso é fazer andar muito o pobre homem.

ROMUALDO

Então do Limoeiro para aonde?

LUCINDA

Caes do Tojo... Mas v. m.ce é um atabalhoado, um assarapantado. Se o avisassem da occasião e da hora não tinha nada prompto; começava de aturdir tudo com gritarias, espantava a caça, e o Reimoso ficava-se rindo, v. m.ce logrado, deshonrado, e para sempre confundido. Ora, pois, eu devo tranquillisal-o: creia desde já que das suas portas para dentro ainda se não commetteu o menor attentado; se estiver pelo que eu lhe disser, o primeiro delicto será o ultimo, e com um lance de prudencia v. m.ce ficará salvo, a sua honra intacta, e a impostura desmascarada e castigada.

ROMUALDO

Oh, mulher, tu serás o diabo?

LUCINDA

O que fôr soará; silencio, segredo e circumspecção.

SCENA II

Os mesmos e o DR. REIMOSO

ROMUALDO

Abre aquella porta, que já estão batendo ha tempo.

LUCINDA

Parece-me que é o fatal Reimoso; ora retire-se v. m.^ce para a porta d'aquelle corredor e deixe-me com elle um instante; oiça-o, talvez vá conhecendo a boa rez; cale-se e saiba dissimular, saberá vencer.

(Retira-se Romualdo.)

LUCINDA (*abrindo a porta*)

Perdôe, senhor doutor, a demora; como veiu ha um instante de bordo o sr. Simplicio, tudo está entretido lá para dentro e ninguem ouviu bater á porta senão eu.

REIMOSO

Bella e incomparavel Lucinda: uma vez foi o destino propicio para mim, desfazendo a espessa pulmonia de tristeza que me opprimia o diaphragma por te não poder fallar e ter comtigo um *tête-à-tête*. Seguras-me, bella Lucinda, que esta familia de mentecaptos e furias está entretida, e que as minhas palavras poderão sem testemunhas soar um momento nos teus delicados tympanos acusticos?

LUCINDA

Fallando de modo que eu o entenda, cuido que terei tempo de o escutar para depois annunciar aos senhores a sua vinda.

REIMOSO

Pois, celeste Lucinda, o gaz inflammavel o phlogistico espansil do

meu amor para comtigo tem de todo abrazado o meu coração; as minhas vistas tonicas politico-economicas para comtigo são mui profundas e penetrantes.

LUCINDA

Oh, senhor doutor, v. m.ce está fazendo odes da moda? Temos soneto de annos: — Tu nos mandavas o ananaz cheiroso? — Olhe que falla com uma creada de servir; falle que se entenda.

REIMOSO

Creada! Ah, Lucinda! Pedro Grande não descobriu talentos na humilde e ignorada Isabel! Eu descubro em ti o caracter e a perspicacia do cardeal Fesch e do chanceller Duroc.

LUCINDA

Oh, senhor, não me atormente; falle, que se entenda; deixe-se, com os diabos, d'essas expressões da botica e das Gazetas. Com licença, eu vou annunciar a sua vinda...

REIMOSO

Detem, detem, bella Lucinda, o alkali volatil que te agita; toma um pouco de azote fixo e escuta-me. Tu sabes, tu penetras pelos meus olhos até a systole e a diastole do meu coração; eu te amo desde o primeiro momento em que te vi n'esta casa; tenho conhecido a tua adhesão a esta familia, e sei que te não desuniria d'ella sem que lhe desse fim. Eu assentei que devia servir-me d'este inutil velho para as minhas experiencias sobre a cicuta, e da mulher e da filha para as gradações do acido corrosivo dos caldeirões de cobre. Estas victimas insignificantes servem para se conhecerem os systemas illuminados dos genios divinaes do Instituto medico do Printaneo de Paris, e, vendo-te assim livre, ir comtigo, bella Lucinda, gosar das doçuras da existencia, ou em Nova York ou no Condado da marmelada, novamente erecto pelo sr. Rei D. Christovão, a quem o imperador chama senhor meu irmão.

LUCINDA

E em por lá lhe apparecendo alguma bella Lucinda de Negreiros, dar cabo da bella Lucinda de Lisboa.

REIMOSO

Não, adoravel formosura; o meu amor fixou por precipitação em ti o seu imperio eterno.

LUCINDA

E assim pagava v. m.ce o acolhimento, o agasalho, a beneficencia, a liberalidade d'este cidadão honrado; assim podia v. m.ce, sem escrupulo, não só atraiçoar, mas dar cabo de uma familia!

REIMOSO

Bagatella, Lucinda; isso são preoccupações gothicas; o egoismo é a virtude do seculo; nós não nos devemos embaraçar com os meios quando se trata do fim. Esta é a moral do Instituto; assim pratica o maior imperador que ha; assim offusca a gloria de Carlos Magno, seu predecessor. Para gosar da tua belleza, que importava sacrificar tres individuos inuteis? Porventura destruía eu a especie humana?

ROMUALDO (*deitando a cabeça*)

Onde estou? Onde estou, que não espicho um malvado d'aquelles? Elle seria medico do La-Garde?

LUCINDA

Mas, sem contar com a minha vontade, já v. m.ce cortava tão largo?

REIMOSO

Ah! Lucinda! Pois poderia deixar de persuadir-me que tu não quererias preferir a liberdade nobre, de que gosarias ao meu lado, á vida servil em que existes na immunda cozinha em que trabalhas? Seres a valida de um medico não é mais que seres a creada de Romualdo?

LUCINDA

Mas eu tenho uma religião, tenho uma lei, tenho uma consciencia...

REIMOSO

Lucinda, Lucinda! todas essas palavras te serão explicadas pelo illuminismo; tu irás aprendendo a pulverisar phantasmas gothicos. Tu não estás iniciada em os nossos mysterios; eu lamento a escravidão do teu espirito; tu ainda não viste a luz e és digna de a vêr. Segue um amante: serás feliz, livre e illuminada.

LUCINDA

Pois, senhor doutor illuminado, dê-me tempo para deliberar; bem sabe a difficuldade que tem esse arriscado passo, e tambem sabe que o illuminismo não livra ninguem da cadêa e das galés: eu vou annunciar a meus amos a sua vinda; com licença.

SCENA III

REIMOSO, só (*passeando*)

Esta cozinheira é encantadora; tem uma voz suavissima, as maneiras são nobres, ella deve augmentar o catalogo das minhas conquistas; se a puder tirar d'aqui, uma vez que a gose, não me faltará no mesmo dia um pretexto de a abandonar; a sua condição é sempre a mesma; o estado d'esta canalha de cozinheiras é inalteravel; busca logo outra casa em que sirva. Já lá vae o tempo em que se lamentava uma mulher perdida; agora sempre encontram protecção, seja qual fôr o seu estado. Eu não conheço outra lei, outro dever mais que o prazer physico, nem outra obrigação mais que satisfazel-o. A minha virtude é saber disfarçar e esconder o que se chama delicto, evadindo-me com arte á severidade da importuna policia. Se eu souber salvar as apparencias, evitando o grande estrondo, tenho tomado o tom do bello mundo, sei viver. Se me não puder desfazer d'esta cozinheira com um apparente pretexto, fingindo um phantastico ciume, então caminharei por uma estrada mais breve e mais segura, uma pequena dose do sublimado corrosivo, adoçado e temperado com laudano opiado...

ROMUALDO (*deitando a cabeça*)

Ah, ladrão, ladrão! E sustem a terra ainda em cima de si um monstro tão abominavel! Antes que elle me mate, eu saberei ser o seu carrasco!

SCENA IV

ALDONÇA e REIMOSO

ALDONÇA

Senhor doutor, minha mãe vem já á sua presença; não esperava tão cedo a sua visita; como chegou meu mano do Pará, e se retira ainda hoje para bordo, é preciso certo arranjo.

REIMOSO

Divina Aldonça! o amor de suas orvalhosas azas derramou n'este instante uma gotta só de balsamo terebinthino sobre a acerbidade das chagas do meu destino; eu góso da tua encantadora presença com um momento de liberdade; as minhas cartas ja te têm annunciado o violento siso de amor que me possue; a nossa sorte está lançada: o Argus vigilantissimo e importuno de tua mãe não nos permitte uma hora de satisfação, a mais que a esperta Lucinda, satellite infernal, que nunca te deixa, teve o insolentissimo arrojo, a descarada audacia de te espreitar a noite passada, quando me destinavas o *rendez-vous* mais appetecido da minha vida.

ALDONÇA

Eu não sei determinar-me; o meu maior obstaculo é a variedade do teu coração; eu vejo os mesmos excessos por minha mãe, o seu ciume me atormenta noite e dia, ella me disputa a posse do teu coração, e eu vejo a victoria pender da sua parte.

REIMOSO

Que heide eu fazer senão distribuir-lhe alguma dóse de apparente affeição por amor da nossa mesma conservação?! Crês tu que eu anteporia aos teus juvenis encantos uma mulher cuja articulação impedida com o humor rheumatico-caloso alcatruza de tal maneira as vertebras da espinha dorsal que parece sempre descrever uma curva parabolica! Ah! soberana Aldonça, demos fim a este estado de empiema nervoso que nos constrange e que nos opprime, e ámanhã á noite deixa por uma vez esta fatal prisão. A corolla e o pistillo da tua formosura começam de se fanar; o meu coração já não pode...

ALDONÇA

Sim, eu não posso permanecer n'este estado de violencia. O exemplo de tantas justificará o meu desatino e imporá o fim á minha desesperação; bastam já seis annos de tormento; eu conheço que por amor de mim tens prolongado por todo este tempo o tenesmo de meu pae; ámanhã pelas duas horas da noite espera-me debaixo da varanda do quintal... ahi vem minha mãe... Eu, senhor doutor, tenho de todo perdido o appetite; trago o ventre como um tambor, e as convulsões cada vez são mais amiudadas...

REIMOSO (*tomando o pulso*)

Affeição histerica, affeição histerica! banhos com choque; tirar logo d'agua; aconselho-lhe tambem a equitação jumenticia...

Scena V

ROMUALDO, FLORENCIA, ALDONÇA e REIMOSO

ROMUALDO

Amigo doutor, admiro-me não querer entrar no interior da minha casa e ficar n'esta sala...

REIMOSO

Eu escutava a exposição dietetica da sr.ª D. Aldonça; e depois d'isso, eu não venho hoje como facultativo, eu venho visitar o meu amigo e dar-lhe os parabens (pois o soube no caminho) da chegada de seu filho e congratular-me tonicamente com a sua esposa e familia.

FLORENCIA

Forte ingratidão! Pois é preciso, para que o senhor doutor se sirva d'esta sua casa em amizade, que occorra o caso extraordinario da chegada de meu filho! Eu bem sei que os seus doentes, as suas multiplicadas conferencias, lhe roubam o tempo, porém a amizade sabe economisal-o para dar um pouco á mesma amizade, e não é justo que o senhor doutor venha só a esta casa tratar das crispaturas e dos tenesmos de meu marido.

REIMOSO

Eu não posso, minha senhora, deixar de admirar o seu bello espirito! Tenho viajado muito para as minhas experiencias chimico-botanicas; ouvi os mais raros engenhos em um e outro mundo; ouvi o sermão de um kuaker em Philadelphia; ouvi em Edimburgo uma dissertação de Cullem sobre o parto atravessado; assisti em Lauzana com o mesmissimo Voltaire á representação da tragedia de *Mafoma;* bebi café com Rousseau em Genebra; ouvi discorrer o cardeal Fesch em Leão, e na minha volta para Portugal ouvi o sublime discurso que fez na Sé de Logronho o grande D. José Napoleão I, rei das Hespanhas e das Indias; mas ainda não encontrei uma senhora de tanto espirito!!!

FLORENCIA

Eu não admitto tantos encarecimentos!

ROMUALDO

Bondades do senhor doutor, com que quer honrar a minha casa. Cada vez vou conhecendo mais quanto lhe devo, e sei até, pelo ouvir dizer, quanto se interessa na minha vida e na minha honra; emfim é o meu bom e antigo amigo! Muito lhe devemos! Que novidades nos dá, senhor doutor, do estado politico do mundo! Parece que este estado politico, e até o mesmo governo politico e o espirito politico, são coisas inseparaveis da medicina! Que sciencia, senhor doutor, que sciencia, senhor doutor, é a medicina! Politica e jalapa!

REIMOSO

Ah! meu bom e antigo amigo! O grande plano da causa continental vae-se ultimando. O vil commercio, que faz os homens sordidamente avaros, interessados e egoistas, chegou ao seu perfeito estado de paralysia, pelas bem tomadas medidas d'aquelle estado de bloqueio em que Sua Magestade o Imperador e Rei tem declarado em meia folha de papel todos os portos do continente e ilhas adjacentes. No Escalda e no Sena estão promptos a sahir n'esta primavera cento e dez galeões de trinta pontes cada um: a balança maritima vae pender para a parte do Grande Imperio; realisa-se a conscripção de 1809. Seiscentos officiaes generaes com cinco mil grão-majores organisam o exercito da Persia; aquelle grande paiz vae ser retalhado de canaes; já se começou um que hade ir desembocar no Ganges para destruir as feitorias de Bengala. Está construida a grande torre de madeira em Bolonha, sobre o mar, de cuja espantosa cima se hade correr á pedra um e outro parlamento; d'ali se pegará o fogo no estaleiro de Falmouth. O grande concilio de Paris abre a sua primeira sessão em dia de S. Martinho, e n'esse dia lhe fará a razão o grande José na abertura das suas côrtes de Burgos. Convidou-se o primeiro medico do mandarim de Cantão para inocular com a vaccina o rei de Roma; Josephina, em despique do repudio, instituiu em Milão uma nova ordem de S. Cornelio. Orquiso, Azansa, Cabarruz, Mazarredo e Negrete declararam bandido o Empe-

cionado réo de alta traição da primeira cabeça, e mandara-se pôr escriptos por todas as esquinas da Peninsula que ameaçam graves penas a quem achar e não entregar o nariz de Junot e as azas de Massena.

ROMUALDO

Basta, basta... Com effeito o mundo tomou uma nova phase; a prosperidade aponta por todas as partes! Que admiravel Systema continental! Que plano geral! Os povos estão pôdres de ricos! Que abundancia! que fartura! Os genovezes não têm já um môlho de brocolos, nem os italianos um prato de rabioles! Tudo isso era luxo; agora sim, agora é que têm riquezas solidas! Que florente marinha têm os hollandezes! Bem se vê, já por ahi ninguem quer queijos flamengos a tres por um vintem.

REIMOSO (*inclinando a cabeça*)

Graças á clemencia de Napoleão!...

ROMUALDO

E ainda o não levou o diabo! Eu creio que em França já não ha medicos!

REIMOSO

Que diz, sr. Romualdo! O Imperador, que é maior que Tarmelão e Gengiskan!

ROMUALDO

É o maior desavergonhado que pariu o inferno, e ainda são maiores desavergonhados todos os seus apaixonados e partidistas. Eu não quero que em minha casa se profira tão abominavel nome. Não quero que o seu profano ecco contamine estas paredes; nem v. m.ᶜᵉ misture mais semelhante peste ás unguentadas emolientes com que me tem grudado a pelle da barriga na minha timpanite... irra com tanto medical napoleanismo!...

FLORENCIA

Ora, que é isto! O senhor doutor dá as novidades do dia; elle não declara a sua opinião...

ALDONÇA

Meu pae, isso é rabugem da sua molestia, o senhor doutor...

REIMOSO

Ah! meu rico amigo, que mal conhece os seus verdadeiros interesses! Não sabe, não sabe as vantagens que estão eminentes ao nosso planeta Terra com a paz maritima; v. m.ce não abrange em grande o Systema continental!

FLORENCIA

Basta de politica! deixemos essas semsaborias aos jornalistas; isto aqui não é o Café patriotico; aqui não ha a mesa dos cegos! Ó Lucinda!

SCENA VI

LUCINDA e os mesmos.

LUCINDA

Minha senhora!

FLORENCIA

Vem cá, rapariga, vem ser o arco da velha d'esta desfeita borrasca; serena as iras de teu amo. O senhor doutor não está mais na sua mão; eu não sei [se isto é do comprommisso da sua irmandade; em se fallando n'aquella gente, pulla-lhe o coração de alegria, e eu gósto de o ouvir porque é só quando toma calor a sua conversação. Outro dia explicava elle o telegrapho, e quando leu—seis vezes fogo ao Trocadero com sangue frio— animou-se, brilhou com uma eloquencia sentimental, que o arrebatava e fazia vir as lagrimas aos olhos.

ALDONÇA

Isso é verdade.

ROMUALDO

Então porque não vae o senhor doutor para aquelle paraizo, para aquella terra de benção? Tudo lá é egual; leve os filhos, que eu fico, que em podendo pegar n'uma espingarda contam logo com o seu estabelecimento e subsistencias, e irão logo augmentar as récuas esfarrapadas dos regeneradores da aviltada humanidade debaixo do jugo dos reis. Vá, vá para aquelles ferozes republicanos que existem em tanta liberdade. Que terra! oh patria dos Catões e da virtude!

REIMOSO

Ignora, sr. Romualdo, os grandes interesses da causa continental. Cá não lhe deixaram abrir os canaes, e estava por um triz a resuscitar o Camões! Que leis! Não viu, sr.ª D. Florencia, o alvará dos cães e o dos ferros velhos? Que jurisprudencia tão sublime! Para se saber a verdade da pancadaria que levaram os soldados do Imperador, na rua Suja, deviam-se prender doze homens dos mais facinorosos da mesma rua, e ficaram ameaçadas aquellas romanas Lucrecias com a navalha rapadora!

LUCINDA

Então para isto é que me chamaram?

FLORENCIA

Não, Lucinda. Antes para se pôr termo a esta guerreia. O senhor doutor não cede nunca. Canta, Lucinda, canta a cavatina de Ulysses no inferno.

LUCINDA

Eu!...

FLORENCIA

Pois se não queres a Cavatina, canta a aria de Caparrosa.

LUCINDA

Creio que quer dizer Chimarosa?

FLORENCIA

Ou isso: canta o que quizeres, a vêr se se desterra d'aqui esta infernal mania politica. Em começando parece-me que estão com o telegrapho das Peninsulas: ainda me lembra a detestavel questão do outro dia, quando disse o desastrado papel—Os curas de Maria Leticia andam azoados e dão todo o cavaco possivel—Viu-se parvoiçada assim; por que se estão a matar? canta, Lucinda... arrebentados sejam quantos francezes ha.

LUCINDA

E os medicos francezes não?

FLORENCIA

Não.

LUCINDA

Ora ahi vae, eu hoje estou rouca...

Quanta peste, quantos males,
Traz ao mundo a crúa guerra!
São flagellos mais pesados
Os impostores na terra!
Não ha quem os zurza
Com rijo bordão,
Não ha quem lhes deite
Pesado grilhão!
Ah! Fuja de Lizia,
A raça perjura
Tem dado mil golpes
Em nossa ventura!

Correi ás armas, guerreiros,
A patria clama, a razão
Vencei, triumphae, livrae-nos
Da pesada escravidão.
Vós vindes d'aquelles
Que o jugo quebraram
E á custa do sangue
A patria salvaram!
Plantae sobre as aguias
O luso estandarte,
Colhei verdes louros
Nos campos de Marte.

Comvosco marcha e caminha
A intrepidez, a victoria,
Dae nas lides sanguinosas
Novo timbre á lusa gloria.
Se amor 'inda tendes
De nome e de fama,
Ás armas, guerreiros,
Que a patria vos chama.

TODOS

Mil vezes bravo, sr.ª Lucinda!

LUCINDA

Obrigado, meus senhores.

REIMOSO

É a musica um soberano deleite para as almas insensiveis. A harmonia é o despota dos nossos corações, e eu creio que d'ella teve principio a irritabilidade de Haller. Eu vejo as vibrações da têa nervosa da sr.ª D. Aldonça. A sensibilidade toca muito os nervos; creio que será preciso sinapisar-se e ventilar-se; receio-lhe muito a cephalalgia ou a imperfeita hemicranea.

LUCINDA (*á parte*)

Que perfeitissimo Pantaleão!

REIMOSO

Que é isto! Que tem, sr. Romualdo! Accidente apoplectico, epileptico! Indicio de uma atonia visceral!

(Tumulto em todos, e Romualdo cae sobre uma cadeira.)

FLORENCIA

Que tem o meu homem, senhor doutor?

ALDONÇA

Que tem meu pae, sr. Reimoso?

REIMOSO

Nada será. Contracção nas duas meninges, oscilação na dura mater... movimento na glandula pineal!... estira-se a membrana do corpo caloso... (*Apalpa*). É preciso conduzil-o para a cama; receio a lethargia do abdomen: soccorrêl-o já com tres semicupios e o lenimento volatil na arteria subclavia; temo o profluvio e extravasação inferior; o emplastro napolitano, o aquilão gommado com o sublime basalicão. Isto não será nada; vamos para a cama; oh sr.ª Lucinda, fique, e chame o meu creado Badalo, que tenho que lhe recommendar.

SCENA VII

LUCINDA, só

Talvez que a molestia repentina de meu amo sirva para alguma coisa. Triste velho! A paixão se lhe conhecia no rosto; elle viu até ao âmago o descaradissimo velhaco. Junta e reune em si todas as qualidades que o podem fazer detestavel. N'aquelle pervertido coração está apagado até ao ultimo vestigio da virtude. Um medico do partido francez é um verdadeiro demonio. Para elle não ha patria, não ha moral, não ha leis, não ha pudor, não ha sentimentos. N'elle existe perfeitamente estragada a humanidade. Elle vae descarregar o funesto golpe sobre esta familia. Céos! Salvae-a! Compadecei-vos do innocente velho; cáiam os vossos raios sobre a cabeça do monstro! Possa ao menos a infamia publica ser a vingadora de tantos ultrajes, e possa eu ser o instrumento d'esta mesma vingança! A virtude é do coração e não é do estado. Talvez, talvez ella appareça em mim para o mais glorioso de todos os triumphos, e traga emfim uma mulher a felicidade a uma familia, se tantas lhe têm trazido a sua ruina.

ACTO III

Scena i

ALDONÇA e LUCINDA

Aldonça

Lucinda, a mãe chama-te, és lá precisa; o pae já tornou a si e já falla. Reimoso quer o moço para o mandar á botica! Forte galé, minha Lucinda! Os achaques e rabugem de meu pae, os injustos ciumes de minha mãe... Eu estou no ultimo ponto de desesperação. Este homem promette-me que, apenas expirar sua mulher, me recebe; eu estou resolvida por estes motivos, e arrastrada da mais violenta paixão, a fugir de casa; elle promette depositar-me em casa de uma sua parenta, senhora de dias, de probidade publica, muito branda e amiga de fazer vontades; o seu maior interesse diz que é unir as pessoas. Eu vou... tenho decidido.

Lucinda

Muito me custa isso, mas eu vejo a sua rasão. Sobre mim hãode cahir muitas culpas. Quem poderá soffrer sua mãe? Quem aturará seu pae? Mas eu sou livre, não sou escrava: em me não toando, quem as arma que as desarme. Ha muita casa onde se sirva. Porém, diga-me, quando determina e como a dar esse arriscado passo?

Aldonça

Hoje mesmo ajustou elle commigo que havia de ser ámanhã, duas horas depois da meia noite, sem falta. Tu és a confidente da minha paixão ha seis annos; auxilia-me, minha Lucinda, e não me atraiçôes. Tu, que te demoras sempre com o arranjo da casa até depois da meia noite, podes espreitar, que elle hade vir á varanda do quintal; por ahi é que

eu heide sahir; irás avisar-me ao meu quarto; ainda que minha mãe te sinta não estranha, porque mais tarde te costumo eu chamar muitas vezes.

LUCINDA

Não, senhora, nada. Para maior disfarce eu heide ficar no quarto de seu pae; a sua molestia me serve de pretexto, e nas voltas que eu der á cosinha então a avisarei e tornarei depois para o quarto de seu pae. Descance, eu vou lá dentro, que me chamam.

SCENA II

REIMOSO e ALDONÇA

REIMOSO

Ora apparecerá este Badalo! É preciso alkali volatil, um musgo islandico com meia canada de oleo de mamona... Que vejo! Ah, bella Aldonça, que ventura! Eu te beijo a candida mão! Feliz encontro! A sorte nos vae proporcionando todos os bens. Eu preparo e augmento para sete mezes esta nova molestia de teu pae, só com um unico elixir, com que lhe vou dar um choque no intestino colon, conservar-se-ha tres dias sem falla. Farei que tua mãe e Lucinda se não separem da sua cabeceira; tu poderás chegar á crise do teu amor sem que te percebam dar o grande salto para a tua verdadeira felicidade. Dize, meu bem, tens decidido?

ALDONÇA

Tenho, Reimoso, tenho. Eu vou confiar-me á generosidade de um amante, á sua discrição, ao seu brio. Pezaste já toda a grandeza dos meus sacrificios?

REIMOSO

Tudo, bella Aldonça, tudo tenho calculado. O meu coração tem feito a mais escrupulosa analyse chimica; eu vejo que tudo se resolve no sal fixo da minha constancia, no gaz inflammavel do meu affecto, no

oxygeneo volatil da minha ternura. Sei o que deixas, sei tudo aquillo a que cerras os olhos, e sei tambem que a força synthetico-expansiva da vitalidade vae chegando aos ultimos ramaes nervosos da minha esposa, e bem depressa ao meu dextro lado, na mais envernizada traquitana, tu girarás livremente as ruas d'esta capital, apparecerás nas companhias brilhantes e do melhor tom do grande mundo, e o mesmo grande mundo se comerá de baixa inveja azotica e mephitica á vista dos attractivos de Aldonça. Vinte conferencias n'um dia não me farão mais feliz, nem quarenta enterros mais glorioso, que a posse da bella Aldonça.

ALDONÇA

Eu assim o espero: e serás ingrato?

REIMOSO

Ai! minha Aldonça! primeiro a massa do sangue entrará toda pela aorta nos vasos musculares do coração, parará o movimento peristaltico em o ventriculo, extinguir-se-hão os succos gastricos de Spalanzani, perverter-se-ha toda a harmonia quilosa, do que tu vejas Reimoso ingrato. Dize-me, que momento destinas para a convulsão extatica que me espera?

ALDONÇA

Antes de se cumprirem dezoito horas do momento em que estamos.

REIMOSO

Duas da seguinte noite. Por onde?

ALDONÇA

Pela varanda, onde ha cinco annos te fallo.

REIMOSO

Sinto gente...

SCENA III

FLORENCIA e os mesmos.

FLORENCIA

Por isto andava eu morrendo. Creio, senhor doutor, que o doente é meu marido e não minha filha.

REIMOSO

Senhora, eu vinha chamar meu creado Braz Badalo para o mandar á botica com presteza; encontrei n'esta sala a sr.ª D. Aldonça; fallavamos sobre a molestia do sr Romualdo... se isto a offende...

FLORENCIA

Retire-se, Aldonça.

ALDONÇA

Obedeço.

FLORENCIA

Não me enganou nunca o meu coração, ingrato; a sua perfidia é patente; eu sei que os encantos de dezenove annos têm mais poder e mais força que os de quarenta e cinco, mas se aquelles são mais attractivos, estes são mais fixos. Não é isto, ingrato, o que eu mesma lhe tenho tantas vezes escutado? Se contemplasse os obstaculos que venço, os deveres que atropello, as leis de que me esqueço; se penetrasse o fundo de meu coração, se lêsse no mesmo coração os caracteres que alli tem profundamente gravado a mão do mesmo amor, e que serão para sempre indeleveis, aprenderia a amar, aprenderia a ser fiel, aprenderia a ser constante. Mas que poderia eu esperar de um voluvel, de um medico, de um pateta!

REIMOSO

De um pateta?

FLORENCIA

Pateta e bem pateta!

REIMOSO

De um pateta!... As minhas cartas, os meus assentos na universidade de Korkes, a celebrada these que sustentei na Academia de Ragusa—*De orinis, et caquinis*. Os monumentos com que a capital do Grande Imperio...

FLORENCIA

Os monumentos que o cemiterio levanta á sua parvoice em montões de ossos, os perversos sentimentos que esse coração encerra e essa lingua expõe em politica e moral, tudo o dá a conhecer por um solemne pateta e mentecapto. Eu me deixei facilmente embahir das suas assucaradas expressões e d'esses termos da sua importunissima arte, que eu não entendo. As mulheres são faceis de se deixar attrahir pelas superficies, mas quando a luz da rasão, que o amor amortece, se desperta com o choque da ingratidão, então sabem avaliar o solido merecimento e despresar os pataratas indignos pelo seu comportamento da attenção e da estima de uma mulher sisuda: nunca mais me cruzará o limiar d'aquella porta e a sua audacia será então punida de outra sorte.

REIMOSO

Ahi andam mexericos da sua creada, que é muito ladina...

FLORENCIA

Andam os meus olhos e a minha rasão. Indigno monstro! A mãe e a filha!...

REIMOSO

Deixe-me ao menos curar o seu homem.

FLORENCIA

Não quero que o acabe de enterrar, não quero que me cubra tão depressa de luctos como me cobre de ignominia.

(Sae.)

SCENA IV

REIMOSO

A mulher presenciou por certo o meu *tête-à-tête* com a bella Aldonça. E que esperava esta furia, que eu a amasse? Se cahisse, augmentava o numero das minhas conquistas quadragenarias e matrimoniaes; se falhasse, tinha a filha; se a filha se fizesse tola, tinha a creada; de maneira que eu sempre heide sahir conquistador de qualquer casa em que entre; e nos vendavaes de amor sempre costumo estar a uma, a duas, a trez e a duzentas amarras. Se as chego a corromper, augmento o numero das pessoas desabusadas; se as chego a possuir, compraz-me produzir o seu catalogo nos congressos dos meus confrades. Sempre caprichei em ser o paladino amoroso do meu seculo, desterrando preoccupações, supplantando abusos e desfazendo as teias de aranha da superstição e do fanatismo moral, Aldonça é minha; se se enroscou a serpente da mãe, bagatella! Oh Braz do Couto Badalo! Badalo, Badalo!

SCENA V

REIMOSO e BADALO

REIMOSO

Mette os rabões na traquitana: mas dize-me, fizeste o que eu te mandei?

BADALO

Fiz, sim, senhor; fui a casa de D. Miquelina, entreguei o escripto á filha; disse-me ao ouvido que lá o esperava pelas duas horas. Fui a casa da Fortunata para lhe dar o recado que v. m.^{ce} me deu; estava lá o diabo do pae; atirou-me uma lambada com uma tranca que por milagre me não faz as costellas em polpa. Fui á rua do Meio, disse-me a Felismina que lá tinha aquella pessoa em que v. m.^{ce} lhe tinha fallado, mas

que fosse lá logo, que já não tinha desculpas que dar á tia. A respeito do dinheiro que v. m.ce mandou pedir ao Athanazio Segurado, nem real. Essa não pegou. Levei a certidão áquelle militar em que v. m.ce jurava pelos seus gráos que está com padres Camillos á cabeceira; eu encontrei-o a tomar ponche no botequim Imparcial; deu-me esta peça que entrego. Disse-me o boticario que tinha preparado as pilulas carregadas que v. m.ce lhe mandou apromptar, e disse que ainda que fossem para um cavallo que o arrebentava. Disse-me o Theodozio Brôa que com o cordial receitado ultimamente por v. m.ce o pae estava agonisante e que já ia abrir o testamento. Aquella pessoa diz que teve bom successo no desmancho, mas que se achava muito debilitada pela perda que soffrera. Fui acolá e disse-me que um dos dois defunctos que v. m.ce disse que tinham morrido, e que os enterrassem, ao metter no caixão dera um tremendo ronco e que o tiraram para fóra, e que por um triz não foi assim para a cova. Não me lembra mais nada.

REIMOSO

Nem eu sei se te encarreguei de mais alguma bagatella. Vamos.

(Badalo sae.)

SCENA VI

LUCINDA e REIMOSO

LUCINDA

Então, preclarissimo sr. Reimoso, v. m.ce deixa ao desamparo o pobre doente e vem passear n'esta sala? Isso é querer mandar um homem assim brincando para a outra vida. É preciso receitar e determinar o que se deve fazer esta noite, que se vae acabando, até á sua primeira visita. Deus me livre de cahir nas suas mãos, ainda que fosse com dois flatos!

REIMOSO

Imcomparavel Lucinda, eu não faço mais que buscar pretextos para gosar só por só a tua encantadora presença; os deveres medi-

caes me esquecem, tu só me lembras, me embellezas, me arrebatas; comtudo eu já prescrevi um alexiphármaco diuretico irritante que, sustendo o fluxo hemorroidal, dê energia á uretra.

LUCINDA

Deus lhe pague o cuidado, isso será de um promptissimo effeito...

REIMOSO

Eu o tenho comprovado na paixão illiaca e nas intumescencias e protuberancias hepaticas.

LUCINDA

Pois, sr. Reimoso, meu amo está são como um pêro; o que tinha era somno e deixou-se cahir com a virtude soporifica e narcotica dos seus discursos gazetaes e politicos; apenas o deitámos, que repousou um instante, acordou, pediu de comer, e (perdôe-me a expressão) perguntou se aquelle diabo já se tinha ido embora.

REIMOSO

Qual diabo?

LUCINDA

A sua pessoa.

REIMOSO

Agrade-te eu, bellissima Lucinda, não importa que o tresloucado velho me chame diabo. Tu, que penetras o meu coração, divisas o coração de um seraphim. Os meus intentos, as minhas reiteradas visitas n'esta casa, não têm outro objecto mais que Lucinda e só Lucinda.

LUCINDA

O meu coração lhe consagra o affecto que deve, mas eu queria mais obras que palavras; eu estou farta de cumprimentos.

REIMOSO

Está na tua mão a obra da tua felicidade.

LUCINDA

Como?

REIMOSO

Fugindo d'esta casa e vivendo tranquilla na companhia de um amante que te idolatra.

LUCINDA

Fallaremos mais devagar; retire-se, que ahi vem meu amo; não o zangue mais do que elle está.

(Reimoso sae.)

SCENA VII

ROMUALDO e LUCINDA

ROMUALDO

Foi-se já esse excomungado? Esse perverso?

LUCINDA

Já ouvi rodar ha muito a traquitana.

ROMUALDO

Não me torna mais a cruzar a porta; estou como uma polvora, eu faço uma fallada. Se um medico tem liberdade de matar um doente, porque não hade um doente ter a liberdade de matar um medico?

LUCINDA

Era esse um costume bem estabelecido, e daria bem a conhecer a civilisação de qualquer povo. Mas nada de medidas sanguinarias, isso

não se compadece com a conhecida humanidade do seculo XIX. Mas eu desejava que se estabelecesse uma lei; eu chamo um sapateiro, se me faz uns sapatos pago-lhe; eu chamo um medico e pergunto-lhe: quanto quer v. m.ce por me curar este doente? Se o cura, pago-lhe; se o não cura, perca elle o gasto da botica. Mas, emfim, não nos ponhamos a governar o mundo em secco. Tratemos coisas mais sérias pois a honra está em primeiro logar que a vida.

ROMUALDO

Em tudo quero seguir os teus conselhos; salva, minha Lucinda, salva do opprobrio estas cans; defende-me tu, o teu heroismo será coroado e a tua virtude recompensada.

LUCINDA

Ora pois eu vou manifestar o grande e terrivel segredo; uma pessoa de sua casa (não me obrigue a declarar quem seja) vae ser esta noite furtada pelo incomparavel, pelo morigerado, pelo illuminadíssimo sr. dr. Reimoso. É preciso que o attentado seja punido e de maneira que passe isto ás mãos sacrosantas e imparciaes da justiça, para que tão pestilente membro seja para sempre arrancado do corpo civil e politico e para o não contaminar mais. Isto é um dever no cidadão honrado.

ROMUALDO

Estou por tudo, e o quero a expensas de todo o meu cabedal; mas dize-me, Lucinda, como se fará isso?

LUCINDA

V. m.ce não conhece um ministro criminal? Ao menos não tem conhecimento com o alcaide do bairro, Deziderio Carrasco, e com o escrivão do seu cargo, Marcos Sarilho?

ROMUALDO

Tanto os conheço que d'aqui a pouco os espero eu para lhes entregar um mandado de penhora pela renda de cinco annos que me deve um inquilino das minhas casas do becco das Mortes. Então para que serve isso?

LUCINDA

Para lhes dizer que lhe denunciaram com toda a certeza que esta noite se commette em sua casa um crime de rapto, que a cerquem com uma vigilantissima alcatêa de gosos, porque elles os têm de raça fina e tão escolhidos que serão capazes de deitarem a mão ao zimborio da Estrella, e que no mesmo flagrante da sahida pilhem o melro, ou o rato, e o seu ajoujo, e que, feito alli o processo verbal, do ajoujo determine v. m.ce o que quizer, e do rato elles determinarão com toda a cortezia e formalidades da lei; v. m.ce fica vingado, o mundo livre de um impostor, a sua casa tranquilla, e este inviolavel segredo sepultado eternamente.

ROMUALDO

E tu sabes isso de certeza, ou será rebate falso?

LUCINDA

Faça o que eu lhe digo e será salvo.

ROMUALDO

Ah! Lucinda! a raiva, o odio e a vingança assaltam ao mesmo tempo o meu coração; eu vou cravar um punhal no peito ás perfidas que me ultrajam; o seu sangue vingará a minha offensa e satisfará a minha vingança. A justiça e a rasão assim o pedem...

LUCINDA

Máo! Temos o caldo entornado! Eis ahi mesmo o que eu lhe disse! O impostor ficava-se rindo, e v. m.ce réo e infamado; um mal não se deve remediar com um mal ainda maior. Segure-se o impostor, e depois tomará as medidas que quizer sobre a sua casa, regulará a sua conducta; seu filho, como hoje se fez a visita a bordo, virá de todo para o seio da sua familia e novos arranjos estabelecerão uma nova ordem de coisas.

ROMUALDO

Mulher incomparavel, eu sigo teus prudentes conselhos; a rasão e discreção explicam-se pela tua bocca; salva-me, que a tua virtude será coroada. Ah, minha Lucinda, não já minha serva, mas sim minha filha, abraça este tremulo velho; tu me tiras do abysmo, tu cerrarás meus olhos em paz, e em teu virtuoso seio eu exhalarei os ultimos suspiros. Pobre velho infeliz! A prudencia de uma mulher te arranca do precipicio, se a leviandade de outras te abrem prematuramente a sepultura. Lucinda, Lucinda, meu anjo tutelar, acaba a obra da tua perspicacia e do teu discernimento. Oh virtude! oh virtude! quanto podes (*prostra-se*); salva-me, Lucinda!...

LUCINDA

Suspenda-se, senhor; até agora eu não fiz mais que lembrar os meios da sua salvação; esperemos pelo seu exito; talvez abortem os meus bem traçados arbitrios; porém eu sinto bater na porta.

ROMUALDO

Hade ser o alcaide e o escrivão; retira-te, que isto deve conservar mysterio e segredo.

SCENA VIII

CARRASCO, SARILHO e ROMUALDO

CARRASCO

Sr. Romualdo, vão sendo horas de levar a merenda ao homem.

SARILHO

A basculhação dos tarecos leva tempo, e como elle é pimpão faço tenção de lhe levar até os gatos para o deposito.

CARRASCO

E os cães, se os tiver; nada de reserva de bens, e menos depositario. Se elle se pozer com pimponices, vae commigo até ao Limoeiro, que o mesmo fiz a um que é meu preso; eu mesmo lhe deitei a mão; ia-se escamugindo alli ás escadas da Sé; foi então como um ladrão, porque ladrões é gente cá da minha veneração.

SARILHO

O mandado está assignado! ah! sim, v. m.ce tirou sentença; o desavergonhado hade pagar uma redizima.

ROMUALDO

Não tratemos por ora d'este negocio; eu suspendo a penhora; esses lances não são para o meu coração. Como hade pagar a renda das casas um miseravel pae de familias, que não tem para uma fatia de pão? Vêr ir a pobre cama em que se atormenta talvez mais o trabalhado corpo, ficarem sobre a núa terra os miseraveis filhos, e a um canto a consternada mae, não tendo mais que os defecados peitos a que alimente a innocencia envolta em lagrimas e luctos!

CARRASCO

Com essa musica de lagrimas adormecemos nós. A gente para que dá o seu juramento, quando pega na vara velha, não é para amarrar seu mesmo pae e metter sua mesma mãe no fundo da enxovia? Tudo isso são embofias de quem não quer pagar.

ROMUALDO

Pois, amigos, outro caso de maior importancia! A minha casa vae ser atacada esta noite, á meia noite.

AMBOS

Oh, homem! Quem seria o ponto? V. m.ce havia-lhe dar boas luvas!

ROMUALDO

Sei que um tratante intenta fugir com uma pessoa de minha familia, é preciso...

AMBOS

O homem está trancafiado, isso é pechincha.

ROMUALDO

Ah! senhores! Não se me escape a prêsa; é preciso que a amarração seja de segurança!

CARRASCO

Isso é da nossa obrigação. O cordel é comprido e dará as voltas que nós quizermos, e como isso é caso suffraganeo, eu não dou parte ao meu ministro senão depois da diligencia feita e o homem abafado.

ROMUALDO

Porém eu não sei se elle virá acompanhado para a empreza, e pode haver alguma resistencia com que fique a diligencia frustrada.

CARRASCO

Isso é graça! Essa era grande! Oh sr. Sarilho, v. m.ce não tem cá os homens da vara do escriptorio?

SARILHO

Estão desembaraçados e mettem de semana o Christovão Barrabás, o Felisberto Escariotes, o Aleixo Fila, o Garrote, etc.

CARRASCO

Basta, basta, estamos servidos. O ponto falhará?

ROMUALDO

O ponto é bom.

SARILHO

Conte com a diligencia. O nosso trabalho, a noite vae perdida... e um homem arrisca-se a uma toirada...

ROMUALDO

Vinte peças...

CARRASCO

Pois agora é que lhe digo que está a diligencia feita. O ponto trará apito?

ROMUALDO

Tudo. V. m.ces tomarão as convenientes medidas, como tão experimentados e praticos que são na grande arte dos cêrcos e capturas; as casas têm quintal e creio que o assalto será dado por lá; recommendo-lhes toda a segurança na diligencia, e que não procedam á capturação de vulto algum sem se certificarem que sae com gado femea da porta do quintal (julgo que v. m.ces saberão medir o terreno; as sentinellas devem constituir-se em distancia proporcionada entre a senha e o salto para a empalmação). O tratante, se não vier disfarçado, até entre as sombras da noite é bom de conhecer pelo vulto e pelo trajo.

CARRASCO

V. m.ce está ensinando o padre nosso ao vigario. O minimo erro que commettessemos em nosso officio ;de... (*estende a mão como para apanhar*) nos faria indignos da estimação e confiança publica de que gosamos. Se muitas vezes se escapa a prêsa... é tal a força da reacção...

ROMUALDO

Ora, pois, creio que aqui não haverá logar para essa desgraça, porque eu... Adeus, amigos. O sitio deve começar ás dez horas, e logo trincheira aberta e as parallelas em termos...

(Saem os dois.)

SCENA IX

ROMUALDO, só

Que dois tigres! Será mais facil domesticar uma giboia, que amaciar o coração d'estes meninos. Habituam-se á sevicia e insensibilidade de tal maneira que se converte em natureza; mas emfim são precisos para a conservação da ordem publica, como os raios e os trovões para a salubridade da atmosphera.

SCENA X

ROMUALDO e LUCINDA

ROMUALDO

As disposições estão feitas, as medidas estão tomadas; agora, Lucinda, tu farás o resto e me avisarás a tempo.

LUCINDA

Esteja tranquillo e confie tudo de mim; o primeiro e mais importante objecto é a segurança do monstro; conhecido o delicto, e apanhado com o furto nas mãos, creio que a sociedade ficará alliviada d'este insupportavel pezo e acabar-se-hão as conquistas e as seducções.

ROMUALDO

A coisa está confiada a sujeitos habeis e de uma probidade a todas as provas, e de um ardentissimo zelo pelo bem da justiça. Eu vou fechar-me no meu quarto, não quero vêr nem ouvir ninguem. Em que estado vae o meu coração! A minha infamia vae a publicar-se.

LUCINDA

N'essa mesma a que chama infamia está a sua salvação, a sua honra, o seu remedio. Socegue, que o dia não hade raiar sem que conheça a sua verdadeira e permanente ventura.

ROMUALDO

Adeus, Lucinda...

LUCINDA

Eu lhe vou abrir a porta do quarto.

(Mudança de scena; representem a vista de um quintal com uma varanda baixa a algum dos lados, com porta ao pé. Tenha pouca luz o palco.)

SCENA XI

LUCINDA, só (*passeando*)

Já disse a Aldonça que não saísse do seu quarto sem que a fosse avisar de que sua mãe dormia, e que era chegado o seu amante; eu tive depois d'isto, sem ella o sentir, a lembrança de a fechar por fóra, e creio que estará segura e que a obra que tenho projectado se completará felizmente; é quasi uma hora e é esta a junta a que tal medico não sabe faltar, mas eu creio que é elle o que ficará bem curado. Onde estará a avançada do piquete de capote e cordel? Sem isso não temos nada feito. Mas eu vejo um vulto, e pela desconforme altura é por certo Reimoso, o meu querido e amado Reimoso. Eu escarro, que esta é a costumada senha que lhe dá Aldonça quando lhe falla n'este mesmo logar. Elle se approxima, é o encantador, o firmissimo amante Reimoso, o conquistador e o atormentador das bellas. O mesmo serralho das sete torres treme quando lá chega o nome de Reimoso. É o meu Reimoso...

SCENA XII

LUCINDA e REIMOSO

REIMOSO

Bella Aldonça, o fluido nervoso tem entumecido todos os vasos das minhas visceras. Uma palpitação convulsiva me agita todo. Será este

o momento da minha felicidade? Vem aos meus braços, vem unir-te para sempre ao meu lado; vem desempenhar as tuas sagradas e solemnes promessas. Tu emmudeces? Acaso o susto te aperta o esophago?

LUCINDA

Ingrato! Essa é a Lucinda, e só Lucinda, por amor da qual se amiudavam as visitas a casa de Romualdo? Aqui está aquella Lucinda em cujo peito não pôde estar por mais tempo abafado o amoroso incendio; eu o dissimulo ha tantos annos, mas é este o ponto em que me devo decidir; essa Aldonça, que é a minha indigna rival, é a mesma que me mandou aqui esperal-o para lhe dizer que ella tinha mudado de resolução, que se podia ir embora, que o aborrecia tanto que nem quizera incommodar-se a sahir do seu quarto para lhe dar este ultimo desengano, que noticias ulteriores a acabaram de persuadir da sua indignidade...

REIMOSO

Ah, Lucinda! Não foi a nescia e horrenda Aldonça, foi o fado propicio que dispoz esta scena por mim tão appetecida; foi para se ultimar a obra da minha felicidade. Cedamos ao destino; elle quer que eu te possua para sempre; a occasião é opportuna; queres, dize, queres unir-te a mim com indissoluveis laços, deixar de ser serva para ser senhora? Sae d'essa habitação; desce, que é este o momento marcado pelo destino. Ah! Lucinda, queres aproveitar a fortuna?

LUCINDA

Quero... e ser sua.

(Sae, chega a Reimoso e abraça-o.)

SCENA XIII

Os mesmos, CARRASCO, SARILHO e ESBIRROS

CARRASCO

Cerca e abafa (*deitando a mão a Reimoso*); oh, Barabaz, dá cá seis pares de anjinhos.

REIMOSO

Que é isto?! Traição?

LUCINDA

Céos! estou perdida! Ah! Dr. Reimoso!

SARILHO

Não se assarapante, menina, que é para o curar da reima (*dá-lhe uma pancada no peito*); está prezo. Oh, Escariotes, corta lá os coses a este amigo.

REIMOSO

Insulto ao Dr. Reimoso Gusmonio?

CARRASCO

Isto é para uma averiguação; eu julgo que o senhor quererá ir como homem de bem!...

SCENA XIV

Os mesmos e SIMPLICIO

SIMPLICIO

Que é isto? que barulho é este, que sucia é esta á porta do meu quintal a estas horas?

SARILHO

Não é nada; é o sr. doutor que vae para uma junta alli para cima do Arco de S. Martinho.

SIMPLICIO

Para aonde?

CARRASCO

Para o palacio do conde de Assumar.

SIMPLICIO

Isso é o Limoeiro.

CARRASCO

Fallou.

SIMPLICIO

Ah! esta é Lucinda! Que traficancia é esta? Oh, meu pae, meu pae!

(Bate na porta.)

SCENA XV

ROMUALDO, FLORENCIA e os mesmos.

CARRASCO

Sr. Romualdo, conhece cá o melro? Não se atracava mal, é um peixe de tremer. Diz que ia para as Caldas aqui com o sr. doutor.

FLORENCIA

Que vejo! Lucinda! Que traição!

ROMUALDO

Ah! perfida! ah! ingratissima mulher! E podeste, monstro, ajuntar o insulto ao crime! Tu quizeste que eu fosse testemunha da tua mesma devassidão! Désses, embora, este indigno passo, mas que loucura é esta! Buscares assim mesmo a tua ruina! Para que me avisaste? Para que me obrigaste a tomar uma medida de que tu mesma serás victima, envolta na mesma desgraça d'esse tratante, aleivoso e libertino? Quem te obrigou a isto?

LUCINDA

A virtude.

ROMUALDO

Não insultes, perversa, não insultes esse illustre nome. Esta fuga, esta deshonra, é virtude?

LUCINDA

É virtude. Vós, senhor, estaes salvo; a impostura está desmascarada e vae ser punida; esse monstro vae ser marcado com o sello da ignominia, e por esta momentanea affronta, que eu estou padecendo, salvo o melhor dos homens, o mais honrado dos amos, e védo os progressos da seducção e da ruina da sua familia.

ROMUALDO

E ainda me insultas!

LUCINDA

Não, senhor, eu vos salvo das mãos d'este tigre.

ROMUALDO

Como?

LUCINDA

Vêde esta carta (*dá a carta de Reimoso para Aldonça*). Essa é a trama; eu podera deixar que Aldonça representasse o mesmo que eu estou representando, porque estava certa que aproveitariam as medidas que tinhamos tomado, mas eu me quiz assim sacrificar, livrando vossa filha d'este horrendo sobresalto. Se se publicasse mais, diriam que fôra a creada de Romualdo e não a filha; eu a deixei fechada no seu quarto; aqui está a chave; eu a enganei para a salvar. O crime é o mesmo; o réo é este malvado; nunca mais tornará a empestar esta casa com sua presença, não corromperá as mulheres honradas; as leis desfecharão sobre elle seus raios, separar-se-ha da communicação dos viventes. É um réo, e o vicio, ainda que se possa occultar, tarde ou cedo vem a ser descoberto para ser punido. Vêde, senhor, se vos amo, vêde se vos salvei do opprobrio e se soube confundir a malicia d'esse malvado.

CARRASCO

Que tal é a bichaça! Que rabicho! Livrem-se lá de uma nora d'estas! Que intriga! Se fosse homem merecia ser alcaide de um bairro.

ROMUALDO

Mulher incomparavel! A tua virtude excede todos os elogios e é maior que todos os premios. O teu profundo juizo, o teu vasto discurso, só pode ser filho da honra e da probidade. Senhores, aqui estão as vinte peças; levem-me deante dos olhos esse malvado, esse scelerado, mas não se escape; eu o perseguirei em juizo.

SARILHO

Oh, Escariotes, dá cá a cilha mestra, esse cordel de prova de bomba; amarra bem; deixa vêr! Déste vinte e tres voltas? Ajusta as duas duzias.

REIMOSO

Ah! os meus collegas... têm poder!

ROMUALDO

Lucinda, dá-me a chave do quarto de minha filha; ella sentirá a pena das suas leviandades.

FLORENCIA

Que monstro!

ROMUALDO

Immortal Lucinda, sómente o céo pode proporcionar a grandeza do premio com a grandeza da tua virtude; mas é teu o que eu possuo na terra: meu filho e meus cabedaes. Chega, Simplicio, dá a mão de esposo a Lucinda. Cáiam sobre vós as bençãos do Immortal; conserve-se em vossa posteridade a lembrança do meu nome e o da tua esposa; possa ella ter filhos que me representem em honra e probidade, e filhas que a egualem em virtude e formosura. Começa, admi-

ravel Lucinda, desde hoje, a possuir esta casa; eu te cedo a sua posse e o seu governo; tu lhe preside para ser feliz, e já que desmascaraste e puniste assim a vil impostura, seja assim a tua virtude coroada.

LUCINDA

Tanto não mereço; a virtude é o premio da mesma virtude, e as acções de heroismo são de si mesmas a mais justa recompensa; eu serei digna do vosso galardão pela minha conducta, e eu merecerei a estima do meu esposo pela minha ternura.

Triumpha a santa virtude
Hoje de um vil impostor,
Sejam da virtude o premio
Os santos laços de amor.
Mortaes, da virtude
A voz escutae,
Com ella e co'as armas
A patria salvae.

FIM

DOCUMENTO FINAL[1]

O padre José Agostinho de Macedo, residente no sitio de Pedroiços, faleceu no dia 2 do corrente outubro, depois das 11 horas da manhã, por effeito da enfermidade vesical, que havia annos padecia, complicada com a da gotta, a que no dia 19 de setembro sobrevieram sezões, provavelmente symptomaticas, precipitando a doença a sua carreira, apesar dos desvelos do habil facultativo que lhe assistiu, mas conservando sempre o enfermo (excepto na segunda sezão, que foi violentissima na febre) a cabeça livre, e a falla, postoque difficil um pouco em muitas occasiões, até alguns minutos antes de expirar.

No dia 28 de setembro tinha pedido os sacramentos, e recebendo o da sagrada communhão com profundo acatamento e consolação, acompanhando as orações, desafogou em breves mas energicas acções de graças ao nosso divino Creador e Redemptor, cuja sublime religião tantas vezes prégara e fizera amar, como quem estava profundamente penetrado de seus augustos mysterios, fazendo n'este acto derramar lagrimas de ternura aos circumstantes, e pedindo se fizesse constar o desejo que tinha de que lhe perdoassem qualquer offensa todos quantos se reputassem d'elle aggravados por escripto ou por palavra. Assim provou que era verdadeiro philosopho christão, resignado á divina vontade, superior ás mesquinhas paixões, que tanto deslustram muitos sabios, aquelle que por seus immortaes escriptos ha muito a fama havia constituido sem controversia o maior genio da nação portugueza, pela reunião dos diversos ramos da sciencia em que era eminente, ora-

---

[1] Na *Gazeta de Lisboa*, n.º 243, do anno de 1831 (sexta feira, 14 de outubro), a pag. 1017, encontrâmos com o titulo de *Artigo communicado* uma relação circumstanciada do falecimento de José Agostinho de Macedo, que se extinguiu quasi que ao mesmo tempo com o systema politico de que elle fôra o sustentaculo doutrinario. Incorporâmos aqui esse documento coévo, embora exageradamente partidista, como subsidio apreciavel para um estudo definitivo ou exhaustivo do possante polygrapho. (*Theophilo Braga.*)

dor, poeta e philosopho, tão fecundo como consumado, e a quem a posteridade, melhor juiz, porque mais imparcial que os contemporaneos collocará por certo no logar a que adquiriu incontestavel direito, illustrando a litteratura, defendendo o altar e o throno com summa energia, e constancia de sãos principios, que apenas algumas vezes, moldando-se sagazmente ás circumstancias em que era perigosa a franca exposição da verdade, parecia encobrir aos olhos dos leitores vulgares, mas que aos perspicazes facilmente se descobriam debaixo da sustentada ironia em que destramente os occultava.

A chegada d'el-rei nosso senhor, o sr. D. Miguel I, a este reino foi talvez o objecto de maior jubilo que o P.ᵉ Macedo em sua vida teve, e desde então se dedicou sempre com vigor a defender, quanto sua molestia lhe permittiu, a causa da legitimidade segundo as leis fundamentaes da nossa monarchia, a combater o genio da revolução, como tantas vezes ja fizera, a indicar á nação a vereda da honra, a fazer detestar os inimigos do rei e da patria, manifestando seus perversos designios. No dia 19 de setembro, em que o accommetteu a primeira sezão, estava ainda escrevendo o Numero 27 do *Desengano,* que ficou mais de meio escripto; nos publicados numeros d'esta obra nos ficou a mais exuberante prova, sobre tantas que já tinhamos, do quanto o seu coração era eminentemente portuguez, e do amor que n'elle consagrava ao nosso augusto monarcha. Vassallo digno de tão magnanimo soberano, Sua Magestade o soube apreciar, dando-lhe mui distinctas demonstrações de sua real benevolencia; e na sua ultima enfermidade o honrou, enviando-lhe um dos medicos de sua real camara, que desvelado procurou, mas não era já possivel, prolongar-lhe os dias; teve tambem o falecido a distincta honra de o seu corpo ser conduzido em um dos melhores coches da casa real, a oito, com o competente acompanhamento, á egreja das religiosas Trinas, no largo do Rato, logar que Macedo designara para sua sepultura, ao pé da capella de S. Thomaz de Villa Nova, applicando para isso avultada esmola ás mesmas religiosas em contemplação de sua pobreza. Alli foi recebido o corpo no dia 3 á noite por um mui luzido concurso de pessoas conspicuas, todas penetradas de maguas pela perda d'este grande portuguez; e acabado o officio, antes de baixar o caixão ao jazigo, se tirou por ordem superior o modelo em cêra de seu rosto para que o busto de tal varão adorne um dia o logar a que o destinar quem assim o determinou. No dia 8 foi a chave do féretro depositada na augusta mão do melhor dos reis, dignando-se tão grande monarcha de guardar a chave do deposito das cinzas do maior defensor de todos os sobera-

nos, cinzas que talvez um dia repouzem em mais elevado monumento que a humilde sepultura em que jazem collocadas, pois são de um homem de quem Portugal se pode ufanar tanto ou mais que outras nações que têm sabido honrar os seus mais eminentes sabios.

Entrou José Agostinho de Macedo muito novo na ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, e, tendo estado em varios conventos, veiu por occasião do Capitulo para o da Graça, em Lisboa, onde ficou, e alli recebeu as ultimas ordens, e disse missa, sendo já reputado mui distincto prégador. Motivos de desgosto o fizeram abandonar o habito augustiniano, e passar a clerigo secular, que já era quando por provisão do eminentissimo cardeal patriarcha Mendonça, do 1.º de dezembro de 1802, foi eleito prégador régio da santa Egreja Patriarchal, creação que acabava de fazer o sr. D. João VI, então Principe regente, por carta régia de 8 de novembro precedente, dirigida ao mesmo eminentissimo prelado, o qual, por despacho de 17 de maio de 1804, concedeu ao P.e Macedo licença para continuar a dizer missa, do que estava impedido até obter o seu breve de secularisação, que lhe foi concedido em Roma a 6 de maio de 1803, e teve o régio beneplacito em fevereiro de 1804. — O ministerio do pulpito foi o constante emprego do P.e Macedo, e unico, mas não mesquinho meio de subsistencia que possuiu, até maio do anno de 1826, em que recebeu da real munificencia uma pensão de 300$000 réis. El-rei nosso senhor lhe havia conferido a graça de o nomear Chronista substituto do reino, com o ordenado de 300$000 réis, para escrever a Historia de Portugal desde que seu augusto pae tomou as rédeas do governo até o memoravel dia 11 de julho de 1828, em que se assignou o Assento dos Tres Estados do reino que declarou o incontestavel direito de S. M. ao throno pelas leis fundamentaes d'esta monarchia. A morte nos privou d'este digno emprego da penna de Macedo, e a elle do fructo d'esta mercê conferida por decreto de 14 de junho do anno corrente, bem como da do beneficio simples da egreja de S. Pedro do Valle, no arcebispado de Braga, que S. M. lhe acabava de conceder por sua régia carta de apresentação de 12 de agosto proximo passado.

Durante a tyrannica dominação dos francezes em 1808 tinha queimado, com outros papeis, para se retirar na primeira occasião opportuna para a esquadra ingleza, todos os manuscriptos de seus sermões, e nunca depois se dedicou a escrever outros mais que os que se acham impressos, á excepção de grande numero d'elles que escreveu para outros prégarem. Assim apenas temos uma mui pequena parte proporcional, postoque assim mesmo preciosa, dos monumentos sagrados de

sua eloquencia com que assombrou os pulpitos da capital, e mesmo de muitas terras do reino; é notorio a todos a innumeravel quantidade de sermões que prégava sem se repetir, havendo dia de subir outo vezes á cadeira da verdade, sem reproduzir em uns mais que algumas idéas, comparações ou textos que empregara em outros, da sagrada Escriptura, em que era versadissimo, como quem possuia reunido um talento desmarcado e uma prodigiosa memoria; podendo-se affirmar, sem o minimo escrupulo de contradição comprovada, que foi José Agostinho de Macedo o maior improvisador de sermões que tem havido no mundo; e era tal o seu enthusiasmo no pulpito, sobretudo nos sermões de mysterio e dogma, que, deixando penetrados os corações, se intentasse pôr por escripto tudo o que alli havia dito como se lhe fôra inspirado, não o poderia facilmente fazer, o que por vezes a experiencia mostrou. Mas escusado é dizer mais sobre este assumpto quando milhares de vezes apinhado nos templos d'esta capital o povo ouviu sua maravilhosa eloquencia, havendo egreja em que prégou mais de trinta annos a fio na mesma festividade sem jámais repetir seus anteriores discursos.

Tendo sido nomeado Censor do Ordinario, por provisão de 26 de março de 1824, desempenhou este cargo com todo o magisterio proprio de seu profundo saber, e seriam digno monumento, e sem egual, d'este genero de critica as Censuras que escreveu sobre muitas das obras que lhe foram submettidas para dar o seu parecer.

Quasi tudo quanto existe impresso d'este abalizadissimo escriptor se conta publicado nos ultimos 22 annos de sua vida, e assim mesmo constaria de mais de 40 volumes de 8.º a collecção total de suas obras. Das principaes, em prosa e verso, esperamos se publicará uma collecção pelo desvelo do amigo fiel a quem conferira a posse de suas producções litterarias,[1] que por certo são um padrão indelevel de sua sabedoria, um baluarte inexpugnavel contra a impiedade e contra a barbaridade dos seculos, um facho luminoso que hade sempre guiar os portuguezes fieis e amantes das lettras e da gloria nacional, e um antidoto contra a depravação do gosto e contra o neologismo, que tanto tem estragado a nossa materna linguagem, que em Macedo se prestava a todos os estylos, com aquella sempre variada graça e donaire que em seus escriptos jocoserios deixou inimitavel, com aquella magestosa pompa com que brilha em suas obras sérias, e com aquella propriedade de termos que sabia constantemente empregar segundo os

[1] Allude a Joaquim José Pedro Lopes. (*Mem. para a Vida intima*, p. 155.)]

objectos que tratava; n'elle adquiriu no nosso seculo a lingua portugueza mais um classico escriptor em prosa e verso, juizo que ha muito d'elle haviam formado pessoas dignas de o vêrem confirmado por nossos sabios vindouros. Beja lhe deu o nascimento, e com este filho se honrará tanto como com os seus Gouvêas e com o seu Jacintho Freire, e Lisboa, que o gozou mais de 45 annos (falecendo de 69 ou 70), o colloca entre o seu Camões e o seu Vieira.

Viveu o P.e Macedo como ecclesiastico serio no trajo, sobrio e assaz independente, sem baixeza e sem orgulho, sendo no trato familiar mui affavel e jovial; era valedor, e sem difficuldade se prestava a obsequiar quem lhe pedia cousa em que podesse servir; a sorte dos infelizes não deixava jámais de tocar seu coração; a muitos soccorriam suas esmolas sem ostentação. Nunca se mostrou ambicioso de honras e nem mesmo teve a de Academico em Portugal; porém na Italia lhe grangeou a fama de seu saber a de socio correspondente da *Academia Tiberina,* em Roma, por espontanea proposta dos academicos D. Melchior Missirini, D. Francisco Valory, e Monsenhor Manuel Muzzarelli, cujo diploma, assignado pelo primeiro, como presidente annual, em 24 de março de 1828, e 16.º da fundação d'aquella Academia, tivemos presente, com todos os outros documentos a que se refere esta relação. Resgatou em summa o P.e Macedo alguns defeitos de homem com muitas qualidades relevantes, e deixa um nome que só perecerá quando cessar de existir a carreira dos tempos. *Sit illi terra levis.*

INDICE

CENSURAS SOBRE OBRAS DIVERSAS

Composições lyricas, didacticas e dramaticas

RIMAS

Contemplação da Natureza

Zaida (Tragedia)

O Impostor castigado (Comedia)

Documento final